UM LIVRO SETH

NUNCA ANTES PUBLICADO

AS SESSÕES INICIAIS

Livro 6 do Material Seth

SESSÕES 240–280

09/03/66 - 24/08/66

Por

JANE ROBERTS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

AS PRIMEIRAS SESSÕES

Livro 6 de O Material de Seth
Sessões 240–280
3/9/66–8/24/66

© 1999 por Robert Butts
© 2013 por Laurel Davies Butts
Publicado por New Awareness Network Inc.
New Awareness Network Inc.
P.O. Box 192
Manhasset, Nova Iorque 11030

As opiniões e declarações sobre assuntos de saúde e medicina expressas neste livro são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente, nem são endossadas pelo editor. Tais opiniões e declarações não devem ser tomadas como substituto de uma consulta com um médico devidamente licenciado.

Design da capa: Michael Goode
Fotografia: Fotografias da capa por Rich Conz e Robert F. Butts, Sr.
Edição: Rick Stack
Tipografia: Raymond Todd e Michael Goode

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, no todo ou em parte, sem permissão escrita do editor, exceto por um crítico que possa citar breves passagens numa recensão; nem qualquer parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação, ou transmitida sob qualquer forma ou por quaisquer meios — eletrónicos, mecânicos, fotocópia, gravação ou outros — sem permissão escrita do editor.

Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso:
Seth (Espírito)
As Primeiras Sessões: Volume 6 do Material de Seth / [canalizado] por Jane Roberts; notas de Robert F. Butts.
p. cm. — (*Um livro de Seth*)

1. Escritos espirituais. 2. Autoajuda — Miscelânea.
I. Roberts, Jane, 1929–1984. II. Butts, Robert F. III. Título.
IV. Série: Seth (Espírito), 1929–1984 — Livro de Seth.

Número de Catálogo da Biblioteca do Congresso: 96-69349
EBook ISBN: 978-0-9894058-1-2
ISBN do livro impresso: 0-9652855-6-8

Impresso nos E.U.A. em papel isento de ácido

Dedico *As Primeiras Sessões*
à minha esposa, Jane Roberts**,**
que viveu os seus 55 anos
com a maior criatividade
e a mais valente coragem.

— Rob

SESSÃO 240
9 DE MARÇO DE 1966

(A 39.ª experiência do envelope foi realizada durante a sessão; ver o traçado do cartão de sócio da AAA usado como objeto na página 1. Obtiveram-se alguns resultados interessantes e hilariantes nas ligações feitas por Seth/Jane.

(Antes da sessão desta noite, eu estava a trabalhar a datilografar os dados de envelope da sessão de segunda-feira passada. Parei às 20h30 para me preparar para esta sessão das 21h00. Comecei a notar uma dor bastante rígida a instalar-se na nuca. Às 20h45 já era bastante incómoda, por isso voltei ao estúdio no fundo do apartamento para usar o pêndulo numa verificação rápida e ver se conseguia descobrir a causa; não pensei que fosse física.

(Fiquei absorvido na tarefa e acabara de obter a resposta quando a Jane me chamou da sala da frente às 20h55. Não lhe tinha mencionado a dor, decidindo no momento ver se o Seth também a poderia localizar durante a sessão. A Jane também não sabia que eu estava a usar o pêndulo. Quando me sentei à nossa mesa na sala de estar, pouco antes das 21h00, a Jane disse-me que se sentira surpreendentemente nervosa com a minha ausência tão perto da sessão; daí ter-me chamado. Sentia também uma irritação definida, mas não sabia a sua origem, nem quem ou o quê era o alvo.

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. A Jane começou a falar sentada. Não estava a fumar e tinha os olhos fechados. Mais uma vez o seu ritmo foi bastante lento, entrecortado por algumas pausas longas.)

Boa noite.
("Boa noite, Seth.")

Agora. Mais cedo ou mais tarde teremos de discutir as formas pelas quais aquilo que pareceria ser perceção sensorial fica disponível a um indivíduo quando o corpo físico, com os seus sentidos, percebe um acontecimento no qual não se pode dizer que esteja presente. Infelizmente isto será algo complicado. Mais do que à primeira vista parece.

Disse-vos que cada indivíduo cria a matéria física, incluindo objetos; que constrói a sua própria imagem física. Coerência, a ilusão de permanência, colocação no espaço, cor e massa — tudo isto é alcançado e acordado de maneiras que expliquei claramente.

(No Volume 2, ver as sessões 60 a 73, dadas durante o verão de 1964, além de muitas outras.)

A comunicação telepática é um dos métodos pelos quais tal acordo é alcançado. Há muito tempo expliquei construções primárias e secundárias. Salientei que cada indivíduo apenas percebe as suas próprias construções físicas.

Basicamente, não há diferença entre precognição e telepatia. A diferença aparente resulta de uma compreensão inadequada da natureza do tempo. O facto importante é que, em ambos os casos, a informação é recebida por um indivíduo que não chega através dos sistemas sensoriais reconhecidos.

Esta questão principal é frequentemente ignorada, enquanto se dá ênfase, em vez disso, a se a informação parece ser percebida a partir do presente ou do futuro. Quando um indivíduo — entre aspas — "vê clarividentemente" — fim de aspas — um acontecimento, é isto que acontece.

Em primeiro lugar, ele esquece o conceito de momentos contínuos, que geralmente atrapalha a sua perceção. A sua perceção muda de foco para que esteja ciente de um acontecimento que, de outro modo, seria futuro para ele. Constrói subconscientemente, como sempre, objetos materiais em consonância com os dados de que dispõe. Escusado será dizer, então, que ele ajuda a construir o acontecimento físico percebido clarividentemente, tal como ajuda a construir qualquer acontecimento físico no presente.

O acordo quanto a dimensões físicas e assim por diante é alcançado precisamente da mesma maneira que habitualmente é. A única questão invulgar, para vós, não deveria ser que o acontecimento ainda não ocorreu, mas que o João Ninguém, por exemplo, da sua cadeira, tenha estado sensorialmente consciente de uma situação que é obviamente para além do alcance dos seus sentidos físicos.

O eu não permanece tão permanentemente ligado ao corpo físico como imaginam, durante a existência física. O ego é muito mais dependente do eu físico do que outras partes da personalidade. O corpo

físico é mais como uma estação-base, a partir da qual se fazem excursões frequentes. O ego é como um guardião que fica em casa, como cão de guarda.

Os dados sensoriais não são basicamente — *sublinhado* — dependentes do corpo físico. O indivíduo pode receber dados sensoriais de outras maneiras. Os sentidos são de facto usados muitas vezes pelo eu interior como método constante de o familiarizar com circunstâncias pertinentes à sobrevivência e aos interesses do corpo físico, mas o eu interior não depende inteiramente deles para todos os seus dados, de forma alguma. A mente pode contornar os sentidos e receber os seus dados de modo mais direto, traduzindo o que percebe tão automaticamente como traduz os dados sensoriais.

Sugiro a vossa primeira pausa.

(Pausa às 21h30. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos tinham-se aberto apenas uma vez, quando sorveu um pouco de vinho. O ritmo melhorara à medida que a transmissão avançou.

(Disse então à Jane que, à medida que a sessão progredia, tive cada vez mais dificuldade em manter-me "acordado". Na realidade comecei a notar uma lassidão pesada, embora continuasse a escrever sem problema, e reconheci que parecia estar num estado de transe. Ao mesmo tempo, ao olhar à volta da sala, tudo parecia estar com um foco mais nítido, e tive a sensação de mais luz na sala, embora já estivesse bem iluminada. Comecei a perguntar-me se não estaria a responder ao material que o Seth estava a apresentar; achei-o muito interessante.

(Lembrei-me então de que, na 232.ª sessão, o Seth dissera que eu próprio estava num transe leve durante as sessões, ao fazer "certos ajustamentos automáticos para perceber o pouco da minha presença que percebes. E também tenho um efeito calmante em ti, o que te é muito benéfico." Ver Volume 5, página 277. Recordando isto, perguntei-me se não estaria a fazer um esforço forte para perceber o Seth, talvez em forma de aparição, esta noite; o que significaria que, possivelmente, ele estava presente num grau mais forte do que o habitual.

(A Jane disse que ela própria já experimentou os efeitos aparentemente contraditórios da sonolência ou letargia e da visão mais nítida durante o transe. Escusado será dizer que nada vi de invulgar nas frequentes olhadelas que lancei à sala, nem notei qualquer mudança nos traços da Jane. A sensação era acentuada quando chegou a pausa e, no entanto, durante a pausa desapareceu. Tenho estado consciente de algo semelhante, numa escala muito reduzida, muitas vezes durante as sessões.

(A Jane retomou novamente com os olhos fechados, e a um ritmo um pouco mais rápido, às 21h37. Lembrete: o Seth pede todas as palavras sublinhadas.)

Agora. Em circunstâncias ditas usuais, os dados são recebidos através dos sentidos físicos e depois interpretados pelo cérebro.

Quando um acontecimento clarividente é percebido, os dados são recebidos pela mente e entregues ao cérebro, que então os interpreta tal como faz com os dados usuais. O corpo físico toma-os, por outras palavras, em consciência, mas os sentidos foram contornados.

A interpretação, no entanto, é feita da mesma forma que é habitualmente feita. Caso contrário, os dados não fariam sentido para o organismo físico e não ficariam registados. Na realidade, muitos dados percebidos diretamente pela mente contornam completamente o organismo físico.

O organismo físico não tem consciência deles. O subconsciente, porém, recebe a informação em alguns desses casos. Noutros casos, a experiência simplesmente não é registada de forma alguma no organismo físico, mas é registada em camadas mais profundas do eu que estão, em grande medida, divorciadas de quaisquer manipulações físicas.

(Mais uma vez a lassidão começou a infiltrar-se em mim, enquanto olhava à volta da sala com olhos atentos. Tive alguma dificuldade em focar o papel onde escrevia, mas nenhuma ao desviar o olhar da mesa. Os olhos da Jane estavam fechados, o seu modo como de costume.

(Pouco depois, a minha familiar e antiga sensação de "arrepio agradável" começou a instalar-se. Não tenho estado muito consciente dela recentemente, embora nas primeiras sessões tanto a Jane como eu tenhamos vivido tais efeitos com frequência. É, resumidamente, um formigueiro rico ou arrepio muito agradável. Pode aparecer em qualquer membro ou parte do corpo, permanecer localizado ou varrer todo o organismo. Estádios mais profundos disto são o que a Jane chamou êxtase nas suas experiências de tempo psicológico.

(Desta vez começou em ambos os pés e subiu pelas pernas até às ancas, manifestando-se depois na parte de trás da cabeça. Não interferiu com a minha escrita. Não foi, de modo algum, avassalador, mas foi muito nítido e durou, em resíduo, até à pausa seguinte. Ver Volume 1, página 172, para uma descrição da minha primeira experiência com esta sensação, que a princípio me assustou e foi acompanhada por dados internos visuais bastante vívidos. O Seth analisou a experiência em detalhe na 24.ª sessão, explicando como, por vezes, representava as minhas tentativas de o perceber e, noutras, as minhas tentativas de perceber outros dados fora dos canais sensoriais usuais.)

Este material fisicamente não registado está, no entanto, disponível para o subconsciente, se surgir a necessidade. Antes de poder ser usado pelo organismo físico, tem então de ser levado das camadas mais profundas do eu até ao cérebro para interpretação, como se fossem novos dados sensoriais recebidos pelos métodos com que estais mais familiarizados.

No estado de sonho, cheirais odores que não estão no vosso quarto. A memória desses odores fica impressa e registada pelo corpo físico com tanta fidelidade e realismo como qualquer — entre aspas — "odor real" — fim de aspas — no estado de vigília.

A experiência do odor torna-se parte da memória e pode ser recordada através de hipnose. Por vezes surgirá espontaneamente, como qualquer memória pode. O odor é tão legítimo para o organismo físico como qualquer odor cheirado no estado de vigília. Isto é bastante importante.

Basicamente — *sublinhado* — não faz diferença se os dados sensoriais são reais, nos vossos termos, ou não. Se são registados pelo organismo físico, tornam-se parte — e parte igual — da memória. No caso do odor cheirado num sonho, a mente experiencia-o e depois a experiência é interpretada precisamente como se os sentidos tivessem sido usados para a perceber. Em seguida, é incorporada com outras experiências pelo organismo físico.

Podem fazer a vossa pausa.

(Pausa às 21h56. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados, o ritmo foi melhor, a voz média.

(Mais uma vez, para o fim da transmissão, senti a agradável letargia, combinada com a visão nítida enquanto olhava pela sala. Mais uma vez, nada notei de invulgar na pausa. Descrevi novamente as minhas sensações à Jane, e ela surpreendeu-me ao dizer que, enquanto falava, teve a sensação subjetiva de que os seus traços tinham mudado.

(Perguntámo-nos se a sensação da Jane se devia à sugestão. Durante a semana, ela estivera a consultar a 68.ª sessão enquanto trabalhava no livro sobre o material do Seth; essas sessões tratam da construção da matéria física por cada indivíduo. Esta sessão em particular foi testemunhada por Bill Macdonnel e, durante ela, ele fez dois desenhos a tinta-da-china de uma aparição que disse ver numa ombreira da nossa casa. O efeito durou cerca de uma hora; durante essa sessão, o Bill e eu vimos juntos uma mudança distinta nos traços da Jane. Isto ocorreu numa pausa, sem aviso, e durou pelo menos um minuto, de modo a termos tempo para observar.)

(O Seth disse-nos na altura que a aparição era dele e que o Bill a conseguia ver, mas que a Jane e eu não víamos porque éramos demasiado "esquisitos" quanto ao que nos permitíamos ver. Disse que no futuro — sem tempo especificado — deveríamos conseguir ver a sua aparição por vezes, mas de modo nenhum regularmente.

(Os desenhos do Bill sobre o Seth mostram um crânio extremamente alto — segundo o Seth, a tradução gráfica do Bill do sentimento de grande inteligência da parte do Seth — e um queixo pontiagudo. Embora pontiagudo, o queixo não é comprido. A Jane disse, esta noite, que a sua sensação subjetiva foi a de um alongamento do queixo, até um ponto.

Também sentiu a cabeça pousada sobre os ombros, e este é outro atributo dos desenhos do Bill.

(Note-se acima que a aparição e a mudança de traços na Jane são dois efeitos distintos e separados, ambos ocorridos na mesma sessão. Um foi visível para mim, o outro não. Novamente, esta noite, não vi mudança nos traços da Jane.

(Chegara agora a hora da 46.ª experiência do Dr. Instream. A Jane só fumara no intervalo. Tinha agora os olhos fechados, as mãos erguidas ao rosto, o ritmo entrecortado por muitas pausas curtas e algumas longas. Retoma às 22:05.)

Agora. Deem-nos um momento para o nosso material do Instream. Ele recebeu hoje um embrulho atado com cordel, com cordel.

O objeto é de vidro. Um copo, parcialmente cheio de água. Um copo transparente, com pé, em forma de cálice.

O pacote tem que ver com as iniciais M. Minnesota, não sei, exceto pela inicial. O número quatro também está ligado ao pacote. Foi endereçado em ambos os lados e custou 43 cêntimos, creio, a enviar.

O endereço estava a tinta, e em letra de imprensa. Um W também ligado ao remetente do pacote. Talvez algo como Winnip, mas só tenho certeza do W. O número 16 após a cidade onde vive o remetente. Talvez uma ligação com algum tipo de cartas e um "scoop", usando a palavra como furo noticioso.

Também uma carta ou bilhete relacionado com quilometragem. Talvez em ligação com uma viagem.

Tens um envelope para mim, Joseph?

("Tenho."

(A Jane fez uma pausa às 22:15. Com os olhos ainda fechados, estendeu a mão para receber de mim o envelope para a nossa 39.ª experiência. Segurou-o na testa durante algumas frases e depois baixou-o para o colo.)

Deem-nos um momento, por favor. São impressões.

Uma ligação com a letra M, e com uma ocasião em que algo não foi apreciado. Uma ligação com o quatro aqui também. Uma forma retangular e uma marca em forma de X, bastante grande.

(Com a mão que segurava o envelope, a Jane estendeu o braço para fazer um gesto amplo e vigoroso de rasura, ou em forma de X, com todo o braço. Os olhos permaneceram fechados.)

Este tipo de coisa, veem, em cor escura, a marca em forma de X em cor escura, como algo cancelado.

Ligação com um erro. Ligação com música e com um ás. Com algo não conhecido, e com 4 pessoas.

Com um poste. O Ruburt pensa em poste telefónico, o que o leva a uma ligação com um poste telefónico.

Uma forma de sol, ou amarelo no canto superior direito. Talvez como raios.

O número 12, e talvez 3 com isto. Dezembro, não sei.

Tens alguma pergunta?

(Tenho vindo a experimentar diferentes tipos de perguntas. Esta foi a minha terceira oportunidade. Da primeira vez pedi ao Seth dados sobre uma categoria não mencionada, a saber, cor. Da segunda pedi-lhe que recomeçasse tudo. Desta vez tentei outra coisa.

("Que tal desenvolveres a tua referência a algo que não foi apreciado?")

Tudo o que tenho é a sensação de que algo não foi apreciado e de que um erro pode ter sido, de algum modo, responsável.

Um sábado aqui. Parece as letras D e C, e algo a ver com "graça", e um compromisso.

Sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 22:25. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados, o ritmo acelerara gradualmente.

(Parece ser agora regra que a Jane tenha alguns dados visuais, sejam ténues ou mais fortes, durante as experiências do envelope. Disse que pode ter tido tais dados também nas experiências anteriores, mas não era suficientemente rápida para os apanhar. É delicado. A questão é, explicou a Jane, que tais dados necessitam muitas vezes de interpretação. O Seth dá-lhe a informação visualmente; cabe depois a uma parte da Jane interpretá-la corretamente. A Jane acredita que, nas primeiras experiências, a sua falta de apreciação disto — de interpretar corretamente — levou a muitos erros no material; que, na realidade, através do Seth, recebera à partida os dados corretos, mas precisava de prática em discriminação fina para se aperceber sequer de que o problema existia. E, claro, precisa de mais. Um caso em ponto aqui é o dado do X explicado mais adiante.

(Ver o traçado do objeto do envelope na página 1. Como referido, é um cartão de sócio da AAA, comprado por mim a 14 de agosto de 1964 e válido por um ano. Está impresso inteiramente a tinta azul-escura sobre papel branco brilhante e espesso. A exceção é o grande selo da AAA afixado à mão por baixo do meu endereço dactilografado; é em preto, em relevo sobre folha metálica. O verso do cartão está coberto por letra miúda, com instruções detalhadas sobre o procedimento após um acidente, etc., chamar a Western Union, procedimento de fiança, etc.

(Estranhamente, alguns dos dados do envelope desta noite são corroborados por material de sessões anteriores — algo que eu não previa ao usar o cartão como objeto. As notas da 81.ª sessão, de 28 de agosto de 1964, explicam algumas ligações feitas esta noite. Eu estava prestes a deitar o cartão fora esta semana quando me ocorreu usá-lo para o

envelope de hoje, e, conscientemente, tinha-me esquecido de muitas das ligações de 1964.

(O Seth não passou por cada ligação connosco, mas concorda com aquelas que a Jane e eu conseguimos estabelecer.

"Uma ligação com a letra M" referia-se, pensei, às iniciais MCI, que são usadas para designar o moderno edifício de escritórios aqui em Elmira, onde comprei a minha adesão à AAA. Nota posterior de RFB: Assinado por Merrill. Note no objeto que o endereço deste novo edifício foi acrescentado mais tarde ao cartão, por baixo do antigo endereço, que foi obliterado. Este edifício mal estava em funcionamento quando aderi à AAA, em agosto de 1964; os pisos superiores ainda não estavam terminados.

("e com uma ocasião em que algo não foi apreciado." Isto lembrou-me de imediato um acontecimento muito definido, envolvendo a Jane e a mim, que não foi apreciado. Teve lugar ao mesmo tempo em que comprei a adesão à AAA, e o local desse acontecimento "não apreciado" foi um posto de gasolina diretamente em frente ao edifício MCI. O nosso carro foi o tema, e este material está bem coberto nas notas da 81.ª sessão, de 26 de agosto de 1964. Ver Volume 2.

(Comprei a adesão à AAA na sexta-feira, 14 de agosto de 1964, por volta das 13h00. Estávamos ambos de férias a partir desse dia e devíamos partir para York Beach, Maine, no dia seguinte, sábado, 15 de agosto. A Jane e eu fomos de carro ao centro na sexta-feira. A Jane tinha umas horas de trabalho para terminar na galeria de arte onde então trabalhava. Deixei-a lá e depois deixei o carro no posto em questão para mudar o filtro de óleo e uma revisão geral. Atravessei a rua até ao edifício MCI, aderi à AAA e depois fui a pé para casa. Devia voltar ao posto para levantar o carro às 17h00 desse mesmo dia. Iria buscar a Jane e ficaríamos livres.

(Quando voltei a pé ao centro, ao posto, às 17h00, para levantar o carro, fiquei desanimado ao ouvir que o mecânico estava com muita dificuldade em voltar a colocar a tampa do filtro de óleo, que teimava em verter por mais força que usasse para apertá-la. Tive receio de que a rosca da tampa ficasse espalmada; se a peça em questão tivesse de ser substituída, isso significava desmontar a direção no nosso modelo específico de carro e, assim, adiar o início das férias até à semana seguinte.

(Ao ver o mecânico a lutar com o carro, pareceu-me que ele não tinha familiaridade suficiente com o trabalho para saber o que fazia. Dei a conhecer o que pensava e fui à galeria contar à Jane. Isto foi numa altura em que o Seth começava a explicar-nos o poder da expetativa; a Jane insistiu que o carro estaria pronto quando lá voltássemos. Comemos num diner, e a Jane concentrou-se no carro estar pronto. Quando voltámos uma hora mais tarde, estava de facto pronto. O mecânico disse-nos que ficou

surpreendido por ter conseguido arranjá-lo. O incidente tinha-me abalado bastante, de um modo que agora já não me incomodaria.

("Uma ligação com quatro aqui também." Não vimos tal ligação, para além do número quatro aparecer várias vezes no objeto.

("Uma forma retangular." O cartão de sócio é retangular, quer aberto como se mostra na página 1, quer dobrado como indicado. Esta noite foi dobrado no habitual envelope duplo selado.

("e uma marca em forma de X, bastante grande. Este tipo de coisa, veem, em cor escura, a marca em forma de X em cor escura, como algo cancelado." Como referido na página 7, este é um caso em que a Jane recebeu dados visuais internos do Seth e tinha a responsabilidade dos interpretar corretamente. Note-se que ela vai tateando através destes dados, chegando finalmente a algo mais específico nas últimas três palavras. No cartão de sócio está impresso claramente que a cobertura expira em 1965.

(A Jane disse que, ao dar este dado, sentiu claramente que o X visual era para lhe mostrar que algo estava cancelado. O cartão expirou em 1965. A Jane viu também o grande X sobre uma forma de cartão retangular, por dentro, mas não viu detalhe nesse cartão que lhe permitisse identificar especificamente o objeto do envelope.

("Ligação com um erro." Um erro é proeminente aqui. Quando preenchi a minha proposta para a apólice de seguro que acompanhava a adesão à AAA, inadvertidamente cometi um erro no meu número de matrícula. Só o descobri quando voltei a casa e, ao regressar ao centro para levantar o carro no posto, passei pelo edifício MCI, no escritório da AAA. Disseram-me que o erro não tinha importância.

("Ligação com música" lembra-me que ouvi música enquanto estava no escritório da AAA; a música era difundida por todo o novo edifício por um sistema de som. A Jane e eu sabemos bem disto porque uma amiga nossa trabalhava noutro escritório no edifício MCI e comentava muitas vezes essa música ambiente, de que não gostava mas que era obrigada a ouvir o dia inteiro no trabalho. Além disso, o escritório da AAA ficava abaixo do nível do solo e sem janelas, e a minha opinião pessoal era que a música era uma espécie de compensação por não se poder ver a luz do dia.)

("e com um ás." A Jane disse que isto é uma derivação pessoal dela a partir do selo preto proeminente da AAA, afixado no fundo do cartão, por baixo do meu nome, como descrito. Outra interpretação deste selo surge mais adiante.

("Com algo não conhecido, e com 4 pessoas." A Jane e eu temos uma ideia quanto a uma ligação aqui, mas como não a podemos sustentar decidimos não a listar.

("Com um p-ole. O Ruburt pensa em poste telefónico, o que o conduz a uma ligação com um poste telefónico." No verso do objeto do envelope mostrado na página 1 há muitas referências ao uso do telefone, nas instruções detalhadas dadas pela AAA quanto aos procedimentos após envolvimento num acidente de automóvel. Muitas das instruções têm que ver com usar o telefone, a Western Union, etc., como indicado no próprio cartão.

("Uma forma de sol, ou amarelo no canto superior direito. Talvez como raios." Ver o fundo da página 9. A Jane disse que isto é outra referência ao selo pesado, brilhante, ou lustroso, preto, da AAA, afixado ao cartão de sócio por baixo do meu nome. Para ela, o desenho dos três A pode representar as linhas convencionais de radiação à volta de um círculo, ou forma de sol. Ela usava muitas vezes este simbolismo nas suas próprias pinturas a óleo, assim:

(As referências a amarelo ou sol podem vir do desenho das letras A, mas talvez também da textura em folha brilhante do próprio selo. Vê-se que, se o objeto estivesse de cabeça para baixo enquanto selado no duplo envelope, apareceria ao observador no canto superior direito.)

("O número 12, e talvez 3 com isto. Dezembro, não sei." A minha adesão à AAA era válida por doze meses, o que poderia ter levado o Seth aos dados de dezembro, ou décimo segundo mês, mas aqui não temos certeza. Nem surgem ligações para o número 3.

("Tudo o que tenho é a sensação de que algo não foi apreciado", seguiu-se ao meu pedido de desenvolvimento por parte do Seth. Ver a interpretação original na página 7.

("e que um erro pode ter sido de algum modo responsável." A minha ideia é que o erro aqui referido diga respeito ao meu erro no número da matrícula, conforme explicado na página 9. O Seth também diz "pode ter". Penso que um erro pode entrar no episódio do carro, possivelmente, na medida em que, na altura, achei que o mecânico que estava a fazer a revisão ao carro não abordou o trabalho de forma correta e quase atrasou a nossa partida de férias vários dias como resultado.

("Um sábado aqui." Vê-se agora que o meu pedido de desenvolvimento ao Seth trouxe mais alguns dados. O sábado está envolvido com o objeto do envelope, através do nosso carro. Obtive o objeto real na sexta-feira, 14 de agosto de 1964; enquanto o fazia, o carro ficou no posto para manutenção, e os acontecimentos que se desenrolaram no posto quase impediram a nossa partida de férias no dia seguinte, sábado, 15 de agosto.

("Parece as letras D e C", não nos ofereceu ligações.

("e algo a ver com graça", a Jane desatou a rir quando fez uma ligação aqui. Primeiro pensámos que a ideia dela não se aplicava, mas depois ela sentiu que sim, e o Seth concorda. Note-se que no cartão de

sócio da AAA o antigo endereço foi obliterado. Isto foi feito com tinta fina e conseguíamos ler o antigo endereço, 382 W. Church Street. A Jane fez de imediato a ligação entre church (igreja) e grace (graça).

(Mais: o novo edifício MCI fica a apenas uns quarteirões da antiga localização da AAA; o novo endereço é na esquina da College Avenue com a Church Street. E a Grace Episcopal Church fica dois quarteirões acima na Church Street.

(“e um compromisso.” Conforme anotado nos dados do carro nas páginas 8 e 9, eu tinha um compromisso para levantar o carro no posto de serviço às 17h00 de sexta-feira, 14 de agosto de 1964, no mesmo dia em que comprei a adesão à AAA. O posto ficava em frente ao escritório da AAA, e o carro estava no posto enquanto eu me encontrava no escritório da AAA.)

(Antes de retomar, disse à Jane que esperava que o Seth dissesse algo sobre as minhas sensações mais cedo na sessão. Agora tinham praticamente desaparecido. Sentia apenas um ligeiro resíduo do efeito de arrepio agradável, principalmente na parte de trás da cabeça; a letargia desaparecera. Tinha também desaparecido a dor no pescoço que sentira antes de a sessão começar. A Jane não sabia disto.

(A Jane retomou com a cabeça apoiada nos braços cruzados, pousados sobre a mesa. Os olhos estavam fechados, o ritmo médio. 22:48.)

Agora. Não vos vou reter.
Os teus sentimentos foram bastante legítimos. De facto, percecionaste a minha presença, e eu manifestei-me de forma bastante forte mais cedo.

O Ruburt tem andado preocupado, a pensar antecipadamente em algumas das críticas que serão feitas ao seu livro, e tem estado algo perturbado. Não de forma grave, porém. Por esta razão, mantive-me por perto.

Intuitivamente, ele chegará ao equilíbrio adequado entre preocupações intelectuais e espontaneidade interior.

Agora, deixo-vos a menos que tenham perguntas.

("E quanto às ligações que fizemos com os dados do envelope? Estávamos corretos?")

Estavam, sim.

("Isto inclui as ligações da Jane sobre os dados de igreja e graça?")

Estava correto. Ele está a aprender a interpretar as imagens internas que lhe ficam disponíveis.

Agora, estou perfeitamente preparado para falar o tempo que quiserem. Estou a pensar na vossa conveniência.

("Que tal dizeres algo sobre a dor no pescoço que tive, mesmo antes da sessão?")

(A Jane, agora sentada direita, sorriu. Os olhos continuavam fechados.)

Estavas preocupado por causa dos maus resultados do teste na última sessão. Não o admitiste. Pensa, por vezes, que os teus próprios testes são uma "dor no pescoço", embora admitas a sua necessidade.

("Foi isso mesmo que o pêndulo me disse, pouco antes da sessão.")

Há mais alguma coisa?

("Não, creio que não. Foi divertido.")

As minhas melhores saudações a ambos.

("Alguma vez chegarei a ver-te, ou à tua aparição?")

Se mantiveres os olhos abertos. Já estiveste perto no passado.

("Mas não suficientemente perto.")

Outra vez: usa o conjunto de olhos certo.

("Continuarei a tentar. A Jane quer que eu lhe diga para abrir os próprios olhos quando eu te vir.")

Veremos.

("Boa noite, Seth."

(Fim às 23:00. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados. A Jane ficou satisfeita por saber que a resposta do Seth sobre a minha dor no pescoço coincidia com a resposta que eu obtivera através do pêndulo. Ver as notas na página 2.

(O Seth foi mais direto do que eu com o pêndulo, embora eu estivesse um pouco condicionado pela falta de tempo. Só comecei a usá-lo quinze minutos antes da sessão e, então, comecei por eliminar categorias da sessão de segunda-feira até encontrar aquela a que eu estava a reagir fisicamente. Revelou-se serem as experiências do envelope de segunda-feira e o meu receio, ou preocupação, de que talvez estivesse a pressionar a Jane nessas questões.

(O pêndulo disse-me que a Jane não sentia isso e, após a sessão, ela concordou. Ainda assim, o pêndulo disse-me que eu sentia alguma zanga comigo próprio por essa razão, daí a rigidez no pescoço. Não tinha chegado a uma formulação tão arrumada como "uma dor no pescoço" antes de a Jane me chamar. A Jane disse agora que a "irritação que sentiu com bastante força mesmo antes da sessão" era o seu pressentimento da minha própria irritação comigo. Como indicado na página 2, ela tinha consciência da irritação antes da sessão, mas estava intrigada quanto à sua origem. Ela não sabia da minha dor no pescoço, nem que eu estava a usar o pêndulo.)

SESSÃO 241
14 DE MARÇO DE 1966

(A 40.ª experiência do envelope foi realizada durante a sessão. Ver o traçado acima. O objeto do envelope era uma folha seca de azevinho. Esta folha castanho-acinzentada tinha sido colada ao abat-jour do meu candeeiro no trabalho durante bem mais de um ano; originalmente usei-a como modelo para fazer um trabalho artístico para um cartão de Natal. Guardei-a por causa da cor e da forma interessantes, e pelo facto de as pontas continuarem tão aguçadas como sempre. Foi selada no habitual duplo envelope, entre duas folhas de Bristol. A Jane nunca a tinha visto, nem sabia que eu a levara para casa.

(Anteontem, a Peggy Gallagher disse-nos que está a seguir as sugestões dadas pelo Seth na sessão não programada 238, mas que ainda não notou qualquer melhoria na "bursite" no pescoço e no ombro e braço esquerdos. Continua, contudo, a seguir as sugestões. O Seth vinculou a sua dificuldade a exercícios de ioga impróprios e a tensão entre a terceira e a quinta vértebra.

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. Mais uma vez, a Jane fumou muito pouco durante a sessão. O ritmo foi novamente lento, com muitas pausas de duração variável. Falou sentada e com a mão esquerda erguida à cabeça baixa. Os olhos estavam fechados; manteve esta posição até ao intervalo.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Bem. Existem de facto enquadramentos psicológicos que operam em comunicações como a nossa, e tentarei explicar a sua função e composição. Falarei primeiro das nossas circunstâncias particulares e, depois, passarei a uma discussão mais geral. Há o ego do Ruburt e o seu subconsciente, como sabem. Existem também outras áreas ou níveis que fazem parte da sua personalidade total.

No nosso caso, uma personalidade gestalt, ou uma ponte psicológica… *(A Jane e eu ficámos logo muito intrigados com o termo do Seth, "ponte psicológica" — um termo que nos pareceu muito natural e evocativo.)*

Este enquadramento psicológico tem obviamente de ser recetivo. Também deve ser formado por partes da minha própria essência e por partes da personalidade do Ruburt. Pode ser pensado quase como uma protrusão psicológica, embora esta não seja exatamente a palavra certa.

Ponte talvez seja melhor. Este enquadramento psicológico é, em si, capaz de crescimento, em termos de desenvolvimento. Representa, da parte do Ruburt, uma expansão psicológica, e, de facto, da minha parte também.

É formado parcialmente por capacidades inerentes a todas as personalidades — capacidades psíquicas — e é composto de energia. Não é uma personalidade secundária, pois existe numa dimensão bastante diferente das personalidades secundárias.

Agora. Este enquadramento psicológico é o meio através do qual podemos comunicar. É uma organização puramente psíquica que transmite telepaticamente conceitos de mim para o Ruburt. Sempre preferimos o estado de transe leve a um transe mais profundo por várias razões. Interesso-me sobretudo pela educação e, com o treino do Ruburt dado por mim através dos nossos métodos atuais, os próprios processos são mais claramente vistos e compreendidos. Algumas informações chegam ao Ruburt de forma bastante automática, no sentido de que fala por mim sem ter de me traduzir conscientemente.

Ao mesmo tempo, devido aos métodos que usamos, alguma tradução é muitas vezes necessária. Em muitos casos, essa tradução é feita pelo enquadramento psicológico intermédio, que é simplesmente o ponto psicológico mais próximo do encontro da personalidade do Ruburt com a minha, pois ele não desaparece como personalidade. Ele estende-se numa expansão. A expansão psicológica no lado dele, e a expansão psicológica no meu lado, formam o gestalt, a ponte psicológica de que falei.
Como ele está a aprender, muitas vezes cabe-lhe interpretar as imagens que lhe envio. A ponte psicológica pode transmitir, veem, e até certo ponto traduzir, mas não interpretar.

Este gestalt psicológico é um conetor. Dependo, em larga medida, do conhecimento do próprio Ruburt — e da sua falta — na medida em que não posso forçar, por exemplo, a partir dele, do seu mecanismo de fala, conceitos com os quais ele esteja inteiramente desconhecido. Tenho de os introduzir passo a passo.

Não vos poderia ter explicado pontos de momento, por exemplo, até vos ter dado claramente a ideia do presente amplo. Não é tão simples como pode parecer, pois não há coação envolvida: o Ruburt consente sempre que eu lhe "empurre" conceitos, que ele verbaliza com a minha assistência. Muitas vezes dou-lhe uma imagem interna, ou experiência, de um conceito inteiro, mas, a menos que pudesse ser vocalizado, não teria significado exceto para ele.

Agora sugiro a vossa primeira pausa.

(Pausa às 21h30. A Jane estivera dissociada como de costume para uma primeira transmissão. Manteve a posição inicial — olhos fechados, cabeça apoiada na mão esquerda erguida — durante toda a transmissão. Não sabia porquê. Não fumara e o ritmo fora um pouco mais rápido perto do intervalo.)

(O Seth começou a falar de pontos de momento nas sessões 149.ª–152.ª. Começou sobre o presente infinito na sessão 44 do Volume 2.

(A Jane tem andado a ler o livro de G. N. M. Tyrrell, Science and Psychical Phenomena & Apparitions, e agora disse-me que esperava que o Seth talvez discutisse a relação dele com ela esta noite.

(A Jane retomou da mesma forma e na mesma posição, com pausas, às 21:39.)

Agora, nalguns casos é isto que acontece.

O Ruburt está, claro, muito mais familiarizado com impressões sensoriais do que com dados internos, ou com impressões que não lhe chegam através dos sentidos físicos.

Portanto, nas nossas experiências, muitas vezes eu dou-lhe uma impressão, e ele tradu-la automaticamente em termos visuais, embora tenha os olhos fechados. E então fica tentado a interpretá-la literalmente, como faria com uma imagem visual vulgar.

Um belo exemplo disto ocorreu na nossa última sessão, com a imagem em X.

(Ver a página 7 da 240.ª sessão para os dados do envelope sobre o cartão da AAA usado como objeto. O cartão apresenta a data de expiração, e a Jane chegou à ideia disto ao gesticular audaciosamente com o braço, rematando várias linhas de dados com "como algo cancelado". Ver também a página 9, onde a Jane descreve os dados visuais internos que acompanharam os dados vocais.)

Por simplicidade, digo que lhe dei a imagem, mas na realidade dei-lhe a impressão, que ele traduziu numa imagem, para poder lidar com ela de modo mais familiar.

Como resultado, em tais casos, cabe-lhe interpretar corretamente a imagem. As palavras que ouvem são minhas e não do Ruburt. Contudo, são representações do meu pensamento, à medida que são peneiradas por várias camadas, primeiro do nosso enquadramento psicológico composto, e depois através de camadas da própria personalidade do Ruburt.

Há frequentemente, do lado dele, um puxão e repuxão finais, para que o mecanismo vocal acabe por dizer a interpretação correta. Claro que as associações do próprio Ruburt são usadas por mim, com o seu consentimento, até certo ponto, para me permitir conduzi-lo ao assunto ou imagem apropriados.

Depois, quando temos êxito, há uma divergência das suas associações, de modo a que ele diga a palavra correta, ainda que a palavra correta, para ele pessoalmente, fosse a palavra errada no que toca às suas associações pessoais.

Este ponto é bastante importante, pois mostra como as associações pessoais são utilizadas até certo ponto e, depois, por vezes de súbito, dispensadas, por terem servido os nossos propósitos.

Da parte do Ruburt, isto pode por vezes ser desconcertante. Contudo, temos sempre de trabalhar com organizações psicológicas. As emoções seguem sempre linhas associativas neste aspeto.

O truque é permitir às associações do Ruburt rédea solta até certo ponto e, então, inserir com mestria os dados corretos. Isto é por vezes difícil. As associações do Ruburt podem ir, por exemplo, de C, D, E e F, mas precisamente onde ele diria G, temos de inserir X ou Y — e fazê-lo de maneira tão suave que ele nem dê por isso.

Ele consente por mim; consente que eu use as suas associações desse modo. Não obstante, há um pequeno sentido de alienação quando as associações não se completam, mas são desviadas para o fim desejado.

Aqui vai um exemplo muito breve. Suponhamos que estou a tentar dar-lhe a impressão de um copo de água. É relativamente fácil inserir a ideia de água, mas isto pode levá-lo pessoalmente a pensar no Golfo do México, ou no mar ao largo de Marathon, ou até no Atlântico em York Beach. Eu usarei as suas associações até ter a certeza de que ele tem o conceito da palavra *água*, mas, precisamente quando está prestes a dizer *ocean* por exemplo, e depois de ter usado as associações dele para o levar até aqui, tenho de o fazer dizer de repente *copo de água*.

Agora sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 21:59. A Jane estava dissociada como de costume. O ritmo acelerara consideravelmente. Mais uma vez sentou-se na mesma posição durante toda a transmissão — cabeça baixa, mão esquerda erguida aos olhos fechados. Os olhos permaneceram fechados e não fumou.
(Era agora altura da 47.ª experiência do Dr. Instream. Mais uma vez a Jane usou a mesma posição, com a diferença de que agora o ritmo abrandou novamente. Retoma às 22:06.)

Bem. Deem-nos um momento, por favor, para o nosso material do Instream.

Daremos o objeto em breve.

Antes de mais, uma cerimónia formal de algum tipo. Diz principalmente respeito a um grupo de homens. É deles, ou é para os honrar. Mas creio que também estão presentes mulheres.

Há também um jantar ligado aqui.

Agora, o objeto é algo muito pequeno, como um dedal. Metálico, oco, com furinhos muito pequenos. É de um tom de verde, para o acinzentado, com pátina. Talvez com iniciais nele.

Ele segura-o nas mãos. Nervosamente, creio. Pelo menos, atira-o de uma mão para a outra.

Fios cinzentos — usa ele um fato cinzento? Não pareceria apropriado numa cerimónia formal, e no entanto capto essa ligação. E uma ligação com algo redondo e vermelho, de forma de maçã.

Música. Ele encontra uma mulher que foi amiga íntima de um amigo dele, homem, que entretanto morreu. Creio que a inicial W aqui.

Algo sobre uma margem de segurança, talvez relativo à saúde, e uma consulta médica recente. Uma confusão mental. Não sei a que isto se refere.

Tens um envelope para mim, Joseph?

("Tenho."

(A Jane fez uma pausa às 22:17. Continuava sentada na mesma posição, olhos fechados, cabeça baixa apoiada na mão esquerda. Sem abrir os olhos, estendeu a mão direita para receber de mim o 40.º envelope selado. Segurou-o depois contra a testa.)

Deem-nos um momento, por favor. São impressões.

Uma ligação com algo fundo. Um buraco debaixo de terra, como uma mina ou uma cova. O número 6.

Algo bastante notável. Um telefonema. Cinzento e castanho. Riscas.

Um G e H. Uma miscelânea de formas alinhadas em fila. Um bilhete de um homem em ligação com uma conquista.

Uma referência a quatro pessoas. Uma ligação com um compromisso marcado mas não cumprido, ou ainda não cumprido.

Tens alguma pergunta?

(Esta foi a minha quarta oportunidade de fazer uma pergunta acerca dos dados do envelope. Tinha uma ideia sobre o primeiro dado.

"Queres desenvolver o dado sobre algo fundo, ou subterrâneo?")

Deem-nos um momento.

A impressão do Ruburt agora é de uma cave. A minha é de algo íngreme, descendente, com rocha. Paredes de rocha, e duro mais do que macio por baixo. E talvez água.

Sugiro o vosso intervalo. A menos que tenham mais perguntas.

("Não, está bem.")

(Pausa às 22:28. A Jane estava dissociada como de costume e, uma vez mais, manteve a mesma posição durante toda a transmissão. Os olhos tinham permanecido fechados.

(Ver o traçado do objeto do envelope, a folha de azevinho, na página 13. Alguns dos pontos do Seth foram bons. Pensei que outro grupo deles procurou chegar à origem do objeto do envelope — a saber, o meu local de trabalho —, daí a razão de eu ter escolhido a pergunta que fiz. Pensei também que os dados de buraco e cova se referiam a uma experiência de envelope anterior relacionada com o meu local de trabalho.

(A Jane e eu estabelecemos ligações, e o Seth concordou brevemente quanto a algumas delas.

"Uma ligação com algo fundo. Um buraco debaixo de terra, como uma mina ou cova." O Seth tinha falado de associação relativamente aos dados do envelope na parte anterior da sessão, e achei este dado um bom

exemplo disso. A minha ideia era que este dado se referia ao meu local de trabalho, de onde obtive o objeto, invocando a morte de um amigo, Ezra Havens, em 1964. O Ezra trabalhara no meu local de trabalho, a Artistic Card Co., durante muitos anos.)

(No Volume 5, ver a 232.ª sessão, de 9 de fevereiro de 1966. Nessa sessão o Ezra é tratado nos dados do envelope com o mesmo tipo de dado; o Seth deu à Jane o dado da cova, a significar a morte do Ezra, mas, nessa altura, a Jane, que não gostava da ideia de covas, não usou a palavra.

Desta vez, disse agora a Jane, ela proferiu-a quando o Seth lhe deu o dado. Acreditamos que o dado da cova era para se referir ao Ezra, que trabalhou na Artistic antes de morrer, e que isto, por sua vez, levaria a Jane a identificar a Artistic como a fonte do objeto do envelope.

"O número 6." Um artigo extenso sobre o livro de PES da Jane foi publicado no Elmira Star-Gazette local a 6 de julho de 1965. Isto pode ser uma ligação possível, mas não temos a certeza, já que não pedi ao Seth que falasse sobre este ponto. Contudo, o artigo está envolvido com alguns dos dados seguintes.

"Algo bastante notável." Também não aprofundei este item, embora acreditemos que se referia igualmente ao livro de PES, tal como tratado no artigo acima do jornal.

"Um telefonema." O artigo no jornal levou a um bilhete para a Jane, da esposa do meu patrão, Harry Gottesman, convidando-nos a ir a casa dos Gottesman numa noite. A Jane respondeu ao bilhete, recebido em julho de 1965, por telefone. Todas estas referências oblíquas são tentativas de ligar o meu patrão, Harry, ao próprio objeto do envelope.

"Cinzento e castanho." Estas são as cores do objeto do envelope; a folha de azevinho está muito seca e quebradiça, e desbotada para um castanho-acinzentado.

"Riscas." Creio que se referem ao padrão pronunciado das nervuras da folha. São mais pronunciadas do que no meu esboço, tendo uma qualidade tridimensional à medida que se ramificam em linhas grosseiramente paralelas a partir do caule central.

"Um G e H." Pensei que fosse uma referência invertida ao facto de o objeto do envelope provir do meu local de trabalho, dirigido pelo meu patrão, Harry Gottesman. O Harry reparou na folha de azevinho em particular quando me foi dada pela primeira vez há cerca de um ano; e, tal como eu, picou o dedo nas pontas extremamente afiadas.

"Uma miscelânea de formas alinhadas em fila." Chamo a isto uma boa referência ao local da folha de azevinho no trabalho. Tenho um candeeiro Dazor, uma peça de equipamento padrão, fixo à minha mesa de desenho no trabalho. É um candeeiro fluorescente com um abat-jour de cerca de 18 polegadas de comprimento. Tenho o hábito de colar vários objetos no abat-jour para referência fácil — pequenas imagens, desenhos,

bocados de fita, autocolantes de vários tipos e outros objetos. Um deles foi, até recentemente, a folha de azevinho; colei-a lá depois de terminar com ela há quase um ano. Devido à forma longa e estreita do abat-jour, os objetos aí afixados acabam alinhados em fila.)

("Um bilhete de um homem em ligação com uma conquista." A Jane disse que acha que quis dizer mulher aqui em vez de homem, e que este dado é outra referência oblíqua à ligação do meu patrão com a origem do objeto do envelope. Ver as notas após "telefonema" acima. Na realidade, foi a esposa do meu patrão que escreveu o bilhete.

"Uma referência a quatro pessoas." Aqui não tínhamos a certeza, a menos que fosse uma referência à noite que a Jane e eu passámos com o meu patrão e a esposa, depois do bilhete e do telefonema, etc. Chamamos a este tipo de impressões "duas vezes afastadas" do objeto real.

"Uma ligação com um compromisso marcado mas não cumprido, ou ainda não cumprido." Não tínhamos a certeza.

"A impressão do Ruburt agora é de uma cave. A minha é de algo íngreme, descendente, com rocha. Paredes de rocha, e duro mais do que macio por baixo. E talvez água." Estes são os dados obtidos depois de eu pedir ao Seth que desenvolvesse os dados subterrâneos, ou de cova.

Acrescenta um pouco à primeira impressão dada esta noite. Ver também a página 17. A Jane disse agora que, por não ter dado a palavra cova nos dados do envelope na 232.ª sessão, envolvendo uma morte, fez questão de a dizer em voz alta esta noite quando obteve uma impressão semelhante.

Atenção, porém, que acima ela tem, pessoalmente, a impressão de uma cave e, ao falar pelo Seth, não usa a palavra cova, como fez da primeira vez. Há um ponto sobre o qual tenho curiosidade. Estará a água de algum modo envolvida com a sepultura do Ezra? Estará o Seth, clarividentemente, consciente de água na, ou perto da, sepultura? Não fui suficientemente rápido para colocar a questão após o intervalo.

A Jane disse que não teve imagens de que se lembrasse, durante esta experiência.

(Voltou a retomar na mesma posição, sentada de olhos fechados, com a cabeça baixa sobre a mão esquerda erguida. Retoma, com pausas, às 22:37.)

Agora. Em breve terminaremos a nossa sessão.

A associação inicial à cova destinava-se a levar o Ruburt ao teu local de trabalho, já que, noutra experiência, o item de teste estava ligado a um homem que morrera.

A cor estava correta, e as formas variadas, como vês. As iniciais estavam invertidas e aplicadas ao teu Harry Gottesman, ao bilhete da esposa dele. O Ruburt interpretou mal aqui. Às quatro pessoas da família Gottesman, na vossa visita lá.

(Como os dados não tinham sido suficientemente específicos, a Jane e eu pensámos em nós próprios e no Harry e na esposa dele como compondo as quatro pessoas.)

O compromisso marcado mas não cumprido refere-se ao facto de todos terem dito que voltariam a encontrar-se em breve — e não o fizeram.

(Como já aconteceu, lembrei-me disto logo que o Seth o mencionou. A Jane também, mesmo enquanto falava em transe.)

No conjunto, dificilmente o nosso melhor. Contudo, a cor e as iniciais — as iniciais, em particular — foram bastante específicas.

Queria acrescentar uma breve nota, no sentido de que nenhum de vós tem quaisquer preocupações de saúde neste momento. Podem inserir isto no registo ou não, como preferirem.

Então terminaremos a sessão desta noite. As minhas mais cordiais saudações a ambos. Se quiserem, podemos continuar, ou terminar a sessão, como preferirem.

("Então terminamos. Boa noite, Seth."

(Fim às 22:48. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados, como estiveram toda a noite, salvo numa ocasião.)

SESSÃO 242
16 DE MARÇO DE 1966

(A 41.ª experiência do envelope foi realizada durante a sessão. Ver o traçado na página 20. O objeto era um bilhete não utilizado para um baile e espetáculo da VFW. Está impresso em tipo preto espesso sobre cartão amarelo; o verso é liso. Foi-nos dado na noite de sábado, 20 de novembro de 1965, por um amigo do nosso vizinho da porta da frente. O nosso vizinho é o Leonard Yaudes. Quando a Jane e eu estávamos a sair de casa para ir dançar nessa noite, o Leonard chamou-nos para a casa dele para conhecermos dois amigos, um homem e uma mulher, não casados; esquecemos os nomes. O homem, que também planeava ir ao evento da VFW mais tarde nessa noite, deu-nos um bilhete gratuito.

(Preferimos não ir, mas aceitámos o bilhete para evitar explicações, sem fazer promessas. Pensámos que o evento seria aborrecido. Esqueci o incidente até há uns dias, quando encontrei o bilhete num bolso do casaco.

A Jane não o via desde novembro. Eu selei-o no habitual duplo envelope, entre duas folhas de Bristol.

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. Havia hipótese de a Peggy Gallagher estar presente com uma câmara de imprensa, para tirar algumas fotografias da Jane enquanto estava em transe. O editor da Jane escreveu a pedir algumas fotos, desenhos, etc., em ligação com o livro que a Jane está a escrever agora sobre o material do Seth. A Peggy é jornalista no Star-Gazette de Elmira e tem acesso ao equipamento necessário.

(Para a sessão, a Jane e eu apresentámo-nos mais compostos do que o habitual, mas às 20h30 a Peggy não tinha aparecido. Nas minhas previsões diárias para hoje, feitas ontem, eu anotara que a Peggy não viria. As previsões foram feitas às 15h00 de 15 de março; o Seth tem algo a dizer sobre a hora e o dia mais adiante na sessão.

(Mais uma vez a Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. A cabeça apoiava-se na mão esquerda, mas cedo ficou bastante inquieta na sua cadeira tipo "Kennedy" e começou a mexer-se. Usou algumas pausas. A voz foi média.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Queria continuar a discussão que iniciámos na nossa última sessão.

Agora. Como vos disse no passado, o indivíduo sobrevive de facto à morte física, mas há uma reorganização dos elementos psicológicos que compõem a personalidade. A personalidade, mesmo tal como a conhecem, nunca é estática — está sempre a mudar — e nem o ego é o mesmo de um dia para o outro.

O ego da criança não é o ego do adulto. Regra geral percebem a semelhança e ignoram as diferenças de padrões psicológicos deste género.

O ego não é a parte mais poderosa nem a mais conhecedora do eu. É simplesmente uma parte bem especializada da personalidade, bem equipada para operar sob certas circunstâncias.

Quando essas circunstâncias deixam de existir, então outras camadas do eu tomam a posição dominante, e a personalidade realinha os seus componentes psicológicos. O ego não desaparece, porém. Simplesmente passa, nalguns aspetos, para o banco de trás — tal como o vosso subconsciente o faz durante a existência física.

Quando dormem, o ego desfoca-se, mas continua presente, e as suas metas e atitudes, até certo ponto, colorem as experiências de sonho. A personalidade sobrevivente tem, em muitos aspetos, uma relação algo semelhante com o ego àquela que a personalidade sonhadora tem com ele agora.

É um grande erro imaginar que o ser humano tem apenas um ego. O ego representa meramente qualquer padrão de características — características psicológicas — que aconteçam estar dominantes em determinado momento. Se se fizesse uma investigação a sério, ficaria evidente que, durante uma vida, qualquer indivíduo manifestará vários egos, por vezes bastante diferentes, em diversas alturas, cada um vendo-se, com toda a honestidade, como o "eu" permanente.

Uma personalidade sobrevivente, em muitos aspetos, é psicologicamente bem diferente do indivíduo que foi. O ego está agora sob o controlo daquilo a que se pode, em termos lato, chamar o eu interior.

Quando têm lugar comunicações entre uma personalidade sobrevivente e uma personalidade que existe dentro do sistema físico, então isso envolve, novamente, um reembaralhamento por parte da personalidade sobrevivente, em que ao ego é momentaneamente dada maior rédea.

Há o mesmo tipo de desorientação que o ego experiencia na realidade física quando um indivíduo sonha. O mesmo tipo de reordenamento psicológico ocorre. Se não ocorresse, então, na maioria dos casos, a comunicação não seria possível, simplesmente porque a personalidade sobrevivente teria tanta dificuldade em impressionar a personalidade que ainda está orientada para o ego dentro do sistema físico.

A personalidade sobrevivente, por exemplo, depende principalmente da comunicação telepática. A personalidade sobrevivente não pensa em termos de palavras, mas experiencia conceitos de modo muito mais direto. Este tipo de coisa não poderia ser entendido pelo indivíduo orientado fisicamente.

(O Seth começou a falar destes pontos nas sessões muito iniciais. Pela 15.ª sessão, já explicava o papel da Jane como tradutora, a pôr conceitos em palavras, etc. Ver Volume 1.)

Portanto, a personalidade sobrevivente insere momentaneamente o seu ego na antiga posição. Pode então interpretar esses dados em termos que possam ser recebidos e entendidos. Esta remontagem causa, todavia, alguma desorientação da parte da personalidade sobrevivente. O ego, de novo na posição dominante, encontra circunstâncias difíceis de gerir; está a ser-lhe pedido que manipule de uma maneira que lhe é desconhecida. O eu interior da personalidade sobrevivente dá a este ego remontado conceitos do mesmo modo que, muitas vezes, o subconsciente dá conceitos ao ego na existência física.

Este ego remontado tenta então perceber esses conceitos em termos de perceções sensoriais, que são enviadas como comunicações para o indivíduo físico na outra ponta. Por vezes as comunicações são feitas

diretamente, embora tenham de ser peneiradas pelo subconsciente do indivíduo físico. Quando o indivíduo físico está treinado nestas linhas, no entanto, ajuda nesse processo, e ergue-se um enquadramento psicológico, como uma ponte, que serve para ligar as duas personalidades.
Sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 21:31. A Jane estava dissociada como de costume para uma primeira transmissão. Os olhos abriram-se uma vez, brevemente, quando sorveu vinho. Não fumou. O ritmo acelerara consideravelmente e a inquietação na cadeira continuara. Ela não tinha consciência disso. Ver o material da "ponte psicológica" do Seth na página 14.

(A Jane retomou do mesmo modo às 21:40.)

Agora. Quando considerarem que, no sono, o ego não é dominante, então não vos deverá parecer estranho que não o seja após a morte.
No sono, não há necessidade de ele ser dominante, nem a há em condições de sobrevivência. No sono, outras áreas do eu estão a ser treinadas através do seu próprio tipo de experiência, e organizações psíquicas são construídas, dispensadas e reconstruídas de novo, numa espécie de manobra de prática.

Estes níveis do eu já tiveram autoconsciência noutras existências, antes da presente. Mas não podem ser deixados completamente adormecidos; têm de reafirmar continuamente as suas características e capacidades.

Partilham, portanto, a vida física convosco, quer o ego o reconheça quer não. Após esta existência, o ego também não permanecerá adormecido. Simplesmente deixará de ser a entidade psicológica dominante que é durante a existência física.

Estou ciente dos vários eus egotistas que fui. Continuo a ser cada um desses eus, mas o eu total que sou é agora o dominante. A estrutura psicológica mudou, mas mudou não só em realinhamentos, como em qualidade. Pois tenho consciência de todos os meus eus.

(O Seth começou este material na 13.ª sessão. Ver Volume 1.)

Nas minhas comunicações convosco, falo como o meu eu total, e não em nome de nenhum dos egos que foram dominantes noutras existências. Se eu tivesse conhecido qualquer de vós como contemporâneo dentro do vosso tempo físico na vossa existência atual, então, após a morte, teria assumido de novo o ego dominante pelo qual me havíeis conhecido. Não estou, porém, ligado à existência física por fortes laços emocionais, e a minha estrutura de personalidade é mais avançada do que é habitual nos comunicadores de outros sistemas.

Não preciso, portanto, de adotar um ego passado. Talvez por isso não ser necessário, seja necessária a ponte psicológica de que falei para tornar as minhas comunicações compreensíveis ao Ruburt.

(O ritmo da Jane tinha agora abrandado consideravelmente. A sua inquietação também diminuíra. Fez uma longa pausa antes de continuar.)

Este enquadramento psicológico conetor faz parte da tradução por mim, aquela que um ego reconstituído faria por mim. Entrega a informação ao Ruburt de um modo que ele possa compreender. Ocasionalmente comunico sem este enquadramento psicológico, como quando o impressiono diretamente, telepaticamente, com um conceito.

Quando ele recebe dados sob a forma de imagens, o enquadramento psicológico está a operar. Do meu lado, este enquadramento projeta imagética e, sob a minha direção, usa as associações pessoais do Ruburt para orientar as suas impressões para o ponto correto. Depois, quando temos êxito, insiro os dados corretos.

Sou um comunicador. A chamada personalidade de controlo, no nosso caso, é inteiramente passiva — o enquadramento psicológico a que me referi — e assim continuará.

Agora podem fazer uma breve pausa antes do nosso material do Instream.

(Pausa às 21:59. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados e o ritmo abrandara para o fim da transmissão.)

Agora. Deem-nos, por favor, um momento. Daremos o objeto em breve.

Antes de mais, tenho a impressão de uma bicicleta. Talvez um estafeta de recados numa bicicleta.

A impressão de um bolo de aniversário.

O objeto é um pequeno objeto redondo numa pequena caixa quadrada.

Há também algodão na caixa. O objeto tem algo da forma de um anel, mas não é um anel. O círculo não está completo. É de uma cor acinzentada, como pedra. Talvez algo salpicado, e é muito antigo.

A inicial P parece estar ligada a ele, e tem ligação com outro país também, e passou por muitas mãos. Está gasto e algo triangular, no sentido em que—

(A Jane fez agora uma longa pausa, sentada com a mão direita erguida aos olhos fechados às 22:11.)

— onde a zona do círculo não está completa, está distorcida até a um ponto e, creio, partida ou aberta no lado oposto. Deste modo, veem.

(Com os olhos ainda fechados, a Jane fez agora um gesto amplo com ambos os braços à sua frente. Fiz um desenho rápido do que pensei que ela indicava, com ambas as mãos. O meu esboço está à esquerda em baixo. O da Jane está à direita, feito no intervalo seguinte:)

(Cc O PE)J .')

É mais pesado do que um anel.

Houve recentemente uma variedade de circunstâncias com as quais o Dr. Instream não está satisfeito. Uma envolvendo um homem com bigode e uma mudança de localizações.

Tens um envelope para mim?

("Tenho."

(A Jane fez uma pausa às 22:15. De olhos ainda fechados, recebeu de mim o habitual duplo envelope. Desta vez não o segurou contra a testa, mas ao colo. A mão esquerda erguida aos olhos. Foi a nossa 41.ª experiência deste tipo.)

Dá-nos um momento, por favor.

O número quatro no centro de um quadrado. Uma ligação com um volte-face e com uma rua ou avenida, como avenida de fuga.

Papel branco com pequena margem implícita. Uma data de julho. Um bilhete, curto, que não ocupa todo o espaço disponível.

Símbolos ou iniciais no canto inferior esquerdo. Tendo que ver com uma casa, ou residência.

O aspeto de uma escrita cuidada e regular, com letras pequenas. O parágrafo principal formando uma forma retangular bem definida, bem "quadrada". Um bloco de matéria.

Cor no topo, como tiras. Ligação com um cão.

Tens alguma pergunta, Joseph?

(Foi a minha quinta oportunidade de questionar o Seth sobre dados do envelope. Ver o segundo parágrafo dos dados acima.

"Estou a pensar numa parte dos primeiros dados aqui; pareces estar a falar de uma carta ou bilhete. Qual é a ligação com o objeto do envelope?")

Deem-nos um momento, por favor.

Foi enviado um bilhete, creio, relativo ao objeto.

Tenho a impressão de uma forma retangular de aspeto sólido, no centro de um objeto branco maior. A menor composta por pequenas formas que foram interpretadas como escrita.

Sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 22:25. A Jane estava dissociada como de costume e os olhos tinham permanecido fechados. Fizemos as ligações que pudemos, mas falhámos algumas que o Seth indicou depois; então pareceram bastante

óbvias. Também se revelou que tínhamos algum conflito de terminologia, como se verá, e como o Seth sugere nos últimos dados acima.

(Ver o traçado do objeto do envelope na página 20. O bilhete está impresso em tipo negro carregado sobre cartão amarelo. Na página 24, o Seth afirmou que, quando a Jane recebe imagens, está a operar o enquadramento psicológico entre o Seth e a Jane; nesses casos, o Seth não dá à Jane os dados do envelope através de conceitos, direta e telepaticamente. A Jane teve algumas imagens esta noite.

"'O número quatro no centro de um quadrado.' Não estabelecemos ligação aqui, embora o Seth aponte uma interessante, algo distorcida, após o intervalo.

'Uma ligação com um volte-face' refere-se, cremos, a termos aceite o bilhete do amigo do Leonard — ver página 21 — e depois não termos ido ao evento.

'e uma rua ou avenida, como avenida de fuga.' Uma rua, Gray Street, está impressa no objeto. Pensamos também que os dados de fuga se referem ao nosso não desejarmos comparecer ao evento representado pelo bilhete.

'Papel branco com pequena margem implícita. Uma data de julho. Um bilhete, curto, que não ocupa todo o espaço disponível.' Estes são os dados que pedi ao Seth que ligasse ao objeto do envelope. A resposta dele foi que foi enviado um bilhete, presumivelmente ao nosso vizinho da frente, Leonard Yaudes, relativo ao objeto. A Jane e eu não sabemos se assim foi, e provavelmente não perguntaremos ao Leonard; ele não sabe destas sessões.

'Símbolos ou iniciais no canto inferior esquerdo. Tendo que ver com uma casa, ou residência.' Perto do canto inferior esquerdo do objeto está impresso o nome do hotel onde o evento da VFW ia realizar-se, juntamente com as salas específicas. Perguntamo-nos se a menção de casa ou residência por parte de Seth/Jane se referia a um hotel, por via de uma distorção próxima.

'O aspeto de uma escrita cuidada e regular… Um bloco de matéria.' A Jane disse que estes dados se referiam ao objeto impresso do envelope, embora tenha usado a palavra escrita em vez de tipo. Eu perguntava-me se o uso da palavra escrita era uma referência ao bilhete enviado em ligação com o objeto, mas a Jane disse que não. Ela não está consciente da diferença entre os termos escrita, lettering e tipo, por exemplo. Teve aqui uma imagem, de palavras pequenas e regulares sobre uma forma retangular; mas o meu inquérito não conseguiu apurar se ela distinguia,

aqui, entre tipo, escrita, etc., nessa forma retangular. Sabia apenas que havia palavras presentes.

(Depois de discutirmos este ponto, a Jane acrescentou que é possível ter tido também uma imagem, muito vaga, do bilhete referido anteriormente nos dados. Isto pareceu voltar-lhe à mente após a nossa discussão; não o mencionou durante a sessão, mas quando eu dactilografava estas notas. Isto poderia explicar a referência a um "parágrafo principal" acima. Mas, ao dar os dados acima, a Jane teve a imagem de uma forma retangular e de um bloco de matéria com margens cuidadas.

'Cor no topo, como tiras.' O objeto é amarelo, portanto a referência a cor pode estar algo distorcida. A Jane disse que acreditava que as tiras se referiam às linhas pretas impressas do objeto. Outra cor, Gray Street, é também mencionada nos dados, e indiretamente.

'Ligação com um cão.' Fiquei em branco aqui. A Jane propôs uma ligação talvez duas vezes afastada do objeto. O Leonard Yaudes tem uma namorada que tem um cão; ocasionalmente deixam o cão no apartamento do Leonard quando saem. A ligação seria a de que o objeto veio do apartamento do Leonard. É fraca, porquanto a rapariga em questão não é a mesma que estava presente no apartamento a 20 de novembro de 1965, quando a Jane e eu recebemos o objeto. A Jane não sabia se a sua interpretação estava correta.

'Foi enviado um bilhete, creio, relativo ao objeto.' Esta foi a resposta do Seth à minha pergunta sobre os dados 'papel branco, julho, bilhete'. Ver página 26.

'Tenho a impressão de uma forma retangular de aspeto sólido…' Como referido, por escrita a Jane queria dizer impressão, ou tipo. A Jane disse que isto é outra referência ao objeto.

(A Jane disse ser possível que o "objeto branco maior" se referisse ao envelope interior usado como rotina nas nossas experiências. Este envelope é talvez metade de novo maior do que a maior dimensão do objeto de hoje, e é quase quadrado. Ponho o objeto neste envelope, coloco-o entre duas folhas de cartão Bristol grosso cortadas à medida para caberem dentro do segundo, ou envelope exterior. Não me ocorreu pedir ao Seth que esclarecesse este ponto.)

A Jane retomou, ainda com os óculos postos mas de olhos fechados, às 22:42.

Ora bem. Não sei se valeu a pena entrar neste teste em detalhe.

Uma boa parte foi legítima, mas não interpretada com precisão suficiente. Quer estivesse ou não envolvido um teste como este, os termos

do Ruburt e os teus não coincidiriam quanto ao material impresso e por aí fora.

A casa ou residência tinha que ver com as palavras “room” e “hotel”, claramente escritas no objeto.

A rua, ou “avenida de fuga”, devia ter sido separada. Uma rua foi mencionada no objeto, e vocês desejavam fugir a comparecer ao evento referido no objeto.

A cor mencionada não foi clara, e a ligação era com a rua, que era Gray Street. O — digamos — material impresso estava cuidadosamente dividido por tiras de preto.

O quatro, infelizmente, saiu completamente ao lado. Eu estava a tentar fazer chegar ao Ruburt a palavra war. Quis a palavra war no plural; porém, o plural deu-lhe a ideia do número, que se misturou com o som de war, em four.

(Conferir o texto impresso no centro do objeto. Ao lado da palavra “wars”, ali, vemos as palavras “for” e “foreign”. O Seth mencionou “o número quatro no centro de um quadrado”. O objeto do envelope é retangular e não quadrado. Perguntámo-nos se a referência ao quadrado seria ao “objeto branco maior”, mencionado no fim dos dados do envelope.

Ver página 27. O envelope interior usado nestas experiências é quase quadrado.)

O cão era legítimo, mas demasiado afastado. Receberam o cartão no apartamento de um amigo. O amigo tem uma namorada com um cão. Ela leva o cão com ela nas visitas.

("Foi a rapariga que estava a visitar o Leonard na noite em que nos deram o objeto?")

Não. O Ruburt pode explicar agora a ligação aqui. É-lhe agora evidente.

A menos que tenham mais perguntas, terminaremos a sessão.

("Porque é que a Peggy Gallagher não apareceu hoje?

(Ver as notas na página 21)")

Uma mudança de planos. Tendo que ver com uma perturbação.

("Mas ela tencionava vir, no entanto?")

Tencionava, mais cedo, sim. Depois tornou-se evidente que não podia.

("A que horas lhe ficou evidente que não podia vir?")

Uma ligação com as 3 horas. Creio que esta tarde.

("Boa noite, Seth."

(Fim às 22:53. A Jane esteve dissociada como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados. Nas minhas previsões diárias para hoje,

feitas ontem, eu anotara que a Peggy não apareceria esta noite. Fi-las às 15h00.)

SESSÃO 243
21 DE MARÇO DE 1966

(A 42.ª experiência do envelope foi realizada durante a sessão. Ver o traçado na página 29. O objeto é o recibo de seguro da fita da 170.ª sessão, que foi enviada ao Dr. Instream a 23 de julho de 1965. A gravação foi feita com os Gallaghers como testemunhas, em sua casa, nos arredores de Elmira, NY, a 19 de julho de 1965.

(A Peggy Gallagher era esperada esta noite, para fotografar a Jane em transe. A Peg também era esperada na 242.ª sessão, mas não apareceu. Nessa sessão, o Seth disse-nos que ela não viera por causa de "Uma mudança de planos. Tendo que ver com uma perturbação. Uma ligação com as 3 horas, creio que esta tarde."

(Confirmámos com a Peggy este fim de semana. Como disse o Seth, ela não apareceu; as atividades planeadas no jornal onde trabalha mudaram inesperadamente; foi enviada para fora da cidade na quarta à noite, hora da 242.ª sessão. A Peggy recebeu a incumbência durante a tarde, disse, e pode ter sido por volta das 15h00; não sabe a hora exata. O Seth, ou a Jane, enganou-se, porém, no dia. A Peggy recebeu a tarefa fora da cidade um dia mais cedo, terça-feira, 15 de março.

(Não houve perturbação no jornal até quarta da semana passada, disse a Peggy, mas houve uma muito clara, envolvendo o gerente e o editor da cidade, na quinta, 17 de março. Isto abalou toda a redação e resultou numa suspensão. Como o Seth se atrasou um dia quanto à mudança de planos, perguntámo-nos se não teria adiantado um dia quanto à perturbação.

(À hora do jantar desta noite fomos informados de que, uma vez mais, a Peggy não poderia vir hoje. Como não temos telefone, ligou a um vizinho, que transmitiu a informação de que a Peggy não podia vir porque surgira "algo urgente".

(Sexta-feira passada a Jane recebeu a notícia de que o seu artigo sobre as experiências de envelope foi rejeitado pela Fate Magazine. Na 233.ª sessão, o Seth disse que o artigo seria vendido, sem nomear o comprador, "desde que o Ruburt siga o caminho que lhe foi traçado". Ver Volume 5, página 287.

(Como queríamos que o Seth falasse dessa previsão, isso deu-nos a ideia de verificar alguns outros materiais de sessões recentes. Redigi as notas sobre estes e li-as à Jane pouco antes da hora da sessão, pensando

que, se o Seth não cobrisse todos os pontos esta noite, pelo menos se poderia iniciar.

(Ver as notas na página 269, Volume 5, da 232.ª sessão, sobre o recente livro de poesia da Jane e o pedido do editor da Jane, F. Fell, de que lho enviasse juntamente com uma fita de alguns poemas, também pela Jane. Na 277.ª sessão o Seth disse que este livro seria publicado. O F. Fell devolveu o livro há um par de semanas, e ele está agora nas mãos de outro editor. A Jane não esperava seriamente que o Fell aceitasse este livro, mas quer ainda ouvir o Seth sobre isso. A Playboy Press também rejeitou o livro de poesia. Ver as notas na página 312, Volume 5. O Seth não nomeou nenhum editor específico nas suas previsões, nem nós perguntámos.

(Na 210.ª sessão, de 22 de novembro de 1965, o Seth afirmou que detetara uma "malignidade incipiente" em Helen Dyer, que é amiga da nossa senhoria, Marian Spaziani. Ver Volume 5, página 81. Estes dados foram dados depois de as duas mulheres nos terem visitado. Nada mais soubemos sobre isto, nem do Seth nem das duas mulheres. No fim de semana passado, o marido da Marian, Jimmy, disse-nos que a própria Marian terá de ser operada para remover um tumor num ovário. Como o Seth mencionou a região abdominal em ligação com a Helen, perguntamo-nos sobre possível distorção da parte da Jane aqui. O material da 210.ª sessão estava, no entanto, fortemente focado na Helen.

(Na 229.ª sessão, o Seth detalhou os problemas fiscais do nosso senhorio, Jimmy Spaziani. Se o Jimmy tem problemas de impostos, nada sabemos, nem ouvimos rumores. Como temos visto o Jimmy algumas vezes recentemente, perguntamo-nos se a Jane teria captado alguma informação telepática. O Seth mencionou dificuldades legais para o Jimmy em ligação com a data de 15 de março. O Seth viu também uma possível doença futura para o Jimmy.

(Na 234.ª sessão, o Seth tratou de previsões e livre-arbítrio. Na página 293, Volume 5, declarou que está longe de ser omnipotente — "Nem, estritamente falando, tal omnipotência é possível." Ver também outras sessões recentes, sobre probabilidades. A Jane e eu perguntámo-nos que papel poderão ter tido as probabilidades em quaisquer das datas acima.

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. Não estava a fumar; a voz era média, o ritmo novamente lento, com muitas pausas.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Algumas observações gerais após a nossa última discussão, sobre as nossas sessões.

Tem lugar aqui um afinar fino do foco, em que as capacidades do Ruburt são focadas em novas direções, direções que são desconhecidas para o ego. Também do meu lado está envolvido um foco, e forma-se uma espécie de síntese que nos permite transpor a distância que separa os nossos campos de ação.

O treino envolvido da parte do Ruburt resulta numa utilização de capacidades — e para o seu uso consciente. Isto é, as capacidades não estão a ser desenvolvidas ao acaso, apesar das suas inclinações, mas em resposta às suas inclinações. A personalidade, portanto, está a ser altamente desenvolvida.

Ora, este desenvolvimento ajuda-me, pois preciso do seu desenvolvimento para que as minhas comunicações sejam mais claramente apresentadas e recebidas. Basicamente, porém, tudo isto se passa em camadas profundamente inconscientes. Capacidades e energias são libertadas. Contudo, não podem ser impostas por vontade, a nível consciente.

Conscientemente, o Ruburt pode aprender a notar várias circunstâncias que parecem facilitar ou inibir as suas capacidades, e as nossas comunicações, mas as próprias capacidades desenvolvem-se segundo princípios inconscientes. Posso tirar partido desses princípios e, até certo ponto, usá-los, mas não posso ignorá-los.

É óbvio que eu também sou orientado pelo meu próprio inconsciente, pois há sempre um princípio que não se torna consciente. Isto é uma reserva, representa um excesso — é eternamente inexprimível.

Agora. Não vou discutir muitos dos vossos pontos esta noite. No entanto, o livro de poesia será, de facto, vendido.

O material relativo à amiga da vossa senhoria era legítimo. O material relativo ao vosso senhorio era legítimo. Probabilidades estão envolvidas neste caso, porém.

(A Jane fez agora uma pausa. Os olhos ainda estavam fechados.

Inclinou-se para a frente na cadeira de baloiço, cotovelos nos joelhos, cabeça baixa. A pausa foi bastante longa e a voz estava mais baixa quando retomou às 21:14.)

Deem-nos um momento, por favor.

Agora, vamos ao nosso próprio ritmo aqui. São impressões.

Quatro. A palavra Margarida, creio. Uma crise envolvendo saúde. Um médico. Iniciais R G. As palavras monosodium, e uma palavra longa que começa com G ou tem o som de G.

Oito, talvez oito horas, mas não tenho a certeza aqui.

A segunda letra da palavra longa, ou a terceira, é, creio, um L. Talvez haja uma ligação com olhos, e-y-e-s.

Uma ligação com um homem que pode ser considerado um estranho a um grupo. Ele está ligado à crise. Sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 21:21. A Jane estava bem dissociada para um primeiro intervalo, disse ela. Os olhos tinham permanecido fechados. O ritmo fora lento no fim da transmissão. Surpreendeu-a a pausa precoce, mas mais ainda as impressões dadas, pois não as esperava.

(Não sabíamos a quem se referiam particularmente, mas pensámos nos Gallaghers, já que a Peggy cancelara a sua vinda para a sessão desta noite por causa de "algo urgente". O primeiro nome da Peggy é Margaret, note-se, e não Marguerite.

(Pensei que a segunda das duas palavras longas para que o Seth procurava poderia ser glutamate, após o conservante alimentar monosodium glutamate. Julgo que, uma vez, li que o químico também tinha uso médico, mas não consegui lembrar-me.

(Enquanto a Jane estava a repousar no intervalo, a olhar distraidamente para o chão, recebeu a palavra "mine". Não sabe se foi do Seth ou se é uma produção dela. Em duas experiências recentes de envelopes, a Jane usou a palavra mine, ou a imagem subterrânea assim evocada, para se referir a uma cova, significando morte.

(A Jane começou a falar a um ritmo muito mais rápido. Os olhos abriram-se logo que começou, bem abertos, e assim permaneceram algum tempo. A transmissão rápida foi entrecortada por pausas curtas. Retoma às 21:30.)

Agora. O corpo físico atua, muitas e consistentemente, com base em conhecimento subconsciente, mas, para impressionar a consciência, tal informação tem de ser transportada por algum tipo de impressão sensorial, seja esta uma pseudoimpressão sensorial, seja uma mais normal.

Algumas impressões sensoriais ficam abaixo do limiar da consciência — impressões vindas do ambiente exterior. Algumas impressões, porém, têm a sua origem na realidade interior, e a personalidade está a receber informação não disponível ao eu egotista. Se tais dados interiores hão de tornar-se de algum modo conscientes, têm de ser traduzidos em termos que o ego reconheça. Por outras palavras, em dados sensoriais.

Os dados sensoriais podem, portanto, ser o resultado da perceção do ambiente exterior e do interior. É mais simples traduzir informação do ambiente exterior em dados sensoriais. É mais difícil traduzir dados interiores deste modo. Há distorções frequentes — mas também há

distorções frequentes em perceções sensoriais mais vulgares. Os dados interiores assim traduzidos têm de ser construídos do nada, por assim dizer.

No mundo físico há uma ilusão de continuidade contra a qual os dados sensoriais podem ser verificados. Não há um sentido semelhante de continuidade, por regra, contra o qual se possam verificar perceções sensoriais que são traduções de dados interiores.

Há uma semelhança significativa entre as perceções sensoriais que são traduções de dados internos e as perceções sensoriais que ocorrem nos sonhos, na medida em que ambas são relativamente fugazes. Ambas são altamente simbólicas. Ambas são métodos de aproximar o conhecimento profundo dos domínios do eu egotista. Ambas envolvem culminações formadas por vários níveis do eu e, no entanto, são impressas no organismo físico. Têm de ser registadas pelo eu físico de uma forma ou de outra, para que a informação se torne de algum modo consciente.

Agora. Nas primeiras impressões que te dei esta noite, eu estava a experimentar algo novo, e dar-te-emos mais informação quando pudermos.

Estávamos a lançar a nossa rede de consciência num grande círculo, por assim dizer, para ver o que conseguiríamos apanhar, e os resultados deverão revelar-se bastante interessantes. Sugiro uma pausa muito breve e continuaremos.

(Intervalo às 9:48. A Jane tinha voltado a estar bem dissociada. Disse que sentiu o Seth bastante intensamente esta noite e que não se lembrava de muito do material. Os olhos, depois de estarem bem abertos após o intervalo, fecharam-se e assim permaneceram durante o resto da transmissão.)

(Era agora altura da 49.ª experiência do Dr. Instream, embora, como se verificou, isto tenha surgido um pouco mais tarde do que o habitual.

Mais uma vez, a Jane falou devagar, com os olhos fechados e a voz bastante baixa. Retoma às 9:59.)

Agora. O material que te dei antes, relativo às tuas finanças, estava aproximadamente correto.

(Tínhamos pedido ao Seth que comentasse algum do seu material esta noite, mas esta pergunta não tinha sido incluída. Ver a 217.ª sessão no Volume 5.)

A viagem a Nova Iorque deve ser feita e, se for feita, será importante para ti. Aconselho-te vivamente a fazer a viagem. Creio que haverá mais mudanças no teu próprio local de trabalho.

("Que tipo?")

Mudanças que te poderão permitir insistir em melhorar a tua própria posição aí. Agora, não me apresses.

(Mais uma vez a Jane inclinou a cabeça. Fez uma pausa, de olhos fechados. Houve mudanças no meu local de trabalho, devido à aposentação da gestão, à consolidação de alguns departamentos e à eliminação de outros, etc.)

Mudanças que implicariam, da tua parte, se vires a oportunidade, não mais tempo, mas pagamento e reconhecimento da responsabilidade que já assumes, no essencial. Uma espécie de mudança envolvendo o teu chefe, creio. Não uma que o retire da empresa, mas uma que possa afastá-lo, de algum modo, do seu departamento imediato, embora continue ligado a ele.

A situação pode ser usada em teu proveito se a reconheceres. A iniciativa poderá caber-te a ti. Não estou claro quanto a isto.

(Que eu saiba, não está a ser contemplada nenhuma mudança desse tipo na Artistic Card Co. Não ouvi conversa nem sequer rumores nesse sentido. O nosso departamento foi recentemente mudado de lugar, mas não houve alterações de pessoal. Mas, como foi dito, têm havido muitas mudanças ultimamente e poderão haver mais. O meu chefe ocupa o cargo atual há cerca de quinze anos. À primeira vista, não consigo imaginar como poderia progredir dentro da empresa, a menos que passasse para a área comercial. É atualmente diretor de arte e membro do conselho.)

(A Jane fez agora outra pausa, às 10:06.)

Agora, dá-nos um momento para o nosso material de Instream. Vou dar um objeto em breve. Primeiro, uma impressão de vários pequenos embrulhos — muitos —, creio, todos do mesmo tamanho, a chegarem até ele ou a serem enviados por ele pelo correio. Talvez envolvam cartões para pontuação. Ou um inquérito. Tenho também a impressão de um objeto que parece uma escova de dentes, mas é usado para limpar outra coisa. Não sei a que isto se refere. Outra ligação separada, ou impressão separada, com uma celebração de algum tipo.

Agora, quanto ao objeto. Um livro, ou um objeto que se assemelha a um. Poderia ser uma caixa em forma de livro. O espaço entre as capas do livro, ou as tampas da caixa, estando colorido e com padrões.

(Longa pausa.)

Os padrões assemelhando-se a círculos imperfeitos — formas — talvez vermelhos, laranja ou amarelos, mas mais do que uma cor. A parte superior do livro ou da caixa de um tom de castanho. Castanho, amarelo ou mais profundo — isto é, mais escuro. Talvez um fecho de lado, para o manter fechado.

(Pausa às 10:12.)

Isto são impressões. Ele escreve na margem. Um tecido roxo, com relevo, com semelhança a tecido de estofos. Tens um envelope para mim?

("Sim.")

(A Jane fez uma pausa às 10:14. Sem abrir os olhos, pegou no envelope para a 42.ª experiência que eu lhe entreguei. Pressionou o envelope brevemente contra a testa e depois baixou-o para o colo.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões. Nove. Uma miscelânea de formas. Uma ligação com uma luz ou um objeto redondo e brilhante que sugere luz. Um motor. Um item esquecido. Algo entornado.

Texto no centro da parte inferior de um item de papel. Elmira, NY, ligado a esse texto. O Ruburt, pelas suas próprias razões, liga isto ao anúncio do casamento da tua sobrinha. Menciono-o para tua edificação. A ligação dele aqui também — mantém isto separado do meu — é da casa antiga usada pela igreja da Ciência Cristã. Uma porta que é escura, ou que se abre para a escuridão. Doze. Uma ligação com um rio ou água. Talvez isto não seja mais do que Water Street. Não sei aqui, por isso confirma.

Formas circulares. Talvez quatro cabeças. Tens alguma pergunta?

(Esta é a minha sexta oportunidade de interrogar o Seth relativamente a dados de envelope.)

("Podes desenvolver os dados das quatro cabeças?")

Dá-nos um momento. Quatro cabeças vieram da impressão de formas circulares. Aqui interpretadas como estando ligadas a quatro pessoas. Talvez a uma mesa.

(A Jane fez mais uma pausa e pareceu esperar expectantemente. Esta foi a minha primeira tentativa de uma segunda pergunta durante uma experiência. Ainda não tínhamos discutido a possibilidade de mais do que uma pergunta, mas evidentemente o Seth — ou a Jane — está a habituar-se à ideia de perguntas de envelope tão rapidamente que, em breve, as perguntas poderão ser feitas com calma.)

(Até à data, tenho escolhido perguntas gerais. Não creio que sejam orientadoras e, geralmente, trazem mais dados.)

("Queres dizer algo sobre a cor do objeto, se houver?")

Branco, ao que parece, com uma grande forma oval mais escura. Uma data ligada a isso. Linhas pretas, bastante nítidas, uma em cima, em baixo e em dois lados. Verticais. Isto é, linhas verticais em cima e em baixo e horizontais nos lados.

(A Jane gesticulou com alguma força com o envelope enquanto dava estes dados. Os olhos mantiveram-se fechados.)

Uma moldura branca, com bordas irregulares, ou bordas ligeiramente enroladas.

(Mais uma vez a Jane fez uma pausa, sentando-se tranquilamente com os olhos fechados. Esperei um momento para ver se ela retomava.)

Se tens uma pergunta, podes fazê-la. Caso contrário, podemos fazer um intervalo.

("E quanto a mais detalhes sobre a referência ao motor?")

Algo pulsa como um motor. Sugiro o teu intervalo.

(Intervalo às 10:25. Mais uma vez a Jane disse que estava bem dissociada; não se recordava de muito do que dissera. Os olhos permaneceram fechados desde o último intervalo, e o seu andamento foi razoável.)

(Ver o decalque do objeto do envelope na página 29. Como foi referido, é o recibo do seguro da gravação da 170.ª sessão, feita a 19 de julho de 1965 em casa dos Gallagher, com eles como testemunhas. O recibo tem carimbo manual de 23 de julho de 1965, o dia em que a gravação foi enviada ao Dr. Instream.)

(O recibo é retangular; em ligação com esta forma, a Jane disse que tinha uma imagem interior, de cor esbranquiçada. Era retangular e de proporções aproximadas às do objeto. Estava consciente de linhas pretas sobre ele. Viu-o de pé numa das extremidades estreitas. Isto é bastante possível, já que reparei durante a experiência que ela segurou o envelope selado em vários ângulos. Recorda também que ela indicou branco em ligação com a cor do objeto, em resposta à minha segunda pergunta. O recibo é verde.)

(A Jane e eu estabelecemos bastantes ligações por nós próprios e não pedimos mais ao Seth, uma vez que ele passou para outro material.)

("Nove." Não temos a certeza, pois não perguntámos ao Seth. As sessões costumam começar às 9:00 em ponto. A 170.ª sessão, representada pelo objeto do envelope, começou de facto às 8:57.)

("Uma miscelânea de formas." Esta expressão surge frequentemente nos dados a descrever palavras, números, outro pequeno material impresso repetitivo. O objeto está coberto de texto impresso em ambos os lados.)

("Uma ligação com uma luz ou um objeto redondo e brilhante que sugere luz." A Jane disse que esta é a sua interpretação dos primeiros dados do Seth relativos ao carimbo circular no objeto. Mais tarde nos dados ela torna-se mais específica.)

("Um motor." Uma referência ao motor do nosso gravador. A Jane disse que isto está ligado à última referência: "Algo pulsa como um motor", em resposta à minha terceira pergunta.)

("Um item esquecido." Deixei a minha caneta preferida em casa dos Gallagher na noite em que gravámos a 170.ª sessão. A Peggy encontrou-a

mais tarde e devolveu-a. Sou apegado a esse tipo particular de caneta, por as achar fáceis para tomar notas das sessões.)

("Algo entornado." Tanto a Jane como eu temos memórias vagas de algo ter sido entornado em casa dos Gallagher nessa noite, quando a 170.ª sessão foi gravada. Acreditamos que foi uma bebida. Vamos confirmar com o Bill e a Peggy.)

("Texto no centro da parte inferior de um item de papel."

Independentemente do lado do objeto-envelope que estivesse virado para cima, haveria texto no centro do lado inferior. A Jane mudou frequentemente a posição do envelope, enquanto o segurava ao dar os dados.)

("Elmira, NY, ligado a esse texto." Elmira, NY, está incluído no carimbo do recibo. Estes dados indicariam, então, que enquanto a Jane segurava o envelope, "esse texto", incluindo o carimbo, estava no lado inferior.)

(O parágrafo seguinte de dados de envelope não se aplica ao objeto do envelope. Estas são as impressões da Jane, como o Seth notou, e referiam-se ao casamento da minha sobrinha e à Igreja da Ciência Cristã.)

("Uma porta que é escura, ou que se abre para a escuridão." A Jane e eu tivemos o mesmo pensamento, independentemente, antes do mencionarmos: que esta impressão se referia ao traçado da casa dos Gallagher, onde a 170.ª sessão foi gravada. A sessão realizou-se na sala de estar deles. Um corredor sai dessa sala e conduz até à cozinha. Outras divisões abrem-se para esse corredor de ambos os lados. Normalmente, quando os visitamos, vemos uma luz acesa na cozinha.)

(Recordo que, na noite específica da sessão de gravação, não queríamos ser interrompidos. Por isso, tínhamos as cortinas corridas na sala de estar e todas as outras luzes apagadas. Assim, o corredor que liga a sala de estar à cozinha estava escuro. Como não perguntámos ao Seth, não podemos ter a certeza de que a nossa interpretação esteja correta.)

("Doze." Ver o verso do objeto-envelope. Como indicado no decalque, há instruções sobre apresentação de reclamações por objetos perdidos. É mencionado um prazo de um ano.)

("Uma ligação com um rio ou água. Talvez isto não seja mais do que Water Street. Não sei aqui, por isso confirma." Existem muitas ligações entre o objeto e a nossa residência na West Water Street, Elmira, NY.)

(«Formas circulares. Talvez quatro cabeças.» Quatro pessoas estavam presentes quando a 170.ª sessão, representada pelo objeto envelope, foi registada: a Jane e eu, e o Bill e a Peggy Gallagher. Quatro cabeças, claro, também podiam referir-se a moedas ou couves. Eu sabia

que quatro pessoas estavam presentes na 170.ª sessão. Não pensei que estivesse a dar informações à Jane quando fiz a minha primeira pergunta, relativa ao desenvolvimento dos dados sobre as quatro cabeças. Do ponto de vista dela, eu podia ter escolhido tanto um dado que eu soubesse estar errado, ou sobre o qual nada soubesse, como algo que fosse correto.)

(«Dá-nos um momento. Quatro cabeças surgiram a partir da impressão de formas circulares. Aqui interpretadas como estando ligadas a quatro pessoas. Talvez numa mesa.» O Seth/A Jane deu estes dados em resposta à primeira pergunta, e são mais específicos na medida em que pessoas, enquanto tal, são mencionadas. Nenhum de nós se sentou a uma mesa, no entanto, durante a gravação ou na noite; os Gallagher não têm tal mesa na sala de estar.)

(Até indicação em contrário, os dados seguintes resultam da minha segunda pergunta.)

(«Branco, ao que parece, com uma grande forma oval mais escura.» Como referido na página 36, a Jane teve a imagem mental de um objeto retangular que era esbranquiçado, com linhas. Daí as referências persistentes a um objeto branco em vez da cor verde real. O carimbo é redondo; "oval" significa redondo, ou algo quase redondo? Talvez o significado seja subjetivo, bem como o tamanho do carimbo em relação ao tamanho do objeto como um todo.)

(«Uma data ligada a ele.» O carimbo no recibo tem uma data.)

(«Pretas, linhas bastante nítidas, uma em cima, em baixo e em dois lados. Verticais, isto é, linhas verticais em cima e em baixo, e horizontais nos lados.» O recibo do seguro contém linhas pretas nítidas, tanto horizontais como verticais na frente, e apenas horizontais no verso. Como foi referido, a Jane mudou frequentemente a posição do envelope enquanto dava os dados. Assim, linhas que eram verticais a certa altura tornar-se-iam horizontais, e parece que isto se aplicaria quer em relação a ela como observadora clarividente, quer ao chão ou ao que fosse. Interrogo-me também se alguns destes dados não se referirão às linhas pretas formadas pela matéria impressa no objeto e às suas arestas de aspeto cuidado — topo, lados e base.)

(«Uma borda branca, com arestas irregulares, ou arestas ligeiramente enroladas.» Ao dar este dado, a Jane enfatizou "ir". Ver o traçado do objeto na página 29. As arestas superior e inferior do objeto são serrilhadas ou perfuradas; vários recibos estão contidos numa só página do livro dos correios e são destacados à medida que são usados. Os lados do objeto são direitos.)

(O Seth agora incitou-me a fazer a terceira pergunta, por isso pedi esclarecimentos sobre os dados do motor dados no início da experiência.)

(«Algo bate como um motor.» A Jane disse que o uso da palavra "bate" lhe lembrava o zumbido do motor do nosso gravador. Não obtivemos informação suficiente aqui, mas ela acredita que seja uma referência ao motor do gravador em vez de, por exemplo, ao nosso carro.)

(Cada vez mais, parece que perguntas podem trazer à luz muitos dados durante estas experiências que, de outro modo, poderiam permanecer ocultos. A Jane retomou a um ritmo médio e com os olhos fechados às 10:43.)

Agora vamos, de facto, encerrar a nossa sessão.
O nosso amigo Ruburt está a recuperar novamente, e no seu próprio trabalho também. Agora. Se estás cansado, encerramos imediatamente.

(«Não, estou bem.»)

Então tenho algumas observações pessoais que podes ou não incluir nos registos, como preferires. Doravante darei esse tipo de informação no fim de uma sessão, porque podes eliminá-la, se quiseres, do registo.

(Na 232.ª sessão, de 9 de fevereiro de 1966, o Seth sugeriu que uma parte de uma sessão por mês fosse dedicada às nossas circunstâncias psíquicas e físicas. Concordou com a minha sugestão de tentarmos a primeira sessão após o primeiro dia de cada mês. Não temos sido tão fiéis, mas decidimos fazer esforços mais fortes aqui. Haverá, portanto, mais eliminações no futuro. Nada do material desta noite é cortado. Considero-o esclarecedor e um bom exemplo da forma como o Seth apresenta esse material. Em apenas duas ou três ocasiões no passado eliminámos material pessoal destes registos. Esse material está arquivado e disponível para quem estude estas sessões.)

(O material pessoal que recebemos nas sessões tem sido psicologicamente sólido. A Jane e eu sentimos isso porque, sempre que pusemos em prática as sugestões do Seth, os resultados têm sido excelentes.)

Estás agora fora de perigo, em termos físicos.
Passaste o período em que, no passado, a doença era mais provável. A tarde em casa dos teus pais podia ter desencadeado uma doença, mas não o fez por causa das tuas reações mais racionais.

(A Jane e eu visitámos os meus pais na sua casa, em Sayre, PA, no domingo passado, 20 de março de 1966. Demo-nos bem. Seguindo as sugestões recentes do Seth, geralmente dadas em sessões não programadas, tenho feito esforços conscientes relativamente às minhas reações para com os meus pais. Os resultados têm sido muito bons.)

Não te disse isto antes porque não queria que operasse a sugestão negativa. Se mantivesses boa saúde até e incluindo 20 de março deste ano, estarias a salvo — e estás. E, pela primeira vez em três anos, estás completamente a salvo.

No passado, operou um vírus de um tipo peculiar. Fez-se uma barganha subconsciente, e o teu sonho da outra noite está ligado a isto. Se teremos tempo para o discutir esta noite, não sei.

(Em 19 de março de 1966 tive um sonho longo, vívido e complexo, que me pareceu provavelmente bastante significativo. A Jane concordou e fizemos as interpretações que pudemos por nossa conta. O sonho está anotado no meu caderno habitual.)

Ficaste perturbado psiquicamente por todas as razões que te dei no passado. A barganha subconsciente foi esta: por uma liberdade relativa no resto do ano, aceitaste um vírus que te atacaria a qualquer momento entre janeiro e 20 de março.

O dia 21 de março, vês, significava primavera para ti e, por causa da tua constituição peculiar, a doença só seria permitida atacar durante o inverno, ou a tua conceção de inverno.

(No ano passado adoeci em 24 de março de 1965. Ver a 143.ª sessão no Volume 3. Assim, a minha ideia de primavera não coincidiu exatamente com a do calendário.)

Agora, creio que há comprimidos que, uma vez tomados, voltam a ser ativados dentro de períodos de tempo determinados. Foi assim que o teu vírus atuou, e tu próprio o acionaste. Agora, houve aqui uma ligação com uma vacina, creio que tomada por ti e pela Ruburt, que não te deveria ter afetado de todo.

(«Queres dizer a vacina contra a pólio?»)

Quero.

(Cartões dados à Jane e a mim, na altura, mostram que recebemos a vacina oral antipólio Sabin Tipo I em outubro de 1962 e a Tipo II em novembro de 1962. O cartão da Tipo II continha um aviso no sentido de que informações sobre a Tipo III estariam disponíveis na primavera de 1963, mas, se a memória não falha, a Tipo III nunca chegou a estar disponível para distribuição gratuita ao público nesta área. Em qualquer caso, a Jane e eu nunca chegámos a receber a Tipo III.)

Foste tu que a ativaste, e não te diria isto até a teres conquistado completamente. Normalmente não teria sido perigosa de todo, e não foi perigosa para a Ruburt.

(Enquanto falava, a Jane abriu os olhos e depois levantou-se brevemente para tirar um cigarro de um suporte próximo. Tinha estado bastante inquieta na cadeira.)

Uma sugestão negativa dada pela tua mãe permitiu-te ativá-la. No entanto, de qualquer modo, terias encontrado meios teus. E, mesmo tendo-a ativado, lutaste contra ela.

(Por estranho que pareça — ou talvez não tão estranho assim —, lembro-me com nitidez da minha mãe me ter dado esta sugestão negativa. Houve, nessa altura, bastante publicidade na rádio e nos jornais em relação às vacinas orais. Quando, por acaso, mencionámos aos meus pais que a tínhamos tomado, a minha mãe foi bastante enfática ao sublinhar os perigos de tomar «essas coisas; ainda apanhas pólio», etc.)

Lembra-te de que este episódio teve lugar mesmo antes, ou exatamente quando, estas sessões começaram. Na altura, a Jane e eu sabíamos pouco sobre o poder da sugestão. Recebemos a Tipo II em novembro de 1963, o mês em que começámos a experimentar com assuntos psíquicos. Só mais tarde, no mês, é que começámos realmente a trabalhar com a tábua Ouija; o Seth fez a sua aparição em dezembro de 1963.

Como disse, adoeci com o vírus em março de 1965. Também fui incomodado por um vírus em 1964, algures entre janeiro e março; não tinha o hábito de anotar tais coisas nas sessões então, portanto não tenho registo exato. Lembro-me de que estive doente três vezes nesse inverno, cada vez em menor grau. Os dois primeiros episódios custaram-me vários dias de trabalho cada um. Não me lembro de ter tido quaisquer pensamentos, em qualquer altura, ligando as minhas doenças às vacinas da pólio.)

A doença representou o último traço de uma aversão de longo prazo — e algo exagerada — pela tua posição no mundo, financeiramente falando, que começou quando abandonaste o campo das bandas desenhadas.

Atacaste-te a ti próprio porque, no passado, encontraste prazer em fazer algo e eras bem pago para o fazer. Depois voltaste-te para algo — a pintura — pelo qual não eras bem pago. Ficaste apanhado entre duas reações. Uma, ressentimento contra o mundo em geral; daí ouvires as notícias e escolheres propositadamente as mais flagrantes transgressões do teu semelhante, delas extraindo um prazer perverso.

(Recordo-me bem de fazer isto. O Seth aprofunda a situação na 143.ª sessão.)

A outra foi magoar-te. Agora, levou-te este tempo para recuperares completamente e, sem as nossas sessões, a recuperação teria sido mais

lenta. Agora, a tua energia pode, de facto, borbulhar livremente no teu trabalho.

Podes fazer um intervalo, ou terminar a sessão.

(Intervalo às 11:04. A Jane estava bem dissociada, disse. O seu ritmo tornara-se bastante bom, abrindo os olhos frequentemente. Deixei o campo bem pago das bandas desenhadas precisamente por altura em que conheci a Jane, na primavera de 1954. A Jane retomou do mesmo modo às 11:06.)

Vamos terminar a nossa sessão.

Queria, no entanto, felicitar-te, a ti pessoalmente, José. Agora, a tua próxima linha de esforço envolverá boa saúde no fim do verão, e isso pode ser conseguido. Trabalharemos nisso e, em breve, dar-te-emos algumas sugestões específicas que serão de benefício prático.

As minhas mais calorosas saudações a ambos.

(«Boa noite, Seth.»)

(Fim, presumivelmente, às 11:08. A Jane estava novamente bem dissociada.

(Aqui o Seth refere-se à minha febre-dos-fenos de outono. Na 182.ª sessão não programada, de 28 de agosto de 1965, o Seth disse que o meu pai me passou a sua febre-dos-fenos quando eu tinha cerca de três anos. É verdade que o meu pai perdeu a febre-dos-fenos quando eu era muito novo.

(O Seth discutiu a febre-dos-fenos algumas vezes; com esses bocados de informação, mais o conhecimento e o uso da sugestão, consegui manter-me em condição razoavelmente boa durante a época do outono passado; para mim, vai de meados de agosto até cerca da terceira semana de setembro. Já comecei a dizer a mim mesmo que me sentirei muito bem neste outono. A Jane retomou brevemente às 11:09.)

Agora. Sempre que encontrarem tempo, faremos sessões em que serão dadas sugestões dietéticas precisas para ambos, pois há alergias a operar aqui e vocês não estão a aproveitar a informação que tenho a este respeito.

(«Boa noite, Seth.»)

(Fim às 11:10. A Jane, novamente bem dissociada, disse que o Seth «podia continuar durante horas», mas, por esta altura, já estávamos a ficar cansados. Muitas vezes nos perguntámos se alergias alimentares nos poderiam estar a influenciar. O Seth deu-nos alguma informação sobre a nossa dieta, de modo geral, na 185.ª sessão. Ver Volume 4.)

SESSÃO 244
23 DE MARÇO DE 1966

(O 43.º experimento do envelope foi realizado durante a sessão. O traçado na página 43 é uma reprodução do objeto-envelope, uma página de notas do meu bloco. As notas dizem respeito aos esforços da Jane e meus para precisar as impressões do Seth dadas na página 32 da última sessão.)

(Por vezes a Jane viu objetos-envelope, e por vezes não. Por vezes viu-os apenas uns dias antes, por vezes meses ou anos antes. Seja como for, aparentemente isso não faz diferença nos resultados no que toca ao tempo, ou ao contacto visual prévio. O Seth responde a cargas emocionais; aprendemos que estas cargas não precisam de provir da Jane, de mim ou de um amigo; podem estar relacionadas com um completo desconhecido e ainda assim ser detetadas. Um dia, talvez, estes experimentos com envelopes possam ser correlacionados com vários fatores, sensoriais e de outra ordem. Já há algum tempo que mantemos um registo meteorológico, feito mesmo antes da hora da sessão, e provavelmente há correlações aqui.

Esse registo inclui hora, temperatura, humidade, pressão barométrica, precipitação acumulada, velocidade e direção do vento. Em breve farei uma cópia do quadro para incluir com estas sessões.)

(Também poderá haver correlações via sonhos, mas não fizemos qualquer esforço para estudar isto, nem o Seth foi questionado.)

(A abordagem foi um pouco diferente esta noite, no sentido em que a Jane tinha visto o objeto-envelope talvez duas horas antes da sessão. Ela ajudou-me a compilá-lo para futura verificação com a página 43. Nessa altura eu não fazia ideia de o usar para o experimento; a ideia surgiu mais tarde, algum tempo depois de a Jane ter saído do estúdio. Eu selei-o no habitual duplo envelope, entre duas folhas de Bristol.)

(O Bill e a Peggy Gallagher deviam testemunhar a sessão. A Peggy ia tirar fotografias com flash da Jane enquanto ela estivesse em transe; o editor da Jane tinha pedido para ver algum material deste tipo. Não fazíamos ideia do êxito desta tentativa — se a Jane seria distraída ao apresentar o material habitual, ou durante o experimento com o envelope; se possível, queríamos cobrir ambas as categorias.)

(Os Gallagher chegaram pouco antes das 21h00, quando estávamos prestes a iniciar a sessão. A Peggy tinha a sua câmara de imprensa. Levámos alguns minutos a acomodar as nossas testemunhas. A Peggy iria circular, procurando composições, etc., e tirar fotografias quando quisesse. A Jane e eu seguiríamos como de costume.)

(A sessão começou às 21h06. O Seth estava de muito bom humor na abertura, mas rapidamente ficou sério. O andamento da Jane foi bom

desde o início. Os olhos estavam fechados, a postura enérgica e com muitos gestos, a voz de timbre médio.)

Boa noite.

(«Boa noite.»)

E dou as boas-vindas aos nossos amigos, como sempre, a esta ocasião muito formal em que tiramos um retrato de família.

Com efeito, o Ruburt tinha razão antes da nossa sessão. Ele disse que eu poderia falar sobre localizações oníricas, uma vez que tem trabalhado este tema para o seu próprio livro.

Ele quer saber em que dimensão as localizações oníricas têm a sua realidade e, de facto, considerou todas as possibilidades exceto a correta. A correta é a mais simples.

Agora. Ele partiu do princípio de que as localizações oníricas não existem no espaço físico.

(A Peggy tirou agora a sua primeira fotografia. O flash assustou-me mais a mim do que à Jane, pois ela prosseguiu, imperturbável.)

As localizações oníricas existem no chamado espaço físico tão verdadeiramente — ou tão falsamente — quanto os objetos físicos existem no espaço físico. Como já deveriam saber, os objetos físicos são apenas o resultado da vossa própria perceção, e esta perceção baseia-se na vossa constituição psicológica, na vossa estrutura física, em certas combinações de nervos e reações químicas. Como qualquer físico vos dirá, vocês percebem objetos, e percebem objetos sólidos —

(A Peggy tirou a fotografia seguinte e, mais uma vez, a Jane não fez pausa. Os olhos permaneceram fechados como antes.)

— numa dimensão onde nem a solidez nem os objetos existem. Vocês percebem certos padrões de energia como objetos sólidos, e essa energia que não percebem como sólida chamam-lhe espaço.

Devido a outros procedimentos que expliquei, incluindo a existência de telepatia constante, há algum acordo quanto à colocação desses objetos — ou, se o Ruburt preferir, localizações — no espaço. Ora isto dá origem ao que podem chamar perceção-de-massa, com um hífen entre as duas palavras.

Quando lidam com localizações oníricas, não estão a lidar com perceções de massa, mas com perceções pessoais. Não há, portanto, necessidade de quaisquer arranjos complicados calculados para garantir acordo entre pessoas quanto à localização no espaço.

(O Seth tratou do problema da perceção de massa nas sessões sobre a criação da matéria: 60-73, entre outras. Ver Volume 2.)

Cada localização onírica é criada pelo indivíduo exatamente da mesma forma que vos expliquei; isto é, não diferem basicamente das localizações físicas, salvo num ponto. A diferença reside sobretudo em que não precisam de ser percecionadas por outros.

A pergunta, porém — em que dimensões existem as localizações oníricas —, foi simplesmente colocada. Não obstante, é uma questão que tem muitas implicações, para as quais precisam de mais base. Tentarei então uma explicação simplificada. Lembram-se de algum do material que vos dei acerca do universo em expansão?

— «Sim.»

(Ver sessões 42-45. Mas já na 15.ª sessão o Seth discutia estes problemas em relação aos sonhos. Tudo no Volume 1.)

Então disse que o universo se expande de um modo que nada tem que ver com o espaço. Pois bem. Uma localização onírica existe, contrai-se ou expande-se também de um modo que nada tem que ver com o espaço tal como o entendem.

Sugiro uma breve pausa, e continuaremos.

(Pausa às 21h22. A Jane tinha estado dissociada como é habitual numa primeira passagem. O andamento fora bom, a voz um pouco mais forte do que o costume, os olhos permaneceram fechados. A Jane disse ter reparado no flash, mas que não se incomodou quando a Peggy tirou as fotografias.)

(A Peggy estava a ter dificuldade em compor uma fotografia, disse, por isso, para a próxima passagem, pôs a Jane e a mim sentados noutra parte da sala. Também nos movemos mais tarde na sessão, mas a Jane continuou a usar a sua cadeira favorita de sessão, a nossa Kennedy rocker.)

(O Seth, ou a Jane, tinham estado absorvidos no material. A postura da Jane manteve-se muito enfática quando retomou, novamente de olhos fechados, às 21h32.)

Agora. Quero felicitar o Ruburt.

Há uma secção bastante importante no trabalho que ele fez hoje. Ele tocou em algo e, se tivesse continuado a trabalhar, não teria precisado de me perguntar em que dimensão existem as localizações oníricas. Ele esteve perto da resposta.

Nesta secção em particular, ele disse ao leitor que suspeitava que os termos do Freud — o ego, ou o consciente e o subconsciente —, por si sós, vos tinham desviado seriamente. Assim é, de facto.

Porque, vejam, vocês pensam que só estão conscientes quando estão focados na realidade física. Presumem-se inconscientes enquanto dormem. Na terminologia do Freud, os dados estão de facto viciados a favor da mente consciente.

Finjam, todos, por um momento, que estão a olhar para esta situação do outro lado. Finjam que, enquanto estão em estado de sonho, se preocupam com o problema da consciência e da existência. Deste ponto de vista, o quadro é inteiramente diferente, pois vocês estão efetivamente conscientes enquanto dormem.

As localizações que visitam ao sonhar são-vos tão reais então quanto as localizações físicas o são no vosso estado de vigília.

O que têm é o seguinte. Não falemos mais de um eu consciente e de um eu subconsciente ou inconsciente. Há um só eu, e ele foca a sua consciência em várias dimensões — e é tudo.

No estado de vigília, o eu total está focado na realidade física. No estado de sonho, o eu total está focado dentro de uma dimensão diferente. Está igualmente consciente e desperto.

Agora. Se têm pouca memória das vossas localizações oníricas enquanto estão no estado de vigília, lembrem-se de que têm igualmente pouca memória das localizações de vigília quando estão no estado de sonho. Ambas são legítimas e ambas são realidades.

Para o Ruburt, então: quando o corpo físico jaz na cama, esse corpo físico está separado por uma vasta distância da localização onírica em que o eu que sonha pode habitar. Mas essa distância, meus amigos, nada tem que ver com o espaço. Pois a localização onírica existe simultaneamente com o quarto em que o corpo se encontra.

(A Jane foi muito enfática ao dar este material, falando com boa voz e muitos gestos. O andamento também foi bom. De vez em quando os olhos abriam brevemente. A Peggy tinha estado a tirar fotografias e, tanto quanto pude perceber, a Jane não se incomodou.)

As localizações oníricas não estão sobrepostas ao gaveteiro, à cama e à cadeira. Existem compostas dos mesmos átomos e moléculas que, no estado de vigília, vocês percebem como cama, gaveteiro e cadeira.

Em primeiro lugar, o gaveteiro, a cama e a cadeira são apenas o resultado da vossa perceção — e da vossa perceção física. A partir de energia formam padrões que reconhecem, aos quais dão nomes e que usam, mas a utilidade desses objetos é-vos inútil a menos que estejam focados na dimensão para a qual foram especificamente formados.

Quando, no estado de sonho, estão focados numa dimensão diferente, então, veem, formam a partir desses mesmos átomos e moléculas o ambiente em que irão operar. E, no entanto, enquanto sonham não conseguem encontrar a cama, o gaveteiro nem a cadeira, e, quando acordam, não conseguem encontrar o quarto, nem a cidade, nem a localização que estava lá momentos antes.

Não se pode sublinhar demasiado que essas localizações oníricas são realidades. Mas, em regra, são realidades pessoais, sem uma armação de massa *(sublinhe-se: geral).* Contudo, sonhos de massa ocorrem *(sublinhe-se).* Há sonhos que partilham com outros. Há ambientes oníricos que partilham, tal como partilham o vosso ambiente físico. Estes não são, porém, tão limitativos como a armação que mantém unida a vossa realidade física. Não obstante, ela existe.

Podem fazer uma pausa e depois passaremos ao nosso material do Dr. Instream.

(Pausa às 21h52. A Jane estava dissociada como de costume, disse. Os olhos estiveram fechados na maior parte do tempo, o modo e os gestos muito enfáticos. O flash da Peggy não a incomodou. Um total de sete fotografias tinha sido tirado até agora.)

(Era altura do 50.º experimento do Dr. Instream. O andamento e a voz da Jane mudaram agora para um tempo mais lento. Mais uma vez sentou-se com uma mão levantada aos olhos fechados. Retoma às 22h05.)

Agora. Dêem-nos um momento, por favor. *(Pausa longa.)*

Um objeto castanho, pequeno, de tamanho de carteira, contendo divisórias de plástico. Não creio que pertença ao Dr. Instream, mas a outro homem.

Tenho a impressão de quatro. Agora creio que isto se refere a quatro fotografias. Uma tirada há muitos anos, num local perto de um corpo de água. Quatro pessoas nesta fotografia, os pais e duas crianças.

Uma fotografia de tipo antigo, e uma ligação com o ano de 1901. Uma ligação com esta fotografia e uma casa de dois ou três andares, uma casa de estrutura de madeira com escadas de tijolo ou pedra à frente.

Outra fotografia de um sobrinho que estava na universidade, ou em idade universitária, quando a fotografia foi tirada.

Outra fotografia, solta, de uma criança; também uma fotografia de uma mulher que é agora a esposa do homem a quem pertencem estas fotografias e o objeto.

Creio que o Dr. Instream escolheu este objeto precisamente porque não lhe pertencia. Uma ligação universitária é aqui muito forte. O objeto pertence a outro professor.

Agora, algumas notas gerais, ainda sobre o Dr. Instream. Ele está a trabalhar, agora, no próximo simpósio. Ainda há algum desacordo mesmo quanto a planos bastante gerais. Isto torna difíceis de estabelecer pormenores mais específicos.

Há aqui também alguma ligação com uma rapariga jovem, uma criança ligada ao Dr. Instream, mas não ao simpósio.

Tens um envelope para mim, José?

(«Tenho.»)

A Jane fez uma pausa às 22h15. Recebeu de mim o habitual duplo envelope selado sem abrir os olhos. Este foi o nosso 43.º experimento. A Peggy estava pronta para mais fotografias. A Jane encostou o envelope à testa brevemente, depois baixou-o para o colo — possivelmente porque sabia que iam ser tiradas fotografias do experimento. Interroguei-me quanto aos resultados esta noite, face a possíveis distrações.

Dá-nos um momento novamente, por favor. Estas são impressões.

A Peggy tirou uma fotografia. A Jane não pareceu incomodar-se.

Um comutador. Uma declaração. Uma cor viva sugerindo luz do sol. Um plano. O número três, o número seis, embora não necessariamente por essa ordem. *(E uma fotografia — para tua edificação, não minha impressão; o Ruburt lembra-se da palavra bizarro, visto estar a pensar em fotografias publicadas —*
A Peggy tirou outra fotografia e, novamente, a Jane continuou imperturbável; os olhos mantiveram-se fechados.
— a respeito de fotografias publicadas dos teus discos voadores, entre parêntesis.)

Uma forma de cruz. Um item de papel. Três do mesmo tipo aqui, talvez três linhas fortes paralelas no objeto. Se assim for, contrastam em termos de cor, ou são muito mais escuras.
Sete. Uma miscelânea de formas que apontam todas numa direção. Duas horas. Uma ligação com uma data de 13 ou 15 de março, creio.

Tens alguma pergunta, José? Diagonais fortes também.

(«Que tal mais informação sobre os dados do comutador?»)
Deem-nos mais um momento. O comutador parece estar envolvido numa mudança de planos, ou numa troca de datas.

Agora. Vou terminar a nossa sessão, para que tenham algum tempo para conversa social, e eu próprio agradeço ao nosso amante de gatos pelo tempo e energia despendidos.
Se não estou demasiado bem-humorado esta noite, é porque nas nossas sessões regulares estou demasiado preocupado com a sua educação.
As minhas mais calorosas saudações a todos.

(«Boa noite, Seth.»)

(Fim às 22h23. A Jane estava dissociada como de costume, disse. Os olhos tinham começado a abrir-se para o final da passagem e a voz tornou-se bem-humorada. A Peggy Gallagher tirou ao todo dez fotografias, e o facto de as tirar não pareceu incomodar a Jane. Eu, no entanto, achei que os dados do envelope tinham provavelmente sido algo encurtados.

(A Jane e eu fizemos as ligações que pudemos e não pedimos quaisquer esclarecimentos ao Seth. Ver o traçado do objeto-envelope na página 43. Como referido, é uma reprodução de uma página de notas que eu tinha feito, relativas aos esforços da Jane e meus para precisar as impressões do Seth dadas na página 32 da última sessão.

(Creio que fizemos algum progresso a verificar as impressões do Seth neste caso, e envolvem o Bill Macdonnel, o John Bradley e a Peggy Gallagher, entre outros. Não é necessário aqui entrar nestes pontos em detalhe um por um, quer nos dados da página 32, quer no objeto-envelope. Mas acreditamos que estes excertos da página 32 se aplicam à Peggy e ao seu local de trabalho, o jornal local: «Uma crise envolvendo saúde. Um médico… Uma ligação com um homem que pode ser considerado um estranho a um grupo. Ele está ligado à crise.»

(«Uma troca.» Cremos que isto diz respeito à falta da Peggy às duas sessões anteriores, 242 e 243, para fotografar a Jane. Isto é corroborado também pela última afirmação do Seth, quando lhe pedi para desenvolver: «A troca parece estar envolvida numa mudança de planos, ou numa troca de datas.» A mudança de planos foi da parte da Peggy, duas vezes, e a mecânica algo envolvida da situação está explicada nas notas da página 30 da 243.ª sessão.

(A ligação com o objeto-envelope é que o objeto diz respeito a uma investigação dos dados do Seth na página 32; esses dados envolvem o envolvimento da Peggy numa crise no seu local de trabalho. A mudança de planos surgiu quando a Peggy foi enviada para fora da cidade em serviço para quarta-feira, 16 de março de 1966, à noite, hora em que planeava fotografar a Jane durante a 242.ª sessão. Esta alteração de planos foi dada à Peggy na terça-feira, 15 de março e, como se mostra, o Seth menciona 15 de março nos dados desta noite.

(A crise envolvendo saúde diz respeito ao patrão da Peggy, o diretor-geral do jornal, que esteve no hospital com problemas cardíacos durante vários dias na semana passada. O diretor-geral foi também responsável por enviar a Peggy para fora da cidade em serviço. Além disso, houve outra crise envolvendo o diretor-geral no jornal na semana passada, e este material encontra-se também na página 30. Este abalo envolveu o diretor-geral e o editor-de-cidade, e toda a redação esteve presente a pedido.

(«Uma declaração.» O objeto-envelope é uma declaração de várias possibilidades a verificar relativas às impressões da página 32.

(«Uma cor viva sugerindo luz do sol.» Não sabemos. Uma referência ao flash? A Peggy fez três disparos da Jane durante os dados do envelope. A referência à luz do sol é uma que surge de vez em quando nos dados do envelope, e por vezes envolve círculos de cores vivas. O objeto desta noite é papel branco, mas então muitos objetos são.

(«Um plano.» O objeto-envelope pode também ser um plano para verificar as impressões da página 32, além de uma declaração.

(«O número três, o número seis, embora não necessariamente por essa ordem.» O objeto contém a data desta forma — 23 de março de 1966 — bem como o número três uma outra vez, com alguns outros números.

(Seguem-se agora as impressões da Jane relativas a uma fotografia noticiosa de um desenho de discos voadores, de que tínhamos falado recentemente. Como disse o Seth, estas eram impressões da Jane e não dele.

(«Uma forma de cruz.» Há uma grande forma de cruz para o canto inferior esquerdo do objeto-envelope:

(«Um item de papel.» O objeto-envelope é um item de papel. Como mencionei eu em várias ocasiões, muitos deles são.

(«Três do mesmo tipo aqui, talvez três linhas fortes paralelas no objeto.» Consideramos isto uma boa referência às linhas paralelas que dividem a matéria do objeto. O objeto contém quatro linhas, e não três, no entanto.

(«Sete.» Não sabemos.

(«Uma miscelânea de formas que apontam todas numa direção.» Esta é uma das maneiras favoritas do Seth/A Jane para se referir à escrita, manuscrita ou impressa. A referência a apontar cremos ser uma referência à direção uniforme das verticais na minha caligrafia.

(«Duas horas. Uma ligação com uma data de 13 ou 15 de março, creio.» É bastante possível, pensamos, embora não tenhamos confirmado com o Seth. Ver novamente as notas nas páginas 30 e 50, relativas à falta da Peggy ao agendamento para fotografar a Jane durante a 242.ª sessão. Como referido, a 242.ª sessão realizou-se na quarta-feira, 16 de março; a Peggy não apareceu porque lhe foi dado um serviço fora da cidade para a noite de quarta-feira. Na verdade, a tarefa foi-lhe dada na terça-feira, 15 de março, à tarde. Na página 30 está indicado que a Peggy não se lembra da hora exata em que lhe foi comunicada a tarefa, exceto que não foi demasiado tarde na tarde. O Seth mencionara as 15h durante a 242.ª sessão, e a Peggy disse que era possível. Aplicam-se aqui as duas horas? Não sabemos, pois não verificámos com o Seth. A Peggy tem, no entanto, a certeza de que a tarefa lhe foi dada o mais tardar às 15h.)

SESSÃO 245

28 DE MARÇO DE 1966

(O 44.º experimento do envelope foi realizado durante a sessão. Ver as cópias dos objetos na página 51, e notar a cópia no verso de um deles, acima. Estes cartões são mencionados na página 40 da 243.ª sessão; isto deu-me a ideia de os usar para um experimento. A Jane tinha lido recentemente a 243.ª sessão, mas não tinha visto os cartões. Na verdade, não os via desde novembro de 1962, pois tinham estado nos meus arquivos. Coloquei-os entre duas folhas de Bristol e selei-os no habitual duplo envelope.)

(A Jane teve uma experiência invulgar no fim da semana passada, e eu tive uma mais cedo hoje; esperávamos que o Seth falasse delas esta noite. Segue-se o material dos nossos cadernos:

(Jane: Quinta-feira à noite, 24 de março. Acordei a meio da noite e vi a forma de uma mulher de pé, do lado da cama do Rob, não do meu. O quarto estava escuro, mas vi que o vestido dela era azul. Era bastante magra e razoavelmente alta. A cara não estava nada nítida, mas o vestido era claramente visível — pelo menos a cor. Era de uma só peça, de

comprimento moderado. Não me lembro de todo do rosto. Lembro-me de que a nossa estante, atrás dela, se via bem; a sua cor creme era nítida, embora o resto do quarto estivesse escuro. Creio que a cabeça estava coberta. Assim que vi a figura, ela desapareceu. Tive a sensação de que algo tentava fazer-me esquecer o que vi, por isso acordei rapidamente o Rob e contei-lhe o que tinha visto. A mulher não me lembrava ninguém que eu conheça, ou tivesse conhecido.

(Rob: Segunda-feira, 28 de março, 17h45. Depois de fazer os meus exercícios diários de ioga durante cerca de meia hora, fiquei deitado relaxado e num estado sonolento. Tornei-me então consciente de que estava a ouvir vozes. Falavam a um ritmo normal; eu estava consciente de dois homens, não velhos, sentados a secretárias. Penso que as secretárias eram velhas e maltratadas, de cor castanha. Ouvi as palavras deles com clareza excecional, frase a frase, incluindo o timbre das vozes, etc., e retive-as por pouco tempo. Esqueci-as, porém, em breve. Um dos homens riu, de um modo profundo e agradável, amistoso.

(Apercebi-me então de que também «via» um dos homens, o que tinha rido. Não vi o companheiro enquanto o câmbio de vozes continuava. O da minha visão era um homem magro em mangas de camisa, talvez no fim dos trinta, com cabelo castanho espesso e liso penteado para trás, uma cara magra, muito amistosa, com uma boca generosa. A voz era profunda e suave. Pensei que a outra voz pertencesse a um homem mais velho, de óculos e cabelo branco, embora eu não tivesse visto essa pessoa. Não vi pormenores da envolvente, nem sequer paredes. Fim.)

(É a primeira vez que a Jane tem uma experiência desse tipo em estado de vigília, embora tenha visto muitas coisas em experiências de tempo psicológico. Ela tem a certeza de que estava acordada quando viu a mulher.)

(Estou há muito consciente de que os exercícios de ioga têm um efeito poderoso em mim, pessoalmente, e que, evidentemente, por vezes termino num estado dissociado depois de os fazer. Não incentivei nem desencorajei esse efeito. Já tive a experiência de ouvir vozes antes, mas não pedi ao Seth que comentasse. Ele mencionou recentemente eu ter ouvido música. Da última vez que ouvi vozes, elas tagarelavam a grande velocidade, como uma fita passada demasiado depressa.)

(Ver a página 280 para uma descrição da minha primeira experiência envolvendo dados visuais e corporais fortes em estado de vigília. O Seth tratou disto na 24.ª sessão e nas seguintes. Ver Volume 1.)

(A sessão realizou-se na sala da frente. A Jane começou a falar a um ritmo lento e de olhos fechados. Estava a fumar, contudo, e os olhos começaram em breve a abrir-se por breves períodos. A voz estava normal.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Ora bem. Vamos ter uma sessão tranquila. Tratarei de assuntos que estão ligados a ambos.

Começaremos com a tua experiência, José, desta tarde. Estavas num estado muito passivo. Essa passividade surge-te com bastante facilidade em tais condições, como as que existiam na altura.

(A Jane falava sem pressa. Tirou um momento para apagar o cigarro e sorver um pouco de vinho, piscando os olhos.)

Quero ser claro aqui, por isso estou a falar devagar. Condições que surgem durante os teus exercícios suscitam este estado passivo, contigo em particular. Ora, esta passividade é boa, e tu usa-la bem. Contudo, também te surge mais facilmente, porque sempre foste dado à solidão e à introspeção.

Isto, porém, não deve ser levado ao excesso. O período diário de exercício é ótimo. As tendências são usadas e desenvolvidas para o bem da personalidade global. É importante que continuem assim disciplinadas. Não sugiro, no entanto, que dês agora mais tempo a esse período diário.

O período deve resultar numa sensação de renovação. As tuas energias, depois, porém, devem ser dirigidas para fora. Estás a ir muito bem, de facto, e não estás a exagerar. Há aqui um bom equilíbrio. Quero apenas salientar que certos traços estão a ser bem usados. Também poderiam ser mal usados e, portanto, a energia deve então ser dirigida para fora, como de facto é, já que a hora do jantar se segue tão de perto.

Agora quanto à experiência de hoje. Sintonizaste telepaticamente com um grupo de pessoas, creio que no Midwest. As capacidades deles estão bem desenvolvidas.

(A Jane fez agora uma longa pausa às 21h13. Geografia não é um dos seus pontos fortes, como a frase seguinte mostra, mas ela tem um sentido infalível de orientação.)

Creio que o estado era o Wyoming. No teu estado passivo, eras recetor. A sala em que eles estavam sentados era simples e despojada. Sem tapete no chão. O jovem cujo rosto viste é alguém muito parecido contigo, no que toca a características pessoais e temperamento.

(O nosso gato Willy tinha estado a comer na cozinha. Normalmente não liga às sessões, depois das suas exibições iniciais quando as sessões começaram; nessa altura, segundo o Seth, ele sentia a presença do Seth e reagia fortemente. Desde então habituou-se.)

(Esta noite o Willy queria apenas brincar. Eu teria preferido que a Jane não fosse interrompida neste ponto, mas o Willy perdeu um brinquedo atrás de uma estante. Fez tanto barulho que tive de pousar as minhas notas para tratar dele. A Jane esperou, de olhos fechados.)

Estás pronto?

(«Estou.»)

Houve uma atração por essa razão. O grupo estava sentado numa sala grande de tipo cabana, em região montanhosa, creio que na parte noroeste do estado. A localização começa com um som de S, mas tentaremos ser mais específicos dentro em breve.

(Esta era a pergunta que eu queria ver respondida mais do que qualquer outra.)

Por causa do teu estado de espírito, as pessoas naquela sala sentiram subconscientemente a tua presença. Se as condições fossem melhores, é possível que te tivessem percecionado mais diretamente, ou até formado uma imagem telepática de ti, como tu formaste uma deles.

Deve recordar-se aqui que todas as imagens físicas de outros indivíduos são, basicamente, imagens telepáticas, formadas subconscientemente por quem percebe.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 21h21. A Jane estava bastante dissociada, disse. Os olhos mantiveram-se fechados à medida que a sessão avançava; pareciam pesados e baços na pausa. Ela tinha feito muitas pausas curtas.)

(Eu conseguia lembrar-me de vários lugares no Wyoming a começar com o som apropriado, mas não os mencionei à Jane. Tínhamos atravessado o estado de carro há vários anos, mas a Jane não se lembrava de o ter feito. Nem se recordava de nomes de cidades ou vilas no estado. Disse que tinha a ideia de Cisco como topónimo no estado, mas achava que escolhera isto por soar a oeste. No entanto, pode qualificar sob o som S mencionado pelo Seth.)

(Estávamos interessados numa localização específica, especialmente tendo em vista a menção do Seth a pessoas com capacidades bem desenvolvidas. Se isto se referia a capacidades psíquicas, pensei que podíamos escrever-lhes. Não conhecemos quaisquer organizações deste tipo no Wyoming. Talvez eu pudesse incluir um desenho do rosto que vi tão nitidamente. Temos um atlas do estado desatualizado numa prateleira do armário, e a Jane concordou em não olhar para ele caso não obtivéssemos um topónimo esta noite.)

(Disse que não achava que ajudaria se olhasse para um mapa do estado. A Jane retomou do mesmo modo, com pausas e de olhos fechados, às 21h31.)

Vamos cingir-nos esta noite ao tipo de discussão que começámos. Tu, José, estás agora a aprender a usar as tuas intuições internas e as tuas capacidades internas, e a focá-las também para fora de modo criativo no teu trabalho e também nas tuas atividades e ambiente físicos.

Nos últimos anos tinhas tendência a usá-las ao acaso, sem ideia de como deviam ser dirigidas. Elas podem — e irão — transformar o teu ambiente psíquico e físico. O principal critério a aplicar a estas sessões, aos meus conselhos e ao material é este: as sessões, o material e o teu novo

conhecimento têm de transformar o teu ambiente psíquico e físico, a tua saúde e todos os aspetos da tua vida interior e exterior para melhor. E creio que o estamos a fazer.

O estado geral da tua saúde, neste momento, é resultado direto do conhecimento que adquiriste e usaste. Estás num bom estado de saúde e, à medida que continuarmos, estarás num estado de saúde exuberante.

Agora, sendo esta sessão bastante pessoal, tenho alguns comentários para o Ruburt antes de discutir a experiência dele. Há pelo menos um ano sugeri que se mantivesse um divisor de ambiente para separar a área de trabalho dele. Mencionei especificamente os benefícios que se poderiam esperar de tal arranjo e, agora, repito com a maior veemência as minhas observações, sugerindo que a disposição atual se mantenha, ou que se substitua por outro divisor.

Qualquer um deveria ser permanente. A situação doméstica será muito mais estável, para começar, e tal arranjo é realmente necessário para a eficiência do Ruburt. Permite-lhe dirigir a energia para onde quer, quando quer. O divisor pode ser apenas um símbolo, mas é um símbolo necessário. É o símbolo de uma disciplina da parte dele que lhe permitirá sobrepor-se às vicissitudes de humor e inclinações temporárias.

Agora. O que ele viu não foi uma alucinação.

Disse-vos que muitos outros sistemas coexistem com o vosso, simultaneamente. Existem outros campos que não percecionam com os vossos sentidos físicos. O Ruburt não estava a percecionar com os seus sentidos físicos, nem estava a dormir.

A imagem não tinha qualquer significado pessoal específico para ele. Ele simplesmente percecionou uma mulher — uma personalidade de sobrevivência, se preferirem. Estava de pé, imóvel, dentro do seu próprio sistema e, momentaneamente, os dois sistemas coincidiram, o que não é nada invulgar.

O que é invulgar é que o Ruburt foi capaz de usar plenamente as suas perceções — ver dentro dos padrões do sistema físico, ou vê-los através, até aos padrões formados por outro sistema.

Agora, ambos os sistemas existem na realidade. Normalmente vocês percebem apenas o vosso. O Ruburt desligou o seu foco habitual de perceção. Focou-o de outra forma e, assim, viu uma imagem de que, normalmente, não teria consciência.

A mulher deixou o vosso sistema físico há pouco tempo, segundo os vossos termos. Tinha uma ligação com esta casa, embora não convosco. Era amiga da mulher de cima. Esta é a primeira vez que o Ruburt se permitiu tal liberdade de perceção, e ele terá outras experiências desse tipo.

Agora, sugiro uma pausa.

(Pausa às 21h56. A Jane estava novamente bem dissociada, disse. Os olhos tinham permanecido fechados. Tinha falado com muitas pausas e gestos.)

(Uma mulher solteira chamada Lucy vive num pequeno apartamento por cima do nosso. Uma amiga dela morreu há alguns meses. Nem a Jane nem eu alguma vez conhecemos a amiga da Lucy, mas lembramo-nos de ouvir falar da sua morte através da Lucy. Recordamos em particular porque os familiares da falecida ofereceram à Lucy o televisor dela.)

(A Jane sempre quis ver uma aparição, ou personalidade de sobrevivência, e agora viu cumprido o seu desejo. Disse que a experiência não foi nada assustadora.)

(Pedi à Jane que mantivesse estas perguntas em mente, talvez para serem respondidas pelo Seth mais tarde na sessão: a personalidade de sobrevivência estava consciente da Jane? O Seth pode ser mais específico sobre a localização no Wyoming e as capacidades do grupo?)

(Era agora a altura do 51.º experimento do Dr. Instream. Como de costume, a Jane sentou-se com uma mão junto aos olhos fechados, falando devagar. Retoma às 22h05.)

Ora bem. Dá-nos um momento, por favor, para o nosso material do Instream.

Uma concha. Um chapéu de homem sobre uma mesa ao lado de uma concha, como uma concha do mar. Uma secretária desarrumada. Creio que o Dr. Instream está agora no seu próprio gabinete na faculdade. *(Pausa às 22h07.)* Teve um visitante do sexo masculino na última hora.

Mais cedo esta noite houve uma reunião a que ambos os homens assistiram. O visitante era alto e magro, moreno, de óculos. Talvez a armação também fosse escura. Pelo menos eram armações grossas, não finas. O rosto, estreito.

Ou ele é também moreno de tez, ou precisa ligeiramente de fazer a barba. As faces parecem não lisas, como se com restolho muito ligeiro, ou má tez aqui. Orelhas algo compridas. Talvez o homem seja judeu. Bastante alto.

Discutiram uma localização noutro estado, bastante distante. Talvez outra faculdade ou fundação. Creio, porém, que para oeste e não para leste.

O outro homem interessa-se também por música. Tem um boquilhão de cigarros ou isqueiro invulgar, que creio que o Dr. Instream reparou. Há uma ligação deste objeto com uma cabeça de cão, ou cabeça em forma de cão. Isto é, uma cabeça de animal, quer simbolizada no objeto, quer na sua forma. O homem também tem um cão.

Há uma ligação do homem com um país estrangeiro. Não um do norte. Alguma ligação distante do homem com Milão, e um progenitor com uma ocupação invulgar.

Tens um envelope para mim, José?

(«Tenho.»)

(A Jane fez uma pausa às 22h16. Sem abrir os olhos, recebeu de mim o envelope para o nosso 44.º experimento e encostou-o à testa.)

Dêem-nos um momento, por favor. Estas são impressões.
Uma ligação com uma fusão, e algo espontâneo. Uma reunião. Uma ligação com uma viagem. Ornamentação ligada ao objeto. Quadrados. Uma data nele. Penso em julho ou abril.

Uma ligação com o teu local de trabalho. Uma forma circular grande sobre um padrão retangular, e movimento. O objeto — o objeto redondo — parece ter algo que ver com movimento.

Uma ligação com um grupo familiar, de um, cinco, três e dois. Um endereço específico. Ligação com uma queda, ou algo a cair, e um acontecimento formal, antes formal do que informal.

Tens alguma pergunta?

(Eu não tinha de todo a certeza de que os dados sobre o grupo familiar se aplicassem ao objeto do envelope, por isso escolhi este tema.)

("Podes desenvolver os dados do grupo familiar?")

Dá-nos um momento.

A pergunta, percebes, leva **o** Ruburt a pensar numa carta da tua cunhada, relativa a uma mudança de datas para um acontecimento de família.

Por alguma razão, tenho a impressão da palavra organização ligada ao grupo familiar. Mais de quatro membros.

Tens mais alguma pergunta?

(Esta é a segunda vez que consegui fazer mais do que uma pergunta sobre material de envelope.)

("Podes ser mais específico quanto à data?")

Abril de 66. Agora, isto está ligado à imagem da carta do Ruburt.

Pessoalmente, tenho a impressão do pai do Ruburt.

Se não tiveres mais perguntas, podes fazer um intervalo.

("Queres tentar nomear o objeto?")

Diremos que é uma carta, e diremos que é de um dos pais do Ruburt. Agora faz o teu intervalo.

(Intervalo às 10:27. A Jane disse que estava dissociada, como de costume. Os olhos tinham-lhe permanecido fechados.

A Jane disse que sabia que se estava a desviar nos dados quando eu perguntei sobre o grupo familiar, embora os objetos do envelope mencionem grupos familiares. Mas a pergunta confundiu-a; é a primeira vez que isto acontece. A Jane disse que teve a imagem de um "objeto redondo", que tinha a ver com movimento, mas não fazia ideia do que representava.

(Fizemos algumas ligações por nós próprios, e o Seth desenvolveu outras. Por vezes, durante os dados, eu não tinha a certeza de quem estava a

falar — a Jane ou o Seth. Às vezes, quando o Ruburt era mencionado, pensei que fosse a Jane a dizê-lo, e não o Seth. Depois da sessão, a Jane disse que não tinha consciência disto, mas sim de uma confusão relativamente aos dados. Sabendo que, de algum modo, estava errado, tentou ser objetiva, voltar ao caminho certo sem saber como o fazer. Houve uma confusão de níveis, disse ela, que a deixou às apalpadelas.)

(Vê os traçados nas páginas 51–52.)

("Uma ligação com uma fusão." Tomamos isto como referência à "esposa e eu" escrito no verso de um dos objetos do envelope; casamento, fusão.)

("e algo espontâneo". isto deixa-nos em branco. Como referido, houve muita publicidade relativamente à vacina. Lembro-me de que a Jane e eu decidimos tomar a vacina mais ou menos por impulso, sem planeamento prévio, mas hesito em afirmá-lo aqui.)

("Uma reunião." Podemos dizer que, quando tomámos ambos os tipos de vacina, esteve envolvida uma reunião de muitas pessoas; a distribuição teve lugar em escolas secundárias e muitas pessoas estavam lá à espera.)

("Uma ligação com uma viagem." A escola secundária que visitámos ficava na Water Street, a nossa rua, e, ao princípio, pensámos ir a pé. No último momento, decidimos que era demasiado longe, por isso levei-nos de carro.)

("Ornamentação ligada ao objeto." Não vemos ligação.)

("Quadrados." Pensei que isto fosse referência à forma sob a qual recebemos a vacina em ambas as ocasiões. Vê o esboço na página 51. A cada um de nós foi dado um pequeno cubo — os quadrados — de açúcar cor-de-rosa, contendo a vacina, e deixámo-los dissolver-se na língua.)

("Uma data nele." Ambos os objetos do envelope contêm datas. Nota que a Jane não distingue aqui entre singular e plural — um dos pontos que eu esperava que fosse trazido à luz na experiência.)

("Penso em julho ou abril." No fundo de um dos objetos há uma referência à Primavera de 1963. Originalmente, ambos os cartões eram do mesmo tamanho e continham dois parágrafos de informação. Por alguma razão que agora não recordo, cortei o segundo parágrafo de um dos cartões. Se este continha, por exemplo, uma referência a julho, não o posso dizer.)

("Uma ligação com o teu local de trabalho." Não estabelecemos ligações aqui.)

("Uma grande forma circular sobre uma forma retangular, num padrão retangular, e movimento. O objeto, o objeto redondo, parece ter algo a ver com movimento." Outra vez, não estabelecemos ligações.)

("Uma ligação com um grupo familiar, de um, cinco, três e dois."

Ambos os objetos do envelope referem grupos familiares. Não temos a certeza ao que se referem os números. Nos cartões, referem-se vacinas contra a pólio dos tipos um, dois e três, mas isto deixa o cinco por explicar. Nem os números se ajustam completamente aos nossos grupos familiares. Na lista telefónica, a escola onde recebemos a vacina em cada ocasião está listada por avenida, mas não é dado número.)

("Um endereço específico." O verso de um dos objetos do envelope contém o nosso endereço, 458 West Water Street, Elmira, NY, escrito por mim quando tomámos a vacina Sabin Tipo I contra a pólio em outubro de 1962.)

("Ligação com uma queda, ou algo a cair." Tanto a Jane como eu sentimos de imediato que isto se referia a eu ter adoecido com o vírus, em 24 de março de 1965. O Seth discute os episódios de vírus em que me envolvi, depois de tomar as vacinas contra a pólio, na 243.ª sessão. Vê as páginas 40–41. Adoeci literalmente, caindo inanimado ao levantar-me uma manhã. Além disso, a Jane teve um sonho vívido em que eu adoecia do mesmo modo, talvez uma semana antes do acontecimento. Na realidade, desmaiei na casa de banho; no sonho da Jane, desmaiei na cozinha.)

("e um acontecimento formal, em vez de informal." Supomos que tomar vacina é, provavelmente, mais um acontecimento formal do que informal.)

(Agora pedi ao Seth que desenvolvesse os dados do grupo familiar. "A pergunta, percebes, leva o Ruburt a pensar numa carta da tua cunhada, relativa a uma mudança de datas para um acontecimento de família." Isto não se aplica aos objetos do envelope. O Seth, no entanto, explica de algum modo porque é que estes dados surgiram.)

("Por alguma razão, tenho a impressão das palavras organização com o grupo familiar." Grupos familiares são mencionados nos objetos do envelope, e a vacina foi distribuída pela Chemung County Medical Society, uma organização.)

("Mais de quatro membros." Não fizemos ligação, especulando que estes dados estavam, de algum modo, relacionados com os dados da cunhada acima.)

(A minha segunda pergunta pedia dados mais específicos sobre a referência já dada a julho ou abril. "Abril de 66. Agora isto está ligado à imagem da carta do Ruburt. Pessoalmente, tenho a impressão do pai do Ruburt." De novo, este material está errado. Eu sentia a Jane às apalpadelas, a tentar orientar-se. Perguntei-me se conseguiria cortar a confusão pedindo-lhe que nomeasse o objeto, e essa foi a terceira pergunta:)

("Diremos que é uma carta, e diremos que é de um dos pais do Ruburt.")

(Esta é a primeira vez, creio, que pedi que o objeto fosse nomeado intrinsecamente. A Jane retomou, com o ritmo mais rápido da noite, de novo com os olhos fechados, às 10:39.)

Agora. Muito do material vocês próprios já decifraram.

Desta vez, a vossa pergunta levou-nos para fora de rumo. Eu não queria que o Ruburt se afastasse da ideia do grupo familiar, percebes, mas ele continuou a ficar específico na direção errada — mantendo, porém, a imagem do grupo familiar.

(A Jane riu.)

Acabámos, por fim, por nos envolver com o pai dele, numa tentativa de o afastar da tua família. Estávamos a tentar conduzi-lo à mãe dele, que é inválida, para nos aproximarmos da ligação à pólio, mas receio que aqui não tenhamos tido êxito.

Agora dá-nos um momento. *(Pausa.)*

O "abril" foi uma tentativa de obter uma data de primavera, mas, com a ligação à carta da tua família, acabámos com o ano errado.

A viagem havia de ser de carro. "Mais de quatro na família" não saiu corretamente. Quis dizer muitas famílias, percebes.

Ele sabia que estava fora de trilho, no entanto, e isso impediu-o de obter informação mais válida, porque ficou alarmado.

Dar-te-ei informação sobre o local da tua experiência na tua próxima sessão, portanto.

(Aqui o Seth refere-se aos dados de Wyoming ligados à minha experiência telepática descrita na página 53.)

("Os dados sobre os quadrados referiam-se à vacina?")

Os quadrados eram os cubos.

(Vê de novo a página 51.)

("O que é que significava o dado da ornamentação?")

Muito fraco. O Ruburt usava um fio de contas.

(A Jane não faz ideia se usava ou não contas quando recebemos qualquer uma das vacinas.)

("E a referência ao meu local de trabalho?")

Demoraria demasiado a explicar. Explicá-lo-ei se preferires. O Ruburt percebe a ligação e dir-to-á mais tarde.

("Está bem.")

A grande forma circular estava vagamente relacionada. O Ruburt notou um grande sol cor-de-laranja, desenhado por uma criança, no corredor da escola. Há aqui outra coisa: ele equiparou o cubo a um comprimido grande, que seria redondo e difícil de engolir.

(Uma nota: a Jane não gosta de tomar comprimidos. Muitas vezes adia tomá-los. Tenho encontrado os comprimidos diários de vitaminas dela por várias partes do apartamento, em diversas alturas.)

Os dados sobre a organização estavam bons. Também os do grupo familiar.

Podes encerrar a sessão ou fazer um intervalo, como preferires.

("Então faremos um pequeno intervalo.")

(Intervalo às 10:45. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos tinham-lhe permanecido fechados e o ritmo fora bastante rápido.

A Jane ainda não se lembrava dos desenhos das crianças no corredor da escola, numa das ocasiões em que tomámos a vacina, mas eu lembrava-me — de novo, quando o Seth o mencionou.

Quanto aos dados sobre o meu local de trabalho: a Jane disse que voltara a receber a palavra "mina". Em duas experiências recentes com envelopes envolvendo o meu local de trabalho, essa palavra surgira ligada à morte de um colega mais velho; mina a referir-se a túmulo, ou subterrâneo, porque a Jane instintivamente detestava a ideia de túmulos. O trabalhador mais velho chamava-se Ezra Havens. A Jane disse que recebeu a palavra outra vez esta noite em ligação com o Ezra; sentiu que o Seth queria ligar o Ezra à ideia de doença — daí os dados da pólio — seguidos de morte, etc.

(Vê a página 18 deste volume e a página 275 do Volume 5.)

A Jane disse que sentira o Seth a tentar afastá-la de dados envolvendo o pai dela. Sabia que estava confusa, como disse, mas não conseguia endireitar-se.

Lembrei à Jane que uma das perguntas que tínhamos pedido a o Seth que respondesse, mais cedo, ainda não fora tratada: se a mulher que a Jane viu, como personalidade sobrevivente, estava consciente da Jane. Também manifestei em voz alta a esperança de que o Seth esclarecesse a referência aos números dados em "Uma ligação com um grupo familiar, de um, cinco, três e dois." Infelizmente, ele não o fez. Não me apercebi dessa falha até depois da sessão.

A Jane estava a fumar quando retomou, abrindo os olhos por vezes, às 10:59.)

("Poderá desenvolver os dados sobre o grupo familiar?")

Dê-nos um momento.

A questão, veja, conduz **o** Ruburt a pensar numa carta da **sua** cunhada, relativa a uma mudança de datas para um acontecimento de família.

Por alguma razão ocorre-me a impressão da palavra organização associada ao grupo familiar. Mais de quatro membros.

Tem mais alguma pergunta?

(Este é o segundo vezes que eu consegui fazer mais do que uma pergunta sobre material de envelope.)

("Pode ser mais específico quanto à data?")

Abril de 66. Ora, isto está ligado à imagem da carta do Ruburt.

Pessoalmente, tenho a impressão de o pai do Ruburt.

Se não tiver mais perguntas, pode fazer uma pausa.

("Quer tentar nomear o objeto?")

Diremos que é uma carta, e diremos que é de um de os pais do Ruburt. Agora faça a sua pausa.

(Pausa às I 0:27. A Jane disse que estava dissociada, como de costume. Os seus olhos permaneceram fechados.

(A Jane disse que sabia que se estava a afastar dos dados quando eu perguntei acerca do grupo familiar, embora os objetos de envelope mencionem grupos familiares. Mas a pergunta confundiu-a; é a primeira vez que isto acontece. A Jane disse que teve a imagem de um "objeto redondo", relacionado com movimento, mas não fazia ideia do que representava.

(Fizemos algumas ligações por nós próprios, e o Seth aprofundou outras. Por vezes, durante os dados, eu não tinha a certeza de quem estava a falar — a Jane ou o Seth. Às vezes, quando o Ruburt era mencionado, pensei que era a Jane a dizê-lo, e não o Seth. Depois da sessão, a Jane disse que não tinha consciência disto, mas sim de uma confusão relativa aos dados. Sabendo que estava errado de algum modo, tentou ser objetiva, voltar ao caminho certo sem saber como fazê-lo. Houve uma confusão de níveis, disse ela, que a deixou às apalpadelas.

(Ver os traçados nas páginas 51–52.)

("Uma ligação com uma fusão." Tomamos isto como referência a "esposa e eu" escrito no verso de um dos objetos de envelope; casamento, fusão.

("e algo espontâneo". não nos diz nada. Como foi dito, houve muita publicidade sobre a vacina. Lembro-me de que a Jane e eu decidimos tomar a vacina mais ou menos por impulso, sem planeamento prévio, mas hesito em afirmá-lo aqui.

("Uma reunião." Podemos dizer que esteve envolvida uma reunião de muitas pessoas quando tomámos ambos os tipos de vacina; a distribuição teve lugar em liceus, e muitas pessoas estavam lá à espera.

("Uma ligação com uma viagem." O liceu que visitámos ficava na Water Street, a nossa rua, e ao princípio pensámos em ir a pé. No último momento decidimos que era demasiado longe, por isso eu levei-nos de carro.

("Ornamentação ligada ao objeto." Não vemos a ligação.

("Quadrados." Pensei que fosse uma referência à forma em que recebemos a vacina em ambas as ocasiões. Ver o esboço na página 51. Foi-nos dado a cada um um pequeno cubo — os quadrados — de açúcar cor-de-rosa, contendo a vacina, e deixámo-los dissolver-se na língua.

("Uma data nele." Ambos os objetos de envelope contêm datas. Note-se que a Jane não distingue aqui entre singular e plural — um dos pontos que eu esperava que fosse elucidado na experiência.

("Penso em julho ou abril." No fundo de um dos objetos há uma referência à Primavera de 1963. Originalmente ambos os cartões eram do mesmo tamanho e continham dois parágrafos de informação. Por alguma razão que agora não recordo, recortei o segundo parágrafo de um dos cartões. Se este continha, por exemplo, uma referência a julho, não o posso dizer.

("Uma ligação com o seu local de trabalho." Aqui não estabelecemos ligações.

("Uma grande forma circular sobre uma forma retangular num padrão retangular, e movimento. O objeto, o objeto redondo, parece ter algo a ver com movimento." Novamente, não estabelecemos ligações.

("Uma ligação com um grupo familiar, de um, cinco, três e dois." Ambos os objetos de envelope referem grupos familiares. Não temos a certeza a que se referem os números. Nos cartões referem-se vacinas contra a pólio dos tipos um, dois e três, mas isto deixa o cinco por explicar. Nem os números se ajustam completamente aos nossos grupos familiares. Na lista telefónica, a escola onde recebemos a vacina em cada ocasião está listada por avenida, mas não é dado número.

("Um endereço específico." O verso de um dos objetos de envelope contém o nosso endereço, 458 West Water Street, Elmira, NY, escrito por mim quando tomámos a vacina Sabin Tipo I contra a pólio em outubro de 1962.

("Ligação com uma queda, ou algo a cair." A Jane e eu sentimos de imediato que isto se referia a eu ter adoecido com o vírus, a 24 de março de 1965. O Seth discute os episódios de vírus em que eu me envolvi, após tomar as vacinas contra a pólio, na 243.ª sessão. Ver páginas 40–41. Eu literalmente caí doente, desmaiando ao levantar-me numa manhã. Além disso, a Jane teve um sonho vívido em que eu adoecia do mesmo modo, talvez uma semana antes do acontecimento. Na realidade, desmaiei na casa de banho; no sonho da Jane, desmaiei na cozinha.

("e um acontecimento formal antes que informal." Supomos que tomar vacina é provavelmente mais um acontecimento formal do que informal.

(Agora pedi a o Seth que desenvolvesse os dados sobre o grupo familiar. "A pergunta, veja, leva o Ruburt a pensar numa carta da sua cunhada, relativa a uma mudança de datas para um acontecimento de

família." Isto não se aplica aos objetos de envelope. O Seth explica, de algum modo, porque surgiram estes dados.

("Por alguma razão tenho a impressão das palavras organização com o grupo familiar." Grupos familiares são mencionados nos objetos de envelope, e a vacina foi distribuída pela Chemung County Medical Society, uma organização.

("Mais de quatro membros." Não estabelecemos ligação, especulando que estes dados estavam de algum modo relacionados com os dados sobre a cunhada acima.

(A minha segunda pergunta pedia dados mais específicos sobre a referência já dada a julho ou abril. "Abril de 66. Ora, isto está ligado à imagem da carta do Ruburt. Pessoalmente, tenho a impressão do pai do Ruburt." Novamente, este material está errado. Eu sentia a Jane às apalpadelas, a tentar recompor-se. Perguntei-me se poderia cortar a confusão pedindo-lhe que nomeasse o objeto, e essa foi a terceira pergunta:

("Diremos que é uma carta, e diremos que é de um dos pais do Ruburt."
(É a primeira vez, creio, que pedi que o objeto fosse nomeado intrinsecamente. O ritmo da Jane era o mais rápido da noite quando ela recomeçou, novamente com os olhos fechados, às 10:39.)

Agora. Muito do material vocês próprios já o perceberam.

Desta vez, a sua pergunta levou-nos para fora de pista. Eu não queria que o Ruburt se afastasse da ideia do grupo familiar, veja, mas ele continuava a ficar específico na direção errada. Mantendo, no entanto, a imagem do grupo familiar.

(A Jane riu-se.)

Acabámos por nos envolver, finalmente, com o pai dele, numa tentativa do afastar da sua família. Estávamos a tentar conduzi-lo à sua mãe, que é inválida, para nos aproximarmos da ligação à pólio, mas receio que aqui não tenhamos tido sucesso.

Agora dê-nos um momento. (Pausa.)

O Abril foi uma tentativa de obter uma data de primavera, mas com a ligação à carta da sua família acabámos no ano errado.

A viagem seria uma viagem de carro. Mais de quatro na família não surgiu corretamente. Quis dizer muitas famílias, veja.

Ele sabia que estava fora de pista, porém, e isso impediu-o de obter informação mais válida, pois ficou alarmado.

Dar-lhe-ei informação sobre o local da sua experiência na sua próxima sessão, portanto.

(Aqui o Seth refere-se aos dados do Wyoming ligados à minha experiência telepática descrita na página 53.)

("Os dados sobre os quadrados referiam-se à vacina?")
Os quadrados eram os cubos.

(Ver de novo a página 51.)

("O que significavam os dados sobre ornamentação?")
Muito fraco. O Ruburt usava um fio de contas.

(A Jane não tem ideia se usava ou não contas quando recebemos qualquer uma das vacinas.)

("E quanto à referência ao meu local de trabalho?")
Levaria demasiado tempo a explicar. Explicarei, se preferir. O Ruburt percebe a ligação e dir-lha-á mais tarde.

("Está bem.")
A grande forma circular estava vagamente ligada. O Ruburt reparou num grande sol laranja, desenhado por uma criança, no corredor da escola. Outra coisa aqui: Ele equiparou o cubo a um comprimido grande, que seria redondo e difícil de engolir.

(Uma nota: a Jane não gosta de tomar comprimidos. Muitas vezes adia tomá-los. Encontrei os seus comprimidos diários de vitaminas por todas as partes do apartamento em várias ocasiões.)
Os dados sobre a organização estavam bons. Também o grupo familiar. Pode terminar a sessão ou fazer uma pausa, como preferir.

("Então faremos uma pequena pausa."

(Pausa às 10:45. A Jane estava dissociada, como de costume. Os seus olhos permaneceram fechados, o seu ritmo fora bastante rápido.

(A Jane ainda não se lembrava dos desenhos das crianças no corredor da escola numa das ocasiões em que tomámos a vacina, mas eu lembrava-me — de novo, quando o Seth o mencionou.

(Relativamente aos dados sobre o meu local de trabalho: a Jane disse que recebera novamente a palavra "mine". Em duas experiências recentes com envelopes envolvendo o meu local de trabalho, esta palavra tinha surgido em ligação com a morte de um colega de trabalho mais velho; mine referindo-se a cova, ou subterrâneo, porque a Jane instintivamente não gostava da ideia de covas. O trabalhador mais velho chamava-se Ezra Havens. A Jane disse que recebeu novamente a palavra esta noite em ligação com o Ezra; ela sentiu que o Seth queria ligar o Ezra à ideia de doença — daí os dados sobre a pólio — seguida de morte, etc.

(Ver a página 18 deste volume, e a página 275 do Volume 5.

(A Jane disse que conseguia sentir o Seth a tentar afastá-la de dados envolvendo o pai dela. Ela sabia que estava confusa, como foi dito, mas não se conseguia endireitar.

(Lembrei a Jane de que uma das perguntas que tínhamos pedido a o Seth para responder, antes, ainda não tinha sido tratada: se a mulher que a Jane viu, como personalidade de sobrevivência, estava consciente da Jane.

(Eu também manifestei em voz alta a esperança de que o Seth esclarecesse a referência aos números dados em "Uma ligação com um grupo familiar, de um, cinco, três e dois." Infelizmente, não o fez. Não reparei na falha até depois da sessão.

(A Jane estava a fumar quando recomeçou, abrindo os olhos por vezes, às 10:59.)

Agora. A mulher não tinha consciência de Ruburt. As suas capacidades não estão muito mais avançadas do que estavam. A morte não traz automaticamente iluminação nem desenvolvimento. Os que estão confusos continuam confusos. As diferenças individuais operam sempre. A morte traz um certo conhecimento de que as coisas mudaram, tal como na Terra sabes que passaste de uma divisão para outra, mas nada pode, automaticamente, fazer com que a personalidade sobrevivente compreenda ou perceba claramente as novas condições.

Uma personalidade desenvolvida percebê-las-á como perceberia novas condições no ambiente físico. Uma personalidade não desenvolvida manterá a sua atitude e capacidades características. Há alguma diferença, naturalmente, mas o grau de perceção é determinado pela própria personalidade.

Alguma compreensão é quase automática, simplesmente porque alguns elementos são inequivocamente diferentes. Deves compreender, no entanto, que as características básicas da personalidade como um todo operam de forma mais plena após a morte. Impulsos subconscientes para o bem ficam libertos de medos egotísticos. Tens mais alguma pergunta?

("A mulher que Jane viu estava consciente de que tinha morrido?") Neste caso, sim, mas isto nem sempre acontece. Certamente não de imediato.

Vou terminar a nossa sessão. Os meus melhores votos para ambos.

("Tem sido muito interessante.")

De facto, tem. Sempre que arranjares tempo, dar-te-ei material mais pessoal. E sempre que sentires necessidade de descansar da tua datilografia, Joseph, diz, por favor. Ruburt preocupa-se aqui.

("Sinto-me bem. Boa noite, Seth.")

(Termina às 11:16. Jane estava dissociada como de costume.)

SESSÃO 246

30 de março de 1966

(Não houve experiência com envelope durante a sessão.

(Os nossos jovens amigos, Marilyn e Don Wilbur, visitaram-nos antes da sessão desta noite mas não ficaram para a própria sessão. Com a sua jovem amiga Ann Diebler, assistiram a muito poucas sessões não programadas. Têm lido algum do material inicial e agora querem assistir a uma sessão regular, pelo que foram feitos arranjos para presenciarem a 247.ª sessão. O Don planeia trazer também uma câmara e flash. A Jane tem 37 anos, eu 46.

(Fiquei a conhecer a Marilyn e a Ann no meu local de trabalho. A Marilyn já lá não trabalha porque tem um filho, mas a Ann ainda trabalha. Como já foi referido, estes jovens têm feito à Jane e a mim muitas perguntas interessantes sobre o material e outros assuntos relacionados. Algumas das perguntas têm sido surpreendentemente perspicazes, e as suas reações gerais não têm sido as que poderíamos esperar. Tornaram-se genuinamente interessados no campo da PES, e isto apesar de uma falta deliberada de insistência da nossa parte. Por sua vez, despertaram o interesse de alguns dos seus amigos da mesma idade.

(Perguntámo-nos se o Seth conseguiria também conseguir a localização no Wyoming, em relação aos dados fornecidos na última sessão. Isto dizia respeito à minha sintonia telepática com um pequeno grupo nesse estado. Segundo o Seth, eles têm capacidades bem desenvolvidas. A minha experiência teve lugar na segunda-feira, 28 de março, à hora do jantar.

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. A Jane começou a falar a um ritmo lento, de olhos fechados, com voz normal.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ora bem. Gostaria de fazer algumas observações acerca dos teus amigos.

Não tens ideia, Joseph, do teu efeito sobre os jovens com quem entras em contacto, em particular no teu local de trabalho. Conheceste-os num período crucial das suas vidas. De facto, estás a ensiná-los a pensar. A tua influência sobre eles é muito mais forte do que julgas, e já mudaste as suas vidas de maneiras bastante importantes e benéficas. No passado não muito distante não podias ajudar outros a este ponto.

Os dois que estiveram aqui esta noite, e a amiga deles chamada Ann, estes três são capazes de se desenvolver de maneiras que lhes foram

negadas nos primeiros anos, principalmente por causa dos seus ambientes. Todos os esforços devem ser feitos, dentro do razoável, claro, para estimular a sua curiosidade intelectual e desenvolver as suas capacidades interiores.

Um encontro mensal com o propósito de responder às suas perguntas, explicando o nosso material, seria extremamente benéfico. Contudo, isto não seria uma ocasião social per se, e isso deve ficar claramente entendido. Através destas pessoas influenciaste também o seu círculo de familiares e amigos, embora em menor grau.

(A Jane e eu não conhecemos nenhum dos familiares e amigos.)

De um modo geral, pela primeira vez, tu e o Ruburt estão a trazer o mundo dos livros a estas pessoas, aos jovens, pela primeira vez. Os teus próprios empreendimentos artísticos influenciaram a jovem que esteve aqui esta noite. Mudaste e alargaste completamente a sua conceção do que são os adultos, numa altura em que não encontravam correspondência com os adultos que conheciam.

Ambos também beneficiam com os encontros, e cabe-vos naturalmente orientar as relações pelas vias mais frutuosas. Isto, afinal, não apresenta dificuldades, pois eles seguirão a vossa orientação. A prenda que vos foi dada esta noite foi oferecida numa tentativa sem palavras de expressar apreço.

(Esta noite a Marilyn ofereceu à Jane e a mim um vaso de flores que fez na aula de cerâmica.)

Se os vossos encontros de sexta-feira se tornaram aborrecidos, isso deve-se em grande medida ao facto de ambos o terem permitido e de não terem tomado a dianteira em orientar as conversas por linhas mais responsáveis. Porque estes jovens podem oferecer muito. Olham para as coisas com uma mente fresca, e as suas perguntas podem levar ambos por novas linhas de pensamento.

("Já o fizeram, nalguns aspetos.")

Não quero tomar mais tempo com esta discussão. Mas queria impressionar-te com estes factos. A relação entre ti e o Ruburt dá também ao jovem casal a base sobre a qual construir a sua própria vida em conjunto, e tal base era bastante necessária para eles.

Mais uma nota. São estas as pessoas, percebes, que queremos alcançar, pois são jovens e podem aprender, e não estão tolhidas por teorias antigas. Observando-os, percebes, podes notar o efeito que o nosso material tem nas suas vidas diárias. Este é o material nas suas dimensões funcionais e operativas, e isso é muito importante.

Podes fazer uma breve pausa e continuaremos por outras vias.

(Pausa às 9:22. A Jane estava dissociada como de costume numa primeira entrega. O seu ritmo começara finalmente a acelerar. Abriu os olhos e sorveu um pouco de vinho. Retomou desta forma mais ativa às 9:37.)

Agora. Tenho algumas observações a fazer. Estás a dar os primeiros passos em direção a uma existência muito mais agradável, flexível e gratificante.

Digo-o no sentido mais pleno dessas palavras. Incidentalmente, não estão a agir como pais, nesses termos, mas mais como professores. Em certa medida és um professor na tua pintura, Joseph. O que queres é um arranjo mais flexível. Se possível, afasta-te da ideia de noites de semana e fins de semana, pois isso, até certo ponto, é limitador.

Não te enganes. Também ganhas nas tuas relações com estes jovens quando orientas a relação pelas vias desejadas. Se fosse permitido continuar como está, desintegrar-se-ia de ambos os lados e, em boa medida, terias falhado, no sentido de que não os terias ajudado tanto quanto poderias se tivesses sido mais sábio. E privar-vos-ia daquilo que eles têm para dar.

Estás simplesmente a começar algo novo. Faz os teus próprios arranjos pelas linhas que sugeri. Notarás a vossa vida diária mais gratificante e notá-lo-ás de imediato. Estes jovens sentem também, de forma bastante legítima, embora subconsciente, que estão a começar a deixá-los ficar mal. Porque a relação começa a desintegrar-se numa conversa social que poderiam ter em qualquer outro lugar.

Pensam muito em ambos, e magoam-se facilmente quando não estão a ser honestos, pois isto percebem-no instintivamente. Não se magoam com a honestidade.

Agora mudemos de assunto. Estou satisfeito com o esboço que o Ruburt preparou para outro livro. E esse livro, quando for escrito, será excelente e uma contribuição maior.

(Na outra manhã, num rasgo de inspiração, a Jane escreveu um esboço completo, incluindo divisão por capítulos, do livro que tenciona escrever depois de terminar o primeiro livro sobre o Material de Seth e o livro sobre os sonhos que agora tem já bem adiantado. O novo livro intitula-se A Expansão da Consciência Humana. A Jane escreveu o esboço em menos de uma hora, e diz que o processo de intuição responsável por ele foi muito semelhante ao que levou à produção do livro de poesia discutido nas 227.ª e 228.ª sessões no Volume 5.
(O Seth começa agora a desenvolver os dados sobre o Wyoming fornecidos

na última sessão, em ligação com a minha perceção telepática. Ver páginas 53–55.)

Disse-te que o grupo de pessoas que viste estava bem desenvolvido psiquicamente. Não são membros de um grupo organizado a nível nacional, porém, mas de um pequeno grupo de cinco a sete. Estavam reunidos informalmente quando os percebeste.

Não estavam a tentar quaisquer experiências no momento, mas as suas energias estavam livres e a expandir-se para fora. Muitas vezes estás a experimentar as tuas "asas psíquicas", por assim dizer, quando não te apercebes disso. Isto é bastante importante.

Aquilo a que chamas o corpo astral faz grande parte das suas viagens quando não estás conscientemente a tentar experimentar. Telepaticamente recebes pensamentos quando não estás a tentar recebê-los. Isto não significa, no entanto, que a experimentação consciente não funcione. Significa simplesmente que aquilo que estás a tentar fazer, conscientemente, tens feito sem o saber o tempo todo.

Ainda estou à espera do dia em que te tornes consciente dos teus próprios sonhos enquanto estás acordado e, ao mesmo tempo, plenamente consciente do teu ambiente físico, e capaz de operar normalmente ao mesmo tempo no universo físico.

Agora sugiro uma breve pausa e continuaremos.

(Pausa às 9:55. A Jane disse que estava bem dissociada. O seu ritmo fora rápido, os olhos frequentemente abertos e muito escuros.
(Há muitas sessões, creio que dentro das primeiras 50, o Seth disse-nos que um dia deveríamos estar conscientes dos nossos sonhos enquanto plenamente conscientes. Na altura não tínhamos material de base suficiente para ver como isto seria possível. Agora acreditamos que é possível, e o parágrafo final acima tocou uma corda em mim; penso que o estado muito passivo que por vezes atinjo depois de fazer hatha yoga pode assinalar aqui um começo.

(Pois, ao aproximar-me do fim da rotina de exercícios, estou bem consciente de que ficarei num estado de relaxamento extremo e que, ao deitar-me a descansar, posso contar com o deslizamento para um estado em que os sonhos se revelam. Isto incluiria outro material relacionado como imagens hipnagógicas, ouvir vozes, etc. O meu ponto é que costumo estar consciente de que tais passagens estão a ocorrer enquanto fico quieto; não estou a dormir e, no entanto, algum do material parece ser sonhos. Isto está muito longe de estar plenamente e conscientemente ativo enquanto tais dados internos se manifestam, mas talvez seja um começo.

(As imagens, as vozes, os sonhos, etc., desaparecem quando, deliberadamente, me trago de volta ao estado pleno de vigília, mas poderia ser interessante ver o que consigo fazer para os prolongar através do uso de sugestão. Talvez os consiga levar comigo brevemente ao erguer-me, etc.

(Chegara agora a hora da 52.ª experiência do Dr. Instream. Como de costume, a Jane sentou-se com os olhos fechados e a cabeça apoiada numa mão. O seu ritmo incluiu muitas pausas; foram curtas na sua maioria, contudo, e o ritmo, no geral, foi bom. Retoma às 10:06.)

Agora dê-nos um momento, por favor, para o nosso material Instream. Esta é uma impressão que não compreendo: Minnow. Um pequeno peixe de algum tipo.

Agora o nosso objeto é algo pequeno e redondo, muito parecido com um botão, mas com símbolos nele, e maior do que um botão. Assemelha-se a uma moeda, e é escuro, como se manchado ou antigo.

Tem ligação com um país estrangeiro. Um dos símbolos é uma cobra em forma de corda grossa torcida. Agora, a impressão do peixe referida anteriormente pode também estar ligada aos símbolos deste objeto. Os símbolos no objeto parecem representar criaturas do mar, da terra e do ar.

Há uma ligação com uma palavra, não muito clara. Soa a Osis, mas não é isto. O som de um deus egípcio.

(Pensei em Ísis.)

O objeto não pertence ao Dr. Instream. Algo a ver com quilometragem. Isto já não é o objeto, mas uma impressão separada. Ele planeia uma viagem, para um local específico. Uma ligação com o Canadá. Também creio que com um barco, embora este não vá ser o principal meio de transporte.

As experiências de hipnose estão a abrandar. Há discordância acerca de uma pontuação. Talvez as iniciais R L, relacionadas com isto e algo a ver com 14. Estas impressões dizem todas respeito às experiências de hipnose.

Também a impressão de uma doença de um familiar. Outra ligação, separada, com Formosa. Não sei a que isto se refere.

Agora terminámos o material Instream.
Deste demasiada importância à nossa localização no Wyoming, Joseph.

Veremos o que conseguimos fazer, contudo, e, se não obtivermos os dados corretos esta noite, fá-lo-emos eventualmente.

(A Jane fez uma pausa às 10:16, de olhos fechados. Eu não mencionara o Wyoming hoje, embora o tivéssemos discutido ontem. Mas, evidentemente, isto bastara para alarmar a Jane subconscientemente.)

Esta informação deve ser acrescentada à informação dada anteriormente. Na palavra um L, e creio que dois E's, talvez um duplo E. O nome parece evocar uma imagem que está remotamente—sublinhar remotamente—ligada a um animal.

Há minas nas proximidades.

Aponta o número 91. Isto pode referir-se a um número de estrada, ou algo assim. Há colinas altas ou montanhas a noroeste, perto, e a terra avança para sudeste, creio.

Há um corpo de água, embora não grande, nas redondezas. Há uma ligação com índios. A imagem de um índio é representativa, ou usada aqui como símbolo. Vês, estamos a tentar falar à volta da palavra que queremos.

(A Jane sorriu, de olhos fechados.)

Uma ligação com sal. Dou ao Ruburt uma pausa depois das nossas impressões, e fá-lo-ei agora. Depois, se não estiveres cansado, continuaremos. Deixo a duração da sessão ao teu critério. Acrescenta o número 103 à nossa informação sobre a localização, e há o assobio do vento.

(Pausa às 10:25. A Jane estava dissociada como de costume. Os seus olhos tinham começado a abrir-se ocasionalmente depois das impressões para o Dr. Instream, e o seu ritmo acelerara.

(A Jane sabia que, após a sessão de segunda-feira, eu tinha olhado para um mapa de estradas do Wyoming; ela não o fizera. Disse que se habituara às experiências com envelope e que agora sentia a sua falta quando não as fazíamos. Tínhamos estado ocupados com as visitas antes da hora da sessão e eu não tinha a cabeça na preparação de um envelope.

(A Jane começou de novo a falar de forma ativa e os seus olhos abriram-se quase de imediato. A sua voz foi, por um instante, bastante alta quando retomou às 10:31.)

Se usares a cabeça, meu amigo, podes acabar com uma semana bem equilibrada, que satisfará as necessidades de ambos e te permitirá operar com maior eficácia, por esta razão, em todos os teus empreendimentos. Terás uma estrutura na tua existência que é verdadeiramente revigorante. O desafio e a oportunidade são teus, mas agora é o momento de iniciares tal procedimento. Não posso sublinhar isto demasiado.

Além disso, creio que há uma agradável surpresa reservada para ti. Vamos deixar-te esperar para ver o que é.

Dá-nos um momento, por favor. Tenho algumas sugestões.

Para o Ruburt, com a tarde agora mais longa, uma pausa clara com talvez um passeio e um pequeno snack a meio da tarde permitir-lhe-á tempo de

trabalho extra e muito agradável antes do jantar. Ele não tem sido suficientemente flexível aqui.

Ambos devem pensar no tempo de maneiras diferentes. Lembra-te do que te disse e não serás tentado a tratar o tempo de forma rígida. Sugiro—isto é algo novo—toranja para substituir laranjas. Recomendo vivamente pelo menos um pequeno passeio diário para ti, Joseph, e para o Ruburt também.

Na nossa próxima sessão voltaremos ao nosso material de base. Contudo, esta informação, tal como a desta noite, será de grande utilidade. Têm ambos estado tão conscientemente preocupados com o vosso ponteiro da tábua Ouija que me é agora difícil conseguir transmitir muita informação. As exigências conscientes inibem a informação interior. No entanto, dá-nos um momento e veremos o que conseguimos fazer, apesar da dificuldade.

(A Jane fez uma pausa e fechou os olhos. Quase nos tínhamos esquecido de que queríamos que o Seth nos ajudasse a localizar o pequeno ponteiro de três pernas que acompanha a tábua Ouija. No fim de semana passado descobrimos que o ponteiro estava desaparecido, e temos tentado encontrá-lo desde então.

(Não usamos a tábua Ouija há talvez dois anos. Recorde-se que a tábua ajudou estas sessões a começarem, em dezembro de 1963, mas foi depressa dispensada quando a Jane começou a falar o material. A perda do ponteiro, no entanto, foi bastante embaraçosa porque a tábua não nos pertencia, mas sim ao nosso senhorio, James Spaziani. Nunca chegámos a comprar a nossa.

(Quando descobrimos que o ponteiro se perdera, comentei com a Jane que agora o Jimmy provavelmente iria querer a tábua de volta. Dois dias depois, o Jimmy visitou-nos e perguntou-nos se podia levar a tábua de volta; ele e a esposa queriam experimentar com ela. Nunca a tinham usado depois de o Jimmy a comprar. O Jimmy disse-nos agora que ela lhe andara na cabeça nos últimos dias. A Jane e eu procurámos o ponteiro outra vez enquanto o Jimmy esperava. Não o encontrámos e os três acabámos embaraçados. A Jane e eu decidimos que era altura de pedir ajuda ao Seth.)

Baixo. Uma ligação com revistas ou papéis. Uma ligação anterior com o topo do teu ficheiro, Joseph. Creio que está num lugar escuro, antes escuro do que claro. Sugiro que experimentes a tua varanda nas traseiras.

Em qualquer caso, a certa altura o objeto esteve entre papéis. Poderias também verificar os papéis no teu chão, porque só tenho certeza

da impressão de "baixo" e dos papéis. De qualquer forma, é tudo o que consigo fazer passar agora.

(À data em que escrevo isto, sábado, 2 de abril, ainda não encontrámos o ponteiro. Costumávamos guardá-lo numa prateleira baixa da estante; também costumávamos guardar jornais na mesma prateleira. Atamos os papéis em molhos e colocamo-los numa varanda exterior nas traseiras para recolha. A Jane procurou os papéis lá, mas não encontrou o ponteiro. Porém, recolhas foram feitas recentemente e o ponteiro, se lá estivesse, poderia ter desaparecido facilmente por esta altura.)

Responderei a quaisquer perguntas que tenham, pessoais ou outras, ou podem terminar a sessão, como preferirem.

("Algures em breve gostaríamos que discutisses os quasares, mas agora não temos tempo."

(Recentemente, várias revistas e jornais publicaram artigos sobre os recém-descobertos quasares, ou fontes de rádio quase-estelares. Estes objetos estão nos limites do nosso universo observável, segundo os nossos instrumentos, e, no entanto, são muitas vezes demasiado brilhantes e emitem energia em excesso para o seu tamanho, segundo as leis da física. Ver o artigo da revista Time de 11 de março de 1966.)

Se preferirem, podemos dedicar uma sessão ao assunto. Ou podem fazer uma pausa e continuaremos. Deixo isso ao vosso critério.

(Estive muitíssimo tentado, mas receei que a Jane estivesse cansada. A situação era como teres um livro à tua frente que te interessava muito e, ainda assim, não abrires a capa.

("Acho que vamos terminar então.")

Os meus melhores votos para ambos. Não fora o trabalho envolvido da tua parte, Joseph, falar-vos-ia mais vezes. Há material pessoal para o qual não parece haver tempo, pois quero continuar a desenvolver o nosso material de base. No entanto, podem sempre chamar-me quando quiserem.

("Sim.")

E, mais uma vez, estou convosco ambos mais vezes do que imaginam, e ajudo-vos quando posso.

("Obrigado. Boa noite, Seth."

(Termina às 10:51. A Jane estava dissociada como de costume. Os seus olhos abriram-se muitas vezes e o ritmo foi mais rápido. Terminou a sessão com um largo sorriso e explicou então que tinha sentido uma forte sensação de rapport com o Seth. Ele, disse, ficaria mais do que satisfeito por nos falar e ajudar; falaria agora durante horas, disse a Jane, não fora o trabalho envolvido da nossa parte.)

SESSÃO 247

2 de abril de 1966

(Estas notas são escritas a 4 de abril de memória.
(Realizou-se uma longa sessão não programada em casa do nosso senhorio, James Spaziani, na data acima. Only estiveram presentes a Jane, eu e a Marian Spaziani, esposa do nosso senhorio, embora outras pessoas estivessem em casa.

(A sessão foi totalmente não planeada e espontânea. Uma característica invulgar foi que a Jane falou durante toda a sessão numa voz muito baixa ou em sussurro. Terminou à 1:30 da manhã. A sessão aconteceu depois de nós os três termos passado algum tempo a discutir um sonho recente e vívido da Marian e a sua aventura telepática descrita na 234.ª sessão. Ver Volume 5.

(A Marian e o Jimmy sabem das sessões desde que começaram; na verdade, foi com a tábua Ouija deles que começámos a experimentar. Leram algum do material inicial mas nunca assistiram a uma sessão. A Marian disse francamente que a ideia lhe metia "medo", por isso não insistimos e raramente mencionávamos este material, a menos que ela própria trouxesse o assunto. O Seth disse que tanto a Marian como o Jimmy possuem fortes capacidades não desenvolvidas.

(No sábado à noite, sentámo-nos os três na sala a discutir o sonho recente da Marian, que ela pensava poder anunciar a sua própria morte. A Marian tem 50 anos e, em junho, terá de ser operada para remover um tumor no ovário que foi diagnosticado como benigno. Tem andado preocupada com a operação e, mais tarde, a Jane e eu soubemos que isto a tornou mais recetiva a uma sessão do que anteriormente.

(Depois de falarmos algum tempo, a Jane disse-me que sentia o Seth "a zumbir por perto" e que ele poderia explicar o sonho da Marian, caso ela estivesse disposta a ouvir. A Marian surpreendeu-nos ao concordar, depois de lhe termos explicado que não havia motivo para alarme. Caso contrário, disse a Jane, preferiria ir-se embora; não tinha dificuldade em impedir o Seth de falar, mas achava que seria melhor mudar de ambiente se não houvesse sessão.

(A Marian tem cinco filhos e estavam todos em casa. O marido estava a trabalhar e só chegou depois da sessão. A sala pode ser fechada com portas de vidro antigas, por isso fechámo-las e tivemos relativa privacidade, embora as crianças passassem de um lado para o outro do outro lado das portas. Também ouvíamos a televisão ao longe. As crianças não sabiam que a sessão estava a decorrer; do ponto de vista delas,

devíamos parecer três adultos sentados a conversar, que fecharam as portas porque não queriam ser incomodados.

(O Seth tranquilizou a Marian dizendo que, se uma criança entrasse inesperadamente na sala, o Ruburt "seria ele próprio" instantaneamente e a criança não notaria nada. Não houve interrupções, contudo. O Seth começou a falar num sussurro alto ou numa voz muito suave, consoante se queira definir, e manteve este tom durante toda a noite, com pausas frequentes. Nunca o tinha ouvido falar assim. Os olhos da Jane abriram-se por vezes e ela fumou um cigarro ocasionalmente. Tínhamos bebido dois copos cada um antes da sessão começar e o ambiente era caloroso e descontraído. Suponho que o facto da sessão se realizar em sua casa aumentou a confiança da Marian e, na primeira pausa, ela disse que estava "fascinada".

(A sessão foi longa e não será descrita em pormenor aqui, exceto por dois pontos que quero assinalar para possível referência futura. Tratou apenas de material pessoal relativo à Marian e à sua família, com alguns dados reencarnatórios acrescentados.

(O Seth tranquilizou a Marian acerca do sonho envolvendo a sua mãe falecida, explicando que se tratava de um caso em que a Marian projetava os seus próprios medos subconscientes, entre outras coisas. A preocupação da Marian com a operação que se aproxima entrou aqui, e o Seth usou essa preocupação para expor os seus principais pontos da noite. A Marian ama profundamente as crianças. O Seth explicou que o tumor no ovário representava a sua tentativa subconsciente de fazer crescer algo, uma vez que está agora quase a passar pela menopausa e já não pode "crescer" crianças. O Seth sublinhou que, se a Marian aprendesse a canalizar as suas energias para fora, talvez ajudando crianças desfavorecidas, a necessidade subconsciente de ser necessária seria satisfeita e o tumor encolheria por si só.

(O Seth disse que não sabia se a Marian conseguiria aprender rapidamente como fazer isto; mas se ela conseguisse pôr-se no bom caminho em breve, disse, não precisaria da operação em junho; um exame médico então mostraria que o tumor estava a encolher e continuaria a encolher. Como a Marian é também uma pessoa profundamente religiosa, o Seth ligou as suas ideias sobre pensamento positivo e sugestão ao tema religioso, salientando o uso positivo da fé. Desenvolveu tudo isto com bastante detalhe, repetindo-se muitas vezes no esforço de ensinar à Marian o máximo possível.

(Se ela não conseguisse dominar depressa o uso da sugestão e da fé religiosa positiva, o Seth tranquilizou a Marian dizendo que a operação

trataria então do tumor e que ela não tinha motivos de preocupação aqui. O Seth incluiu também sugestões para a Marian relativamente a sonhos terapêuticos; nas pausas, a Jane e eu explicámos o que pudemos, mas saímos com a sensação de que havia muito que não tivemos tempo de incluir. A última parte da sessão envolveu dados reencarnatórios. Segundo o Seth, dois dos filhos dos Spaziani são psiquicamente mais velhos do que os pais. Houve muita troca complicada de papéis e de sexo entre os membros da família. A própria Marian foi duas vezes homem e duas vezes mulher. Da última vez que foi mulher, não teve filhos; o Seth sublinhou muitas vezes que esta memória subconsciente tem muito a ver com o seu forte desejo de ter filhos nesta vida.)

SESSÃO 250

QUASARES
11 de abril de 1966

(A 47.ª experiência com envelope foi realizada durante a sessão, conforme indicado pelo decalque na página 91. O objeto era uma folha de ácer desbotada que a Jane e eu apanhámos, juntamente com outras, num passeio no ano passado, provavelmente em outubro de 1965. Posteriormente fiz um desenho em aguarela desta folha e de outra. Como se verá, o objeto levou a alguns dados algo difíceis de avaliar, mas a Jane e eu acreditamos que são legítimos.

(Por mais que tentássemos, nenhum de nós conseguia recordar exatamente quando apanhámos esta folha em particular, para além de ter sido no início do outono. Pensei em outubro e confirmei isto com o pêndulo, que para mim é bastante fiável. O pêndulo concordou com a minha resposta consciente. O local exato onde apanhei esta folha em particular é importante nos dados, e disso temos a certeza. Isto será explicado. Bastará dizer agora que a Jane e eu nunca deixaremos de nos surpreender com os rumos que as impressões associadas a tais objetos experimentais podem tomar.

(A sessão realizou-se na sala da frente. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. A sua voz era normal e usou muitas pausas curtas; entre as pausas, curiosamente, a sua entrega foi bastante rápida.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

É impossível para vocês perceberem o que representam estes quasares. Só podem perceber projeções distorcidas destes quasares.

A interpretação que fazem, pois, tem de ser feita cientificamente, de acordo com as leis com que estão familiarizados dentro do vosso sistema. Mas essas leis não se aplicam fora do vosso sistema e certamente não se aplicam aos vossos quasares.

O que os vossos cientistas estão a perceber é a forma, a forma de camuflagem, que as projeções dos quasares assumem dentro do vosso sistema.

É, naturalmente, por causa das vossas ideias altamente distorcidas sobre o tempo que continuam a projetar conceitos antiquados de passado, presente e futuro para fora, nas explorações do vosso universo. Embora os quasares pareçam estar cheios de mais energia do que o ser humano consegue conceber, ainda assim os quasares que agora são percecionados não passam de sombras da realidade por detrás deles.

É só porque estão tão hipnotizados por ideias de começos e fins que continuam a procurá-los no universo, e distorcem dados que, de outro modo, vos seriam claros. Eu disse-vos que o universo se expande de uma forma que nada tem que ver com o espaço. Mas, quando tentam relacionar esta ideia com o universo tal como o conhecem, dão de caras com uma parede de tijolo, pois o que parecem ver no universo é, de facto, espaço.

(O ritmo da Jane estava agora melhor e os seus olhos abriam-se muitas vezes, durante frases inteiras.)

Ora bem. Outra coisa aqui, que ao princípio vos pode soar inacreditável: os quasares são incrivelmente pequenos, em comparação com a energia que emitem. A própria intensidade da energia é tal que pareceria que o seu tamanho é considerável, mas não é o caso. São originadores de energia.

A sua intensidade dá-lhes a aparência de massa, mas não há matéria envolvida aqui, apenas intensidades elétricas, tão rápidas que o que têm é movimento instantâneo e intensidades elétricas infinitas.

É como se estivessem algures dentro de um átomo, a olhar para o vosso próprio núcleo. Quando um átomo é examinado, porém, dentro do vosso sistema, pensam nele como existindo apenas dentro do vosso sistema, pois só percebem com os vossos instrumentos aqueles aspetos que são projetados dentro do vosso sistema.

Aquilo a que chamam o núcleo de um átomo representa, portanto, apenas uma pequena porção do núcleo inteiro. Parte do núcleo existe em antimatéria. Parte do núcleo existe noutros sistemas com os quais os vossos cientistas simplesmente não estão familiarizados.

Eles não conseguirão percecionar estas partes ocultas de um dado átomo com os métodos que agora usam. Eu disse-vos no passado que os mesmos átomos são utilizados — isto é, os mesmos átomos concretos são utilizados tanto no vosso sistema como noutros sistemas. Do mesmo modo, então, estes grandes núcleos, ou quasares, são apenas uma parte da realidade, a parte projetada dentro do vosso sistema.

Os esmagadores de átomos não esmagam átomos. Limitam-se a alterar as partes atómicas que aparecem dentro do vosso próprio sistema. Se o ser humano alguma vez aprendesse a manipular o átomo inteiro desta maneira, então, de facto, haveria desastres nunca imaginados.

Ele só pode jogar com as projeções da realidade dentro do seu próprio sistema. Pode, na verdade, causar muitos danos, mas apenas ao seu próprio universo de camuflagem. Este universo físico é, no entanto, bastante importante para ele, afinal, mas ele está bem isolado dentro dele.

Construiu a matéria como manifestação exterior da realidade interior. Pode, até certo ponto, destruir matéria, mas não pode destruir a realidade interior.

Sugiro uma pausa e continuaremos.

(Pausa às 9:27. A Jane estava novamente bem dissociada. Disse que, em geral, tem estado "bastante longe" desde que o material sobre os quasares começou a surgir, há algumas sessões. É um assunto que nos interessa muito. Ver página 85, etc.

(A Jane disse que tinha uma imagem interior ao falar sobre vermos apenas parte do átomo no nosso sistema. Tentou traçar a imagem na superfície da mesa com o indicador, mas não conseguiu ir além da ideia de círculos envolvidos.

(O seu ritmo foi rápido entre muitas pausas curtas, com os olhos abertos grande parte do tempo. Retomou do mesmo modo às 9:37.)

O átomo é em si um sistema muito mais complicado do que sabem e, em muitos aspetos, o vosso próprio sistema não passa de um átomo.

Quando começam a olhar cada vez mais fundo para a natureza da matéria física, claro que se afastam cada vez mais dela até que, no coração da matéria, não há matéria nenhuma, e é tão longe quanto podem ir com os vossos instrumentos; o coração do átomo tal como o conhecem.

Se pudessem ir mais longe, contudo, chegariam, numa dimensão, novamente à matéria. Isto seria aquilo a que chamam matéria negativa. Depois, avançando mais, afastar-se-iam outra vez da matéria, até que já não houvesse mais. E então haveria novamente matéria positiva, e assim sucessivamente.

Estou a falar apenas de uma dimensão, pois noutras dimensões, e viajando através do mesmo átomo, chegariam a tipos de matéria com os quais não estão de todo familiarizados, nem sequer em teoria. Porque o átomo é uma estrutura que trata da formação de energia em matéria, e percorre, por assim dizer, todos os sistemas que têm a sua base em qualquer sistema de matéria.

As barreiras invisíveis de que falei retêm-vos, de modo que, quando a vossa perceção não dá resultados, imaginam que não há nada para perceber. Portanto, imaginam que percebem o átomo inteiro, mas percebem apenas a porção que é projetada no vosso próprio sistema.

(A Jane fez agora uma pausa de mais de um minuto, sentada calmamente com os olhos fechados.)

Os átomos não criam energia de forma básica. Tornam a energia utilizável dentro do vosso sistema. A energia surge no vosso universo através do núcleo do átomo, mas o núcleo não é o originador da energia. Apenas parece ser.

O material sobre recintos mentais, dado há muitas sessões, esclarecerá este ponto em particular.

Agora, os quasares são originadores de energia. Toda a energia, em última análise, também retorna a eles. Eles não estão nos limites extremos do vosso universo. São projeções de outro sistema para o vosso universo. Parecem estar onde não estão.

Ao olharem para eles, veem tanto o futuro como veem o passado, pois, como agora sabem, o futuro e o passado são um só, e toda a separação ou divisão aparente é, basicamente, uma ilusão. Existem, por outras palavras, nos vossos termos, tanto no futuro como no passado.

Em breve teremos algo a dizer aqui sobre a aparente morte das estrelas, pois isto irá ligar-se ao nosso material sobre os quasares.

Dentro do vosso sistema, parece que as estrelas “morreram”, por assim dizer. Elas apenas deixaram o vosso próprio sistema, e atualmente não têm método para seguir os rastos das suas trajetórias.

Elas continuam a existir no mesmo espaço, usando os vossos termos, em que existiam antes, no vosso tempo. Mas mudaram de sistemas e já não as conseguem percecionar. A sua realidade não pode ser captada pelos instrumentos que agora possuem, mas isto não significa que não existam dentro do vosso sistema. Nem significa que não possam voltar a aparecer no vosso sistema.

Sugiro uma breve pausa.

(Pausa às 9:58. A Jane disse que estava novamente bem dissociada. O seu ritmo fora mais rápido entre muitas pausas, algumas das quais longas. Tinha os olhos abertos durante parágrafos inteiros. Não fumara.

(A Jane fez agora um desenho do que conseguia recordar da imagem do átomo que tentara na primeira pausa. Esta é a imagem de círculos, representando o átomo inteiro, incluindo a parte dele visível para nós e as porções invisíveis. A Jane não ficou satisfeita com o desenho porque, disse, não conseguia indicar a espessura ou a profundidade que deveria ter.)

SESSÃO 248

QUASARES
4 de abril de 1966

(A 45.ª experiência com envelope foi realizada durante a sessão. Ver o decalque na página 72. O objeto é a aba de uma carta em que o meu sobrinho Douglas Butts e eu escrevemos no último domingo, 3 de abril, em casa dos meus pais em Sayre, PA. O decalque está desenhado com a mesma caneta azul, minha, que foi usada para escrever no objeto. O objeto surgiu quando o Doug, que tem 14 anos, me estava a mostrar como escreve com a mão esquerda. Sentámo-nos no sofá e usámos um jornal dobrado como apoio; não era estável. Eu não tencionava usar este objeto para a experiência com envelope, mas decidi fazê-lo no momento, depois de estar feito. A Jane nunca viu o objeto na sua forma final antes da experiência.

(Ela, no entanto, viu o envelope de que a aba foi arrancada, de forma casual. O envelope continha uma carta da irmã do Doug, a Linda, recentemente casada, que agora vive em Brooklyn, NY. Tanto a Jane como eu lemos a carta ontem; foi escrita aos meus pais. Perguntei-me se o Seth iria captar alguma impressão ligada à Linda, mas limitou-se a impressões que se originaram ontem no que nos dizia respeito à Jane e a mim. O N e "Norcross" indicados a lápis no decalque assinalam uma marca cega em relevo na aba do envelope, mas o Seth também nada disse sobre isto.

(Reselhei o objeto como de costume nos envelopes duplos, depois de o colocar entre duas folhas de Bristol.

(Depois do jantar desta noite, o jovem Don Wilbur informou-nos de que ele e a esposa não poderiam assistir à sessão como estava previsto. Os Wilbur são discutidos na 246.ª sessão. O Don deixou comigo um envelope selado, preparado segundo as minhas instruções, mas eu não planeava usá-lo na experiência desta noite. A Jane sabe do envelope, mas não o viu. Pediu que não falássemos muito sobre ele para que ela não se focasse demasiado.

(Depois de várias sessões envolvendo vários tipos de material pessoal, esperávamos voltar ao tipo teórico. A sessão realizou-se na nossa sala de estar como de costume. A Jane começou a falar de olhos fechados e a um ritmo algo lento. Não estava a fumar.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

A esta altura, deveria ser-vos óbvio que percebem apenas uma pequena parte da realidade; com efeito, que a vossa ideia de realidade é formada e limitada pelas vossas perceções.

À medida que cavam mais fundo em vocês próprios, encontrarão indícios de outras realidades. A vossa não é o único sistema que existe naquilo a que chamariam o mesmo espaço que o universo físico. Simplesmente não percecionam esses outros sistemas. Não é o espaço nem o tempo que divide um sistema de outro. Hábitos de perceção, esses sim, dividem-nos.

Os mesmos átomos e moléculas que no vosso sistema são percecionados como objetos físicos são percecionados noutros sistemas como realidades inteiramente diferentes. Basicamente, a mesma energia que compõe um sistema projeta-se para outros sistemas e é percecionada de modo diferente. Espaço, tempo, tamanho, densidade — tudo isto são resultados da vossa própria perceção.

Têm pouco que ver com a natureza da realidade básica. A distância nada tem que ver com o espaço. Realidades que vocês só conseguem percecionar em termos de luz podem, por exemplo, existir como som, como movimento, como cor, e podem ter dimensões com as quais estão completamente unfamiliarizados. No fim, acabaremos a falar dos vossos quasares, mas primeiro precisamos de material introdutório.

(Na 246.ª sessão observei que gostaríamos que o Seth discutisse os notáveis quasares, ou fontes de rádio quase estelares, que têm causado tanta discussão nos círculos astronómicos ultimamente. Eles violam as leis conhecidas da física; embora nos limites do nosso universo observável, são demasiado brilhantes e a sua energia é demasiado fantástica.)

É natural, claro, que interpretem projeções de outras realidades no vosso próprio sistema de acordo com as leis e limitações que parecem aplicar-se ao vosso sistema. Contudo, não podem compreender muito acerca da própria estrutura básica do vosso universo a menos que façam alguma tentativa, pelo menos em imaginação, de se projetarem para além dele.

Não o podem fazer fisicamente por agora, mas podem fazê-lo através do uso dos sentidos internos, de estados de transe, de experiências de

hipnose e do uso inteligente das intuições e dos poderes de imaginação. O universo é transparente aos sentidos internos. É funcionalmente transparente. Existe eletromagneticamente. Todas as realidades dentro dele existem na sua própria faixa de intensidade.

O passado, o presente e o futuro, como sabem, existem de uma só vez no presente amplo. Temos falado em termos do passado, presente e futuro pessoais, tal como existem para o indivíduo. Consideremos agora o presente amplo em termos diferentes. O que significa aplicado à questão das origens do vosso universo e desses acontecimentos que consideram históricos?

E os ciclos da história? Falaram deles, creio, há alguns dias. E o presente amplo e os vossos quasares? E o vosso presente amplo e as previsões, por exemplo, de Nostradamus? E o presente amplo e a sua ligação com a evolução? Todas estas perguntas surgem naturalmente e devem ser aqui respondidas.

Devemos, pois, aplicar os princípios de que falei do indivíduo para o exterior, ao ambiente e à sequência histórica que ele próprio formou. Isto envolver-nos-á numa grande tarefa, e contudo, necessária.

Os princípios que vos dei como aplicáveis ao indivíduo devem obviamente aplicar-se a nações e a povos. Portanto, se o indivíduo pode mudar o seu próprio passado, então deve seguir-se que um povo pode mudar o seu passado, que uma nação pode mudar acontecimentos passados, que o futuro pode influenciar o passado historicamente e até, vês, que uma morte pode alterar um nascimento.

As ações, mesmo as históricas, dentro do vosso sistema, têm a sua realidade, percebes, também noutros sistemas, embora sejam percecionadas de modo bastante diferente. Lembra-te de alguns dos pontos principais que te dei sobre probabilidades. Vês, numa certa dimensão Napoleão conquistou completamente a Europa, e as ações resultantes dessa probabilidade continuam nessa dimensão.
Sugiro uma breve pausa e continuaremos.

(Pausa às 9:30. A Jane estava dissociada como de costume. O seu ritmo continuara a ser entrecortado por pausas, algumas delas longas. Os olhos tinham começado a abrir-se ocasionalmente para o fim da entrega e ela sorveu vinho.
(Retomou de forma algo mais ativa às 9:43.)

Agora. A energia psíquica é a única realidade de que brotam todas as outras. O ambiente exterior é um reflexo do ambiente interior.
Quando se percebe que o ser humano constrói de facto o seu próprio universo físico, e que o homem individual constrói a sua própria imagem

física, então, vês, pode fazer-se um progresso considerável. É desnecessário dizer que os habitantes desses outros sistemas prováveis são tão reais quanto os habitantes do vosso próprio sistema.

Eles considerariam o vosso próprio sistema como um universo provável. Sonham como vocês sonham. Utilizam átomos e moléculas como vocês. Os sistemas estão divididos, mas não separados por espaço ou tempo. Coexistem, mas não podem encontrar-se naturalmente, tal como o universo negativo coexiste com o vosso mas está dele dividido.

Ora, o presente amplo contém obviamente todos estes sistemas, e estes sistemas são todos sistemas abertos, pois a energia que os compõe é a mesma. Eles parecem ser sistemas fechados, e iremos aprofundar esta questão em particular noutra ocasião.

Deves recordar o material que te dei acerca dos pontos-momento e da natureza da ação. Todo esse material, vês, aplica-se aqui. Mais uma vez, percecionas apenas uma pequena porção de qualquer ação dada, e quando deixas de a percecionar então parece-te que a ação em si cessa, e assim ergue-se uma fronteira artificial.

Não te ocorreu, percebes, tentar espreitar por cima dessa fronteira, por assim dizer, porque partiste do princípio de que nada existe do outro lado. Não estou aqui necessariamente a falar da morte, embora este seja, claro, o caso óbvio. Estou a falar de algo muito mais subtil. Estou a falar de qualquer pequena ação, aparentemente insignificante, que executas durante um dia comum, e aqui estamos a aproximar-nos.

Percecionas apenas os elementos mais iniciais de uma tal ação. É como se atirasses uma bola e só conseguisses seguir a bola a sete ou oito centímetros no espaço — então a bola parecer-te-ia desaparecer. A ação parecer-te-ia, portanto, concluída. Considerarias idiota imaginar o que aconteceu à bola quando já não a podias ver, pois o hábito funcionaria de tal modo que o desaparecimento da bola te pareceria natural e normal, e parte da natureza das coisas.

Assim, comparando a bola a uma ação, percecionas apenas a mais pequena porção de qualquer ação dada, mesmo uma executada por ti próprio. Não te ocorre que haja mais a percecionar. Quando a bola sai de vista, por assim dizer, poderias dizer, para a nossa analogia, que ela vai para o futuro.

Isto seria verdade como analogia — se o tempo não passasse de uma série de momentos, ou se o futuro fosse uma realidade definida mas momentaneamente não percecionada. Quando atiras esta bola, porém, ela não vai apenas para fora numa linha reta assim—

(A Jane falava agora rapidamente e os seus olhos abriam-se por vezes. Agora estendeu um braço diretamente para mim.)

— para este futuro. Embora a vejas a fazê-lo, ela segue, percebes, em todas as direções, assim—

(De novo o gesto; desta vez a Jane abriu os braços.)

— em todas as probabilidades, em todas as direções possíveis. Não só estás cego para além de um certo ponto arbitrário, de modo que a linha reta parece cortada e a ação concluída, como também estás cego para todas as outras direções, percebes, que a nossa bola poderia — e de facto — tomar.

Isto é difícil de te explicar. Como exercício, apanha-te ocasionalmente numa ação insignificante — falar, tocar. Se falares, por exemplo, está consciente de falares e de te ouvires falar. Tenta pensar nas palavras, ou experimentá-las em termos de cor. Em termos de volume, de densidade, de distância. Pensa nos inícios do ato simples de que normalmente estás quase completamente inconsciente, os movimentos musculares que têm de ser feitos antes que uma palavra possa ser pronunciada.

Apanha-te num pensamento simples e tenta experimentar os inícios dessa ação. Serás conduzido à ação, de facto, de um modo completamente novo. Depois tenta experimentar esta ação simples à medida que ela afeta os outros, não apenas emocional e fisicamente em termos das mudanças que suscita nas suas estruturas complexas, mas também as novas ações que lhes exige.

Verás que um bailado misterioso, complicado e quase inacreditável resulta de um simples pensamento ou palavra, de qualquer ação aparentemente descomplicada.

Podes fazer a tua pausa. Mas se te parece que estamos muito afastados do presente amplo e dos quasares, então estás enganado.

(Pausa às 10:09. A Jane estava mais dissociada do que na sua primeira entrega. O seu ritmo tornara-se muito mais rápido. Os olhos abriam-se muitas vezes para o fim da entrega, durante frases inteiras. Falou com muitos gestos e a voz estava um pouco mais forte. (Chegara agora a hora da 53.ª experiência do Dr. Instream. Como de costume, o ritmo da Jane abrandou um pouco. Sentou-se com as mãos erguidas aos olhos fechados. Retoma às 10:15.)

Agora, dá-nos um momento.

Outra ocasião formal. Com isto não me refiro necessariamente a um baile, mas a um evento formalmente agendado em que a formalidade, e não a informalidade, impera. Daremos um objeto em breve.

Talvez uma ligação com uma instituição de caridade e com este evento. Em qualquer caso, as receitas dele não revertem para lucro. O evento é um que se realiza anualmente, creio — pelo menos na mente dos que assistem há a memória de eventos anteriores do mesmo tipo, realizados para o mesmo fim e aproximadamente na mesma época do ano.

Um almoço para o nosso amigo hoje, de um tipo estabelecido. Alguma ligação distante aqui com um museu.

O objeto parece ser um tipo de lenço. Uma ligação com um quatro e seis e com este lenço. Pode pertencer a uma mulher. Esteve no banco de trás de um carro. É castanho, com tons de laranja ou vermelho.

Um interlúdio que não foi agradável por volta das 15 horas desta tarde para o nosso amigo, e uma carta ou pacote que foi difícil de abrir. Isto é separado e não ligado ao episódio desagradável.

Parece também que ele esteve recentemente numa cozinha estranha, a falar com um homem. Mesas e cadeiras aqui de madeira modesta. Talvez o homem trabalhe para o Dr. Instream de alguma forma. Um faz-tudo ou porteiro.

Tens um envelope para mim, Joseph?

("Tenho."

(A Jane fez uma pausa às 10:25 e eu entreguei-lhe o 45.º envelope selado. Como de costume, ela pegou nele sem abrir os olhos, mas esta noite manteve-o no colo sem o encostar à testa. Em vez disso, ficou sentada com uma mão erguida aos olhos.)

Dá-nos um momento, por favor. Uma ligação com música. Estas são impressões.

Uma ligação com quadrados ou cubos que parecem encaixar uns nos outros. Uma mensagem impressa. Uma ligação com uma criança.
A cor azul. A forma de algo alto como uma árvore; linhas ondulantes, ou vacilantes.

Amarelo. Dois. Uma dupla exposição. Algo que pode ser visto através. Algo ultrapassado ou antiquado. Têm alguma pergunta?

("Queres dizer algo sobre a ligação com música?")

Uma ligação com fortes interesses musicais. O item pertence, ou pertenceu, a alguém com interesses musicais. Um instrumento ligado aqui, creio, talvez indiretamente.

("E quanto à ligação com a criança?")

Creio que masculino.

("E quanto à dupla exposição?")

Não estou claro aqui. Parece haver mais do que um do mesmo tipo.

("Queres tentar nomear o objeto?")

Uma ligação com uma câmara e fotografias. Sugiro a tua pausa.

(Pausa às 10:35. A Jane estava dissociada como de costume, disse ela. Os olhos mantiveram-se fechados durante o material experimental. O ritmo foi razoavelmente bom.

(Antes de abrir o envelope, a Jane disse-me que, enquanto dava os dados, tinha uma impressão muito definida de algo ligado a fotografias e música. Como se verá, tinha razão em ambos os pontos. A Jane disse que tinha "duas linhas de consciência" e que o Seth queria conduzi-la muito cuidadosamente entre elas. Seguiu a orientação dele com sucesso.

(Fomos capazes, com facilidade, de fazer todas as ligações exceto uma, com a qual o Seth nos ajudou depois da pausa. Ver o decalque na página 72 e as notas que o descrevem e às suas circunstâncias na página 73. O desenho a lápis por baixo do objeto real do envelope é apenas explicativo.

("Uma ligação com música." Como foi dito, a Jane e eu visitámos os meus pais em sua casa no domingo passado, 3 de abril, e lá encontrámos o meu irmão Loren, a esposa Betts e o filho deles, Douglas, de 14 anos. Nesta experiência com envelope, o Seth voltou a usar o objeto real como ponto de partida para alguns dos seus dados, e este é um desses casos. O Doug, que me ajudou a criar o objeto, não é musical; no entanto, ambos os pais são músicos profissionais; ambos são professores; a Betts ensina música bem como outras disciplinas. O Loren já não ensina música. Durante muitos anos foi pianista numa banda de baile e ensinava música ao mesmo tempo.

("Uma ligação com quadrados ou cubos que parecem encaixar uns nos outros." Ver o desenho a lápis na página 72. Tanto a Jane como eu achámos que era uma boa descrição do pequeno visor de plástico e das transparências que o meu irmão trouxe para nos mostrar. As transparências são da Jane e minhas, tiradas há várias semanas. Medem exatamente quadrado, e o visor tem forma de cubo, encaixando nele as transparências como indicado no meu esboço.

("Uma mensagem impressa." O objeto contém escrita. Eu escrevi o meu próprio nome e o Doug escreveu "Goodbye" e o nome dele. O "Norcross" está impresso, no sentido de ser uma marca cega em relevo. A Jane não sabe se, nos dados, pretendia caligrafia à mão ou impressão tipográfica. Temos tido dificuldades com esta categoria em experiências anteriores, a Jane querendo dizer uma coisa por "escrita ou impressão" enquanto eu entendo outra.

("Uma ligação com uma criança." O Doug tem 14 anos.

("A cor azul." Como foi dito, a escrita no objeto é a tinta azul. O decalque na página 72 é feito com a mesma caneta usada para produzir a escrita.)

("A forma de algo alto como uma árvore; linhas ondulantes, ou vacilantes." A Jane disse que os dados da árvore eram a sua maneira, ou a maneira do Seth, de conduzir aos dados sobre linhas vacilantes. O Doug e eu escrevemos no objeto sentados num sofá. A minha assinatura é firme porque tinha o apoio de um jornal dobrado no colo. A do Doug é trémula, ou vacilante, porque segurou o envelope contra a perna e tentou escrever nele sem outro apoio. Como foi dito, ele estava a tentar mostrar-me como escreve com a mão esquerda.

("Amarelo." A Jane e eu não fizemos aqui quaisquer ligações, mas o Seth fá-las mais tarde.

("Dois." Duas pessoas escreveram no objeto-envelope.

("Uma dupla exposição." Ou isto é uma referência a "dois", acima, ou possivelmente ao facto de o meu irmão ter trazido transparências para mostrar à Jane e a mim. Não nos lembramos de o Loren se referir a quaisquer duplas exposições em sentido literal.

("Algo que pode ser visto através." Isto será o visor mostrado no esboço a lápis na página 72.

("Algo ultrapassado ou antiquado." Tanto a Jane como eu pensamos que isto se aplica à Betts, a mãe do Doug. A Betts levou-nos a dar uma volta no domingo, em Sayre. Quando passámos por uma casa com piscina, a Betts comentou que era demasiado velha para tais coisas. A Jane e eu achámos que isto era uma sugestão negativa involuntária, já que a Betts, com 44 anos, é 3 anos mais nova do que eu.

(No total, fiz ao Seth quatro perguntas relativas à experiência com envelope. Depois de responder à primeira, a Jane fez uma pausa e eu coloquei a pergunta seguinte sem esperar muito. Ela aceitou aparentemente esta técnica sem objeção. Primeiro, pedi ao Seth que desenvolvesse os dados sobre música.

("Uma ligação com fortes interesses musicais. O item pertence, ou pertenceu, a alguém com interesses musicais. Um instrumento ligado aqui, creio, talvez indiretamente." Os pais do Doug, o Loren e a Betts, têm fortes interesses musicais. Tanto quanto sabemos, porém, o Doug não tem. Nem a irmã dele, a Linda, que escreveu a carta e a colocou no envelope de que foi arrancada a aba usada como objeto. Nem o Loren nem a Betts possuem quaisquer instrumentos exceto um piano, que é o instrumento principal de ambos. A Betts é diretora do coro da sua igreja. Serão um piano ou um órgão a ligação indireta? Não me lembrei de perguntar.

(A minha segunda pergunta dizia respeito aos dados sobre a criança.

("Creio que masculino." O Doug, coautor do objeto, é do sexo masculino.

(A minha terceira pergunta dizia respeito à dupla exposição.

("Não estou claro aqui. Parece haver mais do que um do mesmo tipo." Há duas assinaturas diferentes no objeto.

(Para a quarta pergunta, perguntei ao Seth se queria tentar nomear o objeto.)

("Uma ligação com uma câmara e fotografias." Como foi dito, o objeto está relacionado com transparências, na medida em que o pai do Doug, o Loren, trouxe a sua câmara e transparências com ele. A Jane ouviu a nossa conversa sobre fotografias e juntou-se à discussão. Ela não sabia que o Doug e eu tínhamos escrito na aba do envelope, embora tivesse visto o envelope e a aba ainda anexada, mais cedo no dia, de forma casual.

(A Jane explicou agora, na pausa, que o Seth não queria que ela dissesse "transparências" quando lhe pedi que nomeasse o objeto. Enquanto em transe, disse, teve pensamentos fortes sobre o Loren e a Betts e as fotografias, embora não tivesse imagens. Também não teve quaisquer pensamentos, de que se apercebesse, sobre o visor. Quando lhe pedi que explicasse o objeto, explicou, a ideia inibitória das transparências atrapalhou. Como o Seth não queria que ela dissesse "transparências", surge um compromisso em que é dada uma ligação com o próprio objeto-envelope.

(Lembra-te de que, no início destes dados, a Jane é citada dizendo que tinha fortes impressões de algo ligado tanto à música como às fotografias. Isto antes de abrir o envelope experimental para ver o objeto. A Jane conhece bem o Loren e a Betts, naturalmente, e as transparências eram da Jane e minhas. Estas cargas emocionais sobrepujaram a contida no objeto dentro do envelope.

(A Jane retomou a um ritmo médio, de olhos fechados, às 10:48.)
Terminaremos agora a nossa sessão. As ligações foram suficientemente claras para não necessitarem de discussão.
O "amarelo", no entanto, não passou. Isto referia-se aos botões cor de cobre do casaco do rapaz, um fato novo, creio.

(Verdade. Assim que o Seth explicou os dados, lembrei-me de que o Doug explicou à Jane e a mim que estava a usar um fato novo. Isto foi quando chegou. O casaco tem botões cor de cobre. O Doug pendurou o casaco cuidadosamente após a chegada e já não o voltámos a ver nesse dia.)

Se tiverem alguma pergunta, ou se houver algo em particular que queiram discutir, continuaremos. Caso contrário, encerraremos a sessão.

("Porque não nos dás um pouco de material sobre a sinusite da Jane?")

Ele deve dar a si próprio, religiosamente, sugestões positivas antes de dormir, de que a condição irá melhorar. Isto será de considerável benefício. É tarde para entrarmos nas várias razões da condição, embora já tenhamos mencionado algumas no passado, e estas continuam a aplicar-se.

O leite agrava a condição. Presentemente, uma combinação peculiar de humidade e o calor empoeirado dos vossos radiadores também agrava. As sugestões noturnas recomendo-as calorosamente. O exercício de que leu, feito três vezes ao dia, beneficiá-lo-ia. Ainda dedicaremos uma sessão a este tipo de assunto quando encontrarem tempo.

("Acham que a sessão não programada de sábado ajudou a nossa senhoria?")

Ajudou, sim.

(Ver a 247.ª sessão. Nela, o Seth tentou instruir a nossa senhoria, a

Marian Spaziani, sobre a sugestão positiva e a sua aplicação a um tumor benigno no ovário.

("Ela surpreendeu-se por termos feito a sessão?")
Subconscientemente, ela queria uma sessão.

(No passado, a Marian sempre nos disse que a ideia de assistir a uma sessão era demasiado assustadora. Daí a nossa surpresa no sábado, quando, numa visita a casa dela, concordou em ouvir o Seth sem qualquer pressão da nossa parte.

(Depois da sessão terminar à 1:30 da manhã, o marido da Marian, o Jimmy, chegou do trabalho. A Marian falou-lhe da sessão. O Jimmy perguntou então em voz alta se o Seth lhe poderia dizer "algo significativo" que lhe fosse acontecer nos seis meses seguintes. Já estávamos a beber café, porém, e o Seth não falou. A pergunta do Jimmy levou à minha questão seguinte.)
("O que queria o Jimmy dizer quando perguntou se algo significativo lhe iria acontecer nos seis meses seguintes?")

Dá-nos um momento aqui. (Pausa.) Estava a pensar na sua saúde e também em dificuldades de dinheiro de que falámos anteriormente.

(Durante a 247.ª sessão, o Seth disse à Marian que a saúde do Jimmy era boa. O Seth dedicou grande parte da 229.ª sessão àquilo que disse serem problemas de impostos e dinheiro envolvendo o Jimmy. Como foi dito na altura, a Jane e eu não fazemos ideia quanto à validade da 229.ª sessão. O material foi bastante detalhado; ainda não ouvimos nem vimos

nada que o comprove. Numa sessão recente, o Seth disse que probabilidades poderiam entrar aqui, mas é tudo o que sabemos. No sábado à noite, a Jane e eu perguntámo-nos por que razão o Jimmy fez a pergunta que fez. Na 229.ª sessão, o Seth deu a data de 15 de março em ligação com os supostos problemas fiscais do Jimmy.)

Encerramos a sessão. Algures no futuro, quando tirarem férias de outras preocupações, podemos ter várias reuniões por semana, talvez por duas semanas. Não agora, contudo; quando tiverem energia, ambos. Isto seria agradável e muito benéfico sob muitos pontos de vista. Um curso intensivo, creio que lhe chamam. E agora os meus melhores votos para ambos.

("Boa noite, Seth."

(Termina às 11:00 da noite. A Jane estava dissociada como de costume. Os seus olhos começaram a abrir-se perto do fim da entrega. Disse que o Seth estava "caloroso e emotivo" no fecho e teria continuado se lhe tivéssemos pedido.)

SESSÃO 249

6 de abril de 1966

(A 46.ª experiência com envelope foi realizada durante a sessão. Ver o decalque acima. O objeto era um laço de cetim vermelho que andava a circular pelo estúdio há alguns meses; em várias alturas pensei, distraidamente, em usá-lo numa experiência. Não me parecia que a Jane o tivesse notado em particular, e ela confirmou isso depois da sessão.

(Lembrava-me de muito pouco sobre o laço, mas, subjetivamente, tinha a certeza de que fora tirado de um cartão de felicitações de algum tipo. Trabalho numa empresa de cartões de felicitações, mas não me lembrava de ter visto outras fitas como essa lá em particular. Não me recordava do cartão de onde veio a fita, nem por que a tinha retirado — se fui eu quem o fez. Esperava que o Seth nos pudesse preencher os detalhes. O laço estava em mau estado e presumi que o tinha trazido no bolso de um casaco algures no inverno passado.

(Como o objeto tinha sido completamente achatado por algum tipo de pressão, não foi difícil colocá-lo entre as duas folhas habituais de Bristol grosso e depois selá-lo em envelopes duplos.

(A Jane não se sentia muito bem antes da sessão, mas quando sugeri cancelá-la insistiu em mantê-la. Começou a falar sentada e de olhos fechados. Embora estivesse cansada, o seu ritmo foi bom. Não estava a fumar.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

O nosso amigo não está no seu melhor esta noite, mas veremos o que conseguimos fazer.

Quero sublinhar alguns pontos mencionados na nossa última sessão, no sentido, em particular, de que percecionas apenas uma pequena porção de qualquer ação dada, mesmo quando essa ação tem algumas das suas origens no teu próprio campo físico.

Percecionas porções de tais ações conscientemente, outras subconscientemente, outras com os sentidos internos, mas não percecionas a ação inteira. As tuas perceções, as tuas perceções físicas, cortam em bocados e fragmentos uma boa parte da porção que poderias receber. Como não percecionas a ação completa que ocorre no teu próprio sistema, não a compreendes. Portanto, não te deve surpreender que interpretes mal projeções de outras ações provenientes de sistemas diferentes, quando aparecem, como por vezes acontece, dentro do teu próprio.

Quando ações de outros sistemas são projetadas no teu, as tuas próprias perceções distorcem a verdadeira natureza do acontecimento. Para começar, tentas compreender uma ação mal percecionada. Projetas sobre ela os teus próprios conceitos de espaço e tempo e procuras interpretá-la à sua luz.

É certamente o que sucede com os quasares. Até que um vislumbre intuitivo surja, os quasares não serão compreendidos.

(O ritmo da Jane era agora mais rápido, e os olhos tinham começado a abrir-se enquanto ela sorvia um pouco de vinho ocasionalmente. Se estava cansada, não o dava a entender. Pareceu-me que ia ser uma daquelas sessões em que ela ficava realmente envolvida com o material.

(O Seth começou a falar sobre quasares e material de enquadramento relacionado na última sessão. Esse material, por sua vez, resultou de uma pergunta que fiz, ou de um comentário que fiz, na 246.ª sessão. Mais uma vez, os quasares são fontes de rádio quase estelares, presumivelmente nos confins do nosso universo observável segundo os nossos instrumentos. Contradizem as nossas leis da física, sendo muitas vezes demasiado brilhantes para o seu tamanho e distância, e emitindo energia em demasia. Ver o artigo sobre eles na revista Time de 11 de março de 1966.)

Agora. Eles representam energia numa forma muito mais pura do que qualquer uma com que estejas familiarizado no teu sistema. Isto não significa necessariamente que tal energia como a exibida pelos quasares não exista dentro do teu sistema. Discutiremos isso mais tarde. Mas não estás familiarizado com a existência de tal energia.

Agora. Olhando do teu planeta para fora, como pensas, para os quasares, os teus cientistas acreditam que olham para trás no espaço, nos teus termos. Isto é erróneo. É suficientemente verdadeiro no quadro atual do teu conhecimento, e a ideia funcionará do mesmo modo que a teoria de causa e efeito funciona, o que é apenas até certo ponto.

A ideia parecerá legítima e, de repente, desmoronar-se-á. Desmoronar-se-á por uma razão simples e por uma mais profunda.

A razão simples, tão simples que parece infantil, é esta. Se podes olhar para trás a partir do teu ponto de vista planetário com os teus instrumentos físicos, e usando os teus próprios termos e definições, então, a partir de algum ponto que vês dentro do mesmo quadro, os teus cientistas deveriam ser capazes de olhar para a frente — e não conseguem.

Essa é a razão simples. A razão profunda é igualmente simples de enunciar, mas mais difícil de compreender. Usando novamente os teus termos e o teu quadro científico, quando olhas para fora, para longe do teu planeta, e quando assumes que estás a olhar para trás no tempo, estás simplesmente a olhar para, ou na direção daquilo que pode ser descrito, para efeitos de analogia, como o centro, ou núcleo, de uma esfera infinita; que existe, percebes, nos teus termos, tanto do outro lado do núcleo interior como em todas as direções. Não podes olhar para longe dele, pois não estás em nenhuma borda exterior, nenhuma "pele" a partir da qual obter tal ponto de vista.

E o tempo não existe como passado, presente e futuro nos teus termos. Vamos tornar-nos aqui um pouco complicados, receio.

(A Jane falava agora rapidamente e usava muitos gestos. Os olhos estavam abertos grande parte do tempo e muito escuros.)

Mesmo nas nossas discussões usamos os termos passado, presente e futuro, mas eu disse-te que o teu futuro pode influenciar o teu passado e que o presente amplo é a única realidade temporal.

Diremos o que temos a dizer e depois esclareceremos para ti, mais adiante, à medida que formos prosseguindo. Agora. Olhar para trás, para o passado — falando nos meus termos agora e não nos teus —, olhar para trás, para o passado, implica olhar para a frente, para o futuro, e não há terreno firme, percebes; não há presente, de modo básico, nenhum terreno firme que seja o presente a partir do qual ver o futuro ou o passado. Porque são todos um só, e tu és parte do presente amplo.

Vou deixar-te fazer uma pausa e continuaremos, pois estamos a passar algumas ideias excelentes esta noite.

(Pausa às 9:27. A Jane disse que estava mesmo "fora", ou que o Seth estava mesmo "dentro". Não tinha consciência de nada além do material

enquanto falava, e sentia que as ideias eram boas. O ritmo fora rápido para o fim da entrega; os olhos estiveram abertos grande parte do tempo e muito escuros, e ela falou com ênfase e muitos gestos. Agora sentia-se muito melhor. Disse que não teria ficado surpreendida se o Seth tivesse cancelado a sessão no início.
(A Jane retomou a um ritmo algo mais lento. Tinha os olhos fechados, mas estava a fumar. 9:40.)

Que fique entendido que, por simplicidade, temos lidado com analogias que podes compreender. O facto é, percebes, que estamos a falar em termos de dimensões simplificadas e de propriedades físicas.

Ora, os quasares representam energia pura, falando basicamente. Os teus cientistas, no presente, têm pouca ideia do que isto significa, pois, comparativamente, concebem a energia em termos unidimensionais. Sabes o que é antimatéria. Sabes o que é matéria positiva. Ambas representam realidades que podes compreender com bastante facilidade.

(Para algum material sobre antimatéria em particular, ver as sessões 60–63.)

Elas tratam da manipulação de átomos e moléculas. Com os nossos quasares estamos a lidar com outra coisa. Estamos a lidar com energia que não precisa de átomos e moléculas, e não precisa de reações químicas. Estamos a lidar com energia que é transformada instantaneamente em ação sem matéria.

É energia elétrica. Os quasares estão distribuídos, por assim dizer, por todas as realidades — por todos os universos, noutras palavras. Não obedecem aos padrões de camuflagem dentro de nenhum sistema fora do seu. Não são sóis, planetas, galáxias ou universos nesses termos.
A sua intensidade elétrica e a sua massa não podem ser explicadas pela vossa física.

(Os olhos da Jane tinham voltado a abrir-se e o ritmo acelerava. Agora apagou o cigarro, deu um gole de vinho e entrou numa pausa que durou pelo menos um minuto.)

A sua influência faz-se sentir em todos os universos. A sua energia difusa, ou a sua energia difundida por todos os sistemas, alimenta todos os sistemas.

Não há vida inteligente dentro deles, nos teus termos. São compostos de inteligência infinita. Não são matéria, mas, nos teus termos, já foram matéria.

Não serão explicados pela vossa ciência em termos sequer próximos de adequados. Representam aquilo a que chamarias uma evolução da energia, tão avançada que é irreconhecível para ti como vida.

É a energia deles que dá energia ao teu e a todos os outros universos, e é a energia deles que forma a matéria do teu próprio universo físico. Ainda assim, estes quasares representam o poder de apenas uma pequena porção da realidade.

O problema aqui é que, mesmo nas nossas discussões, estamos até certo ponto limitados pelos teus próprios conceitos, pois não tens palavras para exprimir o que eu poderia dizer, percebes.
Espero conseguir introduzir conceitos no Ruburt, mas intuitivamente. Estes tornar-se-ão então também propriedade do seu intelecto e ajudar-nos-ão a juntar as palavras de que precisamos. A complexidade é literalmente demasiado para a vossa linguagem.

Estes quasares não foram descobertos mais cedo porque os vossos astrónomos não os queriam ver. O facto de os verem agora resulta diretamente de padrões de conceito alargados da parte deles.

(A Jane e eu tínhamo-nos interrogado sobre isto. Tínhamos lido que alguns dos quasares foram encontrados em fotografias antigas do céu.)

O que eles "veem" (entre aspas) é, claro, distorcido. O que veem não tem massa física, porém, mas apenas massa e intensidade elétricas, o que é uma coisa diferente.

Agora, até os céus caseiros à vossa volta estão cheios de outras realidades, como eu disse muitas vezes. Percecionarás a existência dessas realidades com vários instrumentos no futuro, mas apenas a sua existência.

Não percecionarás a sua natureza.

Sugiro uma breve pausa e continuaremos.

(Pausa às 10:02. A Jane estava novamente muito bem dissociada, disse. Os olhos estiveram abertos e muito escuros durante grande parte da última parte da entrega, o ritmo rápido mas entrecortado por pausas, a maneira muito enfática. Disse que, quando o Seth entra forte, sente-se mais como ele do que como ela própria. Fumou e sorveu vinho.

(Chegara agora a hora da 54.ª experiência do Dr. Instream. O ritmo da Jane abrandou novamente e ela sentou-se com uma mão erguida aos olhos fechados. Retoma às 10:10.)

Agora dê-nos um momento, por favor, para o nosso material do Dr. Instream. Daremos o objeto em breve.

Antes de mais, tenho a palavra groan. Agora, se isto se escreve g-r-o-a-n ou g-r-o-w-n, não sei. Nem sei a que se refere.

Outras impressões: um rato. Uma zanga ou discussão com um colega, relacionada com a interpretação de uma determinada passagem num livro, ou talvez num discurso. Tendo que ver com uma ligação entre hipnose e clarividência.

Três um cinco ligado aqui. Talvez a passagem estivesse na página número três um cinco. Talvez seja a hora do desacordo, ou um número de porta; não sei.

Fecharias a janela, por favor, Joseph?

("Sim."

(A Jane fez uma pausa às 10:16, ainda de olhos fechados. A janela da nossa cozinha estivera aberta durante a noite e o ruído do trânsito ouvia-se, como de costume. Não nos incomodara particularmente antes. Agora levantei-me da cadeira para a fechar.)

Uma ligação aqui também com um jovem.

Agora o objeto. Um objeto em forma de cubo ou quadrado, como um dado. Branco, com um círculo preto nele, ou na porção voltada para cima. (Pausa.) Estou a vê-lo de longe. Mais perto, tenho a impressão de uma fotografia a preto e branco, com duas caras em primeiro plano, e formas de sombra ao fundo, através das quais surgem porções mais claras.

Agora tenho a impressão de que as formas de sombra são como uma trama de folhas, com o céu por detrás delas. Não sei se isto é literal, mas é a impressão que tenho das formas.

Também uma data, 1934. Um homem e uma mulher na fotografia. A mulher a usar um chapéu e vestido de cor clara; ou isto, ou o vestido e o chapéu estão sob luz solar intensa. O chapéu com flores que sobressaem. O homem com um colarinho branco, rígido, bastante alto comparado com a moda de hoje.

Talvez uma ligação com a cidade de Londres. Também uma ligação com um anel. E uma ligação distante com dois rapazes que parecem ter andado por perto, ou ligados aos dois de alguma forma quando a fotografia foi tirada.

Tens um envelope para mim?

("Tenho."

(A Jane fez uma pausa às 10:22. Recebeu de mim o 46.º envelope selado sem abrir os olhos. Pressionou-o contra a testa durante algumas frases e depois baixou-o para o colo.)

Muito bem, dá-nos um momento, por favor. Isto são impressões.

Tenho a impressão de uma forma circular, com um quadrado mais pequeno no centro. O quadrado muito mais pequeno do que o círculo.

Um acordo alcançado, ou uma compreensão procurada. Uma ligação com a cor vermelho. Cinco e dez. Algo a ver com uma ocasião particular, que está planeada.

Uma nota. Tinta escura ou impressão. Uma ligação distante com uma rosa. Algo que se eleva, ou flores. Uma ligação com um jantar, e com um, nove, quatro, dois.

Uma ligação distante com linhas de caminho-de-ferro ou linhas paralelas que certamente as lembram. O número um.

Uma nascente. Esta última é uma ligação do Ruburt. Mas três pessoas juntas, referindo-se também a uma quarta.

Um pequeno edifício separado, ou uma divisão separada das outras. E uma ligação com uma reunião. Também com 1963. Um endereço no objeto, ou dois endereços. Um parágrafo.

Têm alguma pergunta?

("Podes dizer-nos mais sobre o acordo ou a compreensão?")

Um acordo ou compreensão alcançada que tem a ver com uma data marcada. Aqui o Ruburt pensa, percebes, no encontro da Páscoa com os teus pais e na nota escrita em casa dos teus pais. No entanto, uma compreensão completamente à parte disto.

("E quanto aos dados de cinco e dez?")

Como algo barato a metade do preço, que trará retorno. A ligação aqui sendo "loja dos cinco e dez cêntimos", ou pechincha.

Sugiro a vossa pausa, a menos que tenhas outra pergunta.

("Então esperamos."

(Pausa às 10:34. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados.

(Ver o decalque do objeto-envelope na página 82. Senti que o Seth estava no caminho certo com os seus dados, mas, como eu próprio tinha tão poucos antecedentes a este respeito, os dados pareceram-me opacos. Dei por mim a sentir o mesmo quanto às respostas às minhas perguntas, pelo que não continuei a fazê-las. Pensei também que os dados estavam misturados com a visita planeada dos meus pais ao apartamento para o Domingo de Páscoa, 10 de abril, e com um lembrete muito curto que a minha mãe escrevera em ligação com isto.

(Usei a fita como objeto não só porque queria obter para mim o seu enquadramento, mas porque esta falta de, pelo menos, conhecimento consciente da minha parte simularia as circunstâncias em torno de um objeto fornecido por outra pessoa.

(O Seth ajuda-nos com alguns dados depois da pausa. Seguem alguns pontos que acreditamos referir-se ao próprio objeto.

("Tenho a impressão de uma forma circular, com um quadrado mais pequeno no centro. O quadrado muito mais pequeno do que o círculo."
Como foi dito, a fita tinha ficado bastante achatada, mas antes disso os

dois laços seriam de forma circular. Como o decalque mostra, o nó entre eles é quadrangulado e bastante pequeno.

("Uma ligação com a cor vermelho." O objeto é uma fita de cetim vermelha.

("Cinco e dez." Isto pode aplicar-se na medida em que o cartão teria excelentes hipóteses de ser comercializado numa loja dos "cinco e dez". Digo isto porque a maior parte do nosso material produzido no meu local de trabalho é comercializado assim. Também senti subjetivamente que a fita vinha do meu local de trabalho, embora não o possa provar de momento por mim próprio. O Seth concorda, porém.

(Poderíamos fazer outras ligações, mas exigiriam verificação e tempo extra. Ao dar os dados, a Jane teve a ideia da minha mãe estar ligada à cor vermelho, mas não o disse em voz alta porque acreditou que estava incorreto. Concordamos.

("O número um. Uma nascente." A Jane disse que os dados sobre flores anteriormente no material poderiam ter dado origem a esta associação pessoal: pensou em tempos da infância quando a sua avó a levava a passear ao parque em Saratoga Springs, NY. No parque visitavam muitas vezes uma certa nascente de água sulfúrea designada como Nascente Número Um.

(Acrescentarei mais notas à medida que o Seth tratar de alguns dos dados depois da pausa. A Jane retomou a um ritmo médio às 10:41.)

Agora, os números referiam-se a um número no cartão. Não sei se era um número de catálogo, mas algum número identificador.

(Penso que ambos os números no material, 1942 e 1963, são anos. A Jane nada sabe sobre o sistema de arquivo no meu local de trabalho, Artistic Greetings. Os números de catálogo não são habitualmente anos. (Eu ainda tentava saber pelo Seth de que cartão fora tirada a fita.)

("Que cartão era?")

O cartão ao centro continha uma rua. Esta era a ligação com a via-férrea, uma interpretação das linhas paralelas. Árvores, um cartão de "as melhoras", creio. A fita no topo e um pequeno ramalhete de flores. A data anterior assinalou a primeira aparição do cartão.

(O que fica acima é uma boa descrição generalizada de um certo tipo de cartão produzido pela Artistic. A Jane, claro, viu cartões assim. Eu continuava sem recordação específica do tipo que queria.

("Então levei este cartão em particular, com a fita, para casa do trabalho?")

Em 63 fizeram-se algumas alterações ou o cartão foi recuperado.

(Este processo ocorre continuamente na Artistic, como na maioria das empresas do género.)

Agora está num ficheiro. Um compartimento metálico estreito, retangular, separado de outros do mesmo tipo, e há aqui uma ligação com o artista. Ou seja, foi guardado à parte por algo que tem que ver com o artista.

(Isso é possível, embora, de imediato, eu não conheça tal ficheiro separado no meu departamento na Artistic. O ficheiro pode estar noutro escritório, porém. Talvez eu consiga verificar sem ser demasiado óbvio. ("Isto é no trabalho?")

As cores, por estranho que pareça, considerando a cor da fita, eram predominantemente violetas e amarelos, com alguns azuis.

(De novo, é uma boa descrição de um certo tipo de cartão produzido na Artistic. Eu detesto-os.)

Tiraste a fita numa tarde, não numa manhã.

(Trabalho o dia inteiro à sexta-feira na Artistic, e o resto da semana só de manhã. Esta tem sido a rotina no último ano e três quartos, mais ou menos. Antes disso, trabalhava lá a tempo inteiro. O Seth não especificou uma tarde de sexta-feira acima, apesar de sublinhar "uma tarde". Se tirei a fita noutra tarde da semana, isto empurra a época para 1963, dado anteriormente no material.)

Agora não tratas dessa linha, mas o cartão foi guardado.

(Isso também é possível. Devido a uma reorganização no início do ano, a Artistic descontinuou várias linhas de cartões e vendeu as bibliotecas de filme envolvidas a outros editores.)

Uma ligação com o Connecticut. A firma ou o artista, não sei.

(De novo, possível. Antes da reorganização deste ano, a Artistic trabalhava com muitos artistas e firmas nos estados do Nordeste, incluindo Nova Iorque, Connecticut, Rhode Island e Massachusetts. Ainda o faz, em certa medida. A Jane não sabia isto. Sem o cartão de que foi retirada a aba do envelope, porém, não posso localizar nenhum artista ou empresa específicos.)

O teu colega de trabalho, o Curt, também tratou do cartão.

(O Seth refere-se a um jovem artista com quem trabalho. Não tenho a certeza de quando o Curt entrou na Artistic, exceto que foi provavelmente depois de 1963. Mas não muito depois. Se o cartão em questão foi "revampado" em 1963, é possível que o Curt tenha lidado com ele como um dos seus primeiros trabalhos.
("Porque é que levei a fita para casa, afinal?")

Não gostaste do vermelho com os violetas.

("Nem me lembro de o fazer.")

Tiraste-a por uma questão de simplicidade e acabaste, creio, por desenhar uma fita em vez disso.

Se não tiveres mais perguntas, terminaremos a sessão. Ou continuarei com outros assuntos depois de uma pausa, como preferires.

("No outro dia a Jane disse que nunca sonhou contigo próprio; embora tenha sonhado com as sessões. Mas teve experiências que te envolvem nas suas experiências de tempo psicológico.")

Trataremos disso depois de uma pausa, ou na nossa próxima sessão. A escolha é tua.

("Mais tarde, então.")

As minhas mais calorosas saudações a ambos. Tivemos uma boa sessão…

("Boa noite, Seth."

(Termina às 10:54. A Jane estava dissociada como de costume. Os seus olhos tinham começado a abrir-se ocasionalmente para o fim da sessão.)

SESSÃO 251

15 de abril de 1966

(Conforme sugerido pelo Seth na última sessão regular, de 11 de abril, segunda-feira, a Jane decidiu prescindir da sessão de quarta-feira, 13 de abril, e possivelmente da seguinte segunda-feira, 18 de abril. Disse que sentia uma leve sensação de tensão pela rotina semanal e achou que a mudança seria revigorante. Pensámos também que seria possível recuperar nos objetos do Instream.

(No entanto, realizou-se uma sessão não planeada na noite de sexta-feira, que será resumida brevemente para registo. Não fiz notas durante a sessão, embora algumas das testemunhas tenham feito algumas. A sessão teve alguns aspetos invulgares.

(As testemunhas foram a Ann Diebler, a Marilyn e o Don Wilbur, e os Gallagher. O mesmo grupo assistiu a uma sessão não programada descrita nas notas da 214.ª sessão de 6 de dezembro de 1965. Ver Volume 5.

(A sessão surgiu depois da Jane ter passado ao grupo excertos da gravação da 170.ª sessão. É a gravação que contém os fortes efeitos de voz e que foi feita para o Dr. Instream. Foi feita com os Gallagher como testemunhas. As outras três testemunhas são jovens e não faziam ideia de que tais desempenhos físicos fossem possíveis durante horas. Passar a gravação foi uma tentativa de responder a algumas das suas perguntas e, nisto, a Jane e eu seguíamos o conselho do Seth dado na 246.ª sessão. Durante essa sessão, o Seth sugeriu que a Jane e eu fizéssemos tudo o que

pudéssemos para informar outros interessados em matérias psíquicas. Ver a Sessão 170 no Volume 5.

(Foram agora demonstrados mais efeitos de voz. A sessão não foi propriamente longa e terminou com doença física da Jane. O Seth falou depois de alguns dos efeitos de voz mais fortes da gravação terem sido reproduzidos. O cenário fora preparado pela conversa e pelo uso da gravação, e eu achei que o Seth surgiu com a permissão subconsciente da Jane e minha. Ninguém pedira para ouvir uma sessão.

(Aconteceu que muitas pessoas que vivem na casa estavam ausentes por várias razões, pelo que o Seth estava bem ciente de que os vizinhos não seriam um entrave aos efeitos de voz — pelo menos mais do que o habitual. Uma pessoa ainda estava em casa, no andar de cima, no entanto, como eu lembrei à Jane; o lembrete surtiu pouco efeito.

(O Seth reiterou algum do material anterior que nos deu, sobre provas, aparições, etc. Mais uma vez, entrou nas razões pelas quais foi possível ao Bill Macdonnel ver a aparição do Seth durante a 68.ª sessão, de 6 de julho de 1964. Ver essa sessão. O essencial do material desta noite sobre este assunto foi que o Bill concedeu liberdade suficiente às suas intuições para poder ver a aparição durante mais de uma hora e fazer vários desenhos dela; pela mesma lógica, a Jane e eu não vimos a aparição porque tentámos intelectualizá-la. Mais tarde, na 68.ª sessão, porém, eu vi, juntamente com o Bill, uma mudança muito marcante nas feições físicas da Jane. Acreditamos que isto foi outra forma de aparição. Ver Volume 2.

(Como afirmou nas sessões 68 e 170, o Seth disse que, se se materializasse à vista de todos no meio da sala, isso não seria considerado prova por quem não quisesse acreditar que fosse possível; atribui-lo-iam a alucinação coletiva, etc. Planeava perguntar ao Seth sobre provas fotográficas de tal evento, depois da pausa, mas não tive oportunidade.

(Nem, segundo o Seth, os efeitos de voz seriam aceites como qualquer tipo de prova, até que certos instrumentos de medição fossem usados numa experiência cientificamente controlada. O Seth também não teve oportunidade de desenvolver isto.)

(Manifestaram-se esta noite alguns bons efeitos de voz, embora não tenham chegado aos da 170.ª sessão. Eu diria, subjetivamente, que foram provavelmente os segundos melhores. Esta noite a Jane falou sentada, de modo informal; na 170.ª, estava de pé com a cabeça lançada para trás. Na 170.ª falou também durante várias horas e teve tempo para "aquecer"; esta noite eu diria que falou menos de meia hora antes da pausa e apenas uns poucos minutos depois de retomar.

(A Ann Diebler pediu ao Seth que desse alguma informação sobre uma amiga que vive em Norfolk, Virgínia. O Seth acedeu muito brevemente após a pausa.

(Na tarde de sexta-feira a Jane não se sentia particularmente bem, mas não mo disse. Talvez isto esteja relacionado com o facto de ela ter ficado doente após a sessão desta noite; tencionamos perguntar ao Seth. Na verdade, a sessão foi interrompida pela doença da Jane. Após a primeira entrega houve uma longa pausa; a voz da Jane estava boa, os seus pontos muito enfáticos, e os olhos bem abertos parte do tempo enquanto respondia a perguntas. Bebeu muito pouco — dois copos pequenos de vinho — e sentia-se recuperada do mal-estar da tarde.

(Durante a longa pausa, senti que a atenção das pessoas se dispersava. A Jane confirmou depois que se apercebeu disso e que ficou perturbada. Pessoalmente, não me entusiasma muito este tipo de sessões informais, embora o Seth tenha dito, por várias vezes, que podem ser benéficas de maneiras que as sessões regulares não são. Mas não é fácil manter a atenção ininterrupta de um grupo, numa noite de fim de semana, especialmente quando se juntam para comer e beber.

(Todos os presentes são, claro, simpáticos para com a experiência Seth e, como disse, senti que a Jane e eu tínhamos dado permissão para o Seth falar. Muitas vezes, após uma experiência destas, desejávamos que não tivesse ocorrido; ao mesmo tempo, sentimos que tais sessões são outra faceta da experiência Seth e, como tal, devem acontecer pelo menos até certo ponto.

(Estas experiências colocam sempre a questão do controlo para a Jane, mas, desde que as sessões começaram, não houve indícios de que ela não estivesse no controlo delas. Não achamos que tenha havido qualquer sessão sem permissão de ambos.

(Durante a longa pausa após a primeira entrega, a Jane bebeu um pouco mais, mas nada fora do comum. Contudo, quando retomou, o Seth declarou que ela tinha bebido demasiado e que não gostava de trabalhar com o Ruburt nessas condições. Por conseguinte, encerraria a sessão. Deu então à Ann Diebler algumas linhas de dados sobre a sua amiga na Virgínia, que ela escreveu. O Seth terminou depois a sessão. A voz da Jane estava calma após a pausa.

(Pouco depois disso, enquanto eu estava no estúdio com a Marilyn e a Ann, fui informado de que a Jane estava a vomitar na cozinha. Senti imediatamente que a doença resultara dos seus conflitos quanto a ter a sessão, e no dia seguinte ela confirmou-o. A Peggy Gallagher prestou assistência à Jane e, depois, o pessoal foi-se embora.

(A Jane disse mais tarde que tinha a certeza de que não bebera em demasia e que ficara muito perturbada com o comportamento das pessoas enquanto a gravação era passada, etc. Isto complicou-se com a sua questionamento pessoal quanto à questão do controlo e a saber se devíamos ter apenas sessões regulares. Eu inclino-me para esta última perspetiva, mas não quero ser demasiado rígido; segundo o Seth, a expressão espontânea é muito importante. E, claro, no geral a Jane está interessada em sessões regulares. Preocupa-se com o facto de sessões não programadas poderem ser interpretadas como exibicionismo; pensamos que isso tem algum papel em certas sessões não programadas.

(Todas as sessões, no entanto, têm sido produtivas de várias maneiras.

(Até à data, de 251 sessões, 24 foram não programadas. Algumas envolveram apenas a Jane e a mim. As restantes envolveram um pequeno grupo de pessoas interessadas e é provavelmente justo dizer que a questão do exibicionismo surgiu na mente da Jane apenas em três ou quatro ocasiões. Somos muito cautelosos aqui, na verdade; daí a minha afirmação anterior de que, após uma sessão dessas, nos perguntamos se devíamos ter permitido que tivesse lugar.)

SESSÃO 252

20 de abril de 1966

(A sessão programada para segunda-feira, 18 de abril, não se realizou, e apreciámos a mudança de ritmo. Esperávamos que o Seth tratasse de qualquer objeto em que o Dr. Instream se tivesse focado na noite de segunda, bem como do objeto de quarta-feira passada, 13 de abril.

(A 48.ª experiência com envelope foi realizada durante a sessão. Ver a cópia do objeto na página 104. Guardámos o artigo porque tratava do nosso amigo Bill Macdonnel, que testemunhou várias sessões. Quando o Bill nos visitou no início da noite, pensei em usar o recorte como objeto.

(Encontrei outras cópias do artigo após a sessão. A cópia efetivamente usada no envelope está, como de costume, arquivada no nosso caderno de objetos. Na cópia parcial anexada à página 104, escrevi a linha de números representando a data após a sessão. A sessão foi relativamente curta, e o Seth não abordou cada ponto dos dados. Alguns dos dados explicam-se por si quando comparados com o artigo.

(A Jane ainda não se sentia no seu melhor, mas achou que preferia fazer a sessão a perdê-la. Realizou-se na nossa sala da frente. Ela

começou a falar sentada e de olhos fechados, com voz calma e pausas curtas.)

Com que então, boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Dei-vos um descanso, e esta será, como o Ruburt corretamente supôs, uma sessão curta.

Dá-nos um momento aqui, para clarificar algumas explicações.

O Ruburt está a fazer certos ajustamentos interiores bastante importantes, que estão a resultar, ou muito em breve resultarão, numa expansão definida de consciência e de capacidade. Em certa medida, estas mudanças são estruturais, no sentido de que vias de atividade estão a formar-se de modo mais completo.

Isso envolve uma assimilação por parte da personalidade inteira do Ruburt, que é bastante importante para o seu desenvolvimento global. É difícil explicar parte disto em palavras, mas estão a formar-se conexões, de facto em termos de estruturas psíquicas, de modo que uma quantidade muito maior de dados internos ficará disponível ao Ruburt a nível consciente.

As vias estão agora a tornar-se suficientemente claras para que uma mudança se torne efetivamente evidente. Parte disto resulta da prática adquirida na manipulação psíquica através das nossas próprias sessões.

De um modo geral, o mesmo tipo de desenvolvimento está a ocorrer também em ti, Joseph, mas, devido aos equilíbrios peculiares e significativos que existem entre o Ruburt e mim, estes desenvolvimentos são talvez de natureza algo diferente no que lhe diz respeito.

Estamos realmente a chegar a uma espécie de avanço que será muito auspicioso. O aumento de capacidade da parte dele será qualitativo e geral; isto é, não limitado aos assuntos psíquicos. Contudo, é inevitável que melhore o seu desempenho psíquico.

É da natureza de uma integração, uma reorganização integradora em que intuições e conhecimentos geralmente ocultos, no essencial, da consciência podem agora ser efetivamente usados e reconhecidos. Esta integração, naturalmente, aumentará bastante o desempenho físico. Porém, neste período inicial das suas fases, é inevitável algum efeito físico enquanto o sistema se estabiliza.

A bioquímica está de facto envolvida, e certos novos equilíbrios químicos estão agora a ser alcançados. O resultado físico tem sido um ligeiro mal-estar que desaparecerá muito em breve e será substituído, na verdade, por um padrão de saúde muito mais eficiente, como é natural.

É bastante possível que a própria sinusite melhore muito.

Façam uma breve pausa e continuaremos, embora não por muito tempo.

(Pausa às 9:16. A Jane estivera dissociada como de costume para uma primeira pausa. Os olhos permaneceram fechados, o ritmo igual.

(O material do Seth acima pode explicar o estranho mal-estar de que ela se tem apercebido nos últimos dias e, acreditamos, levou o Seth a pedir a pausa no 250.º, em primeiro lugar.

(As capacidades acrescidas da Jane podem já estar a revelar-se. Tem-se saído muito bem no livro sobre sonhos recentemente; esta tarde comentou que estava a correr tão bem que se perguntava de onde vinha o material. O Seth também falou sobre a integração das nossas personalidades na 228.ª sessão; o material surgiu do seu conteúdo sobre o livro de poesia que a Jane produziu tão facilmente. Pensamos que o material do livro dos sonhos também está a aparecer da mesma forma.

(Às 9:25, a Jane retomou do mesmo modo calmo, com os olhos novamente fechados.)

Tinha vários pontos a mencionar.

Os resultados desta nova integração só agora começam a mostrar-se no trabalho do Ruburt. Tornar-se-ão mais evidentes e todo o livro do Seth beneficiará agora também. A experiência do Ruburt com a sua amiga Marian foi, de uma forma estranha, também resultado das suas capacidades aumentadas.

Ele captou, percebes, simpateticamente, os sintomas físicos dela, e deve aprender agora a proteger-se contra tais ocorrências. Isto pode ser feito limpando a mente e sugerindo que todos os impulsos ou condições alheias sejam removidos.

À medida que a sensibilidade aumenta, será necessário que ele os distinga; isto é, que distinga de modo a reconhecer as diferenças entre as suas próprias sensações e quaisquer outras que possa ter captado inadvertidamente. Não terá dificuldade em fazê-lo. As suas capacidades aumentaram, em linha com a sua disciplina, de modo que poderá fazer tais distinções. O primeiro caso apanhou-o simplesmente desprevenido.

(Verdade. Ver o resumo da sessão não programada 247, realizada em casa da nossa senhoria, Marian Spaziani. Nessa sessão, o Seth tratou da operação iminente que a Marian enfrenta por causa de um tumor benigno no ovário e deu-lhe ideias para sugestão. A Jane visitou a Marian numa manhã, no início da semana passada, e, no dia seguinte ou dois, comentou que se sentia muito como a descrição que a Marian fizera dos seus próprios sintomas. Considerámos que a Jane estava a reagir à sugestão,

mas ficámos algo surpreendidos, já que a Jane, em regra, sabe proteger-se de sugestão negativa.

(Os olhos da Jane tinham-se aberto por vezes. Agora fecharam-se, e ela recostou-se para dar os dados da 56.ª experiência do Dr. Instream.)

Agora, dá-nos um momento. Estas são impressões para o Dr. Instream para esta noite.

O objeto: um bloco de notas rabiscado, pequeno e branco. Uma quantidade invulgar de visitas. Uma interpretação. Quatro e três. Um encontro que teve um aspeto perturbador, envolvendo ele próprio e outro homem. O homem poderá ter tido um bigode do tipo "pica-pica", ou invulgarmente espesso. Talvez castanho e grisalho.

O aspeto perturbador tendo a ver com um livro, e as iniciais A G que têm algo que ver, creio, com o livro.

Uma ligação distante com um volumoso arquivo de correspondência e uma carta em particular, escrita em janeiro ou fevereiro, embora não necessariamente deste ano para a carta. Houve um mal-entendido ligado à carta.

(A Jane fez uma pausa às 9:34.)

Voltaremos a realizar as nossas sessões regulares a partir de segunda-feira. Agora estou apenas a deixar-vos descansar, pelas razões dadas anteriormente.

A doença do Ruburt na nossa sessão não programada foi simplesmente causada por um pânico interior súbito, provocado pela perceção de que a sessão estava mais completa do que o habitual.

(A Jane fez uma longa pausa ao proferir a última frase. Ver o resumo da 251.ª sessão não programada. O Seth encurtou a sessão e, depois das cinco testemunhas se terem ido embora, a Jane vomitou três vezes seguidas. Ambos pensámos tratar-se de uma reação de pânico. Mais tarde, a Jane disse-me que tinha muito pouca memória do que o Seth dissera, mesmo na voz muito forte; isto é invulgar para ela.)

Ele permitiu que eu passasse de forma mais definida. Os canais, por assim dizer, estavam escancarados por causa das suas capacidades aumentadas. Contudo, sentiu uma vaga de energia e não soube como a controlar ou direcionar.

Ele já aprendeu a fazê-lo e, portanto, ultrapassou esse obstáculo.

Tinhas um envelope para mim, Joseph?

("Tenho."

(A Jane fez uma pausa às 9:40 e depois pegou no envelope para a nossa 48.ª experiência, das minhas mãos, sem abrir os olhos. Pressionou-o contra a testa com ambas as mãos.)

Agora dá-nos um momento. Estas são impressões.

Uma ligação com algo rasgado ou arrancado. Uma ligação com um horário, e algo não cumprido.

Com algo que gira, e com uma forma oval que não é um círculo perfeito. Um seis e sete. Um esforço organizado.

Uma ligação com algo distante, com três pessoas em particular. Um anúncio, como num anúncio de intenção.

Uma referência a vários itens de um tipo. Ou seja (gesticulando), um anúncio feito, uma referência feita, a vários itens de um tipo.

Mais uma vez a impressão de um evento não programado também, ou de um evento não cumprido. Uma série de números e uma indicação da passagem do tempo. Azul-esverdeado, escrito com uma caneta, ou a cor de tinta azul. Uma ligação com uma inicial L.

Novamente a impressão do número, a série de números, talvez com duas iniciais. Aqui o Ruburt pensa no endereço que te foi dado por um visitante na noite passada.

Tens alguma pergunta?

(A Jane fez uma pausa. Como o Seth tinha anunciado uma sessão curta, eu não esperava a possibilidade de fazer muitas perguntas — ou sequer que houvesse experiência. Pensei que a sessão ainda pudesse ser encurtada, por isso tentei logo a minha pergunta habitual de fim.)

("Podes dizer um pouco mais sobre o próprio objeto?")

Dá-nos um momento… Uma trapalhada, como de minúsculos fios em cruzamentos cruzados. Uma ligação com um edifício que parece estar por detrás dos fios.

(A Jane voltou a fazer uma pausa. Continuava sentada com o envelope encostado à testa, olhos fechados. Esperei uns momentos para ver se o fim da sessão se aproximava.)

Se não tens mais perguntas—

("Podes dizer algo sobre a forma oval?")

Mais uma forma de ovo do que um círculo. Branca ou branco-azulada.

Pequena em contraste talvez com uma forma maior. O número 5.

("E quanto às cores ligadas ao objeto?")

Mencionei várias cores. A cor bronze, aqui.

Agora, é tudo.

(Pausa às 9:52. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados. A Jane disse que o Seth a surpreendeu ao pedir o envelope. Foi claramente iniciativa do Seth, disse, e ele pediu por cortesia.

(Os resultados da experiência foram bons, e note-se que foram obtidos após uma curta pausa. Quando as experiências começaram,

qualquer interrupção no que tocava aos envelopes resultava num decréscimo nas experiências seguintes.

(A Jane progride passo a passo. De momento, disse sentir-se insegura quando lhe faço perguntas diretamente sobre o objeto, mas sabe que isso passará à luz da experiência passada. No início também não conseguia nomear um objeto para o Dr. Instream, independentemente de questões de exatidão. Agora fá-lo com facilidade na maioria dos casos. A Jane explicou que as nossas próprias experiências suscitam uma cadeia de associações pessoais que ela tem de destrinçar ao enunciar os dados. Não se preocupa com isto no material do Instream.

(Isto marcou o fim da sessão no que toca ao Seth. A Jane e eu fizemos as ligações que nos pareceram claras. Teríamos gostado da ajuda do Seth em algumas, mas não lhe pedimos que retomasse. Ver a cópia do objeto-envelope na página 104.

("Uma ligação com algo rasgado ou arrancado." Originalmente rasguei o artigo do jornal. Note-se que ainda são visíveis sinais disso na margem esquerda. A parte inferior do recorte também estava irregular, e aparei-a com tesoura antes de o arquivar; isto foi antes de pensar em usá-lo como objeto; a Jane, naturalmente, sabia que eu guardara o artigo por dizer respeito ao Bill Macdonnel. Acontece que, ao aparar a parte inferior, o recorte passou a caber mesmo certo entre as duas folhas habituais de Bristol e nos envelopes duplos.

("Uma ligação com um horário," a galeria do Bill Macdonnel referida no artigo é uma loja convertida com a porta recuada. Assim, tem duas montras, uma de cada lado da porta. O quadro dito "controverso" está numa montra. Na montra oposta o Bill tem um grande letreiro manuscrito com o horário em que a sua galeria está aberta a visitantes e para aulas de pintura. O Bill tem estado doente e não tem cumprido o horário anunciado, o que tem causado alguma confusão.

("e algo não cumprido." Isto pode referir-se à frase anterior. Pode haver outra interpretação, como se mostrará.

("Com algo que gira, e com uma forma oval que não é um círculo perfeito." Na terceira coluna do objeto-envelope há referência a "cerâmica e escultura em metal" também na montra com o nu que é tema do objeto. Diretamente atrás do quadro há uma grande escultura cerâmica circular, talvez com um pé de diâmetro, mais em forma de ovo do que círculo perfeito. Tem superfície texturada e mate. Mesmo à direita desta escultura há outra, ovóide; esta é de metal prateado polido e terá uns dez polegadas de largura. Assenta num pedestal de madeira; as reflexões polidas parecem mover-se consoante muda o ponto de vista. Acreditamos

que esta é a forma oval a que o Seth se refere, à luz da resposta à minha segunda pergunta.

("Um seis e sete." De imediato, a Jane e eu não fizemos ligações.

("Um esforço organizado." Decerto a pressão exercida sobre o Bill Macdonnel por três visitas ou chamadas da polícia, no esforço de o levar a retirar o quadro da montra. Uma interpretação ligeiramente diferente seria que a polícia constitui uma organização e que os seus esforços para levar o Bill a retirar o quadro constituem um empreendimento.

("Uma ligação com algo distante," na sexta coluna do objeto-envelope há referência ao Coming–Painted Post School District, que emprega o Bill como professor de arte. Fica talvez a quarenta quilómetros. O Bill vive aqui em Elmira e faz a deslocação diária para o trabalho. O tempo que pode dedicar à sua galeria em Elmira é, portanto, bastante limitado — outra razão para o horário afixado numa das montras, como referido na página 109.

("com três pessoas em particular." Quando a polícia pediu ao Bill para retirar o quadro da montra da galeria, ele pediu conselho a três pessoas em particular. Duas são nomeadas na sexta coluna do objeto-envelope. Estas duas apoiaram a decisão do Bill de manter o quadro na montra. O terceiro, Ernfred Anderson, com reputação nacional como escultor e professor no Elmira College, e amigo próximo do Bill, da Jane e meu, aconselhou o Bill a retirar o quadro. O Bill contou-o à Jane e a mim na visita que nos fez no início desta noite, embora já o tivéssemos ouvido de outros amigos dias antes.

("Um anúncio, como num anúncio de intenção." O primeiro parágrafo do objeto-envelope contém a intenção do Bill Macdonnel de não retirar o quadro da montra da galeria, mesmo a pedido da polícia. O Bill reiterou a decisão na visita que nos fez esta noite.

("Uma referência a vários itens de um tipo. Ou seja, um anúncio feito, uma referência feita, a vários itens de um tipo." A terceira coluna contém referências a uma coleção de abstratos [que são pinturas], cerâmicas e escultura em metal. Dois destes termos estão no plural. As colunas cinco e seis do objeto contêm referências a uma livraria e aos livros expostos na montra. Esta loja fica a poucos passos — East Water Street.

("Novamente a impressão de um evento não programado também, ou de um evento não cumprido." A Jane tem a certeza de que isto se refere à Peggy Gallagher, que escreveu a notícia usada como objeto-envelope. Na sexta-feira, 15 de abril, a Jane, eu e os Gallagher soubemos das dificuldades do Bill. A Peggy planeava telefonar ao Bill no sábado, mas

não o fez. Vimo-los no domingo à noite e soubemos que ela ainda não tinha visto o Bill. Contudo, a sua notícia foi impressa na segunda-feira, 18 de abril, o que significa que ela teve de ver o Bill na manhã de segunda. Isto foi possível porque o Bill, sendo professor, ainda estava de férias da Páscoa. Ver também a referência a "algo não cumprido" e a interpretação na página 109.

("Uma série de números e uma indicação da passagem do tempo." Quando rasguei o artigo do jornal, escrevi nele o mês, dia e ano, sem me aperceber de que a data estava impressa no verso.

("Azul-esverdeado, escrito com uma caneta, ou a cor de tinta azul." Escrevi a data no topo do objeto com uma esferográfica de tinta azul — a mesma caneta usada para duplicar essa série de números na cópia do objeto incluída com esta sessão. A referência ao verde é interessante; penso que azul e verde estão lado a lado no círculo cromático e talvez sejam difíceis de distinguir para o Seth. Ambas são cores frias.

("Uma ligação com uma inicial L." A Jane e eu não encontrámos ligações aqui e teríamos gostado de perguntar ao Seth.

("Novamente a impressão do número… iniciais." Como disse o Seth, este bloco de dados dizia respeito a um endereço que nos foi dado na noite passada e não está relacionado com o objeto-envelope. O endereço também continha uma série de números.

("Uma trapalhada, como de minúsculos fios em cruzamentos cruzados." O Seth deu esta resposta à minha pergunta em que pedi que dissesse mais sobre o próprio objeto. O objeto consiste em letra pequena impressa que foi dobrada várias vezes; tal impressão de minúsculos cruzamentos poderia ocorrer a uma entidade com capacidade de "ver" através das camadas do objeto, por assim dizer, ou captar as impressões resultantes de camadas. Isto complica-se, porém, como se verá na impressão seguinte. [Nota posterior do Rob: o Bill tinha uma pequena escultura de fios cruzados numa montra da galeria.]

("Uma ligação com um edifício que parece estar por detrás dos fios." Se o Seth consegue penetrar as camadas dobradas do objeto e dizer-nos que a letra impressa é uma trapalhada, então, presumivelmente, também pode falar das coisas no verso, mesmo quando o objeto está dobrado.

(No verso do objeto, à direita, está a metade superior de uma fotografia. A foto é das Hoffman Nurseries e mostra um letreiro. Para lá do letreiro, à esquerda, vê-se parte de uma carrinha. Atrás do automóvel vê-se uma espécie de cavalete, e atrás disto indícios de um edifício. É indistinto na fotografia de fraca qualidade, mas distingue-se. A Hoffman Nurseries é uma empresa local e tem, de facto, muitos edifícios. Partes de

três anúncios mais pequenos no verso do objeto também se referem a negócios locais e envolveriam edifícios.

("Mais uma forma de ovo do que um círculo." O Seth deu isto em resposta à minha segunda pergunta, e continua abaixo. Ver os dados e a nossa interpretação na página 109, com a descrição das duas esculturas quase circulares na mesma montra da galeria do Bill Macdonnel, com o nu controverso. O Seth deu os dados acima quando lhe pedi que clarificasse os dados originais na página 108. A menor das duas esculturas é mais ovóide do que a maior. Ver a próxima impressão.

("Branca ou branco-azulada. Pequena em contraste talvez com uma forma maior." Como foi dito, a mais pequena das duas esculturas quase circulares, com umas dez polegadas na maior largura, é de metal prateado polido, altamente refletor. Isto dá-lhe um tom azulado. Também parece esbranquiçada e cinzenta. A qualidade da luz pode causar estas mudanças de cor. Quando a Jane e eu fomos ver a montra para verificar estes dados antes de os escrever, notámos as três cores mencionadas acima nesta escultura em particular — branco, azul, cinzento.

(Esta escultura em metal, com umas dez polegadas no maior diâmetro, parece de facto bastante mais pequena do que a escultura cerâmica, mais redonda ou circular, com um pé de diâmetro. Mas há uma diferença grande de volume.

("Mencionei várias cores. A cor bronze, aqui." Foi em resposta à minha terceira e última pergunta, pedindo mais dados sobre cor ligada ao objeto. A Jane sente, subjetivamente, que a referência ao bronze diz respeito à cor geral da pintura do Bill, discutida no objeto-envelope. Na primeira coluna, a Peggy Gallagher diz que o quadro foi feito "em tons deslavados de cinzento e laranja". A Jane associa o cinzento e o laranja ao bronze. Esqueci-me de perguntar ao Seth sobre "o número 5".)

(Nenhum de nós tinha visto a pintura do Bill na altura em que o artigo de jornal foi publicado, ou quando esta sessão teve lugar, na quarta-feira, 20 de abril. Vimo-la esta manhã, 23 de abril. Posso dizer que o tom geral da pintura é de um cinzento-alaranjado [bronze?], com outras cores muito esbatidas intercaladas.)

SESSÃO 253

25 de abril de 1966

(Não houve experiência com envelope durante a sessão.

(A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. No entanto, os olhos abriram-se após alguns parágrafos e assim permaneceram durante a maior parte da sessão. O ritmo foi médio, a voz, baixa.)

Agora, boa noite.

("Boa noite, Seth.")

O autor cujo livro sobre precognição estás a ler chega bastante perto em aspetos importantes.

Notarás que ele teve as suas próprias experiências psíquicas e conseguiu extrair delas e das suas próprias intuições conhecimento. Levou o processo por diante usando o intelecto, mas os dados intuitivos, como sempre, fornecem a experiência direta sobre a qual o intelecto pode então trabalhar.

(The Future Is Now, de Arthur W. Osborn. University Books, New Hyde Park, NY.)

Todos os sistemas de realidade são criados, ou construídos, por aqueles que percecionam o sistema. Os que não constroem um sistema não o podem perceccionar. Agora. Não há nada de invulgar nas experiências precognitivas. Ocorrem constantemente abaixo do nível da tua consciência.

Contudo, existem certas condições necessárias para que as precognições possam subir a níveis conscientes, e há condições definidas que têm de existir antes daquilo a que chamas aparições poder ser percecionado.

As chamadas aparições, novamente, não são invulgares. São mais ou menos constantes. Muitas dessas aparições existem no seu próprio sistema, quer tu as perceciones ou não. Algumas aparições são construídas pelo observador e são basicamente causadas por uma comunicação telepática.

Mas nem todas as aparições são desta natureza. Todas as aparições, porém, para surgirem como ou dentro do sistema físico, têm de ser construídas pelo observador da mesma maneira que todos os objetos físicos são construídos.

Isto não significa que as aparições sejam apenas o resultado de tal construção por parte do observador. O observador constrói a aparição pseudomaterial tal como constrói a imagem física dos seus contemporâneos, mas em, ou melhor, em conformidade com os dados telepáticos que são recebidos pela ou da consciência cuja imagem material está a ser construída.

Lembras-te de termos falado de construções físicas primárias e secundárias. Estas classificações aplicam-se independentemente da natureza básica da consciência que há de ser formada materialmente. Uma aparição construída em resultado de dados telepáticos, captados pelo observador sob a forma de mensagem, será construída por ele exatamente da mesma maneira que será construída uma aparição que seja um reflexo de uma personalidade sobrevivente.

A diferença não está na construção, pois os métodos de construção são os mesmos. Por exemplo, o Sr. A, no seu quarto, capta telepaticamente o pensamento do irmão, a muitos quilómetros de distância. Ora, se ele apenas capta o pensamento do irmão, e o pensamento é, cito: "Estou a morrer.

Quem me dera poder despedir-me do meu irmão", então o recetor da mensagem poderá formar a aparição do irmão moribundo e depois percecioná-la no seu quarto.

Isto seria uma construção secundária. Se, porém, o irmão moribundo fizesse uma deslocação fora do corpo, antes ou depois da morte, para uma última visita, então o recetor teria ainda de construir a aparição por si mesmo para a poder percecionar. Mas, neste caso, teríamos uma construção primária.

Nada é visto diretamente. Estás sempre a formar tais construções, e os métodos pelos quais isto se realiza são os mesmos independentemente da natureza da consciência que há de ser percecionada em termos físicos. Em todos os casos, se a consciência do ego há de ser alcançada, é necessária alguma imagética sensorial.

As imagens sensoriais constroem-se, percebes, do mesmo modo quer estejas a tentar percecionar uma maçã, uma estrela ou um ser humano. Constroem-se do mesmo modo quer pretendas percecionar um pensamento que tem de ser tornado físico, quer a imagem de uma consciência que tem de ser tornada física.

Tens notado, no nosso próprio trabalho, que frequentemente a informação é percecionada pelo Ruburt em termos de imagens visuais. Eu não dou a informação ao Ruburt desta maneira. As imagens formam-se a partir das minhas ideias. Habitualmente, formam-se a partir das ideias dele.

Eu tento dirigir a sua criação de imagens, mas, em ambos os casos, está envolvido o mesmo processo de criação imagética. Podes, na verdade, compreender muito mais claramente o modo como as imagens sensoriais são organizadas estudando casos em que existem imagens sensoriais sem existir um objeto real que as represente no universo físico. Isto mostra que as impressões sensoriais são independentes, percebes, dos objetos.

Podes fazer a tua pausa.

(Pausa às 9:30. A Jane estava dissociada como de costume. A voz e o ritmo tinham sido médios, os olhos, abertos e muito escuros durante longos parágrafos. Disse que o tempo passou muito depressa.

(Retomou do mesmo modo às 9:35.)

Já vos disse vezes sem conta, meus amigos, que constroem o vosso universo físico e o vosso ambiente privado em consonância com as vossas expectativas internas, pois espelham na perfeição as zonas mais profundas da vossa própria realidade interior.

Isto é talvez o mais próximo que posso chegar de vos entregar algo que se aproxime de uma verdade básica. Todo o nosso material decorre disto, e qualquer outra informação contida no material segue e flui desta afirmação primordial.

Não falo simbolicamente, mas de modo estritamente literal.

Quando, portanto, se derem por notar cada vez mais as desigualdades, os desastres e as vergonhas que entram na vossa esfera de perceção, acrescentam à sua existência. Isto pode confundir aquilo que o senso comum vos diz. Todavia, a concentração reforça a qualidade sobre a qual se concentra.

Não me deterei mais nisto, pois já o mencionámos muitas vezes, e dirijo-me agora a ambos. Quando se concentram em elementos destrutivos, perdem em dois aspetos. Reforçam as qualidades destrutivas pelo próprio ato de nelas se concentrarem, e privam-se das qualidades construtivas em que poderiam concentrar-se e, portanto, que poderiam reforçar.

Por exemplo, tomemos a vossa amiga e o seu tumor. O tumor formou-se por concentração interior. Ela temeu tão fortemente um tumor que, subconscientemente, concentrou as suas energias nessas direções. Ele existiu na sua mente muito antes de ser construído fisicamente.

Se ela se tivesse concentrado em elementos construtivos, em qualidades positivas e não negativas, não só o tumor seria inexistente como teria construído no seu lugar um elemento positivo. Um crescimento espiritual, por exemplo.

Todas estas questões, percebes, e muitas mais — das considerações de saúde e formação de úlceras e tumores destrutivos, à construção de qualquer objeto físico simples, à construção de uma aparição —, todas elas estão de uma forma ou de outra ligadas ao foco e à concentração interiores.

Em todos os casos, tentarás construir como realidade física a tua conceção íntima do que a realidade é. O teu ambiente físico e as tuas condições são um espelho das tuas conceções básicas de realidade. Se o ambiente muda é porque as tuas conceções internas mudaram, e não é feita

a mais pequena alteração dentro da realidade física que não tenha sido primeiro feita no eu interior.

Queria mencionar aqui um assunto pelo menos afim. Tocámo-lo poucas vezes, se é que alguma, e tem a ver com algo que o Ruburt questionou: sonhos de massa, ou partilhados.

Ora, o vosso universo físico é obviamente composto de perceções partilhadas, e os sonhos de massa seriam naturalmente da mesma natureza. Sonhos de massa são de facto uma realidade. Existem principalmente num nível particular e têm a ver com aquilo a que, por agora, poderás chamar quadros do mundo.

Estes ajudam a formar a realidade das condições humanas no vosso planeta em qualquer época. Essas condições são, pelo menos em parte, resultado de tais sonhos de massa.

Podes fazer uma pausa antes do nosso material do Instream.

(Pausa às 9:56. A Jane estava dissociada como de costume. Tinha mantido os olhos abertos boa parte do tempo. Mais uma vez se surpreendeu com o que lhe pareceu ser a rápida passagem do tempo.

(Chegou então a hora da 57.ª experiência do Dr. Instream. A Jane sentou-se com uma mão erguida aos olhos fechados, falando um pouco mais devagar do que antes. Retoma às 10:06.)

Agora. Dê-nos um momento, por favor.

Não sei a que isto se refere. Há uma imagem de um sol ou candeeiro redondo. Terá o Dr. Instream feito algum tipo de tratamento envolvendo um candeeiro, ou fixado um foco de luz? Talvez, já que está aqui ligado um consultório ou uma sala.

Também uma ligação com dois. Talvez duas da tarde, ou talvez dois tratamentos ou visitas a este local. Isto poderia até referir-se a um exame de visão, se teve de olhar para um objeto redondo e brilhante.

Outra impressão, separada da primeira, com música — talvez um concerto. Um terceiro corredor. Um lugar à direita do centro.

Agora, o nosso objeto. Pequeno. Ele apalpa-o no bolso. Algo como uma medalha, mas não redondo. A assemelhar-se a uma cruz baixa e atarracada em forma, mas mais preenchida no centro, e esta parte recortada de algum modo e gravada. De cor escura. O objeto é bastante antigo. Uma cor metálica, uma mistura a lembrar verdes-acinzentados, com um tom prateado. Uma data nele. Ligada ao objeto também uma data de 1874, referente ao início de uma tradição ou instituição.

Outra impressão separada das restantes. Stedgewick, ou Sedgewick.

Algo que o Dr. Instream tem andado a ler. Uma ligação com um volume encadernado num material de aspeto de couro, mas mais macio.

Castanho-avermelhado. As arestas das páginas não são brancas.

Talvez creme e originalmente com um leve tom dourado.

(A Jane fez uma pausa às 10:20.)

Agora, tens um envelope para mim?

("Não.")

Então discutiremos resumidamente, muito a breves trechos, sonhos de massa ou partilhados.

Há na verdade várias variedades. Por agora ocupar-nos-emos de sonhos de massa que têm um caráter quase universal. Ou seja, sonhos que são partilhados, numa altura ou noutra, pela maioria das pessoas vivas no vosso planeta.

Existem, por exemplo, também sonhos partilhados por vários grupos. Este tipo particular de sonho tem a ver com resolver certos problemas relativos à vossa realidade física e, geralmente, não são precognitivos.

Poderiam parecer precognitivos se os percecionasses, porque muitos dos acontecimentos neles contidos ocorrerão mais tarde, de facto. Não são, porém, precognitivos, pois, em larga medida, dão origem a, ou causam, acontecimentos físicos. Ocorrem, comparativamente falando, logo acima daquela camada a que Jung se refere como o inconsciente coletivo. Se pudesses percecionar esses sonhos, terias uma boa ideia dos principais acontecimentos físicos do futuro, porque verias o seu surgimento.

(A Jane fez agora uma pausa com mais de um minuto. Sentou-se quietamente com os olhos fechados. Depois de retomar, os olhos começaram a abrir-se ocasionalmente.)

Estes estão, regra geral, ligados a acontecimentos significativos que afetam muitos países. Representam, no essencial, intenções, desejos e propósitos profundos. (Outra longa pausa.) Por vezes têm um poder imenso de provocar mudanças mundiais abaladoras, de natureza benéfica ou destrutiva.

(Nota o modo como a Jane inverteu a ordem das duas palavras.)

Um indivíduo, porém, é mais importante do que alguma vez sonhaste, pois aqui contam a intensidade, a emoção e a intenção. Um homem, ardentemente disposto — para o bem ou para o mal —, pode literalmente desequilibrar cem homens. No estado de sonho, também, percebes, podem nascer líderes e dar-se a conhecer. O povo já os conhece nesses sonhos de massa antes de alguma vez serem conhecidos na realidade física.

Agora, podes terminar a sessão ou fazer uma breve pausa, como preferires.

("Acho que terminamos então.")

Os meus melhores votos para ambos… Continuaremos com este material na nossa próxima sessão e, talvez, responderei à pergunta do Ruburt. Ele perguntou porque é que não sonhava comigo. (A Jane sorriu, olhos abertos.) Eu também não sonho com ele!

("Boa noite, Seth."

(Termina às 10:32. A Jane estava dissociada como de costume.)

SESSÃO 254

27 de abril de 1966

(A 49.ª experiência com envelope foi realizada durante a sessão. O objeto era uma folha de papel amarelo sobre a qual o nosso jovem amigo Don Wilbur rabiscou vários números e palavras na noite de sexta-feira, 15 de abril. Encontrei-a ao arrumar depois das visitas saírem e decidi usá-la numa experiência. A Jane disse-me hoje que não se lembrava de ver o Don fazê-la. Foi produzida na noite da 251.ª sessão não programada. A Jane acabou fisicamente doente após essa sessão, que teve efeitos de voz muito fortes. Houve cinco testemunhas, excluindo-me a mim.

(Datei e rubricai a folha quando a encontrei, a 15 de abril. Esta noite coloquei-a entre as duas folhas habituais de Bristol e depois selei-a em envelopes duplos. Usou-se a folha inteira, dobrada em quartos.

(A sessão realizou-se na sala da frente. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados, em voz baixa e com pausas.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Como sabes, todos os aspetos da realidade física existem primeiro no quadro da realidade não objetiva. Em certas áreas de sonhos de massa partilhados, a humanidade, como coletivo, lida com os problemas da sua estrutura objetiva política e social. As soluções que encontra dentro da sua realidade de sonho, porém, nem sempre são as mesmas que aceita dentro da realidade física. As soluções de sonho são, no entanto, mantidas como ideais. Sem, por exemplo, sonhos de massa, as Nações Unidas nunca existiriam.

Este tipo de sonho de massa é uma de várias variedades. É de facto verdade que todos os sonhos, até certo ponto, são partilhados, pois a privacidade que imaginas existir neles é, como o Ruburt corretamente supôs, uma ilusão. É, claro, necessário nesta fase do vosso desenvolvimento que seja usada seletividade e que se estabeleçam normas que definam eficazmente limitações e fronteiras aparentes. À área dentro dessas limitações e fronteiras chamas o "eu". O eu expande-se à medida que a tua capacidade cresce, à medida que aprendes a reter a identidade no

meio da diversidade. Falando praticamente, percebes, se estivesses consciente do bombardeamento constante de comunicações telepáticas que de facto te atingem, seria muito difícil reter a identidade. A identidade sofreria se fosse forçada a percecionar mais impressões do que poderia gerir eficazmente. Os sonhos partilhados ficam, por isso, bem abaixo da consciência.

A identidade pode ser chamada uma forte característica organizadora que perceciona impressões de forma definida e ordenada. À medida que a identidade se fortalece através da experiência, expande-se automaticamente para acrescentar outras realidades que agora é capaz de manipular. Disse-te que a realidade do sonho é mais coesa do que supunhas. Características como os sonhos partilhados fazem muito para estabilizar a realidade onírica. Quando sonhas com outros, eles sabem-no. Quando eles sonham contigo, tu sabes. Nada haveria a ganhar, porém, com a consciência destas condições.

Isto é um pequeno aparte. Muitas pessoas sonharam com a morte do Jack Kennedy antecipadamente, como sabes. A um certo nível, esse conhecimento estava disponível ao próprio homem. Isto não significa que a morte tivesse de acontecer. Era uma possibilidade vívida. Era também uma de muitas soluções para vários problemas. Embora não fosse a solução mais adequada, foi a mais próxima a que o homem conseguiu chegar naquele momento, na realidade física.

Todos os acontecimentos são conhecidos de antemão, mas ainda assim há uma seletividade que é desconhecida. Os sonhos, como sabes, têm a sua própria realidade elétrica, a sua própria energia psíquica, e o seu efeito sobre os acontecimentos físicos é extremamente forte. O efeito é não diluído, por assim dizer. A intensidade emocional de um sonho raramente é recordada na sua força total.

A ação psíquica está a ser dirigida de um modo impossível no estado desperto comum. Os sonhos partilhados apresentam a sua própria organização histórica, pois a memória partilhada da vossa raça não inclui apenas acontecimentos físicos, vai muito mais longe do que isso.

Os sonhos, percebes, também ficam gravados dentro das células, eletromagneticamente. Tomemos um exemplo simples: aqueles que não têm preconceitos contra as raças mantidas oprimidas. Eles sonham, individual e coletivamente, em mudar a situação. Nos sonhos, encenam as várias formas pelas quais tal mudança poderia ocorrer. Esses sonhos, de facto, provocam a mudança resultante que depois acontecerá de forma histórica. A própria energia e direção, percebes, dos sonhos ajudará a alterar a situação.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 9:29. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos começaram a abrir-se durante os últimos dez minutos da entrega e o ritmo acelerou um pouco. Retomou do mesmo modo às 9:39.)

Percebes, no estado desperto diriges a tua energia para a manipulação e construção de objetos.

Sob certos aspetos, isto dissipa a energia, claro. No estado de sonho, manipulas a energia mais diretamente. É isso que estás a fazer, claro, na auto-hipnose. Mas, usada para terapia, continuas a tentar afetar ou alterar algo físico.

Na existência daquilo a que chamas estrelas rádio tens energia a ser manipulada mais diretamente do que possas imaginar — energia que se conhece a si própria, altamente individualizada. Tens estruturas do eu tão intensas que são capazes de lidar com uma variedade infinita de impressões, partilhá-las, usá-las e ainda assim reter identidades individuais.

Compreendes que as estrelas rádio são meramente a projeção de outra coisa. Ou seja, os vossos cientistas, com os seus instrumentos, percecionam apenas a aparência que essas estruturas tomam quando caem dentro do sistema físico. Isto nada tem que ver com a natureza da sua realidade própria, pois não a podes percecionar de modo direto.

Aliás, não podes percecionar-te a ti próprio diretamente, mas apenas através do aparelho sensorial que foi adotado pelo eu. Percecionas diretamente experiências psicológicas, mas não as percecionas na sua forma não diluída. Proteges-te e filtras automaticamente o que for demasiado vívido ou intenso em qualquer momento.

Nem sequer percecionas os dados sensoriais com um terço da vividez de que és capaz. Isto tem novamente que ver com a proteção do eu utilizada. O eu não perceciona quaisquer impressões, percebes, que sejam tão vívidas que o possam esmagar. À medida que o eu aprende, permite então impressões maiores e mais intensas.

Podes fazer a tua pausa.

("Não, estou bem." Eu estivera a espirrar, e a Jane fez uma pausa às 9:49.)

Se estás confortável, continuaremos então brevemente.

Na maioria dos casos, o uso pleno e desinibido, mesmo dos sentidos exteriores, poderia varrer um eu inseguro em fragmentos. A força e a intensidade de qualquer impressão não podem ser maiores do que as do observador.

O uso pleno e desinibido, mesmo, dos sentidos exteriores conduzir-te-ia à realidade interior. Normalmente, só um eu forte e disciplinado, uma

identidade bem estruturada, pode percecionar deste modo — e mesmo assim apenas ocasionalmente. O funcionamento pleno dos sentidos interiores e exteriores, percebes, no vosso estádio atual de desenvolvimento enquanto raça, seria ofuscante, como podes ver nas tuas leituras sobre experiências com drogas.

Uma ocorrência que apenas remotamente se aproxime disto pode ser desastrosa. Não porque seja basicamente indesejável, pois tal experiência tem os maiores potenciais para o desenvolvimento do eu. Tais experiências podem ser desastrosas simplesmente porque a estrutura do eu ainda não é forte o suficiente para assimilar e conter a intensidade da experiência. Em muitos casos, as experiências de sonho, como mencionei, são muito mais vívidas e intensas do que a experiência desperta. Nem sequer te lembras da maioria delas. Mas o eu interior é mais flexível, percebes, do que o ego, e por isso pode conter intensidades maiores sem alarme excessivo.
Agora faremos a nossa pausa.

(Pausa às 9:59. A Jane estava dissociada como de costume. O ritmo fora bom, os olhos abrindo-se frequentemente.

(Chegou então a hora da 58.ª experiência do Dr. Instream. Como de costume, o ritmo da Jane abrandou um pouco e ela sentou-se com uma mão erguida aos olhos fechados. Retoma às 10:06.)

Agora dá-nos um momento, por favor.
Não sei a que isto se refere. Tenho a impressão de uma curva rápida, talvez súbita, para a esquerda, creio que num automóvel, num cruzamento. Sem acidente, mas outro carro envolvido de algum modo.

(Uma longa pausa.)

Uma escola nas proximidades. Creio que à tarde.
Agora, o nosso objeto. Retangular, e ainda assim rola, ou pode rolar. Bastante leve, como papel ou cartão, a assemelhar-se a uma bobina de algum tipo. Mas maior do que uma bobina de linha. Não é estético, mas funcional. Talvez seja um rolo de papel.

Agora, impressões separadas. Um evento em que estiveram presentes dez pessoas. Ou um evento que teve lugar às dez. Discutiram-se aí certos tipos de listas. Também uma ligação específica com uma cozinha, e com um homem alto de bigode, que tem um filho — uma filha.

(Pausa às 10:15.)

O Dr. Instream está a pensar num anel de curso, com um emblema, que tem a forma algo semelhante a uma bandeira, mas não é uma bandeira, e tem ligação com 27, ou com o ano de 1927.

Tens um envelope para mim, Joseph?

("Tenho.")

(Sem abrir os olhos, Jane tirou-me o envelope para a nossa 49.ª experiência. A sua posição, com uma mão sobre os olhos, não mudou; segurou o envelope no colo.)

Dê-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

A palavra grand. Não sei, um avô/uma avó? Vamos ver.

Nove. Uma moldura. Uma ligação com duas pessoas de pé. Quatro mais um.

Alguma ligação com gliddiard. Talvez isto simbolize música. Um encontro breve. Seis. Ligação com um bule de chá ou chaleira. Ouro.

Várias vantagens. Uma forma ameaçadora. Isto pode ser literal ou simbólico, já que um acontecimento desagradável pode ser visto como a avizinhar-se.

Ligação com um parente distante. Uma forma de torre sineira. Pequena escrita rabiscada. Uma janela. E talvez com fevereiro de 64.

Têm alguma pergunta?

("O que é isso de gliddiard?")

Lilliard. Jane soletrou esta palavra e eu repeti-a depois dela.

Isto foi um trio que apareceu na galeria de arte Arnot.

("Consegues dizer quando?")

Ruburt sabe isso.

("E quanto às duas pessoas de pé? Consegues dar-nos algumas iniciais?")

Dá-nos um momento. *(Pausa.)* Estamos a ter algumas dificuldades com isto. Diremos que as pessoas são vocês próprios.

Parece haver uma ligação com fogo. Algo brilhante, como numa cor de chama. Também uma ligação com alguma data antiga. Antigo — algo antigo, ou antigo/antiguidades. (Jane gesticulou impacientemente.)

("Podes detalhar os dados do bule de chá?")

Um bule de chá ou uma chaleira. Ruburt liga isto à casa da tua mãe.

("E quanto às cores ligadas ao objeto?")

Tenho novamente a impressão de cobre, mas isto pode simplesmente estar ligado à impressão da chaleira. Também azul, e branco, e uma cor escura forte. Talvez um verde escuro.

Sugiro que façam um intervalo.

(Intervalo às 10:28. Jane estava dissociada como de costume, e os olhos mantiveram-se fechados ao longo das duas experiências.

(Como Seth afirma ao encerrar, as impressões desta noite são legítimas, mas demasiado afastadas para os nossos propósitos. Eu e a Jane vimos muitas luzes/indícios no material, mas precisávamos de dados mais específicos; demasiados significados podiam ser atribuídos a muitas das

impressões. O objeto do envelope foi feito na nossa presença; por termos estado presentes sentimos uma empatia/ligação emocional com os dados que faltaria a um estranho. Alguns exemplos ilustrarão a natureza dos dados.

("A palavra grand… um avô/uma avó?" O nosso jovem amigo Don Wilbur fez o objeto do envelope na sua habitual visita de sexta-feira à noite aqui com a sua mulher Marilyn. Têm um filho de dois anos. Às sextas-feiras à noite os pais da Marilyn ou do Don tomam conta do menino para que a Marilyn e o Don possam ter uma noite por semana livre. Assim, o rapaz tem um(s) avô(s) como ama/babysitter.)

("Uma moldura." As paredes da nossa sala de estar estão cobertas com as minhas pinturas e desenhos, alguns dos quais estão emoldurados. No objeto o Don anotou distraidamente o item, 17 quadros, depois de os contar.

("Quatro mais um." A 251.ª sessão não programada realizou-se na noite de sexta-feira em que o Don Wilbur produziu o objeto em envelope, 15 de abril de 1965. Presentes, além de mim e da Jane, havia cinco testemunhas — os Wilbur, os Gallagher e a Ann Diebler.

("… gliddiard." Lilliard." A primeira tentativa da Jane a dizer Lilliard ficou distorcida. O trio Lilliard costumava tocar na galeria de arte quando a Jane trabalhou lá há um par de anos. A ligação, acredita a Jane, embora rebuscada, foi uma tentativa de chegar à Marilyn a estudar música. A Marilyn e o Don visitaram a galeria na semana passada.)

("Um bule de chá ou chaleira." O Bill Gallagher, que tem úlceras, bebe café ou chá nas suas visitas, e ele esteve presente a 15 de abril. O Don também bebe chá ou café com bastante frequência. A nossa chaleira estava portanto em uso na noite de 15 de abril.

("Ouro." O objeto em envelope foi feito numa folha do papel amarelo de dactilografia da Jane — o tipo chamado segundas folhas.

("Uma forma ameaçadora… literal ou simbólica… já que um acontecimento desagradável pode ser visto como a avizinhar-se." O Don Wilbur enfrentava um acontecimento desses a 15 de abril. Estava a mudar de emprego e tinha de dizer ao seu patrão que se demitia. Não antecipava isso com agrado por uma variedade de circunstâncias.

("Pequena escrita rabiscada" pode referir-se à minha própria escrita, data e iniciais no topo do objeto.

("…uma ligação com fogo. Algo brilhante, como numa cor de chama." Eu e a Jane estamos razoavelmente certos de que uma vela foi acesa na mesa de centro nessa noite, sexta-feira, 15 de abril. Isto porque andáramos a discutir o aparente êxito do Seth em regular a altura da

chama de uma vela em várias ocasiões. Estas estão listadas em sessões apropriadas. Também se queima incenso, geralmente em tom de brincadeira porque comprámos um de que não gostámos. A Jane, sendo fumadora, acende fósforos muitas vezes. Nenhuma destas interpretações pode aplicar-se, no entanto.

("Também azul, e branco, e uma cor escura forte. Talvez um verde escuro." Isto é interessante. Os rabiscos no objeto foram feitos com uma caneta azul. Não vemos ligação particular com o branco. Há uma cor escura forte em dois ou três sítios no objeto, onde o Don tapou números. Como as obliterações são feitas com azul sobre papel amarelo, o efeito pende para o esverdeado, e muito escuro. No entanto, pode ser que tenha sido simplesmente difícil para o Seth distinguir entre um azul mais escuro e um verde escuro. O azul e o verde sendo ambos cores frias e lado a lado na roda das cores.)

(A Jane retomou às 10:45)

Agora. Vamos encerrar brevemente a nossa sessão.

As impressões foram de facto legítimas, mas demasiado distantes para os vossos propósitos. Não há necessidade de ocuparmos o nosso tempo e passarmos por elas uma a uma.

Responderemos à pergunta do Ruburt na nossa próxima sessão.

(Quanto ao motivo por que a Jane não tem sonhado com o próprio Seth; embora tenha sonhado com as sessões, etc. O Seth afirma que ele também não sonha com a Jane.)

Lamento não ter chegado a isso esta noite. Os meus mais calorosos cumprimentos a ambos. A menos que tenham alguma pergunta particular, encerrarei a sessão.

("Creio que não… Boa noite, Seth.")

(Fim às 10:48. A Jane estava dissociada como de costume.)

SESSÃO 255

2 de maio de 1966

(A 50.ª experiência com envelope realizou-se durante a sessão. O objeto era uma fotografia a preto e branco do pai da Jane e da sua segunda esposa falecida, Maxine, tirada em algum momento antes de 1954. A Jane não tinha visto a foto nos últimos meses. Coloquei-a entre as habituais duas folhas de Bristol e selei-a nos envelopes duplos.

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. No entanto, estava a fumar e os olhos começaram a abrir-se com frequência. O seu andamento foi médio, a voz, baixa.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Bem. Vocês estavam há pouco a falar de reencarnação, e o Ruburt acabou de ler As Três Faces de Eva. Nós iremos ligar estes dois temas. O livro deverá deixar um ponto claro: a identidade, apesar de todas as aparências em contrário, não reside primariamente no ego. A identidade social pode possivelmente aí residir, mas a identidade básica não.

As quatro faces de Eva representavam todas várias manifestações do ego de uma identidade interior. O curso do ego é precário, e existe qualquer número de egos potenciais dentro de qualquer identidade. As Três Faces de Eva é um título excelente para o livro, já que o ego pode muito legitimamente ser comparado ao rosto que a identidade volta para a realidade objetiva, ou à máscara viva que ela enverga.

Os autores fizeram vários pontos excelentes, sem, contudo, levarem o ponto principal a qualquer efetividade. Concebem a estrutura psicológica como uma Gestalt, dominada pelo ego, formada por várias necessidades e potencialidades. Quando o ego dominante relaxa o seu controlo por qualquer razão ou se torna enfraquecido, então, de acordo com o conceito deles, qualquer um dos grupos subsidiários pode assumir o comando.

Eles, porém, não sabem onde reside a identidade e consideram-na o resultado apenas de padrões percetivos organizados. Egos potenciais subsidiários podem então apoderar-se e usar o aparelho sensorial e percetivo do organismo. Eles mencionam, os autores, que isto pode por vezes ser resultado de necessidade. O próximo mais forte assume o leme quando o capitão cai, por assim dizer, para que o todo possa sobreviver.

Mas a identidade é muito mais do que isto, e a identidade básica, embora usando as capacidades percetivas, não depende assim tanto delas. É verdade que a personalidade é uma Gestalt, e que toda a identidade tem qualquer número de egos potenciais. Também é verdade que, por vezes, um ego potencial toma o lugar de outro. Mas isto é tudo altamente simplificado, pois a estrutura do ego não é uma só coisa, mas um agrupamento de padrões psicológicos em mudança, nunca constante, na verdade bastante informal. Cada ego usa e interpreta o aparelho percetivo do organismo de uma maneira que, no conjunto, é característica e distintiva.

Esta maneira característica de interpretar os dados percecionados e de lhes reagir não é, no entanto, tão constante quanto parece ser. A estabilidade e a ilusão de permanência são altamente enganadoras. As quatro manifestações de personalidade pertenciam todas a uma identidade, e este é talvez o ponto principal que foi perdido. Pois se os autores dizem

que muitas vezes um ego subordinado ou potencial assumirá o controlo quando necessário a fim de assegurar a sobrevivência do todo, então isto implica que foi tomada uma decisão; e quem a tomou?

Os autores ignoram esta questão. A decisão foi tomada por parte da identidade básica. Ela não depende de nenhuma estrutura de ego particular, mas depende de uma estrutura de ego para a sua existência dentro de um universo físico.

Pode, portanto, sem perda da sua integridade básica, mudar de egos quando tal mudança se torna necessária. Agora. Em alguns casos isto pode causar inconvenientes e consideráveis dificuldades psicológicas, mas quando tal instância ocorre é porque a estrutura de ego que está a ser deposta não estava a cumprir os objetivos ou metas principais da identidade que originalmente lhe dera essa invejada posição de domínio.

Podem fazer o vosso intervalo, e continuaremos.

(Intervalo às 9:26. A Jane disse que estava bem dissociada para uma primeira transmissão. O seu andamento acelerara e os olhos, muito escuros, tinham estado abertos grande parte do tempo.

(Retomou do mesmo modo mas com uma voz ligeiramente mais forte às 9:36.)

Enquanto a identidade e a consciência forem consideradas como resultado de processos primariamente físicos, então a natureza da personalidade nunca será compreendida.

O eu interior está sempre no processo de tentar aperfeiçoar a natureza desse ego que adotou. O ego, como sabem, nunca é o mesmo. Suporta de facto as tensões que resultam dos encontros diários com situações físicas, mas também colhe as recompensas que estão envolvidas.

O eu interior escolhe, de entre as suas personalidades potenciais disponíveis, aquela que considera mais adequada. Por vezes simplesmente comete um erro, pois o eu interior não é uma coisa perfecionada, tal como o ego não é. Mas a identidade existe, e o ego é apenas uma pseudoidentidade formada por razões utilitárias e, como tal, é naturalmente uma parte da identidade básica de onde brota.

Tem as suas próprias possibilidades de desenvolvimento e realização.

Isto não deve ser esquecido, e todos os egos potenciais têm, também, as suas próprias possibilidades. O eu interior ou identidade tem de se exprimir através do seu ego para poder atuar dentro da realidade física. O eu interior é composto de todos os egos potenciais que o compõem, mas é mais do que a soma destes.

Agora, estes egos potenciais, veem, feitos de várias potencialidades e necessidades e capacidades, estes recursos reunidos que pertencem à

identidade interior, não surgiram simplesmente de repente. São o resultado de experiência psicológica adquirida em vidas passadas.

A estrutura da personalidade não faz sentido a menos que tal experiência passada seja tida em consideração. As potencialidades não aparecem simplesmente, elas evoluem. Eu disse-vos que a porção mais diminuta de energia possui consciência e tem a sua própria identidade. Esta identidade, por si, nunca é aniquilada. Pode formar-se em novas gestalts, mas a identidade mantém-se.

A energia que compõe a personalidade, portanto, consiste num número inconcebível de identidades separadas. Estas identidades separadas formam o que chamamos o eu interior, que conserva a sua individualidade mesmo enquanto a energia que o compõe muda constantemente. Há agrupamentos e reagrupamentos contínuos, mas as identidades básicas são sempre conservadas. Os egos potenciais dentro de qualquer identidade dada conservam, portanto, a sua própria individualidade e autoconhecimento, independentemente da sua importância relativa na ordem de comando.

Estes egos potenciais, em determinado momento, terão a sua oportunidade, como egos dominantes, nesta existência ou noutra reencarnação. Representam as potencialidades globais do conjunto da identidade no que respeita à existência física. A identidade tem, por outras palavras, capacidades latentes que não usará dentro do sistema físico, mas toda a capacidade latente alguma vez disponível reside dentro da identidade original.

Sugiro que façam um intervalo.

(Intervalo às 9:57. A Jane estava novamente bem dissociada. Disse que a passagem do tempo lhe pareceu, no máximo, dez minutos. Os olhos tinham estado abertos grande parte do tempo.

(Era agora tempo para a 59.ª experiência do Dr. Instream. A Jane sentou-se com a mão direita levantada aos olhos fechados, falando a um ritmo algo mais lento, com muitas pausas curtas. Retoma às 10:08.)

Agora, dêem-nos um momento, por favor, para o nosso material de Instream.

Um brilho. Algo cintila. Uma pulseira ou bracelete de relógio. Volumosa antes pequena, de tipo articulado. Um objeto quadrado nela. Ou um ornamento ou um relógio, no braço de um homem com pelos escuros no braço. A manga da camisa branca, arregaçada parcialmente. Ele usa colete. Está para lá da meia-idade e está a falar com o Dr. Instream.

(Pausa às 10:12.)

Ele tem uma dor no braço direito. Entrega uma lista ao Dr. Instream. A lista é manuscrita, num papel branco com um tom azulado, isto é, papel branco-azulado. Tem a ver com um horário.

Hoje o Dr. Instream olhou para um objeto numa montra. Algo como uma câmara. O número quatro em ligação com isto. O homem mencionado anteriormente também trouxe um objeto, creio que para o Dr. Instream.

Uma situação familiar também. Esta é uma impressão separada, envolvendo quatro pessoas, e um encontro. O objeto desta noite é pequeno e azul e de forma quadrada, com talvez um relevo/insígnia. Também talvez iniciais. O relevo é algo como uma forma de trevo, embora não exatamente.

Tens um envelope para mim?

"Tenho.,"

(Às 10:17 a Jane tirou-me o envelope para a 50.ª experiência. Os olhos permaneceram fechados. A sua posição não mudou; como estava sentada com a mão esquerda ainda sobre os olhos, pousou o envelope no colo com a mão direita.)

Dêem-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Adequado. Uma ligação com algo adequado para uma ocasião.

Um gradeamento. Uma separação. Uma ligação com a cor amarela, e um som alto. Algo em filas. Algo surpreendente, como quando alguém diz "Isto é inaudito."

Um objeto circular que é segmentado, e talvez roda. Uma ligação com um destino à tarde, e com três.

Degraus de pedra. Um convite. Algum tipo de ligação com um ecrã, ou com um ecrã de cinema, ou ecrã de câmara.

A cor verde. Uma imagem, não vista claramente. Uma criança, e sete.

Têm alguma pergunta?

("O que querias dizer com algo adequado?")

Algo adequado em termos de desejável para uma ocasião.

("Esse algo adequado está relacionado com o algo surpreendente?")

Os dois estão ligados.

("Podes dizer de que maneira?")

Há uma ligação entre uma reação adequada a ser feita perante um determinado acontecimento.

Também a impressão de uma série ou sequência. Uma miscelânea de formas num canto. Uma borda implícita. Uma nota.

Uma ligação com outubro e abril.

("Podes indicar o ano?")

Este ano.

("Queres dizer algo sobre a forma do próprio objeto?")

Retangular.

("E quanto a cores em ligação com ele?")

Azul e branco.

("A criança mencionada antes: masculino ou feminino?")

Masculino.

("O número sete refere-se à idade da criança?")

Não, não se refere. Sugiro que façam um intervalo.

(Intervalo às 10:28. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados ao longo de ambas as experiências.

Teve apenas uma imagem durante os dados do envelope — de papel de notas branco com linhas azuis — e não sabia se veio do Seth ou dela.

(Note que consegui fazer oito perguntas. Isto excede em vários o último máximo de cinco na 254.ª sessão.

(Como costuma acontecer quando não conhecemos pessoalmente muitos detalhes íntimos ligados ao objeto do envelope, eu e a Jane vimo-nos incapazes de verificar todos os dados do Seth. Consideramos estas ocasiões como semelhantes àquelas em que estranhos forneceriam o objeto. Ainda assim conseguimos estabelecer bastantes ligações, e o Seth ajuda um pouco.

(Em resumo, o objeto é uma fotografia a preto e branco do pai da Jane, o Del, e da sua segunda esposa falecida, a Maxine. O Del tinha cerca de 48 anos quando a fotografia foi tirada no quintal da casa deles em Santa Monica, Califórnia, e a Maxine tinha 38 ou 39. Dentro de seis meses a Maxine estava morta de cancro. A sua morte ocorreu na Califórnia precisamente na altura em que conheci a Jane em Saratoga Springs, NY, em janeiro de 1954. A Jane não via a Maxine há um par de anos e eu nunca a conheci.

("Adequado. Uma ligação com algo adequado para uma ocasião." Na fotografia a Maxine está bem vestida, incluindo chapéu e luvas brancos, e usa um grande ramalhete na lapela esquerda do seu fato de cor escura. O ramalhete poderia ser algo adequado para uma ocasião. Pode também haver aqui um jogo de palavras, no sentido da Maxine estar a usar um dos fatos antigos de duas peças de ombros quadrados então na moda: suitable, suit. O Seth desenvolve um pouco em resposta a uma pergunta.

("Um gradeamento." À vista desarmada na fotografia estão vedações de ripas à direita e à esquerda da Maxine e do Del, além de dois grandes caramanchões curvos sem flores nem folhagem. Um dos caramanchões está atrás do casal. Ver o decalque na página 124.

("Uma separação." Eu e a Jane pensámos ambos na morte inesperada da Maxine, ainda nos trinta.

("Uma ligação com a cor amarela, e um som alto." Não vemos nenhuma e o Seth não desenvolveu.

("Algo em filas." Os montantes nas duas vedações de ripas.

("Algo surpreendente, como quando alguém diz 'Isto é inaudito.'" A Jane disse que isto se referia à morte prematura da Maxine.

("Um objeto circular que é segmentado, e talvez roda." Um dos caramanchões na fotografia vê-se claramente à direita do casal. A sua construção é segmentada, a forma exterior feita de curvas. Além disso, a curva deste caramanchão prolonga-se na curva ou arco do caramanchão por detrás do Del e da Maxine. Achamos que a perceção destas linhas curvas levou o Seth a mencionar "talvez roda".

("Uma ligação com um destino à tarde, e com três." Não sabemos.

("Degraus de pedra." Embora não apareça na fotografia em si, mesmo para lá da fotografia estariam os degraus das traseiras da casa do casal em Santa Monica. São de pedra ou de betão; eu e a Jane não conseguimos ter a certeza, por não termos estado lá talvez há oito ou nove anos. Na altura em que a fotografia foi tirada havia uma pequena casa de hóspedes, ao estilo da Califórnia, atrás da casa principal; aqui a Jane recorda um caminho em lajes. Esta casinha foi demolida antes da minha primeira visita a Santa Monica. Uma escadaria de quatro ou cinco degraus, de pedra ou betão, subia até ao alpendre de trás da casa principal.

("Um convite." Não sabemos.

("Algum tipo de ligação com um ecrã, ou com um ecrã de cinema, ou ecrã de câmara." O objeto era uma fotografia. Estas referências relacionadas podem ser as tentativas do Seth/Jane de chegar à ideia da imagem.

("A cor verde." Na fotografia o Del e a Maxine aparecem rodeados por árvores e arbustos de vários tipos e tamanhos, flores, etc.

("Uma imagem, não vista claramente." À esquerda do Del e da Maxine na fotografia vê-se a janela de um edifício um ou dois lotes mais distante. Apenas parte de uma janela e de uma parede podem ser vislumbradas através de árvores próximas. Indiquei a janela com destaque no decalque da página 124. Os contornos do edifício, etc., ficam ocultos.

("Uma criança, e sete." Eu não tinha a certeza de que estas duas impressões estivessem ligadas, embora a Jane as tenha dado juntas. Tentei clarificar a referência à criança e ao número mais tarde nas perguntas.

(As minhas duas primeiras perguntas pediram desenvolvimento sobre "algo adequado" e "algo surpreendente". O Seth concordou que estavam ligados. A nossa interpretação liga-os através da Maxine; algo adequado

sendo o ramalhete da Maxine, algo surpreendente sendo a sua morte precoce.

(O Seth trouxe mais alguns dados depois da segunda pergunta:

("Também a impressão de uma série ou sequência. Uma miscelânea de formas num canto." Aparentemente a vedação de ripas, vista em dois lugares na fotografia — à direita e atrás do Del e da Maxine, e à sua esquerda em primeiro plano. Na fotografia, os ramos das árvores no fundo à esquerda deles também formam um padrão interessante, com o edifício mencionado no topo desta página visível por detrás; normalmente, quando a Jane usa a palavra miscelânea para denotar formas irregulares, os dados são demasiado gerais.)

Tem as suas próprias possibilidades de desenvolvimento e realização. Isto não deve ser esquecido, e todos os egos potenciais têm, também, as suas próprias possibilidades. O eu interior ou identidade tem de se exprimir através do seu ego para poder manipular dentro da realidade física. O eu interior é composto de todos os egos p-otenciais que o compõem, mas é mais do que a soma destes.

Agora, estes egos potenciais, veem, feitos de várias potencialidades e necessidades e capacidades, estes recursos postos em comum que pertencem à identidade interior, não surgiram simplesmente de repente. São o resultado de experiência psicológica adquirida em vidas passadas.

A estrutura da personalidade não faz sentido, a menos que tal experiência passada seja tida em consideração. As potencialidades não aparecem simplesmente, elas evoluem. Eu disse-vos que a porção mais diminuta de energia possui consciência e tem a sua própria identidade. Esta identidade, por si só, nunca é aniquilada. Pode formar-se em novas gestalts, mas a identidade é mantida.

A energia que compõe a personalidade, portanto, consiste num número inconcebível de identidades separadas. Estas identidades separadas formam o que chamamos o eu interior, que mantém a sua individualidade mesmo enquanto a energia que o compõe muda constantemente. Há agrupamentos e reagrupamentos contínuos, mas as identidades básicas são sempre mantidas. Os egos potenciais dentro de qualquer identidade dada mantêm, portanto, a sua própria individualidade e autoconhecimento, independentemente da sua importância relativa na ordem de comando.

Estes egos potenciais, a dada altura, terão a sua oportunidade, como egos dominantes, nesta existência ou noutra reencarnação. Representam as potencialidades globais do conjunto da identidade no que respeita à existência física. A identidade tem, por outras palavras, capacidades

latentes que não usará dentro do sistema físico, mas toda a capacidade latente alguma vez disponível reside dentro da identidade original.

Sugiro que façam um intervalo.

(Intervalo às 9:57. A Jane estava novamente bem dissociada. Disse que a passagem do tempo lhe pareceu, no máximo, dez minutos. Os olhos tinham estado abertos grande parte do tempo.

(Era agora tempo para a 59.ª experiência do Dr. Instream. A Jane sentou-se com a mão direita levantada aos olhos fechados, falando a um ritmo algo mais lento, com muitas pausas curtas. Retoma às 10:08.)

Agora, dêem-nos um momento, por favor, para o nosso material de Instream.

Um brilho. Algo cintila. Uma pulseira ou bracelete de relógio. Volumosa antes pequena, de tipo articulado. Um objeto quadrado nela. Ou um ornamento ou um relógio, no braço de um homem com pelos escuros no braço. A manga da camisa branca, arregaçada parcialmente. Ele usa colete. Está para lá da meia-idade e está a falar com o Dr. Instream.

(Pausa às 10:12.)

Ele tem uma dor no braço direito. Entrega uma lista ao Dr. Instream. A lista é manuscrita, num papel branco com um tom azulado, isto é, papel branco-azulado. Tem a ver com um horário.

Hoje o Dr. Instream olhou para um objeto numa montra. Algo como uma câmara. O número quatro em ligação com isto. O homem mencionado anteriormente também trouxe um objeto, creio que para o Dr. Instream.

Uma situação familiar também. Esta é uma impressão separada, envolvendo quatro pessoas, e um encontro. O objeto desta noite é pequeno e azul e de forma quadrada, com talvez um relevo/insígnia. Também talvez iniciais. O relevo é algo como uma forma de trevo, embora não exatamente. Têm um envelope para mim?

("Tenho.,,")

(Às 10:17 a Jane tirou-me o envelope para a 50.ª experiência. Os olhos permaneceram fechados. A sua posição não mudou; como estava sentada com a mão esquerda ainda sobre os olhos, pousou o envelope no colo com a mão direita.)

Dêem-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Adequado. Uma ligação com algo adequado para uma ocasião.

Um gradeamento. Uma separação. Uma ligação com a cor amarela, e um som alto. Algo em filas. Algo surpreendente, como quando alguém diz "Isto é inaudito."

Um objeto circular que é segmentado, e talvez roda. Uma ligação com um destino à tarde, e com três.

Degraus de pedra. Um convite. Algum tipo de ligação com um ecrã, ou com um ecrã de cinema, ou ecrã de câmara. A cor verde. Uma imagem, não vista claramente. Uma criança, e sete. Têm alguma pergunta?

("O que querias dizer com algo adequado?")

Algo adequado em termos de desejável para uma ocasião.

("Esse algo adequado está relacionado com o algo surpreendente?")

Os dois estão ligados.

("Podes dizer de que maneira?")

Há uma ligação entre uma reação adequada a ser feita perante um determinado acontecimento. Também a impressão de uma série ou sequência. Uma miscelânea de formas num canto. Uma borda implícita. Uma nota. Uma ligação com outubro e abril.

("Podes indicar o ano?")

Este ano.

("Queres dizer algo sobre a forma do próprio objeto?")

Retangular.

("E quanto a cores em ligação com ele?")

Azul e branco.

("A criança mencionada antes: masculino ou feminino?")

Masculino.

("O número sete refere-se à idade da criança?")

Não, não se refere. Sugiro que façam um intervalo.

(Intervalo às 10:28. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados ao longo de ambas as experiências. Teve apenas uma imagem durante os dados do envelope — de papel de notas branco com linhas azuis — e não sabia se veio do Seth ou dela. (Note que consegui fazer oito perguntas. Isto excede em vários o último máximo de cinco na 254.ª sessão.

(Como costuma acontecer quando não conhecemos pessoalmente muitos detalhes íntimos ligados ao objeto do envelope, eu e a Jane vimo-nos incapazes de verificar todos os dados do Seth. Consideramos estas ocasiões como semelhantes àquelas em que estranhos forneceriam o objeto. Ainda assim conseguimos estabelecer bastantes ligações, e o Seth ajuda um pouco.

(Em resumo, o objeto é uma fotografia a preto e branco do pai da Jane, o Del, e da sua segunda esposa falecida, a Maxine. O Del tinha cerca de 48 anos quando a fotografia foi tirada no quintal da casa deles em Santa Monica, Califórnia, e a Maxine tinha 38 ou 39. Dentro de seis meses a Maxine estava morta de cancro. A sua morte ocorreu na Califórnia precisamente na altura em que conheci a Jane em Saratoga

Springs, NY, em janeiro de 1954. A Jane não via a Maxine há um par de anos e eu nunca a conheci.

("Adequado. Uma ligação com algo adequado para uma ocasião." Na fotografia a Maxine está bem vestida, incluindo chapéu e luvas brancos, e usa um grande ramalhete na lapela esquerda do seu fato de cor escura. O ramalhete poderia ser algo adequado para uma ocasião. Pode também haver aqui um jogo de palavras, no sentido da Maxine estar a usar um dos fatos antigos de duas peças de ombros quadrados então na moda: suitable, suit. O Seth desenvolve um pouco em resposta a uma pergunta.

("Um gradeamento." À vista desarmada na fotografia estão vedações de ripas à direita e à esquerda da Maxine e do Del, além de dois grandes caramanchões curvos sem flores nem folhagem. Um dos caramanchões está atrás do casal. Ver o decalque na página 124.

("Uma separação." Eu e a Jane pensámos ambos na morte inesperada da Maxine, ainda nos trinta.

("Uma ligação com a cor amarela, e um som alto." Não vemos nenhuma e o Seth não desenvolveu.

("Algo em filas." Os montantes nas duas vedações de ripas.

("Algo surpreendente, como quando alguém diz 'Isto é inaudito.'" A Jane disse que isto se referia à morte prematura da Maxine.

("Um objeto circular que é segmentado, e talvez roda." Um dos caramanchões na fotografia vê-se claramente à direita do casal. A sua construção é segmentada, a forma exterior feita de curvas. Além disso, a curva deste caramanchão prolonga-se na curva ou arco do caramanchão por detrás do Del e da Maxine. Achamos que a perceção destas linhas curvas levou o Seth a mencionar "talvez roda".

("Uma ligação com um destino à tarde, e com três." Não sabemos.

("Degraus de pedra." Embora não apareça na fotografia em si, mesmo para lá da fotografia estariam os degraus das traseiras da casa do casal em Santa Monica. São de pedra ou de betão; eu e a Jane não conseguimos ter a certeza, por não termos estado lá talvez há oito ou nove anos. Na altura em que a fotografia foi tirada havia uma pequena casa de hóspedes, ao estilo da Califórnia, atrás da casa principal; aqui a Jane recorda um caminho em lajes. Esta casinha foi demolida antes da minha primeira visita a Santa Monica. Uma escadaria de quatro ou cinco degraus, de pedra ou betão, subia até ao alpendre de trás da casa principal.

("Um convite." Não sabemos.

("Algum tipo de ligação com um ecrã, ou com um ecrã de cinema, ou ecrã de câmara." O objeto era uma fotografia. Estas referências

relacionadas podem ser as tentativas do Seth/Jane de chegar à ideia da imagem.

("A cor verde." Na fotografia o Del e a Maxine aparecem rodeados por árvores e arbustos de vários tipos e tamanhos, flores, etc.

("Uma imagem, não vista claramente." À esquerda do Del e da Maxine na fotografia vê-se a janela de um edifício um ou dois lotes mais distante. Apenas parte de uma janela e de uma parede podem ser vislumbradas através de árvores próximas. Indiquei a janela com destaque no decalque da página 124. Os contornos do edifício, etc., ficam ocultos.

("Uma criança, e sete." Eu não tinha a certeza de que estas duas impressões estivessem ligadas, embora a Jane as tenha dado juntas. Tentei clarificar a referência à criança e ao número mais tarde nas perguntas.

(As minhas duas primeiras perguntas pediram desenvolvimento sobre "algo adequado" e "algo surpreendente". O Seth concordou que estavam ligados. A nossa interpretação liga-os através da Maxine; algo adequado sendo o ramalhete da Maxine, algo surpreendente sendo a sua morte precoce.

(O Seth trouxe mais alguns dados depois da segunda pergunta:

("Também a impressão de uma série ou sequência. Uma miscelânea de formas num canto." Aparentemente a vedação de ripas, vista em dois lugares na fotografia — à direita e atrás do Del e da Maxine, e à sua esquerda em primeiro plano. Na fotografia, os ramos das árvores no fundo à esquerda deles também formam um padrão interessante, com o edifício mencionado no topo desta página visível por detrás; normalmente, quando a Jane usa a palavra miscelânea para denotar formas irregulares, os dados são demasiado gerais.)

("Uma borda implícita." A fotografia tem uma borda branca. Está claramente assinalada nos lados e na parte inferior através dos escuros contrastantes da folhagem. É invisível no topo da fotografia, o céu a fundir-se no papel branco. Tracei a borda no decalque da página 124; na realidade não pode ser vista.

("Uma nota." O objeto não é uma nota, e não vemos nenhuma ligação particular com uma nota.

("Uma ligação com outubro e abril." Não vimos nenhuma ligação particular. O aniversário do Del, por exemplo, é em dezembro; não sabemos o mês do aniversário da Maxine. A minha pergunta seguinte pediu ao Seth o ano a que estes meses diziam respeito. Quando ele disse "Este ano." não nos ajudou.

("Retangular." Em resposta à minha pergunta seguinte, sobre a forma do objeto. A fotografia é retangular.

("Azul e branco." Aqui pedi cores em ligação com o objeto. A Jane disse que foi quando teve a imagem mental de papel de notas branco com linhas azuis. Não sabia se esta imagem veio do Seth ou dela.

("Masculino." Aqui o Seth dá o sexo da criança mencionada na página 128. Eu tinha-me perguntado se era uma referência à própria Jane. Durante o intervalo a Jane disse acreditar que se referia a um irmão da Maxine. O irmão tem aproximadamente a mesma idade da Jane, e vivia no norte do estado de Nova Iorque, perto de Saratoga; daí a Jane ter chegado a conhecer bastante bem os membros da família da Maxine, embora raramente visse a própria Maxine. A Jane disse que gostava bastante do irmão; ele é o membro da família da Maxine que lhe causou impressão.

("Não, não se refere." A minha última pergunta dizia respeito ao número sete, possivelmente a referir-se à idade da criança. Com esta possibilidade eliminada, eu e a Jane não vimos outra ligação.

(A Jane retomou de olhos fechados às 10:48.)

Ora bem. Vamos encerrar brevemente a nossa sessão.

O acontecimento inaudito referia-se a um acontecimento surpreendente, à morte da mulher. A fotografia foi tirada no aniversário da mulher, e o ramalhete foi uma surpresa.

O rapaz referido era o único membro da família da mulher que causou impressão ao Ruburt. Estes são os pontos principais. O fato da mulher era azul-escuro.

Os meus mais calorosos cumprimentos a ambos. Dar-vos-ei algum material pessoal de reencarnação muito em breve. Simplesmente não tivemos tempo para isso esta noite.

("Boa noite, Seth."

(Fim às 10:51.)

SESSÃO 256

4 de maio de 1966

(A 51.ª experiência com envelope realizou-se durante a sessão. O objeto foi colocado, como de costume, entre duas folhas de Bristol e selado em envelopes duplos. Era um artigo de jornal de Peggy Gallagher, publicado no Elmira Star-Gazette and Advertiser em 4 de maio de 1966; hoje. A fotografia da Sra. Bessie Berry não foi incluída nos envelopes de teste. Ela aparecia na mesma página do jornal, mesmo acima da coluna central do próprio objeto, mas estava anexada a outro artigo sobre a Sra. Berry.

(A sessão realizou-se na sala da frente. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados, a um ritmo bastante lento e com pausas, às 21:02.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Vamos continuar a discussão iniciada na nossa última sessão. A eficiência global do eu interior, ou identidade principal, revela-se melhor, naturalmente, quando adota um ego que reflete as suas próprias características e intenções tão de perto quanto possível. Há, no entanto, inevitavelmente, uma diferença entre os propósitos da identidade interior e os do ego.

Ora, o ego, o ego dominante, afeta de facto a identidade interior, e muda-a, tal como afeta e muda o ego dominante. Pois estamos aqui, afinal, a lidar com uma *gestalt* interdependente. Os funcionamentos internos da gestalt como um todo nunca foram completamente compreendidos. Por um lado, o eu é geralmente pensado em termos de existência apenas dentro de um padrão de sequência temporal particular. A sua experiência, porém, está enraizada no passado, como vocês pensam do passado. Uma vez que, na realidade, só existe um presente amplo, isto significa que o eu está enraizado tanto no passado como no futuro, usando os vossos termos. Até ser estudado como uma *gestalt* multidimensional, simplesmente não será compreendido.

A reencarnação não implica um sistema temporal recorrente, nem implica uma extensão do tempo tal como é normalmente considerado. Ou seja, a reencarnação não implica de modo fundamental a existência numa vida após outra, no vosso tempo de momentos sucessivos.

Reconheço que a reencarnação parece ter tais implicações. Isto acontece simplesmente porque insistem em considerar a reencarnação à luz de teorias do tempo que são, elas próprias, incorretas. Devem antes considerar a reencarnação à luz do que sabem sobre o presente amplo.

Porque estão obcecados com a ideia de tempo como passado, presente e futuro, são forçados a pensar nas reencarnações como alinhadas uma antes da outra, e na verdade falamos de vidas passadas simplesmente porque estão habituados ao conceito de sequência temporal. O que têm, evidentemente, falando de forma lata, é algo semelhante aos desenvolvimentos narrados em *As Três Faces de Eva*. Têm vários egos dominantes, todos parte de uma identidade interior, dominantes em várias existências. Para tornar o conceito compreensível para vocês é conveniente falar de reencarnações passadas e futuras.

Na realidade, veem, estas existências separadas ocorrem simultaneamente. É apenas o ego que faz a distinção temporal. As várias existências não vos são percetíveis, ou melhor, não são percetíveis ao ego.

De modo fundamental, como sabem, o passado, o presente e o futuro existem de uma só vez no presente amplo.
145 a.C., 145 d.C., mil anos no vosso passado e mil anos no vosso presente — tudo existe agora. Portanto, as existências passadas são existências presentes. Existem, por outras palavras, sob várias formas ou reencarnações, ao mesmo tempo dentro do presente amplo. Simplesmente não reconhecem que o chamado passado existe agora tão seguramente como o chamado futuro existe agora.
Sugiro que façam um intervalo.

(Intervalo às 9:23. A Jane estava dissociada como de costume. O seu ritmo acelerou consideravelmente e os olhos começaram então a abrir-se com bastante frequência. Estava a fumar quando retomou do mesmo modo às 9:31.)

Uma vez que todos os eventos ocorrem de uma só vez, pouco há a ganhar em dizer que um evento passado causa um evento presente. A experiência passada não causa a experiência presente. Vocês estão a formar simultaneamente a experiência passada, presente e futura.

Os eventos aparecem-vos, porém, em sequência; portanto é difícil explicar-vos muitos assuntos, porque têm de ser dados em bocados.

Quando se diz que determinadas características de uma vida passada influenciam ou causam padrões presentes de comportamento, tais afirmações — e eu próprio fiz algumas — são grosseiramente simplificadas apenas para tornar certos pontos claros.

O eu total ou identidade tem consciência das experiências de todos os egos e, uma vez que uma identidade forma estes egos, é inevitável que haja algumas semelhanças e características entre eles. O material que vos dei sobre reencarnação no passado é bastante válido, particularmente para fins de trabalho, mas é uma versão altamente simplificada do que realmente ocorre.

Se pegarem em *As Três Faces de Eva*, em que na realidade estavam envolvidos quatro egos, e imaginarem cada um desses egos a assumir, por assim dizer, existências completamente separadas, no vosso passado, presente e futuro, então poderão aproximar-se um pouco mais da verdadeira natureza da reencarnação.

Estas quatro personalidades existiram, contudo, numa única vida física. Ora, para um observador cujo conceito de tempo estivesse ainda mais segmentado e abrandado em comparação com o vosso, então, teoricamente, dentro do sistema temporal dele as quatro personalidades pareceriam de facto ser quatro existências separadas. Do mesmo modo, veem, várias manifestações de uma identidade parecem-vos estender-se em forma serial dentro de uma estrutura temporal sucessiva.

Obviamente, porém, esta analogia só nos leva até certo ponto. Dirão: "Os quatro egos pertencentes à Eva pertenciam todos a um único corpo

físico, mas no processo reencarnacional deparamo-nos com a questão de vários corpos, cada um descartado e experimentando a morte física."

Agora, vou dizer-vos o quase inacreditável. Não houve um único corpo partilhado no caso das quatro Evas. Houve quatro corpos separados.

Depois do primeiro choque, isto não deve surpreender. Como sabem, o corpo físico nunca é ele próprio o mesmo, e os átomos que o compõem aparecem e desaparecem constantemente enquanto a aparência de permanência é mantida. Tal processo, e natural, ocorreu no caso da Eva.

Mas, à medida que as personalidades alternavam, assumiam os processos orgânicos de tal modo que, embora o corpo parecesse, em termos gerais, ser o mesmo, não o era.

Precisas lembrar-te aqui que duas personalidades eram alérgicas ao nylon e duas não. Obviamente, duas personalidades operaram mudanças no organismo físico de tal maneira que a alergia surgia. O organismo foi fisicamente alterado e afetado. Mesmo que uma personalidade assumisse o comando por uma hora, ainda assim, durante essa hora, o próprio organismo físico era um outro.

É também interessante notar que estas personalidades alternavam, e estavam todas em existência ao mesmo tempo, por assim dizer, embora apenas uma fosse dominante num dado momento. Do mesmo modo, todas as chamadas personalidades passadas estão presentes no vosso agora, mas não dominantes. Obviamente, também, quaisquer reencarnações futuras estão presentes para aqueles que ainda têm outras vidas por viver, nos vossos termos.

Há simplesmente a expressão simultânea de uma identidade principal ou eu interior dentro do sistema físico. Existem, como sabem, outros sistemas. Sugiro que façam um intervalo.

(Intervalo às 9:56. A Jane estava dissociada como de costume. O seu ritmo tornara-se rápido, os olhos abriram-se frequentemente e ela tinha bebido vinho e fumado.

(Durante o intervalo perguntei em voz alta se havia muita semelhança entre as várias manifestações dos egos da Eva e a relação entre a Jane e o Seth, particularmente quando o Seth estava temporariamente dominante.

(Era agora tempo para a 60.ª experiência do Dr. Instream. A Jane falou apenas a um ritmo ligeiramente mais lento enquanto se sentava com a mão direita sobre os olhos fechados. Retoma às 10:04.)

Agora dêem-nos um momento, por favor, para o nosso material de Instream. Uma ligação com uma morte. Se isto é recente, ou se ele está a pensar num amigo morto, não sei. A morte envolveu a sensação de estrangulamento. Não que alguém tenha sido estrangulado, mas as sensações eram de estrangulamento.

O número 23 em ligação com isto. Talvez a pessoa, um homem, tenha morrido aos 23, ou há 23 anos, mas o número 23 está de algum modo

ligado. Também ligado ao homem está a inicial J, embora eu não saiba se é a inicial do homem. Talvez o mês de fevereiro aqui também, e tempo frio e húmido. Ou um clima húmido, talvez noutro país. Talvez a Inglaterra, mas algum lugar frio e enevoado.

Agora tenho a impressão de um livro, com três linhas no título, sendo a primeira linha a mais comprida. Tenho também a impressão de uma fivela de algum tipo, e de um mata-borrão. O objeto desta noite é uma espécie de anel, ou talvez dois anéis entrelaçados. Não do tipo de anel usado num dedo, mas maior. Talvez do tamanho de brincos de argola muito grandes, embora o objeto não seja um brinco. Dois anéis estão ligados de alguma forma. Não creio que os próprios anéis sejam mais grossos do que um lápis — mais grossos do que isso, quero dizer — mas os círculos dentro são grandes. Nem sei qual é o seu propósito. Creio que pertencem a outro objeto e foram retirados.

Creio também que será feito um convite surpreendente ao Dr. Instream esta semana. Ele receberá um convite que é inesperado e também surpreendente.

Tens um envelope para mim?

("Tenho."

(A Jane fez uma pausa às 10:14. Sem abrir os olhos, pegou o envelope da nossa 51.ª experiência que lhe dei e pressionou-o contra a testa.)

Dá-nos um momento, por favor. São impressões.

Depressa. Algo rápido. Um objeto quadrado, com algo como um símbolo nele, algumas marcações. Um quatro mais dois.

Também um objeto circular, algo transparente. Esta é a ligação do Ruburt agora: Uma impressão de perdão; essa é a sua impressão. *(Pausa longa.)*

Uma ligação com Sep, como em September, ou o número designado por esse mês. Uma imagem de uma mulher. Uma ligação com um antídoto. Um objeto circular vermelho e amarelo ligado aqui.

Uma ligação com uma rua sombreada. Pelo menos, formas que aparecem deste modo. Alguém ou algo alto. Ligações com um J e um G, e pés ou meias.

Dez. Uma forma de cruz, ou algo cancelado, ou apagado ou concluído. Parece ser de cor escura. Isto pode significar uma ligação a uma morte, mas não sei.

Algo no centro como um alvo.

Sugiro a vossa pausa. A menos, claro, que tenham perguntas.

("Poderás dizer alguma coisa sobre o retrato de uma mulher?")

Apenas o que disse. Imagem no sentido de uma ligação a fotografia.

("E quanto à forma do objeto?")

Bastante pequeno. Cores escuras e branco. Talvez escrita no verso. Uma ligação distante — distante, agora — com o ano de 1947, com a

fotografia da mulher. Há também outros, ou pelo menos mais um. Parece haver cores escuras e fluidas que dão a sugestão de água.

Sugiro a vossa pausa agora.

(Pausa às 9:24. Jane estava bem dissociada, disse — não consciente de sons exteriores, etc. Os olhos permaneceram fechados durante ambas as experiências e o seu ritmo tinha sido bom.)

(Jane tinha, claro, visto o artigo usado como objeto no jornal desta noite. Discutimo-lo ao jantar e também notámos que Peggy Gallagher o tinha escrito. Como foi dito, a foto da Sra. Berry não foi usada no envelope experimental. Esta foto foi incluída noutro artigo; a foto estava centrada acima da coluna do meio do objeto. No momento em que preparei os envelopes pensei em incluir a foto com o artigo da Peggy, mas decidi não o fazer no último minuto.)

(Mais uma vez, não poderíamos esperar saber detalhes suficientes sobre o objeto do envelope para fazer todas as ligações. Fizemos as que pudemos, mas não pedimos ao Seth que esclarecesse nenhuma depois da pausa. Em vez disso, pedi-lhe que dissesse algo sobre a questão que eu tinha levantado durante a segunda pausa.)

("Rápido. Algo rápido." A Jane associou a palavra quick aqui ao facto da Sra. Berry ser a primeira negra no conselho escolar local; quick significando primeira. No último parágrafo do artigo-objeto a Sra. Berry também fala sobre ser a primeira negra a trabalhar na assistência à infância em Elmira.)

("Um objeto quadrado, com algo como um símbolo, algumas marcações." A Jane disse que, enquanto dava estes dados, teve uma imagem mental de uma forma de caixa. Era multidimensional em vez de plana, e ela conseguia perceber que havia símbolos ou marcações nela. Mas não conseguimos fazer ligações.)

("Um quatro mais dois." A lápis escrevi o dia e a data na margem direita do objeto: Wednesday, May 4, 1966. O quatro pode referir-se a 4 de maio; o quatro mais dois a 6.)

("Também um objeto circular, algo transparente." Não fizemos ligações.)

("... Conexão de Ruburt agora: uma impressão de perdão ..." Acreditamos que isto se refere à recente morte de um padre que a Jane conheceu em criança. A Jane recebeu pelo correio uma fotografia dele no outro dia.)

("Uma ligação com «sep», como em September, ou o número designado por esse mês." O número é 9. Perto do fim da primeira coluna da sua reportagem, a Peggy escreve que a Sra. Berry soube da sua vitória eleitoral pouco depois do fecho das urnas às 21h. A eleição também durou nove horas; isto é mencionado especificamente no outro artigo sobre a Sra. Berry, impresso mesmo acima do artigo usado como objeto.)

("Uma imagem de uma mulher." Como foi dito, uma foto da Sra. Berry foi incluída no outro artigo sobre ela, impresso mesmo acima da história da Peggy Gallagher. Eu tinha considerado incluir a foto nos envelopes com o artigo, mas decidi não o fazer no último momento. Ver as notas de abertura da sessão.)

(No verso do próprio objeto podem ver-se também partes de dois desenhos de mulheres, num anúncio. Acreditamos, porém, que o Seth se referia à foto e não aos desenhos, por causa da resposta dele à minha primeira pergunta.)

("Uma ligação com um antídoto." A ideia de antídoto ou mudança é expressa no artigo através das citações da Sra. Berry e dos comentários da Peggy; particularmente na segunda metade.)

("Uma ligação com uma rua sombreada. Pelo menos, formas que surgem desta maneira." Não vimos ligações.)

("Alguém ou algo alto." A Jane e eu não conhecemos a Sra. Berry e não sabemos se ela é alta. A manchete no objeto-envelope contém a palavra top. A Jane pode ter associado top a tall, tal como associou quick a first na impressão inicial.)

("Ligações com um J e um G, e pés ou meias." A Jane pode qualificar para o J, sendo amiga da autora do objeto. A Peggy Gallagher pode corresponder ao G. Outra possibilidade aqui é o G caligráfico muito grande no verso do objeto, ao centro.)

("Dez." Não vimos ligações. Nem com pés ou meias, acima.)

("Uma forma de cruz, ou algo cancelado, ou apagado ou feito. Parece ser de cor escura. Isto poderia significar uma ligação com morte, mas não sei." Pensamos que isto também se refere à morte do padre que a Jane conheceu na infância. A foto dele que a Jane recebeu pelo correio no outro dia é, na realidade, uma reprodução em meios-tons com o retrato do padre e uma moldura preta espessa em todo o redor. É uma foto a preto e branco. No verso há duas cruzes a preto, uma bastante grande, além de uma oração e uma citação de Santo Afonso.)

(Nota que, nos dados sobre o Dr. Instream na página 136, é feita menção a uma morte, e à inicial J em ligação com isto.)

("Um objeto circular vermelho e amarelo ligado aqui." Estes dados foram dados depois dos dados sobre o antídoto listados no topo desta página. A Jane e eu não vimos ligações.)

("Apenas o que eu disse. imagem em termos de uma ligação com fotografia." O Seth respondeu assim à minha primeira pergunta. Procurei mais desenvolvimentos sobre os dados da imagem de uma mulher interpretados na página 138. Aqui o Seth liga a imagem à fotografia. Isto elimina os desenhos de duas mulheres no verso do objeto-envelope, e pensamos que se refere à foto da Sra. Berry já descrita.)

("Bastante pequeno. Cores escuras e branco. Talvez escrita no verso." Isto surgiu em resposta à minha segunda pergunta, sobre a forma do objeto. Os dados podem ajustar-se quer ao próprio objeto-envelope, quer à imagem do padre morto referida acima sob "forma de cruz", etc. Inclino-me a pensar que se refere à última. O objeto-envelope foi dobrado três vezes, de modo a medir cerca de 4 3/4" × 3". Mesmo assim, a foto do padre mede 3 3/4" × 2 1/2", ou ainda mais pequena. Nem o objeto nem a foto do padre têm escrita no verso, mas ambos contêm impressão tipográfica. O problema de semântica aqui, envolvendo imprimir, escrever e soletrar, já surgiu antes.)

("Uma ligação distante — distante, agora — com o ano de 1947, com a fotografia da mulher." Não sabendo muito sobre a Sra. Berry, não conseguimos estabelecer ligação aqui.)

("Há também outros, ou pelo menos mais um." Correndo o risco de repetição: Havia dois artigos sobre a Sra. Berry no jornal. Um era da Peggy Gallagher e é este que foi usado como objeto-envelope. Mesmo acima do artigo da Peggy foi impresso o outro artigo. Este segundo incluía a foto da Sra. Berry. O segundo artigo incluía também outra foto — a de um homem que também foi eleito com a Sra. Berry. As duas fotos saíram lado a lado.)

("Parecem existir cores escuras fluidas que dão a sugestão de água." Demasiado geral. O grande G caligráfico no verso do objeto é executado de maneira fluida; e isto pode ter dado origem a esta impressão. O objeto é impresso a preto, que, claro, é uma cor escura. O uso da palavra color pelo Seth pode referir-se a algo diferente de preto.)

(Para o fim destes dados, disse agora a Jane na pausa, ela chegou à ideia de que uma sua parente que vive na cidade de Nova Iorque estaria em destaque nos dados da imagem de uma mulher. No entanto, sentiu que isto estava incorreto; conseguiu sentir o Seth a afastá-la da ideia desta parente, e do seu nome, pelo que não lhe deu voz.)

(Durante a segunda pausa perguntei-me se havia muita semelhança entre as várias manifestações dos egos Eve e a relação entre a Jane e o Seth, quando o Seth estava temporariamente dominante. Agora perguntei à Jane se o Seth não poderia falar sobre isto, em vez de tratar das nossas interpretações dos dados do envelope. A Jane recomeçou a bom ritmo, a fumar, abrindo os olhos frequentemente, às 10:51.)

Ora bem. Eu existo simultaneamente com ambos. Isto deveria ser óbvio, ou eu não estaria a falar convosco; obviamente, portanto, também existo, falando nos vossos termos, como estou agora e como fui. Nos meus termos, veem, eu simplesmente existo no agora.

Há comunicação entre estes vários aspetos da identidade interior que são obviamente cooperantes. Regra geral, não faço tentativa de tomar conta do mecanismo que o Ruburt opera de forma geral.

Ele permite-me fazer alguns ajustes nele, no entanto, e discutiremos estes em detalhe antes de muito tempo. Agora. Um dos egos que foi meu, percebes, é parte da personalidade total do Ruburt, e usamos isso como uma estrutura-ponte. Posso usá-lo momentaneamente.

De novo, isto não significa que eu seja uma personalidade secundária. A reencarnação significa que somos todos personalidades múltiplas com uma identidade primária subjacente. Eu sou eu mesmo, o Ruburt é ele mesmo. Ou, se preferires, a Jane é ela mesma. *(Sorriso.)*

Esqueces-te, percebes, de que tu também foste, e és, parte desta identidade, Joseph. Nos vossos casos particulares, agora, vocês ramificaram-se para formar identidades primárias próprias, embora tenhamos sido originalmente parte da mesma.

Agora. Eu sou a identidade primária da qual fizeste parte. E eu próprio fui, a certa altura, por assim dizer, parte de outra identidade primária. Este desenvolvimento nem sempre ocorre, por muitas razões. Alguns fragmentos de uma identidade simplesmente não desejam desenvolver-se assim. No presente amplo, percebes, somos um só, e ainda assim inteiramente individuais.

Agora, podemos possivelmente desenvolver-nos num novo gestalt, pois não consigo ver todas as partes—*sublinhar todas as partes*—do presente amplo. Ainda há véus diante dos meus olhos. Esta é uma parte do presente que não perceciono. Se assim for, será um em que as identidades são completamente preservadas e não há questão de dominância, mas sim de uma organização de funcionamento harmonioso.

No quadro temporal em que agora existis, eu posso ajudar-vos, mas vós não me podeis ajudar senão permitindo que eu vos ajude, percebes. No gestalt que poderia desenvolver-se, estaríamos numa posição de nos ajudarmos mutuamente de forma mais igual. Agora, através de vós eu afeto a realidade física, e este é de facto um dos meus propósitos.

Eu afeto a realidade, a realidade física, porque as mentes dos homens mudam de acordo com as suas ideias, e nós mudaremos essas ideias para melhor. As ideias, atuando através dos homens, afetarão a realidade física para melhor. Estou aqui mais vezes do que pensas. Nunca, no entanto, de modo intrometido.

Agora, estou perfeitamente disposto a continuar a nossa sessão, e o Ruburt também. A hora, porém, vai avançada, e é melhor decidirem isto antes de eu me envolver demasiado aqui.

("Poderás falar por outro aí por uns dez minutos ou isso?")

Posso, sem dúvida.

A relação entre ti e o Ruburt foi necessária antes que as nossas sessões pudessem começar. A tua própria doença, imediatamente antes das nossas sessões, foi infelizmente necessária, na medida em que te levou a

questionar a natureza das tuas reações mentais perante eventos físicos e psicológicos.

Ajudar-te-ei então, antes de me conheceres. Estavas, literalmente, à espera do Ruburt, e é por isso que não casaste mais cedo. As ligações entre vocês, e o facto de se terem desenvolvido a partir da mesma identidade primária, fizeram da vossa união uma união excelente. Há uma manutenção constante da identidade, e uma busca de estabilidade, psicologicamente falando. Mas então a identidade, segura de si, procura alargar a sua experiência, pois já não teme que a experiência a engula.

A identidade torna-se sempre parte daquilo que percebe, porém, e assim forma constantemente novos *gestalts*, ao mesmo tempo que aceita como si mesma uma variedade maior de experiências. Portanto, a identidade cresce e, como vos disse, não há limitações para ela. Assim, estamos a formar novas identidades, e já aceitaste como parte de ti próprio experiências que anteriormente seriam consideradas alheias e não seriam aceites.

Mudaste por causa de qualquer experiência. Mudaste, então, por causa desta. Tornaste-te mais do que eras. Estou a falar aqui convosco ambos. Não estou a "tomar conta" de vós, por assim dizer. Estais a aceitar, como parte do vosso todo, cada vez mais da realidade do que eu sou. Isto de modo algum me minimiza, percebes. Torno muito do meu conhecimento disponível para vós, mas continua a ser o meu conhecimento, percebes. O partilhá-lo, no entanto, amplia a minha própria experiência. Agora, então, vou deixar-vos descansar. Podem fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferirem.

("Bem, é muito interessante, mas teremos de terminar.")

Os meus mais calorosos votos para ambos.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 23h17. A Jane estava novamente bem dissociada.)

SESSÃO 257
9 DE MAIO DE 1966

(Realizou-se a 52.ª experiência com envelope. O objeto era uma página de manuscrito do livro de sonhos da Jane. Ela deitou-a fora no dia 5 de maio; sem o saber, eu fui buscá-la ao caixote do lixo. Está dactilografada em papel amarelo e tem anotações manuscritas dela. O verso está em branco. Usei as duas folhas de cartolina Bristol e os dois envelopes como de costume para a preparar para a experiência.)

(Na 253.ª sessão, o Seth disse-nos que não sonhava connosco, tal como nós não sonhávamos com ele, e prometeu dizer-nos em breve porquê. Antes da sessão de hoje, a Jane disse que esperava que ele não se tivesse esquecido de abordar o assunto.)

(A sessão realizou-se na sala da frente. A Jane falou sentada e com os olhos fechados. Durante grande parte do tempo manteve uma mão no rosto, com a cabeça baixa. A voz estava baixa e fazia pausas frequentes.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. A base de toda a vida e de toda a existência pode ser, de forma ampla, denominada intuicional. Obviamente, o intelecto não é necessário para a vida.

Toda a existência está presente, como sabes. O que chamas encarnações passadas tem lugar no presente. Simplesmente inventaste um sistema de tempo contínuo como veículo de perceção para o ego, e ele opera apenas a esse nível.

Esta sessão será relativamente informal e não tão longa como a nossa última sessão.

Agora. Eu não sonho com o Ruburt porque não sonho de todo, nos mesmos termos em que vós o fazeis. Eu mudo o foco da minha atenção com intenção consciente, por assim dizer. Levo todas as partes de mim a qualquer estado particular de consciência e entro em vários estados de consciência de forma algo semelhante à maneira como vós podeis passar de um país físico para outro.

Visito-vos, portanto, mas não "sonho convosco" da maneira que poderiam pensar. Agora, o Ruburt não me atribuiu, na sua imaginação, uma imagem física particular, e sonhar ao vosso nível envolve imagens visuais. Por isso, ele não sonha comigo dessa forma.

Contudo, por vezes, ele contacta-me nos seus sonhos sem o seu conhecimento consciente. Limitamo-nos a falar um com o outro, mas ele não se lembra conscientemente do que foi dito. Claro que, noutros níveis, está ciente dessas comunicações.

Tu também comunicaste comigo desta maneira, Joseph, para tua edificação. Podes, se quiseres, sugerir que te lembrarás de algumas dessas conversas, e então poderás fazê-lo, até certo ponto. *(Pausa longa, olhos fechados.)*

Tenho alguns comentários interessantes mas secundários a fazer. A mulher do teu irmão era filha de padeiro e ainda tem o hábito de se exceder na comida.

A tua mãe, apercebendo-se demasiado bem de que os seus "meninos" cresceram, procura agora manter a sua maternidade pedindo-lhes ajuda, uma vez que já não precisam dela. Ora, este pedido de ajuda representa uma necessidade de reafirmação de que foi de facto uma boa mãe e de que os filhos ainda a têm em alta estima.

Pois, de cada vez que eles acorrem em seu auxílio, ela diz para si: "Se não me amassem, não me ajudariam." Ao mesmo tempo, porém, essa ajuda é apontada ao pai, pois é a mãe quem a solicita, e a assistência é sempre de algum modo apresentada "contra" o pai. Isto é também um tipo de vingança, no entanto, pois a mãe está agora numa posição mais forte, depois de ter sido mantida numa posição inferior durante quase toda uma vida.

O teu rumo é sensato. Prevejo alguma dificuldade familiar na situação do teu irmão mais novo. Não na família imediata dele, mas na família da esposa. Talvez uma ligação com a casa nova—os seus habitantes, ou com aqueles que a ela estão intimamente ligados.

Tu, pessoalmente, Joseph, és de facto uma pessoa diferente do que eras há três anos. Aspetos da tua personalidade que tinhas em grande medida negado foram autorizados a desenvolver-se.

Agora. Relativamente à existência em Boston, tentaremos acrescentar alguns detalhes. Esta noite estou a procurar responder a algumas perguntas e a dar-vos algum material reencarnacional que vos interessa. Faremos isto à nossa maneira. Frequentemente, algumas frases de material aparentemente não relacionado revelar-se-ão mais tarde pertinentes. Noutras ocasiões, o material não relacionado permite-me inserir furtivamente informações específicas sem alarmar o Ruburt.

(Os olhos da Jane abriram-se agora pela primeira vez. Segundo o Seth, ambos vivemos em Boston antes da Guerra Civil, masculino e feminino então, como agora.)

Em ligação com Boston, havia uma rua, creio, chamada Grant, ou havia um edifício chamado Edifício Grant ou residência, que era usado em ligação com uma igreja. Talvez como aposentos do ministro.

Não existe agora, mas talvez os registos pudessem provar a sua existência. Tiveste alguma dificuldade com um olho esquerdo. O Ruburt está preocupado que isto esteja distorcido, por causa do mau olho da Srta.

Callahan, mas a informação é bastante legítima. *(A Srta. Callahan é uma solteirona idosa que vive no nosso prédio de apartamentos. Ver Volume 1.)*

A morada em si tinha dois cincos no número. Há uma ligação com uma data de 1632 que eu não compreendo. Talvez possamos esclarecê-la mais tarde. *(Pausa longa.)* Uma família Gaylor estava ligada à igreja. Membros ricos, creio, e foram enterrados nas proximidades. Uma Sarah e um Oscar.

Podem fazer a vossa pausa, e continuaremos.

(Pausa às 9:28. A Jane estava dissociada como de costume. O seu ritmo tinha sido médio no início da sessão, mas abrandou bastante quando chegou aos dados de reencarnação. Os olhos abriram apenas duas vezes, brevemente, durante a transmissão. A maior parte do tempo sentou-se com uma mão levantada ao rosto.)

(Ela retomou da mesma forma às 9:36.)

Escreve a palavra nota. Está ligada, a palavra, ao nome do Ruburt nessa existência, e voltaremos a ela.

Também Grinaldi—

("Grinaldi?" Eu soletrei.)

G-r-a-n-o-l-d-y. Uma ligação com Santo Ambrósio, e a igreja. *(Pausa longa.)* Registos da igreja guardados num cofre na cave. *(Pausa longa.)* Mais tarde, muito mais tarde, uma via de algum tipo foi construída muito perto da propriedade da igreja. Durante algum tempo, em anos posteriores, as salas da frente da casa onde vivias foram convertidas em barbearia. Talvez de 1870 a 1890. Mais tarde ainda, uma loja de vestidos, e depois um restaurante, à medida que o bairro se deteriorava. Depois, edifícios todos novos. Eras corpulento. A igreja ficava perto da água, e era visitada ocasionalmente por marinheiros. *(Muitas pausas, algumas delas longas. Os olhos da Jane estavam fechados e ela estava muito irrequieta.)*

Antes disto era mais elegante, e quando o era os navios entravam mais a norte para atracar. À medida que o movimento marítimo aumentava, os cais deslocaram-se para sul para abranger a zona perto da igreja.

Dá-nos um momento. *(Pausa longa. A Jane descalçou os sapatos.)* Uma colina atrás da igreja. Não alta, mas contendo várias ruas. Um farol a noroeste. Várias pequenas aldeias que mais tarde se tornaram parte de Boston, uma a noroeste e outra a sudoeste, separadas nesta época, aproximadamente 1830, por campos.

Havia outra cidade diretamente a oeste, ou uma zona cujo nome começava por A, e era mais distante do que os outros dois povoados. Mudaste-te para lá, e depois regressaste a Boston.

Não atuaste como ministro no outro local, mas trabalhaste com madeira. Quando voltaste a Boston tornaste-te ministro de uma igreja da mesma denominação mas num edifício diferente. A outra, ou posterior, localização era socialmente melhor por contraste, mas não te movias de modo algum nos melhores círculos. A zona norte da cidade era a mais elitista.

A palavra que eu queria em ligação com o nome do Ruburt não era nota. Era Nostra, N-o-s-t-r-a. Isto fazia parte do nome dela: Nostratious era o primeiro nome. Elmo—

("Elmo?")

—Elmo era o apelido, e havia um nome profissional que também era usado.

Sugiro uma breve pausa, e continuaremos.

(Pausa às 9:58. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos mantiveram-se fechados e o ritmo estava lento. Ela tinha consciência de que estava muito irrequieta. A Jane disse que, durante uma das pausas mais longas, sentiu o Seth tentar chegar ao nome Nostratious a partir do dado anterior "nota". Achámos Nostratious Elmo um nome muito peculiar. Numa sessão anterior, o Seth disse-nos que a Jane fora médium na sua vida em Boston, e que tinha usado mal as suas capacidades. Isto pode no entanto explicar a menção de um nome profissional acima. Ver página 86 do Volume 1.)

(Era agora altura da 61.ª experiência com o Dr. lnstream. O ritmo da Jane voltou a ser interrompido por pequenas pausas enquanto se sentava com uma mão levantada aos olhos fechados. Retoma às 10:09.)

Agora, dá-nos um momento, por favor, para o nosso material do lnstream.

Uma reviravolta, ou mudança de planos ligada ao Dr. lnstream. Uma troca de datas para uma ocasião definida. Isto pode estar ligado a um evento de verão. Daremos um objeto em breve.

Uma carta relativa a uma situação desagradável. A carta para ou de outro homem, talvez nos seus finais de cinquenta, e noutra zona do país. O Dr. lnstream escreveu a carta ou recebeu-a.

A ligação entre os dois homens recua algumas décadas no passado. Talvez aqui uma inicial M ou N. Óculos e uma espécie de bigode.

O objeto é como uma corrente. Fina, de cor prateada. É guardada numa caixa que também contém vários bilhetes e fotografias. Ou então, a própria caixa é guardada ao lado dos bilhetes e fotografias. É usada por uma mulher.

Neste momento, o Dr. lnstream tem várias escolhas de ação disponíveis. Quero dizer neste período geral de tempo, não neste instante. Ele está num período em que está a tentar tomar decisões de natureza importante, relativas ao futuro e às suas próprias circunstâncias.

Foram-lhe oferecidas várias oportunidades ou escolhas. Não é uma questão de poucas escolhas, mas quase de demasiadas. Separadamente agora, uma ligação com as iniciais P, G, ou P, C, e uma conta a descoberto. Dois pacotes que não são entregues a tempo. O Dr. lnstream não segura a corrente que é o nosso objeto, mas observa a mulher que a usa.

Tens um envelope para mim?

("Tenho.")

A Jane fez uma pausa às 10:18. Sem abrir os olhos, pegou no envelope da nossa 52.ª experiência que lhe dei. Pressionou-o brevemente contra a testa e depois baixou-o para o colo; retomou a posição anterior, a cabeça apoiada numa mão.

Dá-nos um momento, por favor… São impressões.

Uma armação, que parece ser de madeira, com linhas finas como postes. Anemia.

Oito. A ligação com anemia leva o Ruburt a pensar em Helga Anderson, ou numa ligação com artistas ou trabalhos artísticos.

Uma nota. O mês de abril. Uma iniciação, não concluída. A cor roxa, e talvez amarelo ligado aqui.
Ligação com um animal. Algo perturbado.

As palavras aliança profana ocorrem-me aqui. Uma seleção, ou algo oferecido do qual se podem fazer seleções. Uma forma de estrela. Algo redondo, de novo, com raios a partir do centro, mas bastante proeminente. Para nós.

Uma ligação com marcações e datas, e uma ligação talvez com um cavalo. Alguma ligação aqui, mas distante.
Quadrados. Talvez uma ligação com um jogo. Um pequeno círculo redondo sugerindo um carimbo postal. Vermelho ou azul.

Uma ligação com um parapeito alto, como um ligado a um telhado, ou miradouro de onde se pode olhar para baixo e ao longe.

Ligação com quatro pessoas, uma delas desalinhada, relativamente falando. Catorze, e sugiro a vossa pausa. *(Pausa.)*
A menos que tenham perguntas.

("Bem—")

Também um pequeno ecrã.

("Poderás dizer mais alguma coisa sobre uma iniciação incompleta?")

Algo não feito, mas começado. Sugiro então a vossa pausa.

(Pausa às 10:29. A Jane disse que estava bem dissociada. Os olhos permaneceram fechados durante ambas as experiências. Tive a sensação de que ela não queria particularmente que eu fizesse perguntas. Quando hesitei, ela chamou a pausa.)

(Na realidade, isto marcou o fim da sessão, mas a Jane não o disse até termos passado pelos dados nós próprios. Fizemos as nossas próprias ligações e não pedimos ao Seth que voltasse para ajudar.)

(Fomos capazes de fazer muitas ligações. Além disso, o mesmo objeto foi usado na sessão seguinte, a 258.ª, e é interessante ver como o Seth retoma alguns dos mesmos pontos em ambas as ocasiões. Estes pontos de concordância serão assinalados na 258.ª sessão.)

(Ver a cópia do objeto do envelope na página 142. Como foi dito, é a metade superior da primeira página do capítulo cinco do livro sobre sonhos que a Jane está a escrever. Foi o primeiro rascunho. A Jane deitou-o fora e eu resgatei-o do caixote do lixo no meu estúdio. Está escrito em papel amarelo; as anotações foram feitas com uma caneta com a mesma cor de tinta das da cópia. Escrevi a data a lápis no objeto no dia em que o encontrei. Foi dobrado uma vez antes de entrar no envelope duplo selado. O verso do objeto está em branco.)

("Uma estrutura, que parece ser de madeira, com linhas finas como postes." Acreditamos que estes dados são reforçados pelos dados de "forma de parapeito alto" dados mais adiante, e que se referem ao meu estúdio, onde a página de manuscrito usada como objeto foi escrita. A Jane usa o estúdio de manhã enquanto eu trabalho no exterior. A secretária dela fica virada para uma fileira de cinco janelas, altas e estreitas, com pequenos caixilhos. O estúdio é na realidade uma varanda traseira envidraçada, no segundo piso, convertida para uso durante todo o ano.)

(Enquanto está sentada à secretária, a Jane olha para fora e para baixo, para a relva do quintal. A vista é elevada e bastante bonita. À sua

esquerda está o telhado da cozinha do apartamento por baixo de nós, mas isto fica de lado e não obstrui a vista. Acreditamos que a armação mencionada pelo Seth é uma referência às molduras de madeira das janelas, e que as linhas finas como postes se referem às molduras estreitas de madeira que seguram os vidros; oito pequenos painéis compõem cada uma das cinco janelas.)

("Anemia." O Seth volta a esta referência daqui a pouco.)

("Eight." Oito é um dos números de página dentro do círculo no canto superior direito do objeto, mas não sabemos se era isto que o Seth queria dizer.)

("A ligação com anemia leva o Ruburt a pensar em Helga Anderson, ou numa ligação com artistas ou obras de arte." A Jane acha que aqui o Seth estava a tentar levá-la a dizer que um empreendimento artístico, significando o livro de sonhos, estava envolvido com o objeto. A Helga Anderson, uma boa amiga, tem anemia. Ela é esposa de Emfred Anderson, um escultor que foi diretor da galeria de arte onde a Jane trabalhou em part-time durante vários anos. No capítulo cinco ligado ao objeto, a Jane usa um sonho de Ernfred para ilustrar um certo ponto.)

("Uma nota." Ou o Seth viu o objeto dobrado como uma nota em si, ou refere-se talvez às notas manuscritas da Jane no objeto.)

("O mês de abril." A minha data a lápis no objeto mostra que o apanhei a 5 de maio de 1966. A Jane disse que escreveu a página usada como objeto no início do mês de abril e só a deitou fora quando a reescreveu um mês mais tarde. Na sessão seguinte o Seth diz-nos que a Jane escreveu o objeto a 7 de abril.)

("Uma iniciação, não concluída." O objeto é a metade superior da primeira página do primeiro rascunho do capítulo cinco do livro de sonhos da Jane e, assim, seria algo começado ou iniciado, mas não concluído. Pode haver aqui extensões: Não concluída pode referir-se a todo o primeiro rascunho do capítulo cinco, ou a todo o livro de sonhos em si. Também, talvez, iniciação possa ser ligada às experiências sugeridas para o leitor tentar, conforme mencionado nas rubricas. A ideia da Jane é que estes dados se referem ao próprio livro de sonhos ter sido começado mas não concluído.)

("A cor roxa," disse a Jane, isto é especulação: Ela veste um certo camisola roxa que a mãe lhe fez em dias em que o estúdio está frio de manhã. Não usa outra camisola no estúdio; é, além disso, demasiado grande para usar em público. Mas a Jane não faz ideia se vestiu a camisola no dia em que escreveu o objeto.)

("e talvez amarelo ligado aqui." O objeto está escrito em papel amarelo.)

("Ligação com um animal." Curiosamente, há várias referências a animais no capítulo cinco do livro de sonhos da Jane. No início do capítulo, a Jane usou a expressão "carroça à frente do cavalo", e o Seth menciona cavalo um pouco mais adiante. Uma das rubricas do capítulo é Símbolos de Sonho e Cultura. Ao discutir este tema, a Jane menciona que o fogo ajudou o homem primitivo a "manter as feras afastadas", etc.)

("As palavras aliança profana ocorrem-me aqui." Todo o capítulo cinco, de onde vem o objeto, trata da estreita relação entre a vida de sonho e a vida de vigília. Vemos aqui a ideia de aliança, mas não particularmente profana. O Seth pode ter estado a brincar um pouco connosco, ou pode ser uma ligeira distorção. As minhas notas não indicam nada de fora do comum na entrega da Jane na altura.)

("Uma seleção, ou algo oferecido a partir do qual podem ser feitas seleções." As seis rubricas do capítulo cinco, mostradas no objeto.)

("Uma forma de estrela. Algo redondo, de novo, com raios a estender-se para fora, mas bastante proeminente." A Jane pensou imediatamente neste diagrama quando releu os dados do Seth. Está no verso da página 112 do primeiro rascunho do capítulo cinco do livro de sonhos. A Jane acredita que muito possivelmente fez o diagrama no mesmo dia em que dactilografou a página 80, que foi usada como objeto do envelope. A página 112 foi usada na versão final do capítulo cinco, felizmente, e por isso não foi deitada fora. Eu não tinha visto o diagrama antes. É um que a Jane fez para a ajudar a ver claramente certos pontos envolvendo o todo do eu e os estados de vigília e de sonho. Havia muito texto manuscrito por baixo. A Jane localizou o diagrama imediatamente após esta sessão. Ela disse que é o único que fez para o livro de sonhos; tem o hábito de fazer muitas notas no manuscrito, mas muito poucos diagramas deste tipo.)

("Algo perturbado." Estes dados deveriam ter sido incluídos depois de "Ligação com um animal", na página 147. Não vemos ligações.)

("Uma ligação com marcações e datas." As marcações podem ser a própria dactilografia no objeto, ou as notas e correções da Jane a caneta. Eu escrevi a lápis a data, 5 de maio de 1966, no objeto no dia em que o encontrei e pensei em usá-lo para uma experiência.)

("e uma ligação talvez com um cavalo. Alguma ligação aqui, mas distante." Ver a interpretação dos dados de "ligação com um animal" na página 149. No início do capítulo cinco, de onde vem o objeto do envelope, a Jane usou a expressão "carroça à frente do cavalo".)

("Quadrados. Talvez uma ligação com um jogo." Os jogos têm um papel de destaque no capítulo cinco do livro de sonhos. Para expor alguns dos seus pontos no capítulo, a Jane usa um sonho recorrente de infância. Esse sonho envolvia o grande recreio que ela visitava frequentemente na vida de vigília, do outro lado da rua da sua escola em Saratoga Springs, NY. Havia muitos tipos de jogos de que se podia desfrutar no recreio na vida de vigília. Além disso, no seu sonho recorrente, a Jane continuava a recriar uma série de jogos no recreio, numa zona onde não havia nenhum. Há mais no sonho, mas o suficiente é dito aqui para estabelecer a ligação com jogo.)

("Um pequeno círculo redondo sugerindo um carimbo postal." No canto superior direito do objeto está o número da página, dentro de um círculo, e aproximadamente na posição de um carimbo de correio num envelope.)

("Vermelho ou azul." Não tenho a certeza, mas ao recolher os dados do Seth perguntei-me se isto poderia estar ligado aos dados do carimbo postal. Por vezes é difícil dizer. No entanto, usei um ponto final depois da palavra carimbo nas notas, por isso considerem o vermelho e o azul separadamente. A Jane fez as notas no objeto com uma caneta de azul escuro ou cinzento que dá impressão de azul escuro. Ela disse que sentiu que vermelho ou azul se refere ao facto de usar duas canetas diferentes ao corrigir o manuscrito—uma vermelha e uma azul; mas não temos a certeza.)

("Uma ligação com uma forma de parapeito alto, como uma ligada a um telhado, ou miradouro de onde se pode olhar para baixo e ao longe." Ver a interpretação dos dados de "armação" na página 148. Como foi dito, a página de manuscrito usada como objeto foi escrita pela Jane no estúdio nas traseiras do apartamento. O estúdio é uma varanda convertida no segundo piso, com dois lados compostos por cinco janelas cada. A Jane senta-se à secretária virada para a fila de janelas a oeste; dali tem uma excelente vista do quintal e da rua além. Ela "olha para baixo e ao longe" para a relva e flores, etc., e à sua esquerda, sem obstruir a vista, está o telhado da varanda do apartamento do rés do chão.)

("Ligação com quatro pessoas, uma delas desalinhada." Quis fazer perguntas ao Seth sobre estes dados mas não tive oportunidade. O objeto é parte da primeira página do capítulo cinco do livro de sonhos da Jane. No capítulo cinco, a Jane discute sonhos fornecidos especificamente por quatro pessoas—Jane, eu próprio, Bill Gallagher e a nossa senhoria, Marian Spaziani. A Jane acredita que o termo "desalinhada" se refere aqui a ela própria. Ver o sonho recorrente de infância no recreio, mencionado nos dados que tratam da interpretação de "uma ligação com um jogo".

Este sonho, ao longo de um par de anos durante a infância dela, teve um efeito poderoso sobre a Jane; ela tem falado dele desde que a conheço. No sonho, a Jane construía um conjunto de jogos, envolvendo aparelhos físicos como baloiços e trepadeiras, numa parte do recreio onde, na vida física, não existiam. Na manhã seguinte a um desses sonhos, a Jane corria para o recreio antes de ir para a escola, para investigar se por acaso havia baloiços, etc., naquela parte específica do recreio. Não havia. Tinha então de se apressar para a escola; na maioria das vezes chegava atrasada, ofegante e desalinhada. Lembra-se disso claramente.)

("Catorze." Especulamos: Não vendo outras ligações de imediato, contamos catorze linhas de texto dactilografado no objeto, incluindo as rubricas do capítulo.)

("Também um pequeno ecrã." A Jane levou dois dias a fazer a ligação aqui, e quando o fez foi muito vívida. No final da sessão, ela disse que não tinha tido imagens enquanto dava os dados do envelope. Uma associação um par de dias depois lembrou-lhe que tinha de facto tido uma imagem mental—e bastante clara—de um pequeno ecrã de televisão. Estas imagens podem ser difíceis de recordar, particularmente de improviso, e a Jane teve outros casos em que elas lhe vieram à mente algum tempo após a sessão. O ecrã de TV entrou nos dados porque a Jane usou uma analogia nas primeiras páginas do capítulo cinco do livro de sonhos, envolvendo um ecrã de TV; mencionou-o com bastante extensão em duas páginas. A analogia não aparece na meia página usada como objeto. Começa na metade inferior da mesma página—mas não no primeiro rascunho do capítulo cinco do livro de sonhos. Encontra-se antes no segundo rascunho; ao reescrever o capítulo, a Jane inseriu então a analogia do ecrã de televisão para ajudar a clarificar alguns pontos. Dois dias após a sessão, a Jane deu por si a reler o seu segundo rascunho do capítulo cinco. Ao deparar-se com a analogia de TV, os dados do Seth sobre um ecrã ficaram-lhe claros—particularmente quando também a lembraram de que tinha tido uma boa imagem de um ecrã de TV enquanto dava os dados do envelope. Se não tivesse escolhido reler, este bloco de material teria passado despercebido.)

("Algo não feito, mas começado." Fiz ao Seth apenas uma pergunta, pedindo-lhe que desenvolvesse "Uma iniciação não concluída." Ver a primeira interpretação disto na página 148. A Jane acredita que este elemento de dados acima se refere ao facto de ter começado o livro de sonhos, mas ainda não o ter terminado.)

SESSÃO 258
11 DE MAIO DE 1966

(A 53.ª experiência com envelope foi realizada nesta sessão. O objeto foi o mesmo usado na última sessão, a 257.ª. Ver a sua cópia na página 142, e as notas a seu respeito nas páginas 143 e 147, bem como a nossa interpretação dos dados do Seth sobre ele; isto também começa na página 147.)

(Esta é a primeira vez, durante as experiências com envelopes, que o mesmo objeto foi usado duas vezes seguidas. Eu estava curioso por ver se o Seth repetiria alguma das suas impressões dadas na sessão 257. E fê-lo, embora muitas vezes abordando o mesmo tópico ou impressão com nova linguagem. Achamos que os dados de uma das experiências reforçam os da outra.)

(Uma vez, anteriormente, nas 1.ª e 18.ª experiências com envelope, foi usado um objeto que era semelhante mas de modo algum idêntico. Na primeira experiência, na sessão 179, o Seth trouxe uma impressão correta. Na 18.ª experiência, realizada durante a 212.ª sessão, obtiveram-se mais algumas impressões; mas, no geral, os resultados foram interferidos por outros fatores de um modo que não parece acontecer hoje em dia. Ver a Sessão 179 no Volume 4 e a Sessão 212 no Volume 5.)

(Segue-se, do seu caderno de sonhos, o relato da Jane de um dos sonhos que teve na terça-feira, 10 de maio de 1966: "Este sonho inteiro foi em imagens. Eu vi o universo… ou a realidade inteira, uma infinidade de espirais e estrelas, em profundidade de algum modo. Alguém disse-me? ou eu simplesmente soube… que muitas das nossas ideias acarinhadas sobre a realidade estão completamente erradas. Foi um sonho do tipo revelação, exceto que agora não consigo lembrar-me de mais nada sobre ele. Talvez alguém me estivesse a mostrar tudo isto; não tenho a certeza, no entanto.")

(A sessão foi realizada na nossa sala da frente. A Jane começou a falar sentada e com uma mão levantada aos olhos fechados. Usou muitas pausas, algumas delas longas. A voz era baixa.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Primeiro, vou discutir o sonho do Ruburt. Conteve várias revelações que não podem ser colocadas em palavras. A informação foi percecionada através dos sentidos interiores e, embora o Ruburt não tenha consciência da importância do sonho, o eu interior assimilou o conhecimento. É muito provável que ele tenha vários outros sonhos desta natureza num curto espaço de tempo.

É correto dizer que a verdade nunca pode aparecer completamente sem distorção quando se usam palavras, pois as próprias palavras quase tanto encobrem como revelam. *(Pausa longa; a Jane estava muito*

irrequieta.) O sonho, creio, fazia parte de uma série de três sonhos, faltando ainda os outros dois. Ele esteve também envolvido em alguma viagem astral. Isto não é invulgar, pois o eu interior deixa frequentemente o corpo quando o corpo dorme.

Tudo o que o Ruburt conseguiu recordar do seu sonho foi o conhecimento de que muitas das conceções mais acarinhadas da humanidade sobre a realidade estão completamente erradas. Foi-lhe mostrado um diagrama multidimensional da realidade tal como existe em termos do presente amplo, e em termos de qualidades que representam pontos dimensionais.

No diagrama, por exemplo, cada estrela representaria um ponto-instante noutro sistema. Ela aparece como matéria no vosso sistema, do vosso ponto de vista, e existe como matéria no vosso sistema. Mas existe como algo completamente diferente, percebem, noutro sistema. Vocês percebem apenas o ponto mais baixo da sua realidade, por isso dir-vos-ei agora que as várias estrelas e planetas e corpos celestes que observam no vosso universo existem de facto como tais, mas apenas dentro do vosso sistema.

Tudo o que podem percecionar deles, veem, é matéria, porque transformam automaticamente todos os dados em padrões de matéria devido à natureza das vossas próprias perceções. Uma vez que observam matéria, ela obviamente tem uma realidade. No entanto, esses corpos celestes aparecem como algo inteiramente diferente, percebem, noutros sistemas.

O que chamam dimensões representa estados em que a realidade é percecionada. Vocês percecionam a realidade em três dimensões e têm um vislumbre da realidade numa quarta dimensão. Há, contudo, muitas dimensões em todas as direções. Esses corpos celestes representam pontos-instante noutros sistemas. À medida que são projetados no vosso sistema, porém, só são percecionados em termos de matéria.

(Ver as sessões 149–152 para material sobre pontos-instante, e as sessões 246–250 e 254 para material sobre quasares.)

Agora, dir-vos-ei ainda que essas dimensões representam meramente várias capacidades da consciência. Todas essas dimensões existem ao mesmo tempo, e mesmo dentro do vosso sistema, mas a vossa consciência não as pode percecionar.

Têm das interpretar nos vossos próprios termos. Vocês formam o sistema dentro do qual operam. Os corpos celestes, por exemplo, são pontos-instante para outros sistemas. Eles existem realmente como tais dentro do vosso sistema, se os pudessem percecionar como tal.

É mais fácil então dizer que eles aparecem como matéria quando são projetados no vosso sistema, mas isto não é precisamente correto. Nada

além dos vários estágios da consciência separa as dimensões, percebem, mas a separação é, ainda assim, bastante eficaz.

Agora, sugiro a vossa pausa.

Aliás, deixámos sugestões, de certa forma, de algo nesta linha nas nossas sessões sobre pontos-instante. Este material de hoje representa a informação dada ao Ruburt no seu sonho.

(Pausa às 9:22. A Jane estava dissociada como de costume. O seu ritmo tinha acelerado consideravelmente e os olhos tinham começado a abrir-se com frequência, ao ponto de ela acender um cigarro e sorver vinho. Disse que, se o material acima representava o que o seu sonho significou, não tinha memória consciente disso. Eu estava prestes a perguntar ao Seth quem dera os dados à Jane no sonho quando a pausa chegou. A Jane retomou com os olhos fechados e a um ritmo mais lento às 9:33.)

Outros sistemas existem dentro do mesmo espaço ocupado pelo vosso, mas vocês não os podem percecionar. Os habitantes de alguns desses sistemas conseguem percecionar-vos. Nem todos esses habitantes de vários sistemas vos podem, no entanto, percecionar. Alguns estão mais ou menos no mesmo nível de consciência, mas os mecanismos percetivos são inteiramente diferentes.

As personalidades de sobrevivência existem num sistema que está dentro do mesmo espaço que o vosso. Conseguem percecionar-vos, mas, por norma, vocês não as conseguem percecionar. Elas, no entanto, avançam para além desse sistema, tal como vocês passam através do vosso sistema para o delas, e pouco a pouco afastam-se do vosso sistema por completo.

Os corpos celestes, enquanto pontos-instante, conformam-se a certos princípios matemáticos, embora a vossa ideia de matemática seja extremamente limitada. Mesmo usando a vossa matemática, ainda só conseguem conceber a realidade em certos termos. É difícil pôr isto em palavras. Tenho de voltar a enfatizar isto. A vossa matemática ainda trata, comparativamente, de uma área muito estreita. *(A Jane sorriu, os olhos muito abertos e muito escuros.)*

Podem conceber um cubo de quarta dimensão, por exemplo, mas não podem conceber um processo de pensamento de quarta dimensão. Não podem conceber uma estrutura psicológica de quarta dimensão. Não podem pensar *(sorriso)* em termos de quarta dimensão. Não podem usar imaginação de quarta dimensão, percebem.

Não foi dado pensamento à estrutura da personalidade tal como existe numa realidade de quarta dimensão, ou numa realidade de quinta dimensão, e no entanto uma estrutura de personalidade de quarta ou quinta dimensão contém as pistas mais importantes de todas. Agora, certamente recordam o nosso material sobre os sentidos interiores. *(Pausa, olhos fechados.)* Tentem, por um momento, considerá-los em termos de uma estrutura de

personalidade de quarta dimensão… Somos obrigados, de vez em quando, a abrandar, para que o Ruburt possa obter as palavras adequadas.

Em cada dimensão, o eu interior começa a lidar com mais aspetos da realidade. A personalidade primária deve, portanto, lidar com um número muito maior de perceções, mantendo ainda assim a sua identidade. Manipula um maior número de dimensões, até estar apta, percebem, a gerir muitos, não apenas um, dos seus próprios egos num dado "tempo"—e podem pôr tempo entre aspas—ainda mantendo a sua própria estabilidade interior e individualidade. Assume mais papéis, percebem, e a estrutura psicológica torna-se mais complicada à medida que o eu interior se torna suficientemente seguro de si para admitir cada vez mais estímulos, mantendo ainda assim o seu próprio núcleo.

Este material é tão importante como qualquer outro que vos tenha dado, e ocupar-nos-emos durante algum tempo de estruturas de personalidade tal como existem noutras dimensões.

Podem fazer a vossa pausa.

(Pausa às 9:52. A Jane tinha estado dissociada como de costume. O ritmo voltou a ser bom. Os olhos começaram a abrir-se frequentemente e ela falou com ênfase e muitos gestos. Era a altura dos dados da 62.ª experiência com o Dr. Instream. A Jane falou com muitas pausas curtas, uma mão levantada aos olhos fechados. Retoma às 10:00.)

Agora, dêem-nos alguns momentos, por favor.

Começaremos com a palavra more. Não sei a que se refere. Mais de alguma coisa: o nome Moore, M-o-o-r-e, ou *moor (gesto)* significando terreno. Essa é a nossa primeira impressão.

Agora. Uma mina, ou algo profundo na terra. Um buraco, subterrâneo. Isto pode ou não ser uma referência à morte. Um quatro mais um.

Agora, o nosso objeto parece ser redondo, como um pião; e também, como um pião, capaz de algum movimento. Castanho e branco em cor, movendo-se no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, creio, sobre um pequeno suporte. Pode ser um tipo de dispositivo científico—não sei, mas é um dispositivo mecânico.

Ele assistiu a um evento com uma audiência respeitável, uma audiência que se levantou para aplaudir no final da atuação. Alguma ligação recente também—outra impressão—com uma criança pequena.

Ele tomou agora uma decisão, ou quase, acerca dos assuntos mencionados na nossa última sessão. Parece haver aqui uma ligação com o Midwest, ou pelo menos mais a oeste do que a sua localização atual. Talvez alguém mais a oeste tenha tido que ver com a sua decisão.

Um pacote entregue a ele esta semana, com alguma ligação às iniciais M A ou A M. Não sei a que se referem as iniciais, talvez apenas que o pacote foi entregue de manhã, ou talvez ao remetente.

Dois estudantes no seu gabinete hoje, por razões disciplinares. Um G aqui.

Agora, tens um envelope para mim?

*("Yes."

A Jane fez uma pausa às 10:08. Sem abrir os olhos, pegou no envelope da nossa 53.ª experiência que lhe dei e pressionou-o contra a testa com ambas as mãos. Começou a falar em voz baixa e com muitas pausas.) *

Dá-nos um momento, por favor. São impressões.

Uma ligação com um *trial*, ou algo tentado. Não sei se *trial* no sentido de julgamento, ou no sentido de tentativa, percebem.

Uma dobra. Quatro. Sete. Uma ligação com *mass*, ou uma palavra que soe como mastodonte.

Formas empilhadas. Algo como *jungle gyms* num recreio.

Uma borda. Talvez a preto. Algumas linhas de material impresso ou escrito. Um M, e uma ligação com flores.

Movimento e peso.

Um L.

Calor, ou vermelho. Uma data. 40. Um gemido, ou algo *grown (crescido)*.

Têm alguma pergunta?

("E as cores associadas ao objeto?")

Branco. Castanho. Letreiro escuro.

("Podes dizer-me qual era o conteúdo do letreiro?")

O conteúdo?

("O assunto do letreiro. Algo sobre o que está escrito.")

Alguma ligação com um convite, ou uma tentativa, talvez, de comunicar. *(A Jane gesticulou com o envelope, que entretanto já tinha baixado da testa.)* Dêem-nos tempo… Menção de edifício, ou menção implícita… *(Pausa, mas eu não esperei o suficiente.)*

("Podes dizer algo mais sobre mas-todon?")

… escrito para ou por uma mulher. *(Pausa.)* Não, não posso.

("Queres tentar nomear o objeto?")

Não está vazio em nenhum dos lados. Retangular, com uma borda.

("E quanto ao quatro e sete que mencionaste?")

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 10:20. A Jane disse que esteve bem dissociada durante as experiências. Os olhos permaneceram fechados nas duas experiências. Ficou muito surpreendida ao saber que o mesmo objeto tinha sido usado para os envelopes nas duas últimas sessões.)

(Ver a cópia do objeto do envelope na página 142 da sessão 257. De novo, é a metade superior da primeira página do capítulo cinco do livro que a Jane está a escrever sobre sonhos. É o primeiro rascunho, e foi deitado fora pela Jane e guardado por mim, sem ela saber. Datei-o de 5 de

maio de 1966, a lápis. Foi dactilografado em papel amarelo, corrigido pela Jane com uma caneta escura. Dobrei-o uma vez ao colocá-lo no envelope duplo.)

(A ideia de usar o mesmo objeto uma segunda vez consecutiva foi ver se o Seth traria as mesmas, ou semelhantes, impressões nas duas vezes. O Seth trata de algumas das mesmas impressões em ambas as experiências, usando linguagem diferente em cada uma, e isto será indicado onde pensamos que ocorreu.)

(Começámos esta noite por fazer as nossas próprias ligações, e o Seth ajuda-nos em algumas antes de terminar a sessão.)

("Uma ligação com um trial, ou algo tentado. Não sei se trial no sentido de julgamento, ou no sentido de tentativa, percebem." Achamos que isto se refere a tentativa. O capítulo cinco do livro de sonhos contém experiências sugeridas para o leitor tentar, envolvendo estados de vigília e de sonho e a sua inter-relação, etc. No próprio objeto, a palavra try é usada duas vezes nas notas da Jane, dizendo respeito à tentativa do leitor de manipular sonhos. O capítulo de onde veio o objeto contém também muitas outras referências deste tipo.)

(Visto que estas referências a try ou trial estão incluídas no próprio objeto, vemos uma semelhança entre as impressões acima e os dados de "marcações e datas" que o Seth dá na sessão 257. Ver as notas na página 149.)

("Uma dobra." O objeto foi dobrado uma vez para inserção nos envelopes duplos. Ver a dobra indicada na cópia da página 142.)

("Quatro. Sete." A Jane lembrou-se de escrever o objeto no início de abril e considerou bastante possível que estes dois números se referissem a 7 de abril como o dia específico em que o fez. O Seth confirma isto depois da pausa.)

(Isto ligaria a duas impressões que o Seth deu na última sessão: "O mês de abril" e "Uma ligação com marcações e datas".)

("Uma ligação com mass, ou uma palavra que soe como mastodon." Como mass foi mencionado primeiro, achamos que isto se refere a en masse, perto do fim do objeto. Há também referências a animais no capítulo cinco; a Jane discute isto sob a rubrica do capítulo "Símbolos de Sonho e Cultura" no objeto, e menciona que o fogo ajudou o homem primitivo a manter as feras afastadas. Pensámos que a referência ao primitivo poderia ter evocado mas-todon, e que isto por sua vez apoiaria os dados do Seth "Ligação com um animal" na sessão 257. Depois da pausa o Seth diz-nos que temos razão quanto a mass, e errados quanto a "todon".)

("Formas que estão empilhadas. Algo como Jungle Gyms num recreio." As Jungle Gyms em recreios, feitas de tubos metálicos formando vários tamanhos de cubo e quadrado, dão a impressão de estarem

empilhadas cubo sobre cubo. Jogos e recreios figuram com destaque no capítulo cinco do livro de sonhos da Jane; o objeto do envelope é a primeira página do capítulo cinco. O recreio de infância da Jane, em Saratoga Springs, NY, é descrito no capítulo cinco, assim como um sonho recorrente vívido que tinha esse recreio como cenário. Tanto na vida de vigília como no sonho recorrente, jogos como as Jungle Gyms desempenharam um papel principal.)

(Estes dados são amplamente reforçados na sessão 257 por duas impressões: "Quadrados. Talvez uma ligação com um jogo.", página 147, e "Ligação com quatro pessoas, uma delas desalinhada", página 147. As notas que interpretam estas duas impressões explicarão tanto o sonho de recreio da infância da Jane, como o próprio recreio, em mais detalhe.)

("Uma borda. Talvez a preto." A minha própria ideia é que isto se refere à recente morte de um padre que a Jane conheceu na adolescência. Há algumas semanas ela recebeu o aviso da sua morte, com uma foto dele com uma orla preta espessa. Existe uma ligação entre o padre, o Padre Ryan, e os sonhos de recreio da Jane, e o próprio recreio em Saratoga Springs. O recreio fica diretamente do outro lado da rua da escola católica que a Jane frequentou. A escola estava de facto instalada num complexo de edifícios que continha também uma igreja e a sede e zona de residência da ordem sacerdotal que servia Saratoga e arredores.)

(O Padre Ryan morava lá. A Jane conheceu-o para o fim do longo período durante o qual teve o seu sonho de recreio recorrente. No entanto, nunca contou ao Padre Ryan os sonhos—nem a mais ninguém exceto à mãe. A Jane disse que é interessante lembrar que, da sala de aula onde teve muitas conversas longas com o Padre Ryan, podia olhar para o outro lado da rua para a mesmíssima secção do recreio que serviu de cenário ao seu sonho recorrente.)

(Uma nota aqui: Na página 148, ver a nossa interpretação da impressão do Seth, "Anemia", e a ligação que a Jane fez com a nossa amiga Helga Anderson. Escrever sobre o Padre Ryan lembra-nos agora que ele morreu de leucemia—também um distúrbio do sangue, tal como a anemia. Nota que o Seth disse apenas que a anemia lembrou à Jane a Helga Anderson; a Helga não é dada como impressão do Seth. Talvez a impressão de anemia seja uma distorção de leucemia. No entanto, consideramos legítimas as impressões da Helga pela Jane e as interpretações que conduzem ao objeto do envelope e ao livro de sonhos em geral.)

("Algumas linhas de material impresso ou escrito." A foto de luto do Padre Ryan continha texto impresso no verso. O objeto do envelope contém material dactilografado e manuscrito.)

(Neste último caso, a impressão acima ligar-se-ia às seguintes impressões dadas na sessão 257: "Uma nota." "Uma seleção…" "Uma ligação com marcações e datas", "e talvez amarelo ligado aqui", etc.)

("Um M". Conseguimos fazer ligações com M, mas não sabemos se estamos certos. Uma poderia ser Marian Spaziani; a Jane usa um sonho da Marian no capítulo cinco. Nesse caso, ver os dados em "Ligação com quatro pessoas…", página 147. A palavra manipulate encontra-se duas vezes na caligrafia da Jane no próprio objeto; mas há também outras três palavras no objeto que começam com esta letra: Mean, en masse e more.)

("e uma ligação com flores." Uma das rubricas do capítulo no objeto do envelope é Símbolos de Sonho e Cultura. Aqui a Jane discute como reagimos ao significado simbólico dos objetos. Para uma analogia, usa flores—Páscoa e lírios, por exemplo. A analogia ocupa várias linhas dactilografadas e menciona vários tipos de flores.)

("Movimento e peso." A Jane sente subjetivamente que isto se refere aos quatro sonhos específicos, fornecidos por quatro pessoas específicas, que ela discute no capítulo cinco do seu livro de sonhos. Estes estão representados no próprio objeto pela rubrica do capítulo "Sonhos Recorrentes.. ?", entre outras. O movimento é especialmente proeminente nos sonhos discutidos e, em três dos quatro, pode ser violento ou forte: Voar, baloiçar, correr o mais depressa possível. O quarto sonho diz respeito a conduzir a uma velocidade média. Tanto o movimento como o peso—o peso corporal, por exemplo—entram no capítulo cinco quando a Jane discute a matéria física e como os seus atributos mudam consoante a perceção individual.)

(Na sessão anterior, a 257.ª, os quatro sonhos e os seus originadores são discutidos sob a impressão da página 150, "Ligação com quatro pessoas…", e "Talvez uma ligação com um jogo.", página 150.)

("Calor, ou vermelho." De novo, uma das rubricas do capítulo no objeto do envelope é Símbolos de Sonho e Cultura. Sob este tema, a Jane discute o significado simbólico e cultural do fogo para o homem primitivo.)

(Isto ecoa os dados "Ligação com um animal" interpretados na página 149 da última sessão. Nota que o Seth captou dados ligados a esta rubrica específica do capítulo várias vezes.)

("Uma data." O objeto contém a minha data a lápis, 5 de maio de 1966, representando o dia em que o encontrei depois da Jane o ter descartado. A 5 de maio decidi usá-lo numa experiência com envelope.)

(Se a impressão de data acima se referir ao próprio objeto, isto lembra os dados de "marcações e datas" na página 149 da última sessão. Possivelmente também "O mês de abril", na página 148. Por vezes é difícil dizer; talvez date, acima, pudesse dizer respeito à impressão seguinte.)

("40." A Jane disse que isto se refere ao ano de 1940. Foi durante esse ano que o seu sonho de recreio recorrente foi forte e vívido. Tinha 11 anos. Nessa altura ainda não tinha conhecido o Padre Ryan.)

("Um gemido, ou algo grown." A Jane disse que isto se refere ao facto da versão original do capítulo cinco, de que foi retirado o objeto do envelope, ter crescido para dois capítulos, cinco e seis, na versão final do seu livro de sonhos.)

("Um L." Não vimos ligação.)

("Branco. Castanho." O Seth deu isto em resposta à minha primeira pergunta, sobre cores ligadas ao objeto. A Jane disse que isto se refere a uma experiência da sua própria infância, que é discutida, de novo, sob a rubrica Símbolos de Sonho e Cultura no objeto do envelope, no capítulo cinco. A experiência envolveu um par de sapatos spectator castanhos e brancos da mãe, e estava ligada à doença da mãe. Causou tal impressão na Jane que, ainda hoje, não usa sapatos com esta combinação específica de cores.)

("Letreiramento escuro." Isto também surgiu em resposta à primeira pergunta. O objeto em si tem letreiramento escuro—tanto a dactilografia como as notas e correções manuscritas da Jane.)

(Isto ecoa os dados do Seth na última sessão sob "marcações e datas", página 149, e "pequeno círculo redondo", página 150, etc.)

("O conteúdo? Alguma ligação com um convite, ou uma tentativa, talvez, de comunicar." Estas impressões resultaram da minha segunda e terceira perguntas, sobre o conteúdo do letreiramento no objeto do envelope. O capítulo cinco do livro de sonhos da Jane, naturalmente, contém muitos convites ao leitor para tentar várias experiências listadas, para comunicar de um lado para o outro entre os estados de vigília e de sonho, etc. Convites e tentativas de comunicar são também mencionados no próprio objeto.)

(Isto poderá recordar a impressão de "Uma nota." na página 148 da última sessão, além de várias outras da última sessão. Estes dados de convite… comunicação também recuperam a primeira impressão dada na sessão de hoje, interpretada na página 155: "Uma ligação com um trial…")

("Dêem-nos tempo… Menção de edifício, ou menção implícita." Isto também surgiu em resposta à segunda e terceira perguntas, sobre o conteúdo do letreiramento no objeto do envelope. A Jane acredita que se refere ao seu sonho recorrente do recreio e ao facto da sua escola ficar diretamente do outro lado da rua do local do seu sonho. Ver as notas sob "Uma borda. Talvez a preto." na página 157, descrevendo a relação física entre a escola, os aposentos da casa dos padres e o recreio. A relação com edifício aqui é um pouco invulgar. Embora o edifício ficasse diretamente do outro lado da rua do recreio, não havia acesso entre os dois. Uma

vedação alta rodeava o recreio do tamanho de um quarteirão, com as duas entradas num lado e topo opostos aos da escola; assim, para uma criança chegar da escola ao recreio tinha de percorrer pelo menos um quarteirão inteiro, e possivelmente dois.)

("Escrito para ou por uma mulher." Isto também surgiu em resposta à segunda e terceira perguntas, sobre o conteúdo do letreiramento no próprio objeto. A Jane, claro, escreveu a página de manuscrito usada como objeto.)

(Isto seria tratado na última sessão sob impressões como "Uma nota.", página 148, "Amarelo", página 149, "Uma seleção", página 149, "marcações e datas", página 149, e outras.)

("Não, não posso." Isto em resposta ao meu pedido sobre se o Seth poderia dizer algo mais acerca da impressão mastodon, interpretada na página 316.)

("Não está vazio em nenhum dos lados. Retangular, com uma borda." Aqui pedi ao Seth que tentasse nomear o objeto. Acredito que a resposta se refere à fotografia do falecido Padre Ryan. Ver as notas que seguem "Uma borda..." na página 157.)

(O objeto do envelope foi dobrado uma vez. Tinha dactilografia e escrita apenas num dos lados. Talvez a dobra, dando a impressão de uma camada de marcações em mais do que um lado, tenha sido confusa para o Seth. No entanto, ele já resolveu este tipo de impressões antes. Para mim, pelo menos, a borda na foto do Padre Ryan é mais uma borda do que a borda implícita no próprio objeto.)

("Sugiro a vossa pausa." O Seth expressou-se assim quando lhe perguntei sobre a impressão "Quatro. Sete.", interpretada na página 157. A Jane e eu acreditávamos que significava a data, 7 de abril, em que a Jane escreveu a página de manuscrito usada como objeto. O Seth concorda depois da pausa.)

(Isto recorda as impressões "O mês de abril" e "marcações e datas", dadas na sessão anterior, entre outras.)

(O Seth deu 24 impressões sobre o objeto do envelope na sessão 257. Deu 21 impressões sobre o mesmo objeto na sessão 258. Nas notas da sessão 258, aponto 11 impressões que poderiam referir-se às impressões dadas na sessão 257. Isto não é, de modo algum, um total rigoroso — poderia ser mais ou menos. Pode haver tantas interpretações deste material quantos forem os indivíduos, e em parte alguma o Seth disse que o mesmo objeto estava a ser usado em ambas as experiências.)

(Pessoalmente, acredito ser bastante provável que o Seth estivesse a percecionar impressões relacionadas com o objeto de alguma forma, ou relativas ao próprio objeto, em ambas as sessões. Há um total de 45 impressões nas duas sessões, e parece que muitas delas eram relevantes para o objeto de algum modo.)

A Jane retomou às 10:43.

Vamos agora encerrar a nossa sessão. Os meus votos mais calorosos para ambos.

O *mastodon* foi uma distorção de duas impressões. Apanhámos a palavra *mass* e também uma ligação com um animal — o vosso gato. Ao tentarmos vocalizar as impressões, porém, cometemos o erro óbvio e bastante divertido.

Se não têm perguntas, então terminaremos a sessão.

("Estivemos corretos na maioria das nossas interpretações dos dados?")

De facto estiveram. A primeira versão do capítulo foi escrita a 7 de abril.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 10:40)

SESSÃO 259

16 de maio de 1966

(A 54.ª experiência com envelope foi realizada esta noite. O objeto era um padrão feito à mão, em papel de cor clara, com pigmento de cor terra acinzentado, moído manualmente, e meio de polímero como aglutinante. Foi dobrado uma vez, como indicado durante a sua confecção. O efeito é semelhante a uma mancha de tinta, exceto que a qualidade e textura da tinta são muito superiores em termos de charme; este pigmento moído à mão em particular, que preparo eu próprio aquecendo uma certa terra italiana, tem uma textura semelhante a cimento fino ou pedra rugosa. Sendo um pigmento de corpo espesso, foi aplicado em certas zonas do objeto até uma espessura de cerca de 1/32 de polegada. Todo o padrão era composto de linhas e manchas brancas que não aparecem bem na minha reprodução. Coloquei o objeto, dobrado uma vez, entre as habituais duas folhas de Bristol e selei-o nos envelopes duplos.)

(A Jane, claro, nunca tinha visto este objeto, nem outros como ele, porque nunca fiz nada semelhante antes. Fiz dois a 10 de maio de 1966; datei um deles e usei o outro no envelope. A cor do pigmento é bastante escura, mas não preta. A superfície semelhante a pedra e a cor escura entram nos resultados experimentais.)

(A sessão realizou-se na sala da frente. A Jane começou a falar enquanto estava sentada e de olhos fechados, com voz calma. No início, fez várias pausas longas.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Teremos mais a dizer, esta noite, acerca das estruturas de personalidade de quarta dimensão.

Vocês existem em muitas dimensões, embora o ego não tenha consciência dessa existência. No entanto, o ego pode ser instruído. Aquilo que não pode experienciar diretamente, ainda assim pode compreender até certo ponto, se lhe for dada a informação adequada. Não há motivo para o Ruburt se surpreender com a tese do Sr. Fox sobre os sonhos e as experiências fora do corpo.

(Astral Projection, de Oliver Fox.)

O nosso próprio material já apontou fortemente nesta direção. O Ruburt está bastante familiarizado com essas excursões, embora, egocentricamente, só tenha consciência de algumas delas. Não é necessário complicar demasiado, por isso trataremos apenas das estruturas de personalidade de quarta e quinta dimensão, por agora.

Vocês existem, portanto, em ambas essas dimensões. O ego não pode participar diretamente em tal experiência. Há, contudo, uma certa conformidade da parte do ego, que lhe permite afastar-se para não bloquear a consciência interior da existência noutras dimensões. É difícil, mas não impossível, para o ego correlacionar a informação obtida. Os sonhos envolvem, como sabem, várias dimensões. O estado de sonho em si é um termo muito vago, pois há vários níveis de consciência dentro dele, e não há limite para os estados de consciência que podem ser alcançados, idealmente falando.

Na prática, porém, há geralmente apenas três. A vossa própria estrutura de personalidade de quarta dimensão funciona obviamente de modo constante. Um dos principais propósitos e objetivos do eu total é tornar-se consciente de todas essas existências e correlacioná-las numa estrutura de identidade.

As experiências do Fox são bastante válidas, com algumas alterações que, imagino, farão. Num certo nível do estado de sonho, é possível reconhecerem e alinharem-se com essa parte de vós que está consciente de si mesma dentro da realidade de quarta dimensão. Ambos aprenderam, ocasionalmente, a levar a vossa consciência de vigília para o estado de sonho — e aqui o Fox tem razão, pois é por aí que se deve começar.

Começam a manipular o estado de sonho, ou melhor, começam a manipular-se a vós próprios dentro da realidade do sonho, o que é algo diferente. É um ambiente completamente novo. No sonho comum, sem a consciência habitual da vigília, a perceção da realidade do sonho é limitada e instintiva. No geral, safam-se bastante bem. São como uma criança na realidade objetiva. Quando aprendem a levar a consciência desperta para o estado de sonho, estão a atingir a adolescência, por assim dizer.

Quando alcançarem a idade adulta, seguindo a nossa analogia, então aprenderão a ser bem-sucedidos a manipular a realidade do sonho tal como agora manipulam a realidade objetiva. Pois se criam os vossos sonhos, também criam o vosso ambiente objetivo. A realidade do sonho é tão real e

efetiva quanto a realidade física, mas pode ser alterada por vós, tal como a realidade física pode ser alterada.

É um treino para a existência de quinta dimensão, e trabalharão com um tipo de tempo peculiar, para vós. Estarão a formar novos conjuntos de experiências, usando o passado, o presente e o futuro como um pintor escolhe as suas cores, combinando-as em várias pinturas.

Estão nas fases iniciais desse desenvolvimento, mas ele virá. Essas realidades dentro do universo dos sonhos podem ser criadas por vós, mas são tão reais quanto o pedaço de bolo que comem ou o veneno que possam engolir. Assim como o vosso senso comum vos protege no universo físico, também devem usar discernimento à medida que progridem na manipulação dos objetos do sonho.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 9:25. A Jane estava "fora", como de costume, disse. O seu ritmo tinha acelerado consideravelmente. Os olhos começaram a abrir-se, e ela acendeu um cigarro e bebeu um gole de vinho. Retomou de forma mais enfática às 9:32.)

Agora, há de facto pontos de diferença na realidade de quarta dimensão, tal como há pontos de referência na realidade objetiva.

Já explicámos as formas pelas quais o consenso é alcançado dentro da realidade física quanto às dimensões dos objetos. De modo semelhante, são alcançados acordos na realidade de quarta dimensão.

Por exemplo, as reuniões oníricas do Sr. Fox foram bastante válidas. Eis o que acontece num caso desses: os que concordam em encontrar-se na realidade de sonho devem ter desenvolvido certas capacidades. Devem ser capazes de levar a consciência desperta para o estado de sonho. Devem ser capazes de se mover dentro dele. Cada um deles, portanto, constrói, percebem, o local de sonho onde concordaram em se encontrar — um ponto que o Sr. Fox do Ruburt não considerou.

Quando consideram a realidade do sonho, é mais fácil para vós compreenderem que constroem a realidade aí dentro. Têm mais dificuldade em compreender o mesmo sobre a realidade física.

Como resultado, porém, tendem a não aceitar a realidade do sonho como efetiva, e devo dizer-vos que é — especialmente agora que estão a considerar certas experiências nestes moldes. Vocês estão no comando enquanto tiverem consciência de que estão no comando.

Agora. Existem, de facto, partes da realidade do sonho que podem não ter sido criadas por vós, mas que são construídas por outros. Recordem que, na realidade física, só conseguem percecionar as vossas próprias construções, por norma. Pois bem, meus caros amigos, isso **não** se aplica à realidade do sonho.

Este é, de facto, um ponto importante.

A forma, de qualquer tipo — e há forma dentro da realidade do sonho — é, antes de mais, uma forma potencial, existente dentro da energia psíquica. A forma potencial, portanto, existe muito antes da sua materialização física, no que toca às vossas perceções físicas.

Fisicamente, portanto, a casa onde viverão dentro de cinco anos pode não existir, nos vossos termos, agora. Pode ainda não ter sido construída; logo, fisicamente, não a percecionam. Tal casa, contudo, tem forma e existe dentro do presente amplo.

Agora. Em certos níveis da realidade do sonho, existem formas que ainda não percecionam como físicas. Podem ser vistas e percecionadas. Em certos sonhos, vocês de facto percecionam-nas. Dentro da realidade do sonho podem entrar em contacto com muitos outros tipos de realidade com os quais normalmente não têm de lidar.

Há um ano, esta informação não seria necessariamente prática para vós. Com as experiências que têm em mente, torna-se extremamente prática. As vossas capacidades estão suficientemente desenvolvidas para que essas experiências tenham êxito, com algum treino adicional que só pode ser alcançado através da prática. Algumas pistas minhas ajudarão, mas gostaria de vos dar uma ideia, percebem, do que esperar.

Quando operam apenas dentro da realidade física, têm um conjunto de regras bastante simples a guiá-los. Dentro da realidade do sonho, são muito mais livres. O ego não está presente. A consciência desperta, meus amigos, não é o ego. O ego é apenas uma pequena parte da consciência desperta. O ego é a parte da consciência desperta que lida com a manipulação física.

A consciência desperta é levada para o estado de sonho, mas o ego não. O ego falharia de imediato e causaria fracasso e catástrofe imediatos. O que encontrarão nas vossas experiências são variedades de condições, e até aprenderem o controlo poderá ser difícil distingui-las. Algumas poderão manipular; outras, não. Alguns locais de sonho serão da vossa própria construção. Outros serão construções totalmente estranhas para vós. Pertencerão a outras dimensões inteiramente, e poderão tropeçar nelas por acaso. De certa forma básica, percebem, estão fora do vosso próprio sistema quando tentam levar a vossa consciência desperta para o estado de sonho.

Estás em vias de evoluir para outra forma de consciência, de modo individual. Isto será novo para ti em larga medida. No passado, quaisquer experiências desse tipo foram acidentais da vossa parte. Estive envolvido em algumas ocasiões com o Ruburt nessas circunstâncias.

Agora, eu não estava a sonhar com ele, e ele não estava a sonhar comigo. Eu estava simplesmente a conduzi-lo, com alguma delicadeza, a novas dimensões. Quando estiver pronto para embarcar, fá-lo-á. Ele não pode forçar-se nesta direção, porque o Eu integral estabelece salvaguardas. Ambos, no entanto, estão quase prontos.

Agora, não gosto do termo "corpos astrais", simplesmente por causa das conotações por vezes estranhas ligadas à expressão. Há um tipo de ideia, ou corpo mental, um contraponto em muitos aspetos, embora nem sempre, ao corpo físico, que é a estrutura que o Eu assume naquilo a que, por agora, podem chamar quarta dimensão.

Certas experiências de sonho são válidas experiências fora do corpo, no sentido em que de facto viajam neste veículo mental. Ele tem uma forma, algures entre matéria e não-matéria.

Na existência física, geralmente simplesmente não o percebem. Há também uma estrutura psíquica que tem forma. Este é o Eu tal como surge dentro daquilo a que, por agora, podem chamar realidade de quinta dimensão, mas não existe de todo em termos de matéria. Em certas ocasiões, viajam nesta forma.

Há mais que quero dizer aqui. Contudo, é melhor fazerem uma pausa para o nosso material do Instream.

(*Pausa às 9:59. Jane disse que estava bem dissociada. Seth estava a dar-lhe o material tão depressa que ela tinha dificuldade em acompanhá-lo; o seu ritmo tinha sido tão rápido que eu mal conseguira acompanhar, por sua vez. Os olhos dela abriram-se muitas vezes; a voz estava boa, a maneira de estar enfática, com poucas pausas.*)

(*Era agora a altura da 63.ª experiência do Dr. Instream. O ritmo da Jane abrandou quando se sentou com uma mão nos olhos fechados. Retomou às 10:05.*)

Agora, deem-nos um momento, por favor, para o nosso material do Instream. Daremos um objeto dentro de instantes. Tenho a impressão de um nome, creio que Severn, S-e-v-e-r-n. Não sei a que se refere. Parece haver aqui também uma colina. Talvez uma pessoa chamada Severn viva numa colina.

Agora, o objeto é uma espécie de corrente. Amplamente entrelaçada, em vez de uma com pequenos espaços. O objeto faz lembrar correntes de p-a-p-e-l feitas por crianças, com elos largos, e de muitas cores pastel. O objeto não pertence ao Dr. Instream, mas foi emprestado, e tem uma forte ligação com uma mulher. Ainda assim, parece ser mecânico, em vez de, por exemplo, uma corrente de joalharia. Tem um uso mecânico e, talvez, uma ligação com duas caixas, elas próprias bastante pequenas, que são erguidas e baixadas, ou movidas, pela corrente.

Há também dois objetos redondos ligados a ele, talvez rolamentos, feitos no Japão. O objeto pode também estar ligado às iniciais B, S, ou S, B, embora não creia que representem as iniciais de uma pessoa. Também uma data, 1937. Outras impressões, não ligadas ao objeto: Um uso indevido. O Dr. Instream acredita que algo está a ser usado de forma indevida. Uma ligação aqui com uma moldura de associações que têm que ver com psicologia. E um desajuste.

Uma ligação distante com duas crianças, raparigas, creio eu — familiares. Se não forem gémeas, então são muito parecidas, ou são duas do mesmo tipo, de algum modo. Tens algum envelope para mim?

(*"Tenho."*

(A Jane fez uma pausa às 10:16 sem abrir os olhos. Pegou no envelope para a nossa 54.ª experiência, encostou-o à testa por um momento e depois baixou-o para o colo. A mão esquerda permaneceu levantada junto ao rosto.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões.
Matéria impressa escura. Um objeto quadrado, talvez uma pequena forma quadrada no topo, ao centro do objeto, equilibrada por outra forma na parte inferior, ao centro.

Uma ligação a filme, a preto e branco. Uma decoração, ou algo memorizado, como "há quatro vintenas e sete anos…" Isto é, uma frase conhecida por muitos, e bastante cliché.

As formas quadradas novamente, agora, como em pequenos padrões. Ligação a uma imagem de Ruburt. Novamente preto e branco em vez de cor. Uma ligação ao início da década de 1960.

Uma declaração franca, números, talvez um número de quarto.
Isto leva Ruburt a pensar em Oswego e na vossa estadia lá. Uma ligação a uma federação de algum tipo. Uma ligação a um homem, não tu, talvez ao teu senhorio.

Tens alguma pergunta?

(*"Acham que o objeto é uma fotografia?"*)

A pergunta não é boa. *Jane sorriu.*

(*"Então podem dizer algo mais sobre a decoração?"*)

Nada mais do que disse. Se o objeto não é uma fotografia, está intimamente ligado. Tenho a im-pressão de uma fotografia a preto e branco.

Dá-nos um momento, por favor…

Com um bloco ou blocos, como rochas ou degraus de pedra.

(A *Jane gesticulou, ainda de olhos fechados.*)

Além disso, uma ligação a um edifício que não é visto de frente, mas de lado, talvez a partir de uma varanda. Algo virado ao contrário. A sensação de uma cor escura fluida, interrompida por formas brancas que parecem blocos. Talvez alguma ligação a uma forma de lago ou de piscina. O objeto marcado no meio do verso, a caneta ou lápis.

Talvez J B e uma data. Não tenho a sensação de que o objeto tenha que ver com o presente imediato, no sentido em que não fez parte da vossa experiência, diretamente.
Sugiro que façam uma pausa.

(*Pausa às 10:29. Jane estava dissociada como de costume. Os olhos mantiveram-se fechados durante ambas as experiências. Disse que Seth tivera vontade de dar muitas impressões.*)

(*Assim que abriu os envelopes duplos, Jane disse que o objeto lhe parecia um homem, com qualquer uma das bordas horizontais voltada para cima, e que achava que essa impressão dera origem aos dados sobre a fotografia. Ver o decalque na página 162 e a descrição do objeto na página 163. Isto marcou o fim da sessão para todos os efeitos práticos no que dizia respeito a Seth. A Jane e eu fizemos as ligações que pudemos e não pedimos a Seth que desenvolvesse.*)

(*"Matéria impressa escura." Como foi dito, o pigmento usado no objeto é bastante escuro, um cinzento-acastanhado queimado, mas não é preto. A impressão da Jane, notei, era que lhe parecia mais escuro do que a mim. Não sei se Seth usa "impressa" aqui no sentido de tinta aplicada a papel ou jornal, ou apenas alguma outra substância aplicada a uma superfície, como no caso do objeto.*)

(*"Um objeto quadrado, talvez uma pequena forma quadrada no topo, ao centro do objeto, equilibrada por outra forma na parte inferior, ao centro." Ao longo dos dados, Seth tenta refinar esta imagem de forma ou bloco, com algum sucesso. Embora nenhuma das formas no objeto original seja quadrada, dão a impressão de estar equilibradas umas sobre as outras. Qualquer objeto produzido como o do envelope dará uma sensação de equilíbrio, qualquer que seja o desenho, desde que ambas as metades sejam impressas ou prensadas por inteiro. No original, mostram-se muitos pequenos interstícios brancos que não são visíveis no decalque rápido. Parece que Seth teve uma impressão correta.*)

(*"Uma ligação a filme, a preto e branco." Como foi dito, a Jane pensou logo num homem quando viu o objeto, e ela acha que isso levou à ligação ao cinema. Volta a surgir, tal como os dados de preto e branco. Para a Jane, a cor do pigmento no objeto é bastante escura.*)

(*"Uma decoração." O objeto é uma decoração.*)

(*"ou algo memorizado, como há quatro vintenas e sete anos… Isto é, uma frase conhecida por muitos, e bastante cliché." Não sabemos de onde veio esta impressão, e estamos bastante intrigados com ela.*)

(*"As formas quadradas novamente, agora, como em pequenos padrões." O refinamento de Seth aqui vai ao ponto. O objeto original contém uma multiplicidade de padrões finos feitos pela tinta áspera quando eu pressionei as folhas da capa uma contra a outra. É muito encantador; os padrões são quase como as nervuras de uma folha. Malhas de branco espalhadas por todo o lado também.*)

(*"Ligação a uma imagem de Ruburt. Novamente preto e branco em vez de cor. Uma ligação ao início da década de 1960." Outra vez, a Jane acha que o pigmento escuro do objeto deu origem a estes dados, com a data*

talvez a referir-se ao ano em que foi tirada uma fotografia dela própria.)

(*"Uma declaração franca, números, talvez um número de quarto. Isto leva Ruburt a pensar em Oswego e na vossa estadia lá. Uma ligação a uma federação de algum tipo." Mais uma vez, estes dados deixam-nos perplexos. O objeto não tem ligação com Oswego, NY. A Jane usou "federação", e palavras semelhantes, anteriormente, relativamente a edifícios grandes como estações de correios, etc., pelo que parece que aqui "federação" se refere ao colégio em Oswego, onde o Dr. Instream leciona.*)

(*"Uma ligação a um homem, não tu, talvez ao teu senhorio." A mancha de tinta no objeto fez a Jane lembrar-se de um homem, o que pode ter dado origem aos dados "homem" aqui. Contudo, eu estou ligado ao objeto, pois fui eu que o fiz.*)

(*"A pergunta não é boa." Só por brincadeira, perguntei ao Seth se achava que o objeto era uma fotografia. Isto por causa das numerosas referências a fotografia e a homem nos dados. Nessa altura, claro, antes da Jane ter visto o objeto, eu não fazia ideia de que ele lhe lembraria fortemente um homem e, portanto, poderia dar origem aos dados sobre fotografia.*)

(*"Nada mais do que disse. Se o objeto não é uma fotografia, está intimamente ligado. Tenho a impressão de uma fotografia a preto e branco." Presumivelmente pelas razões acima citadas. A minha segunda pergunta pediu um desenvolvimento sobre os dados da decoração e resultou em mais alguma informação.*)

(*"Deem-nos um momento, por favor… Com um bloco ou blocos, como rochas ou degraus de pedra." Estes dados de bloco ou rocha ou pedra podem estar ligados aos dados no parágrafo imediatamente acima; embora o Seth tenha feito uma longa pausa pelo meio. Em todo o caso, parece que a textura, o aspeto áspero, semelhante a pedra, do pigmento no objeto pode ter dado origem às impressões de rocha ou pedra, que, por sua vez, podem evocar a ideia de degraus e assim levar à ideia de uma fotografia.*)

(*"Também uma ligação a um edifício que não é visto de frente, mas de lado, talvez a partir de uma varanda." Estes dados do edifício poderiam, assim, ter resultado dos degraus mencionados acima. Se o Seth está a falar aqui de uma fotografia, a Jane e eu não sabemos, de imediato, qual poderia ser. Temos fotografias de edifícios no nosso álbum, claro, mas não nos ocorre nenhum edifício ou local específico.*)

(*"Algo virado ao contrário." A forma irregular do pigmento no objeto; uma semelhança aqui entre ele e algum líquido entornado.*)

(*"A sensação de uma cor escura fluida, interrompida por formas brancas que parecem blocos." O pigmento húmido usado para fazer o objeto era, evidentemente, de uma cor escura e fluida. Seth usa agora os*

dados dos blocos para se referir aos brancos espalhados pelo objeto original. Alguns dos brancos são, de forma aproximada, em forma de bloco, mas mais frequentemente simplesmente irregulares, tal como o pigmento.)

(*"Talvez alguma ligação a uma forma de lago ou de piscina." Novamente, isto aplica-se à forma irregular do pigmento no objeto, e está próximo, e no mesmo sentido que "algo virado ao contrário" e "a sensação de uma cor escura fluida". Consideramos estas três impressões boas.*)

(*Falhei em tratar da próxima impressão de Seth. "O objeto marcado no meio do verso, a caneta ou lápis."*)

(*"Talvez J B e uma data." Jane, ou Seth, a chegar novamente à ideia de fotografia. Como foi dito anteriormente, fiz dois objetos semelhantes com o mesmo pigmento a 10 de maio de 1966. Datei e iniciei aquele que não foi usado na experiência do envelope; isto dá um R B e uma data, mas duvido que seja isto que Seth está a captar aqui.*)

(*"Não tenho a sensação de que o objeto tenha que ver com o presente imediato, no sentido em que não fez parte da vossa experiência, diretamente." Precisamente o contrário. O objeto fez parte da minha experiência, no passado imediato. A Jane nunca tinha visto o objeto nem nenhum semelhante, visto que eu nunca tinha feito nenhum antes; talvez estes dados tenham surgido porque ela própria, assim, não estava envolvida com o objeto de forma alguma.*)

(*Jane retomou às 10:45.*)

Vamos agora terminar a nossa sessão. Os meus mais calorosos votos para ambos.

(*"Boa noite, Seth."*

Fim às 10:46.)

SESSÃO 260

18 DE MAIO DE 1966

(*A 55.ª experiência do envelope realizou-se durante a sessão. As notas relativas ao objeto encontram-se juntamente com os dados de Seth fornecidos durante a experiência.*

(A Jane estava especialmente mole antes da sessão e comentou que não lhe apetecia muito fazer uma. Decidiu avançar, no entanto. Eu também me sentia um pouco cansado. Era uma noite quente e chuvosa, o que não nos fazia sentir mais ativos.

(A Jane começou a falar sentada e com os olhos fechados. O ritmo era lento e usava muitas pausas, algumas delas longas. Algumas destas serão indicadas.)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Agora, teremos uma sessão curta.
Há, no entanto, alguns pontos que eu queria apresentar esta noite. Antes de mais, qualquer viagem espacial eficaz em larga escala será uma viagem mental.

(*Seth mencionou isto pela primeira vez nas sessões iniciais, pouco depois de janeiro de 1964.*)

Uso o termo viagem espacial de forma lata. Em certas condições, tais expedições serão impulsionadas por recursos mentais ou psíquicos combinados. Podem viajar dentro do vosso próprio sistema solar usando veículos físicos, mas não farão qualquer avanço eficaz para além do vosso sistema solar a menos que os recursos psíquicos e mentais sejam desenvolvidos.

Claro que viagens mentais ou psíquicas para outras dimensões e sistemas são possíveis, e quando falo aqui de dimensões não me refiro a sistemas espaciais. Mentalmente podem cortar através do espaço; fisicamente não podem. Em alguns dos vossos estados de sonho viajam por outras dimensões e outros sistemas. A extensão dessas viagens oníricas é determinada pela vossa própria capacidade.

Alguns de vós estão bastante rigidamente retidos dentro do vosso próprio sistema mesmo nos sonhos e, embora existam dentro de outras dimensões, tais indivíduos não têm consciência delas.
(*Pausa longa.*)

Agora. A humanidade teve, a certa altura, aquilo a que se pode chamar um corpo mais pesado do que no presente. (*Pausa longa, superior a um minuto.*) Este tipo de corpo em particular não desapareceu de todo. O corpo mental, por vezes chamado corpo astral, é o próximo que irão habitar. Habitam-no agora, claro. (*Pausa longa.*)

O treino e a experimentação disciplinada na manipulação deste corpo serão de grande benefício, pois irão defrontar algumas das condições que terão de enfrentar quando o corpo físico for descartado. (*Pausa longa.*) Ireis ganhar uma experiência considerável de um tipo vital. (*Pausa longa.*) Ireis aprender a manter estabilidade e identidade no meio de um número desconcertante de situações estranhas e anteriormente desconhecidas. Com o tempo, tu e o Ruburt fariam muito bem, de facto, em montar experiências nas quais tentem contactar-se um ao outro enquanto estão em estado de sonho. (*Pausa longa.*)

Talvez eu vos contacte a ambos numa noite nessas circunstâncias. Mais uma vez, lembrem-se, nas vossas experiências de sonho, de que poderão perceber não apenas as vossas próprias construções, mas, em algumas ocasiões, as construções de outros.

À medida que progridem, o sentido de identidade será reforçado para enfrentar, veem, os novos desafios. Como mencionei anteriormente, nos vossos casos a personalidade estabeleceu certas salvaguardas, portanto não

estarão em perigo. Quando tais salvaguardas não são erigidas, no entanto, há algum perigo. (*Pausa longa.*)

A própria experiência do Ruburt, ao manter a sua própria identidade de forma independente, permitindo ao mesmo tempo que eu fale através dele, será em seu benefício. É, veem, perfeitamente possível que um indivíduo, nas suas viagens oníricas, visite outros sistemas planetários, do passado, presente ou futuro. Tais visitas são geralmente espontâneas e fragmentárias.

É melhor que assim permaneçam. Tirem partido delas quando ocorrerem em estado de sonho, mas, por agora, não tentem nenhum empreendimento desse tipo a partir do estado de transe. Há demasiadas dificuldades envolvidas. Agora sugiro uma pausa.

(*Pausa às 21:26. A Jane estava "fora" como de costume. O ritmo manteve-se muito lento. Muitas das pausas durante a exposição duraram mais de um minuto. Os olhos começaram finalmente a abrir-se, e ela fumou um cigarro e bebeu chá gelado. Disse que achava que a sessão seria curta.*

(A Jane começou agora a dar o material do Instream para a 64.ª experiência após a pausa. Como habitual, sentou-se com uma mão sobre os olhos fechados. O ritmo acelerou um pouco, comparativamente. Retoma às 21:34.)

Vamos ter uma sessão breve.

Vou dar-vos agora o nosso material do Instream. Deem-nos um momento, por favor. A propósito, estamos a ter uma sessão curta para dar um descanso ao Ruburt e também para te dar um descanso, José.

Agora, quanto ao nosso objeto. Um ou dois pequenos objetos brancos, talvez dados. Se não, há uma forte semelhança em tamanho, forma e cor. Os números 7 e 3, talvez voltados para cima. Os objetos podem estar ligados por uma pequena corrente, à maneira de botões de punho. Um Q, não sei a que isto se refere. Também quatro folhas de papel.

Agora, impressões gerais. Uma dor na garganta, ou um desconforto nessa zona por parte do Dr. Instream. Um encontro com um estranho, um homem, no seu escritório, e alguma ligação com Detroit. Um grupo de quatro convidados em particular, homens, creio, no seu apartamento. Isto é separado da referência anterior ao estranho. As iniciais S P A em ligação com o grupo.

Agora, têm um envelope para mim?

(*"Sim."*

Às 21:23 a Jane pegou no envelope para a nossa 55.ª experiência sem abrir os olhos. Encostou-o brevemente à testa, depois baixou-o para o colo, mas manteve a outra mão sobre os olhos.)

Deem-nos um momento, por favor. Estas são impressões.
Uma ligação a uma espada. Quatro. Ligação a uma reunião. A impressão

aqui de algo subterrâneo. Não sei se hei de interpretar isto como um enterro ou não.

Escrita. Cinco, talvez cinco linhas. Um cartão. Plantas ou flores. 1963, ou pelo menos um 1 9 e um 6 3. Um caminho numa direção particular a ser seguido. Quatro pessoas de pé. Implicação de um erro.

Uma grande forma circular redonda, talvez dentro de uma retangular, e linhas cruzadas em forma de cruz. A impressão de movimento, e alguma impressão de uma máquina, talvez um avião.

Tens alguma pergunta?

(*"E quanto a cores no objeto?"*)

Dán-nos um momento. Vermelho e verde. Uma cor preta ou escura contra um fundo claro. Também um amarelo baço.

(*"Podes dizer algo mais sobre as quatro pessoas de pé?"*)

Dois homens e duas mulheres.

(*"Podes dar-nos alguma(s) inicial(ais)?"*)

Talvez um J e um G. Sugiro que façam uma pausa, a menos que, claro, tenham alguma pergunta em particular.

(*"Queres tentar nomear o objeto?"*)

Uma nota. Sugiro que façam uma pausa.

(*Pausa às 21:58. A Jane estava bem dissociada, disse ela. Não se apercebia do ruído do trânsito, por exemplo, embora as janelas estivessem abertas. Manteve os olhos fechados durante ambas as experiências.*
Ver o decalque do objeto do envelope na página 171. Encontrei-o numa gaveta da minha secretária cerca de uma hora antes da sessão e decidi usá-lo como objeto no impulso do momento. Abri a carteirinha de fósforos e retirei os fósforos, depois selei-a no habitual envelope duplo. Eu sabia que a Jane não a via há pelo menos alguns anos e, após a sessão, ela confirmou que tinha sido há mais tempo.

(Apanhei a carteirinha de fósforos num restaurante, o Mother Goldsmith's, em Saratoga Springs, NY. A Jane conhece o local desde a infância e, nas nossas raras visitas a Saratoga, paramos sempre lá. Datei esta carteirinha em agosto de 1963, no interior, quando a obtive — antes de estas sessões começarem, em dezembro de 1963. O livrete está impresso a preto sobre um cartão amarelo baço — como lhe chama o Seth. Todo o texto nele, exceto o nome de Nate Goldsmith por baixo da sua caricatura, está nesse amarelo baço contra o fundo preto.

(Só quando a Jane e eu começámos a estudar os dados do envelope é que percebemos que se referiam a mais do que uma visita nossa a Saratoga. Isto complicou imediatamente as coisas. As interpretações tornaram-se, de facto, evasivas, e parte do nosso conhecimento de que estavam envolvidas duas visitas a Saratoga era apenas subjetivo. Se o tivéssemos percebido até ao final da sessão, teríamos chamado o Seth de volta para ajudar. Tal como foi, não valorizámos o que acontecera até

chegar a altura de escrever estas notas. Outra complicação é que, embora não consigamos fixar todos os dados, sentimos que a maioria é bastante legítima.

(Indicarei abaixo onde acreditamos que as duas visitas a Saratoga são referidas nos dados do envelope. A primeira visita foi em agosto de 1963, a segunda no verão de 1964. Em ambas as ocasiões, a Jane e eu íamos a caminho de York Beach, no Maine, de férias; ambas as visitas a York Beach desempenharam um papel nestas sessões, e datas exatas podem ser encontradas nas sessões apropriadas. Ver a Sessão 9 no Volume 1.

(A ligação entre o objeto do envelope e as nossas duas visitas ao Mother Goldsmith's é suficientemente forte, dado que a Jane e eu comemos lá nos dois anos. Vimos a mesma rececionista em ambas as vezes também — uma rapariga com quem a Jane andou na escola em Saratoga. Não vimos o Nate Goldsmith nem a esposa na primeira visita, e as razões pelas quais não vimos nenhum deles na segunda visita são dadas nas nossas interpretações de dados.

("Uma ligação a uma espada." Na nossa segunda visita, em 1964, disseram-nos que Nate Goldsmith havia morrido. Não sabemos exatamente quando morreu, mas acreditamos que foi depois da primeira visita. A Jane não conhecia intimamente os Goldsmiths, apenas de cumprimento. Também na visita de 1964 disseram-nos que o restaurante tinha sido, ou estava a ser, vendido.

(A impressão de espada aqui é aparentemente desenvolvida pelo Seth uma ou duas impressões depois, em ligação com dados subterrâneos. Pode haver uma ligação com a cor preta do naipe de espadas num baralho de cartas e o preto do objeto.)

SESSÃO 260
18 DE MAIO DE 1966

(*"Quatro. Ligação a uma reunião." Isto também teve lugar na visita de 1964. A Jane sente-se subjetivamente segura de que aqui se refere ao encontro entre nós e o pai dela, o Del, e a sua terceira esposa. O encontro foi combinado por correio com antecedência. A Jane e eu planeámos encontrar o Del e a esposa, que já estavam acampados no Lago Saratoga, lá, e passar alguns dias com eles antes de seguirmos para o Maine. E assim fizemos.*)

(*“A impressão aqui de algo subterrâneo. Não sei se hei de interpretar isto como um enterro ou não.” Possivelmente a morte de Nate Goldsmith; soubemos disto na nossa segunda visita. A Jane, ou o Seth, tem usado a ideia de subterrâneo várias vezes agora em ligação com a morte.*)

(*“Escrita. Cinco, talvez cinco linhas.” Mais uma vez, não sabemos exatamente o que o Seth quer dizer com escrita — tipo como este, impressão tipográfica, escrita manual ou letreiramento, etc. A capa frontal do objeto contém cinco linhas de letra grande contra o fundo preto. O objeto foi apresentado plano ou aberto no envelope, por isso também seriam visíveis, de relance, mais de cinco linhas — oito, para ser exato, excluindo o nome na caricatura. Eu também escrevi à mão no interior da capa. O número de telefone na aba superior do objeto contém um cinco, mas não sabemos se isto significa alguma coisa.*)

(*“Um cartão.” O objeto é fabricado do cartão habitual usado para carteirinhas de fósforos. Podem existir outras ligações.*)

(*“Plantas ou flores.” Não sabemos.*)

(*“1963, ou pelo menos um 19 e um 63.” Ver o decalque do objeto na página 171. No interior da capa frontal escrevi à caneta a data, agosto de 1963.*)

(*“Um caminho numa direção particular a ser seguido.” A Jane acha que isto se aplica ao endereço do restaurante no objeto.*)

(*“Quatro pessoas de pé.” Quatro pessoas estiveram envolvidas na nossa segunda visita a Saratoga, claro, mas não sabemos ao que alude a referência a estarem de pé.*)

(*“Implicação de um erro.” Esta é uma boa ligação, envolvendo ambas as nossas visitas a Saratoga. É pessoal e, por isso, não é aqui dada em detalhe, mas pode ser explicada por nós a qualquer momento.*)

(*“Uma grande forma circular redonda, talvez dentro de uma retangular”, pode referir-se à caricatura de Nate Goldsmith no verso do objeto. O desenho é composto por linhas e formas arredondadas, é arredondado no formato geral e cabe na moldura retangular preta. Não sabemos particularmente por que o Seth usa “grande” aqui, a não ser que queira dizer que o desenho não poderia ser muito maior e ainda caber na forma retangular.*)

(*“e linhas cruzadas em forma de cruz.” A Jane disse que estes dados vão com os dados anteriores de subterrâneo e espada, e são uma referência simbólica à morte de Nate Goldsmith. O Seth já usou a ideia de cruz antes para indicar coisas terminadas, etc.*)

(*“A impressão de movimento, e alguma impressão de uma máquina, talvez um avião.” A Jane disse que isto se refere às nossas viagens de automóvel a Saratoga, tendo o objeto sido obtido na primeira delas, em 1963.*)

(*"Deem-nos um momento. Vermelho e verde. Uma cor preta ou escura contra um fundo claro. Também um amarelo baço." A minha primeira pergunta dizia respeito a cores no objeto. Não sabemos a que se referem o vermelho e o verde, pois não estão presentes no objeto. O objeto está, no entanto, impresso a preto, contra um fundo claro. A descrição do Seth de um amarelo baço é uma descrição muito apropriada da cor do cartão usado no objeto.*)

(*Possivelmente os dados do amarelo também cresceram a partir do "ouro" no nome de Nate Goldsmith, que aparece no verso do objeto, assim como o nome Mother Goldsmith's aparece na frente.*)

(*"Dois homens e duas mulheres." Perguntei ao Seth que desenvolvesse os dados das quatro pessoas de pé. Dois homens e duas mulheres estiveram envolvidos no encontro referido anteriormente: o pai da Jane, Del, e eu próprio, e a Jane e a esposa do Del. Isto na nossa segunda visita.*)

(*"Talvez um J e um G." Pedi ao Seth as iniciais das pessoas no encontro. O J pode referir-se à Jane, mas não o G. A inicial G, claro, aparece no próprio objeto, duas vezes, em Nate Goldsmith e Mother Goldsmith's.*)

(*"Uma nota." Pedi ao Seth que nomeasse o objeto. Talvez a boa quantidade de escrita no objeto, à frente e atrás, mais a minha no interior, tenha dado origem a estes dados.*)

(*A Jane retomou às 22:10.*)

Agora vamos encerrar a nossa sessão. Os meus melhores votos para ambos. Estou perfeitamente preparado para continuar por algum tempo. No entanto, vocês aguentam a mudança, e por isso encerraremos cedo. Ainda assim, irei espreitar-vos de vez em quando.

(*"Boa noite, Seth."*

Fim às 22:11. A Jane estava "fora" como de costume. Disse que o Seth estava afetuoso no final da sessão. Fez a sessão esta noite não só porque não queria falhar, mas porque, em circunstâncias semelhantes no passado, os resultados têm sido bons. Tinha confiança de que, se realmente não devesse haver sessão, o Seth ou a cancelaria por completo ou a tornaria muito curta.)

SESSÃO 261
23 DE MAIO DE 1966

(*A 56.ª experiência do envelope realizou-se durante a sessão. O objeto foi um desenho a lápis que fiz da Jane esta tarde, sem ela saber. Olhei para baixo para ela enquanto apanhava sol, sendo o meu ponto de vista a fileira de trás das janelas do estúdio no segundo piso. O esboço demorou apenas alguns minutos porque ela se mexia com muita frequência, e diverti-me bastante com a sua irrequietude; esta galhofa desempenha um papel nos resultados experimentais. O desenho está em papel poroso com um ligeiro tom amarelado. Coloquei-o entre as habituais duas folhas de Bristol, depois selei-o em envelopes duplos.*

(*Antes da sessão, a Jane disse que não fazia ideia sobre o que o Seth falaria. Começou a falar sentada e com os olhos fechados. Tinha deixado um cigarro aceso, contudo, e os olhos começaram em breve a abrir-se. A voz estava baixa, o ritmo bastante lento.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth."

(Pausa de um minuto.) Há vários pontos que gostaria de apresentar. Para todos os efeitos práticos, encontrarás algum tipo de forma corporal nas tuas experiências fora do corpo.

Essas formas corporais são, no entanto, camuflagens necessárias, pois ainda não consegues conceber a identidade sem algum tipo de corpo físico. Portanto, projetas-te numa forma corporal. Ela varia de acordo com as tuas próprias capacidades e, sem ela, sentir-te-ias de facto perdido. A forma em si não é importante, mas a forma pode dizer-te algo sobre a dimensão em que estás a ter experiência.

O corpo de sonho é aquele com que estás mais familiarizado. Tem sido chamado corpo astral. Parece-te físico, embora possas fazer com ele coisas que não podes fazer com o teu corpo físico. Podes levitar com ele, por exemplo. Regra geral, não atravessas paredes com este corpo. Este é o corpo que usas para sonhos comuns. A levitação é possível com ele, mas de forma muito limitada.

Quando entras numa dimensão diferente, as capacidades da forma corporal mudam e, para todos os efeitos, é uma forma corporal diferente, a que chamaremos forma mental. Continua a parecer física em forma, mas podes atravessar matéria física com ela, e podes verdadeiramente levitar com ela dentro do teu sistema solar, mas não podes ir além nesta forma mental. Podes viajar, contudo, para qualquer lugar dentro do teu sistema solar com ela. Na primeira forma é possível perceber o passado, o presente e o futuro de forma limitada. Na segunda forma, essa perceção dá-se numa escala maior, estando o âmbito da consciência mais aberto. Ora, esta é a

forma que usarás se marcares encontros com outros dentro do estado de sonho.

A terceira forma podemos chamar a forma de projeção verdadeira. Nela, é possível viajar para além do teu sistema solar e perceber o passado, o presente e o futuro de outros sistemas assim como do teu.

A forma que usas não dita as várias capacidades. Vestes a forma particular em linha com as tuas capacidades. Fazes o melhor que podes, por outras palavras. (*Sorriso.*) É possível começar uma experiência numa forma e mudar para outra, ou passar da primeira para a terceira. Em tais ocasiões tens, portanto, de passar, vês, pela forma intermédia em direção inversa. As formas representam apenas vários estádios de consciência.

Na morte física, após a última reencarnação, então a forma corporal normal é o corpo de sonho, e as excursões fazem-se a partir deste ponto, vês. É possível mudar de repente da terceira forma para o corpo de sonho, mas, por regra, com um choque considerável para a consciência. A transição é simplesmente demasiado súbita.

Agora, sei que o Ruburt não fica muito satisfeito comigo por trazer este próximo ponto. Intelectualmente, é altamente crítico dele. A outro nível, no entanto, ele sabe muito bem que é legítimo. Há, de facto, outros que podem ajudar-vos em tais experiências e que muitas vezes o fazem enquanto estão em estado de sonho, quer o saibam quer não. Podem ser de grande ajuda como guias. Sugiro a vossa primeira pausa.

(*Pausa às 21:25. A Jane estava "fora" como de costume. O ritmo melhorou um pouco à medida que a sessão progredia, embora os olhos se tenham mantido fechados durante a maior parte.*
A Jane confirmou que não gostava da conotação de "guia espiritual". O material do Seth ao retomar decorre do facto da Jane, a limpar a casa ultimamente, ter mudado a nossa cama de um eixo norte–sul para este–oeste. Retoma às 21:31, olhos abertos, a sorrir amplamente.)

Agora, meus caros amigos, acharão todas as projeções muito mais fáceis se a vossa cabeça estiver para norte.

O Ruburt não ficará contente com isto. A projeção é certamente possível em qualquer caso. Contudo, no vosso período de desenvolvimento seria mais simples terem tudo a trabalhar a vosso favor quanto possível. Cabe-vos a vós tomar decisões. Talvez os outros confortos que o quarto vos oferece com a cama noutra posição valham a pena para vós por algum tempo. Isto de modo nenhum altera o facto de que as projeções são mais facilmente executadas com a cabeça para norte.

Um pequeno ponto interessante aqui. A projeção do Ruburt, ao olhar pela primeira vez para o livro de Fox, foi bastante legítima. (*Astral Projection, de Oliver Fox. Depois de ler parte deste livro muito recentemente, a Jane conseguiu a sua primeira projeção deliberada*.)

Contudo, a janela (*sorriso, olhos abertos*), percebem, foi uma fabricação bastante válida dele próprio. A projeção foi uma projeção. A janela pela qual ascendeu foi um símbolo que lhe era necessário. A janela física real estava atrás da cabeça dele, percebem, por isso sentiu-se impelido a ter uma janela à sua frente, para poder sair da casa física.

Achei isto divertido. O símbolo, no entanto, foi obviamente muito valioso. Ambos melhorarão com a prática. Por causa das vossas ideias, percebem, experimentam mais dificuldade em sair da casa física. (*Sorriso.*)

A imagem da janela do Ruburt, se a experiência tivesse continuado, tê-lo-ia efetivamente feito sair. Ele não tinha a confiança para se imaginar, percebem, a passar através das paredes físicas. Em vez disso, tem de formar a imagem imaginária de uma janela, o que, por si, já é um feito, e depois projetar-se através dela. Está perfeitamente bem. Quis apenas apontar o que ele fez. Quando projetas a partir do corpo de sonho, percebes, conscientemente já estás no exterior, por regra. Já fizeste a mudança inicial, afastando-te do foco físico.

A maioria das projeções válidas é, de facto, feita a partir do corpo de sonho. Quando a excursão termina, o retorno ao corpo de sonho faz-se sem esforço, percebes, porque o ego pouco se preocupa. Na maioria desses casos, contudo, o conhecimento não fica então disponível para o eu desperto.

Agora. Algumas das sugestões de Fox são excelentes. Permitir-te-ão levar a consciência desperta contigo. À medida que as tuas capacidades se desenvolvem e te vais habituando mais à experiência, a consciência desperta recordará cada vez mais e não ficará assustada. Quando fica assustada, percebes, obriga toda a experiência a terminar. Se não tivesse sido levada, a mesma experiência poderia ter continuado, e ter-se-iam alcançado maiores benefícios para o Eu integral.

Mas o treino aqui é vastamente importante, e uma manipulação da consciência desta forma tem vantagens definidas. Exigirá algum trabalho da tua parte, mas serás, de facto, capaz, talvez com algum uso de sugestão, de reconhecer, quando em estado de sonho, aquelas ocasiões em que estás a projetar-te. Então poderás prolongar a experiência e reconhecê-la como uma excursão válida fora do corpo. A mobilidade da consciência permitir-te-á automaticamente maior liberdade no uso das perceções internas também na vida de vigília. Pois isto é um movimento da consciência, um movimento que pouco tem que ver com o movimento do corpo físico.

Contudo, existe uma energia química utilizada em todas essas experiências fora do corpo. A reação química resulta numa ligação eletromagnética entre a consciência e o corpo físico e, sem ela, não haveria retorno ao corpo físico, nos teus termos. Claro que é a energia mental que torna possível a energia química, no entanto. Esta liberdade da consciência não depende da existência física, percebes.

Durante a tua vida atual, contudo, a ligação tem de ser mantida. Dar-te-ei uma pausa antes do nosso material do Instream. Quero, porém, mencionar que toda a consciência dentro do vosso sistema tem o mesmo tipo de liberdade, dentro de certos graus.

Sugiro a tua pausa.

(*Pausa às 21:53. A Jane estava bastante bem dissociada. O ruído do trânsito, vindo das janelas abertas, não a incomodara. O ritmo tinha sido muito mais rápido. Os olhos tinham-se aberto muitas vezes e ela sorrira frequentemente.*)

(*Era agora a altura da 65.ª experiência do Dr. Instream. Como de costume, o ritmo da Jane abrandou um pouco, e ela sentou-se com uma mão levantada aos olhos fechados. A Jane hesitou por um momento, dizendo que o Seth estava à espera do "momento certo" para contactar o Dr. Instream. Retoma às 22:04.*)

Agora, deem-nos um momento para o nosso material do Instream. A minha primeira impressão é de blocos. e uma cancela de torniquete. Ele visitou algum lugar com este tipo de entrada, por exemplo, ou tem uma fotografia de tal lugar…

Uma multa. Talvez seja preciso meter dinheiro no torniquete para o fazer mover. Uma ligação com um grande edifício do outro lado aqui, e um letreiro. A letra D ligada ao letreiro. "Down", ou "downs", não sei. Talvez escadas a descer.

O objeto que ele escolheu tem uma forte ligação com um L-ocal.

(*A Jane começou a esfregar fortemente os olhos.*)

O objeto não é utilitário, isto é, não se pode fazer nada com ele, mas representa outra coisa. Pode ser uma fotografia das impressões mencionadas anteriormente, percebem, senão uma fotografia

(*Os olhos da Jane abriram-se agora, muito abertos e muito escuros. É a primeira vez que o fazem durante uma experiência deste tipo.*)

Uma imagem de algum tipo — a imagem de outro homem, em vez da coisa em si.

A impressão de uma vedação ou margem aqui, mostrada na imagem. (*Olhos abrem e fecham.*) É de um lugar antigo, em vez de novo, creio, ligado a um edifício de pedra. (*Olhos abertos de novo; com gestos.*) Talvez o edifício esteja, de algum modo, em exposição, ou seja preciso pagar para entrar. Outra vez, isto é uma fotografia de algum tipo, e não o edifício em si.

O edifício (*olhos abertos*) assemelha-se a uma mansão de tipo inglês, ou a um grande edifício deste género, situado em belos jardins. O torniquete pode simplesmente ser simbólico — pode ser preciso P-aG-aR para entrar no edifício. Talvez numa espécie de visita guiada. (*Olhos agora fechados para o resto dos dados.*) Números cinco, seis. Um postal. Também alguma ligação com uma localização francesa.

Agora outras impressões. Um encontro de quatro pessoas à tarde. Parecem ter cabelo branco ou louro. Nenhuma delas é uma pessoa de cabelo escuro. (*Pausa longa.*) Há outro homem de pé. Estão em volta de uma mesa redonda, numa sala bastante grande que parece estar vazia, exceto por eles. Um homem tem um relógio em corrente.
Tens um envelope para mim?

(*"Sim."*

(A Jane fez uma pausa às 22:17. Os olhos ainda estavam fechados. Pegou no envelope para a nossa 56.ª experiência sem os abrir. Pressionou o envelope contra a testa com uma mão enquanto mantinha a outra junto ao rosto.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões.
Galhofa. Mas também uma ligação com um acontecimento desagradável. Um cartão retangular, com matéria impressa. Algumas letras maiores, e depois algumas pequenas.

A cor vermelha. Uma impressão de muitas pessoas. Ligação com um homem alto. A letra L. Talvez o número 17. Uma torção.
Um padrão de linhas onduladas, ou linhas vacilantes. (*Gesto.*) Perdida, uma ocasião perdida anteriormente. A impressão agora de olhar para baixo, de uma posição elevada… Isto está ligado a rochas. Ou de olhar para baixo (*gesto*) de uma posição elevada para um buraco.

Uma borda fina no objeto, e caligrafia horizontal. Estendendo-se do centro para as margens. Um cartão, do género dos que são enviados por organizações para convites.

Têm alguma pergunta?

(*A Jane baixou o envelope para o colo, os olhos ainda fechados.*)

(*"Podes dar-me algumas iniciais ligadas ao objeto?"*)

Dá-nos um momento… (*Pausa*)

B e L e G.

(*"E quanto a essas linhas vacilantes?"*)

O tipo de linhas, por exemplo, que um mapa teria para indicar estradas pequenas, ou linhas como rachas num chão seco.

(*"O que é isso da galhofa?"*)

Não tenho a certeza aqui. Parece uma ligação com uma festa. Mas também uma ligação com algo desagradável, por isso não tenho a certeza.

(*"O que diz a caligrafia horizontal?"*)

Acho que há uma cor vermelha e uma caligrafia bastante grande, talvez quatro ou cinco linhas. "Venham…" Um convite para fazer algo, ou ir a algum lugar, ou aderir. Talvez 24, referindo-se a um dia do mês. Cinco ou 6 para o mês, talvez.

(*"Queres nomear o objeto?"*)

Fiz o máximo que posso para o nomear. Sugiro a vossa pausa.

(*Pausa às 22:29. A Jane estava muito "fora", disse ela. Não tinha consciência de nada senão da experiência, e os olhos mantiveram-se fechados durante tudo. Teve algumas imagens durante a experiência e estas serão mencionadas no devido lugar nos dados.*

(O Seth responde a algumas perguntas após a pausa. Entretanto, a Jane e eu fizemos as nossas próprias ligações. Ver o decalque na página 178 e as notas na página 179.

("Galhofa." Como foi dito anteriormente, senti um divertimento pronunciado enquanto fazia o desenho usado como objeto. A Jane mexia-se quase constantemente enquanto posava sem saber, e eu tive de trabalhar muito rapidamente ao mesmo tempo que tinha cuidado para que ela não olhasse para as janelas do estúdio no segundo andar e visse o que eu estava a fazer.

(O Seth menciona outra possível ligação com a galhofa em resposta à minha terceira pergunta. Mas a resposta a essa pergunta também nos leva a acreditar que a interpretação acima é a correta.

("Mas também uma ligação com um acontecimento desagradável." A Jane disse que o acontecimento desagradável foi o facto de, mais cedo, duas crianças da vizinhança terem sido bastante barulhentas e ativas a correr pelo nosso quintal; ela queria ir apanhar sol depois de almoço, mas adiou a saída até as crianças terem ido embora, pelas 15h00. Queria rever o manuscrito do seu livro de sonhos, sem interrupções. Além disso, as mesmas duas crianças tinham andado aos pulos pela horta recém-cavada da Jane, nos fundos, o que não a animou. O local da horta fica a cerca de 7,5 metros de onde a Jane se sentou enquanto eu a esboçava.

(O manuscrito do livro de sonhos da Jane não aparece no esboço; no momento em que o fiz, o manuscrito estava invisível para lá do seu lado direito. Outro livro aparece, bem como um copo de chá gelado, um livrete de fósforos e um cigarro.

("Um cartão retangular, com matéria impressa." O objeto está numa peça retangular de papel grosso, de tipo poroso, semelhante a cartão. A Jane disse que teve uma imagem do tamanho e proporção corretos do objeto e que o Seth estava a tentar transmitir-lhe esses dados. Não teve imagem de um desenho, nem dela própria.

(O cartão tem a minha escrita, mas, falando estritamente, isto não é matéria impressa; o que pode nem sequer referir-se a escrita.

("Algumas letras maiores, e depois algumas pequenas." A Jane acha que isto é uma distorção da minha escrita ou letreiro no objeto. Eu diria que "letreiro" é uma descrição mais precisa do que matéria impressa, por ser mais específico.

("A cor vermelha." A Jane vestia calções de xadrez de cor predominantemente vermelha. Além disso, estava sentada sobre um xaile mexicano, um de dois que nos foram dados pelo pai dela há vários anos.

Esse xaile tem faixas alternadas, cada uma talvez com cerca de dez centímetros de largura, de branco, vermelho e azul.

(“Uma impressão de muitas pessoas.” Aqui a Jane disse que teve a impressão de uma festa, mas decidiu abandonar esta linha de associação. Isto veio da referência à galhofa, pensou, e não tinha a certeza de que a cadeia de associação fosse correta. Por vezes cabe-lhe a ela decidir que linha de pensamento seguir. De novo, o Seth expressa incerteza sobre a ligação festa–galhofa em resposta à minha terceira pergunta.

(“Ligação com um homem alto.” O pai da Jane, Del, que mede 1,88 m, deu-nos o xaile sobre o qual a Jane se sentou quando a esbocei esta tarde.

(“A letra L.” Não sabemos. L de “lawn” (relvado), ou de Del… “Talvez o número 17.” Não sabemos.

(“Uma torção.” Não sabemos. A Jane estava a mover-se quase constantemente enquanto eu a esboçava, e os seus movimentos incluíram muitas torções e voltas do corpo. Isto pode aplicar-se, quando considerado com os dados seguintes.

(“Um padrão de linhas onduladas, ou de linhas vacilantes.” O desenho usado como objeto contém muitas linhas, poucas delas retas. A Jane disse que, em particular, estes dados se referiam ao xaile sobre o qual se sentava, e à orla com borlas ou franjas por baixo das pernas. O desenho está organizado num padrão.)

A maioria das projeções válidas é, de facto, feita a partir do corpo de sonho. Quando a excursão termina, o regresso ao corpo de sonho faz-se sem esforço, percebes, porque o ego pouco se envolve. Na maioria desses casos, contudo, o conhecimento não fica disponível para o eu desperto.

Agora. Algumas das sugestões de **Fox** são excelentes. Permitir-te-ão levar contigo a consciência desperta. À medida que as tuas capacidades se desenvolvem e te vais habituando mais à experiência, a consciência desperta recordará cada vez mais, e não se assustará. Quando se assusta, percebes, força toda a experiência a terminar. Se não tivesse sido levada, a mesma experiência poderia ter continuado, e maiores benefícios teriam sido alcançados para o Eu total.

Mas o treino aqui é de grande importância, e uma manipulação da consciência deste tipo tem vantagens definidas. Exigirá algum trabalho da tua parte, mas serás, de facto, capaz — talvez com algum uso de **sugestão** — de reconhecer, quando em estado de sonho, as ocasiões em que te estás a projetar. Então poderás prolongar a experiência e reconhecê-la como uma verdadeira excursão fora do corpo. A mobilidade da consciência permitir-te-á automaticamente maior liberdade no uso das perceções internas também na vida desperta, pois trata-se de um **movimento da consciência**, um movimento que pouco tem que ver com o movimento do corpo físico.

Contudo, existe uma energia química utilizada em todas essas experiências fora do corpo. A reação química resulta numa ligação eletromagnética entre a consciência e o corpo físico e, sem ela, não haveria retorno ao corpo físico, nos teus termos. Claro que é a energia mental que torna possível a energia química, no entanto. Esta liberdade da consciência não depende da existência física, percebes.

Durante a vida presente, contudo, essa ligação deve ser mantida. Dar-te-ei uma pausa antes do nosso material do Instream. Quero, porém, mencionar que toda a consciência dentro do vosso sistema tem o mesmo tipo de liberdade, dentro de certos graus.

Sugiro a tua pausa.

(*Pausa às 21:53. A Jane estava bastante bem dissociada. O ruído do trânsito das janelas abertas não a incomodara. O ritmo fora muito mais rápido. Os olhos abriram-se frequentemente e ela sorrira várias vezes.*)

(*Era agora o momento da 65.ª experiência do Dr. Instream. Como de costume, o ritmo da Jane abrandou um pouco, e ela sentou-se com uma mão levantada aos olhos fechados. Hesitou por um momento, dizendo que o Seth estava à espera do "momento certo" para contactar o Dr. Instream. Retoma às 22:04.*)

Agora, deem-nos um momento para o nosso material do Instream. A minha primeira impressão é de blocos e de um torniquete. Ele visitou algum lugar com este tipo de entrada, por exemplo, ou tem uma fotografia de um sítio assim…

Uma multa. Talvez seja preciso meter dinheiro no torniquete para o fazer mover. Há uma ligação com um grande edifício do outro lado, e um letreiro. A letra D ligada ao letreiro. *Down*, ou *downs*, não sei. Talvez escadas descendentes.

O objeto que ele escolheu tem uma forte ligação com um lugar. (*A Jane começou a esfregar fortemente os olhos.*) O objeto não é utilitário — isto é, não serve para nada prático — mas representa outra coisa.

Pode ser uma fotografia das impressões mencionadas anteriormente, percebes — se não for uma fotografia (*os olhos da Jane abriram-se agora, muito escuros e bem abertos; é a primeira vez que tal acontece durante uma experiência deste tipo*) — uma imagem de algum tipo, a imagem de outro homem, e não da coisa em si.

A impressão de uma cerca ou fronteira, mostrada na imagem. (*Olhos abrem e fecham.*) É de um lugar antigo, e não novo, creio eu, ligado a um edifício de pedra. (*Olhos abertos novamente, gesticulando.*) Talvez o edifício esteja de algum modo em exposição, ou seja preciso pagar para entrar. Outra vez: isto é uma imagem de algum tipo, e não o edifício propriamente dito.

O edifício (*olhos abertos*) assemelha-se a uma mansão de tipo inglês, ou a um grande edifício deste género, situado em belos jardins. O

torniquete pode simplesmente ser simbólico — talvez seja preciso pagar para entrar no edifício. Talvez numa espécie de visita guiada.
(*Olhos agora fechados para o resto dos dados.*)

Números cinco, seis. Um postal. Também alguma ligação com um local francês.

Outras impressões: um encontro de quatro pessoas à tarde. Parecem ter cabelos brancos ou louros. Nenhuma delas tem cabelo escuro.

(Pausa longa.)

Há outro homem de pé. Estão em volta de uma mesa redonda, numa sala ampla e quase vazia. Um dos homens tem um relógio preso por corrente.

Tena algum envelope para mim?

(*"Sim." A Jane fez uma pausa às 22:17, olhos ainda fechados. Pegou no envelope para a nossa 56.ª experiência sem abrir os olhos. Pressionou-o contra a testa com uma mão, enquanto mantinha a outra junto ao rosto.*)

Deem-nos um momento, por favor. Estas são impressões:

Alegria, mas também uma ligação a um acontecimento desagradável. Um cartão retangular, com texto impresso. Algumas letras grandes, seguidas de letras pequenas.

A cor vermelha. Uma impressão de muitas pessoas. Ligação com um homem alto. A letra L. Talvez o número 17. Uma torção.

Um padrão de linhas onduladas ou vacilantes (*gesto*). Algo perdido — uma ocasião perdida anteriormente. A impressão agora de olhar para baixo, de uma posição elevada… ligada a rochas. Ou de olhar de cima (*gesto*) para um buraco.

Uma borda fina no objeto, e letras horizontais, estendendo-se do centro para as margens. Um cartão, do tipo dos que são enviados por organizações para convites.

Têm alguma pergunta? (*A Jane baixou o envelope para o colo, ainda de olhos fechados.*)

(*"Podes dar-me algumas iniciais ligadas ao objeto?"*)

Deem-nos um momento… (*pausa*) B, L e G.

(*"E quanto às linhas onduladas?"*)

O tipo de linhas, por exemplo, que um mapa teria para indicar pequenas estradas, ou fendas num solo seco.

(*"E a alegria?"*)

Não tenho a certeza aqui. Parece uma ligação com uma festa, mas também com algo desagradável, por isso não tenho a certeza.

(*"E a caligrafia horizontal?"*)

Penso que há cor vermelha, e letras grandes, talvez quatro ou cinco linhas. "Venham…" — um convite para fazer algo, ir a algum lugar, ou aderir a algo. Talvez 24, referindo-se a um dia do mês. Cinco ou seis para o mês, talvez.

(*“Queres nomear o objeto?”*)
Fiz o máximo que posso para o nomear. Sugiro a vossa pausa.

(*Pausa às 22:29. A Jane estava profundamente dissociada, disse ela. Não tinha consciência de nada além da experiência; os olhos permaneceram fechados. Teve algumas imagens durante o processo, mencionadas no local apropriado nos dados.*

(O Seth respondeu a algumas perguntas após a pausa, enquanto a Jane e eu fazíamos as nossas próprias ligações. Ver o decalque na página 178 e as notas na página 179.)

(*“Perdida, uma ocasião perdida anteriormente.” Ver a interpretação de um acontecimento desagradável na página 184. “Perdida” refere-se a a Jane ter adiado o banho de sol até as crianças da vizinhança irem embora. Saiu por volta das 15h00, quando fiz o esboço. Originalmente queria sair depois do almoço, mas esperou.*)

(*“A impressão de olhar para baixo, de uma posição elevada…” É uma excelente descrição da minha posição no estúdio do segundo andar, olhando diretamente para baixo enquanto esboçava a Jane no relvado. Estava talvez a três ou quatro metros abaixo de mim. A Jane teve uma imagem ligada a este dado, explicada mais abaixo. Enquanto fazia o desenho, perguntei-me se ela sentiria o facto, mesmo sem me ver.*)

(*“Ligado a rochas.” Embora a Jane tivesse o xaile estendido sobre a relva, sentou-se a cerca de metro e meio do pátio de lajes que fica diretamente sob o estúdio. Estas pedras não estão cimentadas, apenas ajustadas, e costumam ser deslocadas. Variam de tamanho, de alguns centímetros a mais de trinta.*)

(*“Ou de olhar de cima para um buraco.” A Jane disse que isto resultou de ela prosseguir a linha de associação anterior.*)

(*“Uma borda fina no objeto.” Pode ser considerada fina na parte inferior e esquerda, já que o desenho chega quase à margem. Há bastante espaço, no entanto, nas margens superior e direita.*)

(*“E caligrafia horizontal.” A minha escrita no objeto segue o eixo horizontal ou o comprimento do papel. Poderia também referir-se aos dados sobre “organização” que serão discutidos. Ou talvez ao livro que a Jane tinha consigo — o manuscrito do seu livro de sonhos.*)

(*“Estendendo-se do centro para as margens.” No desenho, o braço esquerdo e ambas as pernas da Jane estendem-se para as margens inferior e esquerda.*)

(*“Um cartão, do tipo enviado por organizações para convites.” A Jane teve aqui a imagem de um cartão retangular, como os que eram enviados por uma galeria de arte onde trabalhou até cerca de um ano antes. O cartão que viu na mente tinha o mesmo tamanho e proporção que o papel onde o desenho foi feito; acredita que o Seth lhe deu esse dado para reforçar essa ideia.*)

(*"B, L e G." As iniciais referiam-se a coisas diferentes: B de Butts, L de lawn (relvado) e G de glass (copo). O Seth confirma isto após a pausa.*)

(*"Linhas onduladas." O desenho é composto por linhas de lápis finas, que poderiam, abstratamente, representar estradas num mapa ou fissuras em solo seco. A Jane achou a ideia do chão seco pertinente — enquanto fumava o único cigarro que tinha consigo (mostrado no esboço), procurou um ponto de terra nua para o apagar, e percebeu como o solo estava seco, necessitando de chuva.*)

(*"Alegria." O Seth liga-a tanto à minha diversão ao desenhar como à contrariedade da Jane com as crianças. Ele refere-se à festa mais tarde, mas a "alegria misturada com algo desagradável" parece ser a interpretação correta.*)

(*"Letreiro vermelho e letras grandes." O Seth mencionou tanto a caligrafia horizontal como a cor vermelha. A Jane vestia calções de xadrez vermelhos, e o xaile tinha largas faixas vermelhas. O desenho contém cinco linhas de escrita, o que o Seth descreve como caligrafia grande.*)

(*"'Venham…' Um convite para fazer algo, ir a algum sítio, ou aderir." A Jane acredita que este dado surgiu da associação com o cartão de galeria. Há também outra ligação — Seth confirma depois da pausa: quando me viu à janela, houve um convite implícito para eu me juntar a ela.*)

(*"24, referindo-se a um dia do mês." O objeto tem a data em que fiz o desenho — 23 de maio de 1966. O Seth errou por um dia.*)

(*"Cinco ou seis para o mês." O desenho foi feito no quinto mês — maio.*)

(*Após a experiência e a interpretação dos dados, a Jane lembrou-se de uma impressão que não mencionara: "forma de estrela". Ao olhar para o desenho, achou que se aplicava às linhas irradiantes no topo do chapéu de palha que usava enquanto eu a desenhava. Consideramos isto legítimo, pois ela usa frequentemente este tipo de caligrafia nas suas pinturas.*)

(*A Jane retomou às 22:59.*)

Vamos encerrar a nossa sessão, e na próxima continuarei a discussão desta noite.

Agora, muitas vezes poderia prolongar as nossas sessões. Tenho-as mantido curtas por conveniência vossa — não tanto pelo tempo da sessão, José, mas pelo trabalho que tens em registá-las.

O G e o L referiam-se, de facto, ao copo e ao relvado.

(*"A Jane sabia que eu estava a desenhar o retrato dela?"*)

Não. O convite, contudo, tinha alguma aplicação, embora com alguma distorção. Quando falaste com o Ruburt, houve da parte dele um convite implícito, pois ele teria gostado que descesses.

(*Quando vi a Jane no relvado, debaixo das janelas do estúdio, inclinei-me para brincar com ela por um momento. Pensei em juntar-me a*

ela, mas não o disse, pois não queria perder tempo de pintura. A Jane também não me convidou abertamente.)

Agora encerraremos a nossa sessão. Uma observação: fará bem ao Ruburt trabalhar vigorosamente em casa, e é tudo.

(*"Boa noite, Seth."*

Fim às 23:02.)

SESSÃO 262

25 DE MAIO DE 1966

(*Os objetos para a 57.ª experiência do envelope foram* ***duas folhas*** *retiradas da nossa planta de poinsétia. A planta é antiga e uma das nossas preferidas. Vemo-la todos os dias, claro, mas eu tinha a certeza de que a Jane não estava ciente destas duas folhas em particular. A planta tem também uma história interessante, que será revelada mais adiante. Prendi as folhas a uma das duas folhas de papel Bristol usadas nestas experiências, coloquei a outra por cima e selei ambas nos habituais envelopes duplos. A palavra "topo" foi escrita a lápis no verso do Bristol por mim, depois da experiência mas antes da Jane ver os objetos, como será mostrado mais à frente.*)

(*A Jane estivera a limpar a casa e, para arejar o ambiente, todas as janelas estavam abertas à hora da sessão. Assim, começou a falar com uma voz mais forte do que o habitual, evidentemente para compensar o ruído constante da rua. Os olhos começaram a abrir-se cedo; falava com um cigarro aceso na mão. O ritmo era regular.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Vamos continuar a nossa discussão anterior.

Quero dar-vos uma ideia das condições que podem esperar encontrar em projeções bem-sucedidas, para que estejam preparados até certo ponto. Para simplificar, chamaremos aos corpos de que falámos na última sessão formas um, dois e três.

Agora, a forma número um surge de um estado de sonho comum. Em projeções espontâneas, podem tornar-se conscientes na forma número um, projetar-se legitimamente, regressar ao estado de sonho comum e projetar-se novamente várias vezes. Podem esperar, portanto, que essas projeções sejam difíceis de interpretar, embora possam encontrar a experiência intacta no meio do registo de um determinado sonho.

As excursões com a forma número um pertencem ao vosso próprio sistema e estão ligadas à Terra, embora o passado, presente e futuro possam estar envolvidos. Podem, por exemplo, visitar Nova Iorque no ano 2000. Isto é, pelo menos, possível, percebem, usando a forma número um.

As projeções deste tipo são bastante curtas, mas excecionalmente nítidas. Podem, no entanto, encontrar fantasmas do vosso próprio subconsciente, que parecerão extremamente reais. Se perceberem que estão a projetar-se, podem simplesmente ordenar que quaisquer fantasmas subconscientes desagradáveis desapareçam, e eles desaparecerão — da mesma forma que um pesadelo desaparece quando percebem que é um produto do vosso próprio subconsciente. Se o tratarem como realidade, contudo, terão de lidar com ele como tal, até perceberem a sua origem ou regressarem ao estado comum de sonho.

(Pausa longa.) Na forma dois, regra geral, não encontrarás quaisquer fantasmas subconscientes, e normalmente farás a passagem da forma um para a forma dois. Os elementos oníricos comuns não serão tão frequentes, nem interferirão tanto na própria experiência.

Uma projeção de duração mais longa é possível. A vividez é extraordinária. Começarás aqui a perceber com muita clareza construções que não são tuas, onde antes apenas eram vislumbradas de forma vaga. Será necessário um certo período de orientação, simplesmente porque essas outras construções podem ser desconcertantes. Algumas existirão no teu futuro. Outras podem ter existido no teu passado, e algumas foram pensadas mas nunca se materializaram fisicamente.

Mas a realidade de todas essas construções será igualmente vívida, percebes, porque são de facto igualmente reais. Dar-te-ei um exemplo muito simples. Suponhamos que te encontras numa sala com certas pessoas, e reconheces mais tarde, ao acordar, que essa sala e essas pessoas pertencem a uma determinada sequência de um romance. Pensas então: "Isto não foi uma projeção, foi apenas um sonho."

No entanto, pode ter sido uma projeção válida. A sala e as pessoas existem, mas não existem da forma que reconheces como realidade. Existem noutra dimensão, que normalmente não consegues perceber. Neste caso, percebes, uma vez que o livro já foi escrito, poderias dizer que a cena era um acontecimento passado, pelo menos da imaginação, no momento em que o autor a concebeu.

Obviamente, a realidade física é apenas a parte da realidade que reconheces. As pinturas que virás a pintar existem agora. É possível projetar-te para dentro de uma das tuas próprias paisagens futuras. Isto não seria uma projeção imaginária. É isto que estou a tentar dizer-te. Seria melhor fazeres uma pausa.

(Pausa às 21:28. A Jane estava dissociada, como de costume. Tinha aberto os olhos várias vezes, fumado e bebido chá gelado. O ritmo fora médio. Uma questão ocorreu-me enquanto o Seth falava e exprimi-a então: seriam alguns dos resultados dos nossos dados experimentais, envolvendo o Dr. Instream ou os nossos próprios envelopes, o resultado de projeções

não reconhecidas por parte da Jane? O Seth refere-se à pergunta mais tarde na sessão. A Jane retomou da mesma forma às 21:35.)

Podes encontrar-te no meio de uma batalha que foi planeada na mente de um general, uma batalha que nunca se materializou na realidade física.

Nesse caso, incidentalmente, não fizeste parte da batalha e não podes ser ferido. No entanto, poderás sentir-te suficientemente atraído para te projetar espontaneamente no corpo de um dos soldados; nesse caso, poderás sentir dor, até que o teu próprio medo te puxe de volta. Será uma questão de aprender a controlar-te nessas condições.

(Pausa longa, olhos abrindo-se frequentemente.)

Existem várias situações que precisarás de aprender a lidar, atrações e repulsões que podem puxar-te, sem controlo, em qualquer direção. Só através da experiência aprenderás a lidar com elas.

O que é necessário é uma manutenção constante da identidade, em condições que serão novas no que toca à tua consciência desperta. Nos casos de que temos falado, não posso enfatizar suficientemente que ocorre uma projeção real para outras dimensões. Muitas dessas ocorrências são frequentemente consideradas sonhos delirantes, porque não há maneira de compará-las com acontecimentos físicos. Esses eventos nunca aconteceram em termos físicos.

(Muito inquieta, esfregando fortemente os olhos.)

Agora ouve com atenção por um momento. É possível, na forma dois, projetar-te para um acontecimento futuro (olhos agora abertos, fixos e muito escuros) no qual estarás envolvido e, através de um ato que realizes na projeção, alterar o curso que esse futuro tomará. (Sorriso.)

Tal ação pareceria, portanto, acontecer duas vezes — uma no teu presente e outra no teu futuro, percebes. Mas, no futuro *(sorriso),* serias tu o que veria o seu curso alterado por esse eu viajante vindo do passado.

(Olhos continuamente abertos. Entoação muito enfática, com muitos gestos.)

Tomemos um exemplo. Dormes. Enquanto dormes, projetas-te no ano de 1972. Aí vês-te a ti mesmo a considerar vários rumos de ação. Por um momento, tens consciência de uma sensação de dualidade ao observares este teu eu mais velho. Dizes-lhe que deve fazer isto ou aquilo, dás uma decisão concreta, percebes. Isto pode acontecer de várias maneiras. Abordaremos este tipo de coisa mais profundamente noutra sessão.

(Olhos abertos.) Em qualquer caso, esse teu eu futuro escuta o que dizes. Agora, no futuro real, és o eu que, de uma forma ou de outra, percebes, ouve a voz do seu eu passado. (A Jane inclina-se para a frente, batendo na mesa para dar ênfase, olhos muito abertos.) Talvez num sonho, ou talvez numa projeção feita para o passado.

Antes da pausa, deixo-te com algumas perguntas. (Sorriso, acendendo um cigarro.) Havia algo que o teu eu futuro tinha esquecido? Terá o eu

futuro pedido informação, e esse pedido levou o eu presente, percebes, a fazer uma projeção real e legítima para o futuro?

Agora podes fazer uma pausa. Tenciono responder à tua pergunta, a propósito, quando chegarmos a esse ponto.

(Pausa às 21:57. A Jane estava bem dissociada. O ritmo fora médio, mas o tom muito enfático. Tinha sorrido frequentemente e feito muitos gestos. Os olhos permaneceram abertos durante parágrafos inteiros. Disse não ter estado consciente de nada além do material.)

(Era agora a altura da 66.ª experiência do Dr. Instream. A Jane sentou-se com uma mão levantada aos olhos fechados. Retomou às 22:04.)

Dá-nos um momento, por favor, para o nosso material do Instream.

Uma régua de cálculo. Tenho a impressão de uma sala de aula grande, com muitas janelas num dos lados da sala... (Pausa longa.) Voltadas para oeste, as janelas voltadas para oeste.

Talvez duas janelas também no lado sul; embora não tenha a certeza de que sejam janelas no lado sul, mas formas de janela, em qualquer caso. As outras são janelas. Não há edifício imediatamente fora delas, mas relva e rua, ou um pátio.

Acredito que o Dr. Instream esteve aqui pouco antes do crepúsculo desta noite. A certa altura, com cinco pessoas em particular, a falar com elas. Noutro momento havia mais pessoas na sala, uma pequena multidão. Creio que a hipnose foi o tema da conversa. A régua de cálculo pode ter sido usada de alguma forma numa demonstração.

Algo sobre uma secretária. Um pequeno círculo de vidro numa base plana. Talvez um pisa-papéis, não sei. O orador manuseava-o frequentemente. Tem o tamanho da palma da mão, isto é, a palma cobre facilmente o círculo de vidro.

O objeto parece ser uma conta, ou algo semelhante a uma conta. Muito mais pequeno do que o outro objeto, e redondo. Pode ser de metal.

Tens um envelope para mim?

("Sim."

Às 22:13, a Jane pegou no envelope da nossa 57.ª experiência sem abrir os olhos. Segurou-o na testa, com o eixo comprido na horizontal, como quase sempre faz. Esta posição é bastante importante para os resultados da experiência, como será mostrado. A Jane lembra-se de ter segurado o envelope desta forma, e eu observei-a fazê-lo.)

Dá-nos um momento, por favor.

De novo, tenho a impressão de algo redondo — talvez oval. Bastante grande, no centro de um objeto quadrado ou retangular.

Também algo no centro do oval. (A Jane baixou o envelope para o colo com a mão esquerda, mantendo, no entanto, a outra mão sobre os olhos fechados.) Duas linhas horizontais, bastante afastadas uma da outra.

Uma pequena forma de estrela, talvez no canto inferior direito, segurando o objeto desta forma.

(A Jane gesticulou com o envelope, que agora segurava com as dimensões menores paralelas ao chão. Tomei nota dessa posição e observei atentamente para ver se a mudava à medida que a experiência prosseguia.)

Uma ligação com 1961.

Amarelo e vermelho. Uma árvore alta, excecionalmente alta, creio. O Ruburt pensa aqui na mãe, Marie. Mencionemo-lo apenas.

Uma ligação com o mês de fevereiro. Uma iniciação. Algo na parte de trás ou no interior do objeto. Terá o objeto aberto em algum momento?

A impressão de escrita contínua. Uma ligação com uma nota, creio eu, ou um cartão que se abria, com escrita ou texto numa página interior. Laranja. O laranja parece estar ligado também ao preto, ou a uma cor escura, talvez como letras escuras.

A impressão de uma ligação com a água. Com algo que começa por M, e algo que começa por G, e com quatro objetos.

Tens perguntas?

("Podes dizer algo mais sobre essas duas linhas horizontais?")

Tenho a impressão de duas linhas horizontais escuras, uma mais próxima do topo e outra mais próxima da parte inferior. (A Jane voltou a gesticular com o envelope. Mantinha-o na mesma posição observada antes, com as dimensões pequenas paralelas ao chão. Não tinha mudado a posição, por exemplo, rodando-o distraidamente.) Ambas no interior, mas apenas uma forma oval. Segurando o objeto desta forma. (O mesmo gesto novamente.) Agora sugiro que faças uma pausa, a menos que tenhas mais perguntas.

("Então tenta nomear o objeto.")

(Pausa.) Tenho a impressão, segurando o objeto desta forma (novamente o mesmo gesto), de um objeto retangular, um cartão ligado a uma imagem, e fortemente ligado a algo que se abria, como uma carta que se abre para outra página.

Também uma ligação vaga com a palavra "mestre". "Lista mestre", não sei. Sugiro que faças uma pausa.

(Pausa às 22:25. A Jane disse que estava completamente "fora". Muito fora, disse ela, não consciente de nada além dos dados e da ligação com a mãe, Marie. Os olhos permaneceram fechados durante ambas as experiências, o ritmo foi bom.

(A Jane costuma ficar sentada calmamente alguns momentos após sair do transe, até estar completamente orientada. Isto deu-me tempo suficiente para confirmar que segurava o envelope na mesma posição em relação ao chão. Chamei-lhe a atenção para isso, e marquei o envelope exterior com a palavra "topo". A seguir marquei o envelope interior da

mesma forma, depois as duas folhas de Bristol também, enquanto a Jane observava. As duas folhas da poinsétia (Planta designada por Estrela de Natal) estavam colocadas entre os Bristol. Nota-se a marca "topo" a lápis no verso do objeto, como indicado no decalque da página 189.

(A Jane teve uma imagem que será mencionada no lugar devido. Conseguimos estabelecer bastantes ligações, e o Seth ajudou-nos com uma depois da pausa. A sessão estava agora terminada para todos os efeitos práticos. Como o objeto não tinha origem connosco, não conseguimos fazer algumas ligações que supusemos provavelmente válidas. A história da planta de poinsétia de onde vieram as folhas usadas como objetos será revelada em parte à medida que interpretarmos os dados.)

("De novo, tenho a impressão de algo redondo — talvez mais oval. Bastante grande, no centro de um objeto quadrado ou retangular." Como foi mencionado, a Jane segurava o envelope contra a testa, com o eixo comprido paralelo ao chão. Independentemente de qual das margens compridas estivesse voltada para cima, isto colocava a folha maior de poinsétia no centro do cartão, no que toca às margens curtas. Mesmo assim, a folha maior ficaria ligeiramente fora do centro, ou acima ou abaixo, quanto às margens compridas. Eu esperava que o Seth mencionasse dois objetos, mas ele não o fez.

(O Seth passa de "redondo" para "oval", o que é mais específico no que se refere à folha, e de "quadrado" para "retangular", o que é mais específico quanto ao formato da folha de Bristol à qual colei ambos os objetos. A maior das duas folhas é realmente grande em relação ao tamanho total da folha de Bristol.)

("Também algo no centro do oval." Evidentemente o Seth capta aqui o padrão de espinha de peixe formado pelas nervuras e caules de um ou de ambos os objetos, conforme os dados seguintes se desenvolvem.)

("Duas linhas horizontais, bastante afastadas entre si." Dado que a Jane segurava o envelope na testa na posição acima descrita, pode ver-se que as "espinhas" das duas folhas, coladas no Bristol, ficariam aproximadamente na horizontal em relação ao chão e, portanto, à sua perceção. Isto, claro, se o Seth fornece esses dados segundo os nossos termos nestes casos. Perguntámo-nos se por "horizontal" o Seth, ou a Jane, poderiam querer dizer "paralelas", já que as folhas estão bastante paralelas uma à outra no Bristol. O uso da palavra "separadas" por parte do Seth é o mais próximo que ele chegou de indicar dois objetos.)

("Uma pequena forma de estrela, talvez no canto inferior direito, segurando o objeto desta maneira." Nesta altura, a Jane tinha já baixado o envelope para o colo enquanto dava o dado, e segurava-o com uma das margens curtas voltada para cima, conforme explicado. Ver a minha indicação disso através da palavra "topo" no verso do decalque na página 189. Determinei isto conforme explicado mais abaixo, na página 193. Com

o objeto segurado nesta posição, pode ver-se que a menor das duas folhas de poinsétia ficaria no canto inferior direito ou no canto inferior esquerdo, dependendo de se a folha de Bristol com as folhas coladas estivesse voltada para a Jane ou de costas para ela. O Seth usa a palavra "talvez" aqui, pelo que pode não ter tido certeza, ou a Jane ter estado um pouco insegura. Ele menciona, contudo, o canto direito. Consideramos a referência à "forma de estrela" uma boa correspondência com o padrão interno da folha. Este tipo de padrão em linhas radiantes é um que a Jane utiliza nas suas pinturas, e que em experiências anteriores já foi interpretado como "forma solar", "forma de estrela", etc.)

("Uma ligação com 1961." A planta de onde foram retiradas as duas folhas pertencia antigamente à nossa vizinha no prédio, a senhorita Callahan, uma professora reformada. A Jane viu-a pela primeira vez no apartamento da senhorita Callahan no Natal de 1964, quando esta a recebeu como prenda de Natal. A Jane associou imediatamente a poinsétia a 1961. Nesse ano, pouco depois de nos termos mudado para Elmira, uma amiga com quem a Jane trabalhava numa galeria de arte ofereceu-lhe duas plantas de poinsétia, que tivemos durante vários anos. É fácil recordar, porque essas duas plantas de 1961 são as únicas outras poinsétias que alguma vez tivemos. Nunca comprámos uma poinsétia, nem para nós nem como oferta; as duas plantas de 1961 e a planta que forneceu as folhas de hoje são as únicas três poinsétias com as quais estivemos envolvidos. As plantas de 1961 foram ofertas diretas. A terceira planta encontrei-a no alpendre das traseiras do prédio, no inverno passado, onde tinha sido deitada fora pela senhorita Callahan. Mais sobre isto adiante.)

("Amarelo e vermelho." A planta que adquiri em segunda mão através da senhorita Callahan é a única poinsétia que temos. As duas plantas de 1961 morreram há alguns anos. Curiosamente, nenhuma das três plantas chegou a florescer connosco. As flores da poinsétia são, naturalmente, de folhas vermelhas, com centros amarelo-vivos; pintei poinsétias muitas vezes no meu trabalho, para desenhos de cartões de felicitações. Curiosamente, a Jane costumava ver a nossa planta atual em flor no apartamento da senhorita Callahan, antes de esta se desfazer dela.)

("Uma árvore alta, excecionalmente alta, creio." A planta que agora temos, da qual foram tiradas as folhas usadas como objetos, é, segundo nos disseram, bastante antiga e alta para uma poinsétia. Muitas pessoas comentaram isso. A planta tem cerca de noventa centímetros de altura; isto pode ter dado origem ao dado de "alta" mencionado pelo Seth. Os caules adquiriram uma textura lenhosa e castanha. Além disso, no dia em que retirei as folhas usadas como objetos, a planta estava no parapeito da janela da casa de banho. Esta é bastante alta; a planta no parapeito dava a ilusão de quase tocar o teto.)

("O Ruburt pensa aqui na mãe, Marie. Mencionemo-lo apenas." Não sabemos a origem deste dado. Uma associação de infância da Jane relacionada com poinsétias?)

("Uma ligação com o mês de fevereiro." Não sabemos. A princípio, a Jane e eu pensámos que poderia referir-se ao mês em que encontrei a poinsétia descartada no alpendre, no inverno passado. Era um dia extremamente frio e a planta começava a murchar quando a encontrei ao meio-dia. No entanto, ao refletirmos, percebemos que já tínhamos a planta connosco no Natal.)

("Uma iniciação." Não sabemos.)

("Algo na parte de trás ou no interior do objeto. Terá o objeto aberto em algum momento? A impressão de escrita contínua. Uma ligação com uma nota, creio, ou um cartão que se abria, com escrita ou texto numa página interior. Laranja. O laranja parece estar ligado também ao preto. Ou a uma cor escura. Talvez como letras escuras." Estas impressões surgiram juntas, e não conseguimos estabelecer ligações. O Seth parece insistir no tema da escrita ou de uma nota, por isso podem ser dados válidos. Como foi referido, a Jane viu a planta que forneceu os objetos desta noite como prenda de Natal no apartamento da senhorita Callahan, no Natal de 1964. A Jane considera possível que o Seth estivesse a referir-se à ideia de um bilhete dobrado ou cartão preso à planta quando a senhorita Callahan a recebeu como presente. No entanto, a Jane não se recorda de tal bilhete ou cartão quando a viu em 1964. Nem podemos confirmar com a senhorita Callahan, que sofreu uma considerável perda de memória devido a uma série de enfartes desde então.)

("A impressão de uma ligação com a água." Podem existir pelo menos duas. Como foi dito, hoje a planta que forneceu as folhas usadas como objetos estava no parapeito da janela da casa de banho. Devido à arquitetura desta divisão, isso coloca-a a menos de trinta centímetros do lavatório. Além disso, como tinha estado um dia muito quente, a Jane regou a planta novamente à hora do jantar — algo que normalmente não faz a essa hora do dia.)

("Com algo começado por M e algo começado por G." Não sabíamos, embora tenhamos especulado que as iniciais fossem uma distorção de "Miss Callahan" ou de "Merry Christmas", ambas ideias ligadas à origem da planta de poinsétia que forneceu as folhas usadas como objetos. O Seth esclarece isto depois da pausa.)

("E com quatro objetos." Não vimos ligações.)

(A minha primeira pergunta pediu ao Seth mais dados sobre as duas linhas horizontais. Ver página 194. "Tenho a impressão de duas linhas horizontais escuras, uma mais próxima do topo e outra mais próxima da parte inferior." [Jane gesticula.] Recordar-se-á que quando o Seth deu este dado pela primeira vez, a Jane segurava o envelope na testa com as

dimensões compridas paralelas ao chão. Como explicado, isto significava que as espinhas das duas folhas também estavam aproximadamente horizontais em relação ao chão e ao seu campo de visão. O Seth desenvolve um pouco mais aqui, embora a Jane agora estivesse sentada com o envelope no colo, com as dimensões curtas paralelas ao chão.

(Quando o envelope é segurado na posição horizontal, a espinha de uma das folhas fica acima da outra, ou seja, uma mais próxima do topo e a outra mais próxima da parte inferior. No entanto, não são escuras. Nas folhas de poinsétia, pelo menos, a espinha central é de um verde mais claro do que o resto da folha.)

(Mais dados decorrentes da primeira pergunta: "Ambas no interior, mas apenas uma forma oval. Segurando o objeto desta maneira." [Jane gesticula novamente, o envelope na mesma posição, margem curta para cima.] Disto inferimos que o Seth se refere às espinhas das folhas, e não aos caules; contudo, só menciona uma forma oval, no singular.)

(Eu perguntei então ao Seth para nomear o objeto: "Tenho a impressão, segurando o objeto desta maneira" [gesto da mesma forma que acima], "de um objeto retangular, um cartão ligado a uma imagem." Isto levou a Jane a ter uma imagem mental. Ela viu, disse, o formato retangular do Bristol ao qual eu tinha colado as duas folhas. Teve também a imagem de algo mais escuro no centro do retângulo e interpretou isso como uma imagem, em vez de algo real. Ao ver o objeto, a Jane percebeu que as partes escuras das folhas coincidiam com as zonas escuras que tinha visto mentalmente; contudo, a imagem não fora nítida o suficiente para ser reconhecida como folhas — percebera-a apenas como uma imagem genérica.)

(O Seth acrescentou mais em resposta à segunda pergunta: "e fortemente ligado a algo que se abria, como uma carta que se abre para outra página." Acreditamos que este dado é distinto do anterior. Mais uma vez, o Seth introduz o tema da escrita, já mencionado na página 196. Também aqui não conseguimos interpretações.)

("Também uma vaga ligação com a palavra 'mestre'. Lista mestre, não sei." Nem nós.)

(A Jane retomou brevemente às 22:47.)

Vamos encerrar a sessão.

Houve uma distorção visual. Devíamos ter tido M C, em vez de M G.

(O que nos deixa praticamente onde estávamos — Miss Callahan, Merry Christmas...?)

Os meus cumprimentos mais cordiais. Falaria convosco por mais tempo, mas o meu amigo Ruburt despediu-se de mim, e como sempre respeito os seus desejos.

("Boa noite, Seth."

(Fim às 22:48. A Jane disse que o Seth se sentia bem e poderia ter continuado indefinidamente.)

SESSÃO 263
29 DE MAIO DE 1966

(*Realizou-se uma sessão muito curta, não agendada, na noite de domingo, 29 de maio, depois de as visitas terem ido embora. A sessão não surgiu particularmente da conversa da noite; talvez mais de uma breve discussão que a Jane e eu tivemos quando finalmente ficámos sozinhos. A primeira parte da sessão é resumida, tendo as notas sido feitas imediatamente, às 23h28. O restante da sessão é textual, como indicado. A Jane começou por surgir como Seth sentada descontraidamente no sofá. Estávamos a pensar em voz alta se o grosso do material alguma vez seria publicado textualmente. O Seth surgiu para dizer, de modo bastante categórico, que o material seria publicado textualmente — não todo, literalmente, mas certas áreas extensas. Não deu data nem ano, etc., e eu não perguntei.*

(O Seth disse-nos que o livro de Seth, que está agora no editor da Jane, seria publicado, e que o seu livro de sonhos também. A Jane enviou o livro de sonhos a outro editor na semana passada. Após uma pausa, o Seth disse que o material textual também seria publicado, mas não deu qualquer pista de data.

(O Seth prosseguiu dizendo que a personalidade-ponte seria dispensada eventualmente, porque deixaria de ser necessária. Ver sessões 141–143.
Depois de receber o material acima, mudei-me para uma mesa para tomar notas. A Jane sentou-se à minha frente, com os olhos fechados parte do tempo, e retomou como Seth às 23h28.)

Vão sair-se muito bem financeiramente nos próximos anos — tão bem, de facto, que tu, José, sentir-te-ás compelido a vender as tuas pinturas para te manteres. Uma compulsão absurda, diga-se. (*Sorriso, olhos fechados.*)

Haverá novos desenvolvimentos nas nossas sessões e novas experiências com outros, como resultado do primeiro livro do Ruburt. Anota simplesmente isto: 5 e 7 e Tennessee, o 5 e o 7 como números de letras num nome. Agora, e um S e um G, e haverá sinais físicos para o querido Ruburt, quando chegar o momento de sinais físicos. Não vos vou reter.

(*"Está bem."*)

Um 4 e um 6, com um bloco pelo meio, o bloco dizendo respeito a um período de tempo. Mais uma vez, estou convosco mais vezes do que supõem, e estarei convosco esta noite quando sonharem.

(*"Vamos sonhar contigo?"*)

Podem não sonhar comigo, mas eu estarei nos vossos sonhos, percebem. Os meus votos mais calorosos para ambos. A rua em Boston tinha que ver com a palavra "bleak".

(*"Bleak? B-l-e-a-k?"*

A Jane acenou com a cabeça, de olhos fechados.)

(*Fim às 23h34. A Jane disse que estava muito bem dissociada. Os olhos tinham estado abertos cerca de metade do tempo. A menção de Boston ocorreu, supusemos, porque um pouco antes tínhamos falado do material de reencarnação em Boston que o Seth nos dera na 257.ª sessão.*)

SESSÃO 264

1 DE JUNHO DE 1966

(*A sessão prevista para segunda-feira, 30 de maio, não se realizou devido a indisposição minha. Esta noite pedi à Jane se o Seth comentaria o objeto do Instream que, normalmente, teria sido nomeado na segunda-feira. A Jane sabia que não estava planeada nenhuma experiência do envelope para a sessão.*

(O sonho e a experiência seguintes são retirados do caderno da Jane; dizem respeito aos resultados obtidos depois de ela deliberadamente se deitar das 8h às 9h30 da manhã de segunda-feira, 1 de junho, para tentar uma projeção. Ela escreveu o relato imediatamente ao levantar-se:)

(*Não tenho a certeza de alguns destes acontecimentos quanto à sequência, e também acredito que me esqueci de parte da experiência em si. Creio que também caí em sonhos ou sono inconsequentes depois do último acontecimento.*

(Vejo plantas que plantei há muito tempo; exuberantes e belas, e podem ser usadas para decoração ou replantadas. Penso que aqui tive um falso despertar e contei ao Rob sobre as belas plantas. Também pensei que eram simbólicas do trabalho investido nos meus livros. É possível que isto tenha sido precedido por um sonho de levitação.

(O falso despertar: conto ao Rob sobre as plantas, e talvez faça uma nota para registar o sonho. "Depois percebo que se trata de um falso despertar, e que devo ser capaz de projetar-me. Estou sentada na casa de banho quando percebo isto. Tento levitar ou projetar-me. Estico as pernas e os pés sentem-se estranhos: há uma sensação invulgar, uma espécie de deslocação. Depois projeto-me mesmo. Há uma experiência de ver muitos espelhos, através dos quais viajo. Os espelhos não são sólidos. Sensação de movimento, e as cenas dos espelhos também se movem."

(Estava numa paisagem com duas mulheres. Éramos líderes de algum tipo. Correndo pelas colinas, salto do chão para um patamar alto. Não fico satisfeita com o salto, por isso desloco-me "para trás pelo ar" até ao meu

ponto original e refaço tudo. Depois tenho outro falso despertar em que conto ao Rob o sonho e a levitação.

(Depois estou numa casa dos nossos amigos Lydia e Atlee; muitas crianças e animais. "Falo com o Rob. Ele está numa divisão e eu num corredor. De repente vejo dois Robs: o duplo do Rob está noutra divisão, que também consigo ver do meu ponto de vista. Continuo a falar com o Rob e digo-lhe para ficar onde está. Depois confirmo, aproximando-me da outra divisão. Com efeito, consigo ver claramente os dois Robs. Ambos falam, por isso digo ao Rob para vir para o corredor para que ele veja o que eu vejo. Ele vem, e ambos os Robs veem-se um ao outro. Outros, ao ouvir-nos, também veem os dois Robs."

(Depois a Lizzie Roohan chama-me da casa ao lado e eu vou vê-la. Está mais nova do que me lembro; talvez nos cinquenta. Há um jardim cultivado fabuloso nas proximidades, talvez vários. Também talvez alguma dificuldade com vizinhos que não cuidavam do seu terreno.
Notas da Jane sobre o sonho: A separação real do corpo físico é a experiência mais vívida de toda a sequência — se separação foi o que foi. É a primeira vez que percebi claramente que tive um falso despertar e depois tentei conscientemente projetar-me a partir dele. Ao que tudo indica, consegui fazê-lo.

(*O sonho e a experiência seguintes são do meu caderno para a noite de terça-feira, 31 de maio:*

(*Em cor totalmente vívida. Um dos sonhos mais invulgares que já tive. Provavelmente há lacunas na minha recordação dele.*
Estava numa saliência estreita à noite, num lado de penhasco, com vários homens que eu conhecia bem no sonho mas não na vida desperta. Havia um fogo a arder num círculo de pedra aos nossos pés, e todos segurávamos varas compridas como cabos de vassoura. Deixei cair um fósforo aceso num cinzeiro cheio de lixo, que se incendiou; quando tentei apagar o fogo, percebi que não conseguia.

(Depois estava a ver o fogo espalhar-se na lareira de pedra. Tentando novamente apagá-lo, mexi-lhe com a minha vara. Em vez disso, derrubei pedaços de chão do fundo do círculo e pude olhar através do espaço para outros penhascos e trilhos lá muito em baixo. Ao mesmo tempo, os outros advertiam-me para parar de picar. Percebi então que a extremidade da nossa saliência estava agora sustentada apenas por uma coluna fina de pedra, mas não me senti alarmado com isso. A coluna de pedra parecia incandescente, ou quente.

(Depois estava numa viagem de férias nos trópicos. Creio que o mesmo grupo estava comigo. Tinha uns binóculos para observar outros nos trilhos. Havia aqui uma mulher no sonho, mas o papel dela está para além da minha recordação precisa.

(Agora, um dos meus amigos íntimos — não consigo recordar o nome, se é que alguma vez o soube — estava prestes a descer um dos trilhos de esqui. Estava muito preocupado com a sua segurança. O homem, com um uniforme verde, desceu um trilho e lançou-se pelo ar. Nessa altura, eu parecia estar numa cama, suspensa primeiro sobre os trilhos e depois numa divisão.

(O meu amigo era agora ou um homem em miniatura, ou estava muito longe; na realidade, tenho quase a certeza de que estava em tamanho miniatura. Vi-o aproximar-se para aterrar, minúsculo e verde e aparentemente fora de controlo. Esvoaçou junto da minha cama, deslizou pelo topo de um radiador coberto, embateu numa parede e caiu para cima de outro radiador num nível mais baixo. A aterragem foi muito violenta e eu clamei de aflição enquanto o meu amigo saltava e deslizava. Creio que tinha uns dez centímetros de altura, e vi os seus esquis torcerem-se um sobre o outro quando caiu.

(Fiquei tão preocupado com a segurança e o bem-estar do meu amigo que o apanhei nas mãos e segurei-o entre elas como uma criança segura uma mosca presa. Depois senti o meu pequeno amigo, que entretanto parecia estar ainda mais pequeno, a zumbir e a bater contra as palmas, a tentar sair.

(Agora estava numa cabana nos trópicos, novamente de noite, com o resto do grupo. Continuava a segurar o meu amigo verde dentro das mãos em concha. Senti-o a zumbir, muito vividamente, ainda a tentar escapar. Estávamos diante de uma mesa tosca de madeira que íamos usar como mesa de operações. Eu ia operar ou, de algum modo, fazê-lo voltar ao tamanho normal. Não vi instrumentos. A cabana era iluminada por lanternas de querosene incandescentes, ou algum tipo de luz amarelada assim. Penso que era bastante suja.

(Depois vi que alguém deixara a porta da cabana aberta e que tudo — as paredes, o teto, a porta aberta, etc. — estava coberto por enxames de insetos de vários tipos e cores, todos a rastejar e a voar. Isto deixou-me muito zangado, pois, enquanto sentia o meu amigo a zumbir dentro das mãos, perguntei-me como iria reconhecê-lo entre quaisquer outros insetos assim que o libertasse para o poder ajudar.

(*A Jane começou a falar com voz bastante calma e com bastantes pausas. Os olhos estavam fechados no início, mas ela fumava e eles começaram em breve a abrir-se frequentemente.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Primeiro, alguns comentários gerais. Estão ambos a aprender bastante depressa. A projeção do Ruburt a partir do estado de sonho, através de um falso despertar, foi de facto legítima. Ele não se deu nenhuma sugestão de antemão, mas as sugestões gerais que se tem dado foram-lhe muito úteis.

Contudo, o espelho é o espelho do vosso quarto. Ele projetou-se através desta matéria física sem perceber que o fez.

Agora, o teu próprio sonho, José, também envolveu projeção, mas com menos intenção por detrás, e com um pouco menos de controlo, embora em ambos os casos tenha havido muito pouco controlo. Aprenderão controlo à medida que avançam.

Da parte do Ruburt, tivemos uma manipulação definida da consciência, dirigida até certo ponto. Tu projetaste-te uma vez para o passado, e eu era um dos teus amigos. Este episódio foi o menos distorcido. Um episódio envolveu uma pequena projeção para o futuro e estava misturado com elementos de sonho comuns. Isto dizia respeito ao episódio da operação.

O episódio em miniatura é extremamente interessante e algo complicado de explicar. (*Pausa.*) Dá-nos um momento aqui. (*Pausa, olhos fechados.*)

Antes de mais, o episódio envolveu um período de transição, para te levar à situação da operação. O meio escolhido por ti originalmente era algo diferente. Tencionavas projetar-te para dentro de um dos pequenos insetos na divisão, percebes, mas não o conseguiste fazer.

O medo original pelo teu amigo era um medo simpático por um Paciente que ia ser operado. O paciente em particular tinha arrepios; daí a tua interpretação do episódio de esqui e da neve.

Houve, no entanto, uma projeção definida para a cabana do curandeiro psíquico. Eu também estive envolvido aqui, de forma bem-disposta, esperando ajudar-te.

Vamos saltar um pouco aqui. As plantas no sonho do Ruburt representavam os livros em que ele trabalhou e está a trabalhar. A projeção foi bastante legítima. O episódio com a Lydia continha muitos elementos de sonho comuns. Tu estiveste de facto presente (*sorriso*), com o Ruburt, em algumas das viagens dele, mas esqueceste-te.

O Ruburt viu dois de ti. Viu a tua forma número dois, como descrito antes, na qual também estavas a viajar, percebes. (*Ver a 262.ª sessão.*) A outra era a forma onírica que o Ruburt criou de ti, criada por ele próprio no estado de sonho. Quando T-U apareceste na forma dois, ele estava consciente o suficiente, percebes, para reconhecer a tua chegada e então apontar-te a imagem de sonho que já tinha criado. E tu foste capaz de a ver por causa do teu próprio estado.

Agora, quando o Ruburt sonha que discutiu um sonho contigo, na maioria dos casos fê-lo de facto. Ambos conversaram muito naturalmente nas formas número dois. Com treino suficiente, essas conversas podem ficar registadas nos sonhos de ambos. A quantidade de trabalho necessária é literalmente espantosa, mas digo-vos que ambos conseguem fazê-lo; e

podem generalizar, através do vosso trabalho, um conhecimento do verdadeiro potencial do estado de sonho.

Ambos progrediram, particularmente, percebes, porque não têm o ego com que contender como adversário. A busca tornou-se parte da vossa preocupação egotista. Portanto, funcionará a vosso favor.

(*Pausa longa. Olhos abertos, depois fechados. A fumar.*)

Bem. O pequeno amigo é algo difícil de explicar na tua experiência. A cor verde também é divertida. Tu eras o amigo, percebes —

(*"Pensei nisso."*)

— querias projetar-te como um inseto verde. A ideia era demasiado alienígena, e dividiste a tua consciência de modo a observares o pequeno homem de verde. Faremos uma pausa e continuaremos.

(*Pausa às 21h27. A Jane estava dissociada como de costume, os olhos abrindo-se frequentemente, o ritmo regular.*

(Tive o meu sonho na noite de terça-feira, 31 de maio, e escrevi o relato na manhã seguinte antes de ir trabalhar. Não é o relato completo reproduzido nesta sessão, mas um resumo com os pontos principais do sonho.

(Na quarta-feira, por volta do meio-dia, a Jane comprou o número de julho da revista Fate. Contém um artigo longo sobre um cirurgião psíquico filipino que será trazido para este país no próximo outono, quando operará pacientes com cirurgiões e outros como testemunhas. O artigo detalha os cientistas que observaram o cirurgião psíquico a operar em sua casa, nas Filipinas, e descreve a casa do cirurgião e a "sala de operações", que não passa de uma cabana com uma mesa tosca de ripas de madeira. Embora o ambiente do cirurgião não seja sanitário, não foi rastreado nenhum caso de infeção a ele.

(Notei a semelhança entre a última parte do meu sonho, em que eu iria operar sem instrumentos numa cabana tropical, em condições pouco limpas e com insetos, etc., e a descrição das instalações do cirurgião psíquico, e o facto de a sua cabana ficar nos trópicos. Expliquei isto à Jane durante a pausa e esperei que o Seth comentasse se havia elementos clarividentes no sonho.

(Na terça-feira, antes do sonho, lembro-me de ter pensado casualmente na revista Fate, e que talvez tivesse saído um novo número. O pensamento foi bastante breve e sem ênfase. Não sei quando a revista sai, embora suponha que seja no primeiro dia do mês ou por aí. Não mencionei o meu pensamento à Jane. Estava sozinho quando o tive; por isso, fiquei um pouco surpreendido ao ver que ela comprou a revista no dia seguinte, quarta-feira, mas a surpresa não se ligou ao facto de eu me recordar do sonho. Até reler as minhas notas na quarta-feira à noite eu tinha-me esquecido do sonho.

(A Jane retomou às 21h32.)

Esta será uma sessão curta.

Ora bem. Viste clarividentemente o artigo na revista Fate. As tuas várias queixas esta semana estavam ligadas à pintura do Ruburt e à limpeza da casa. A ligação com a limpeza da casa creio que compreendes.

(*"Sim." Através do pêndulo.*)

A ligação com a pintura não é difícil. Sentiste-te culpado porque não te ofereceste para ajudar a pintar a casa dos teus pais, por dentro ou por fora, embora a tua mãe tenha deixado cair frequentes e pesadas indiretas. Ambos esses sentimentos foram ativados por causa das atividades do Ruburt.

(*Pausa.*)

As aftas devem desaparecer e não te causar dificuldades. (*A Jane acendeu um cigarro, os olhos abertos e muito escuros.*) Estão ligadas aqui também. Acreditas que são resultado de infeção causada por falta de limpeza, percebes. (*Sorriso.*) Compreendes esta ligação?

(*"Sim."*)

Todo o episódio, porém, uma vez ocorrido, foi muito bem gerido por ti. (*Pausa.*) Dá-nos um momento.

(*A Jane voltou a fazer uma pausa às 21h37. Os olhos estavam fechados, e assim permaneceram, apesar de ela fumar enquanto dava o material do Dr. Instream. A cabeça estava baixa e ela sentava-se com uma mão erguida à cabeça. Esta é a 67.ª experiência do Dr. Instream.*)

Agora, para o Dr. Instream. Segunda-feira. O objeto era composto por quatro quadrados. Ou era transparente, parecia-o ser, ou estava ligado a algo transparente. Pode ter havido uma pequena série de números em cada um dos quatro quadrados — vários números, talvez. (*Este material refere-se a segunda-feira, 30 de maio.*)

O objeto em si tinha algo a ver com uma caixa, ou forma de caixa, que era um contentor. Várias cores vivas, e algumas baças.

(*Pausa às 21h39. Esta é a 68.ª experiência do Dr. Instream.*)

O objeto desta noite tem formato de seta ou espada, mas mais pequeno, e parece ser ou baço, ou afiado de um lado e baço do outro, de uma cor dourada apagada, e com topo arredondado.

Agora, não ligado ao objeto, tenho a impressão de uma vista cinzenta, e talvez as iniciais J P, ou B. Creio que P está correto. O número três, referindo-se a um dia ou a um mês em ligação com as iniciais, e algo uma vintena de vezes.

Uma impressão separada agora… 1886, em ligação com um livro que ele pode estar a ler. (*Pausa.*)

Agora vou encerrar a sessão, ou, após uma pausa, podem continuar como entenderem.

(*"Faremos então a pausa."*)

(*Pausa às 21h44. A Jane estava "fora", como de costume; os olhos tinham estado fechados, como indicado.*

O material do Seth na página 204 concordou com o que eu próprio averiguei usando o pêndulo, quer hoje quer mais cedo na semana. Eu não tinha dito à Jane que resultados ou respostas obtive através do pêndulo. A Jane retomou às 21h57.)

É importante para o vosso treino e desenvolvimento que a consciência seja levada para o estado de sonho. A projeção é uma ocorrência normal em condições de sonho. Contudo, para o desenvolvimento adicional da consciência e da identidade, o chamado Eu desperto pode ser de grande benefício. Aprenderão a manipular e a controlar vários níveis de consciência, e o hábito transpor-se-á para outros aspetos da realidade. Com desenvolvimento continuado, serão capazes de marcar encontros e transmitir informação no estado de sonho, e terão os vossos registos para o comprovar.

O truque está em alcançar o equilíbrio adequado. Como o Ruburt descobriu, pode-se tentar demais levar a consciência de vigília para o estado de sonho, de modo que simplesmente não se consegue dormir com tanta facilidade. A tentativa e erro mostrará o equilíbrio adequado, e cada tentativa bem-sucedida dá-vos experiência e controlo acrescidos.
Mais tarde, as próprias experiências, dentro de um sonho, dar-vos-ão sinais sobre que forma estão a usar, para que saibam o que é possível nessas condições particulares.

Se quiserem registar qualquer experiência na sua forma mais clara, então devem treinar-se para acordar imediatamente depois. Caso contrário, sonhos comuns posteriores serão lembrados incorretamente como fazendo parte da experiência de projeção.

Agora vou terminar a sessão, para te dar algum pequeno alívio na datilografia. Voltarei a ver, de novo, esta noite, se conseguimos todos encontrar-nos nas vossas experiências. Veremos se te lembras. Manteremos o encontro quer te lembres, quer não. Agora. Estou preparado para falar; porém achei que vos faria bem um pequeno descanso.

(*"Suponho que sim."*)

Os meus cumprimentos mais cordiais para ambos.

(*"Boa noite, Seth."*

(Fim às 22h07. A Jane estava "fora", como de costume, disse ela. Os olhos tinham-se aberto com alguma frequência, o ritmo fora médio, e ela fumara.
É sexta-feira à noite enquanto escrevo; os nossos registos de sonhos desde quarta-feira não indicam se a Jane ou eu nos lembrámos de nos termos encontrado um com o outro ou com o Seth, ou se todos nos encontrámos juntos.)

SESSÃO 265
6 DE JUNHO DE 1966

(*A 58.ª experiência do envelope realizou-se esta noite. O objeto era uma fotografia Polaroid a cores desvanecidas. A fotografia foi tirada por Don Wilbur a 4 de abril de 1966, como indicado no verso. O Don e a esposa, Marilyn, deviam assistir à 248.ª sessão a 4 de abril, mas desenvolvimentos de última hora impediram-nos. O Don deixou comigo o envelope selado que preparara para a sessão; guardei-o até os Wilbur poderem assistir a uma sessão. A foto é de um gato decorativo de jardim, com um brilho vidrado, e foi feita pela Marilyn.*

(Eu não conhecia o conteúdo do envelope, nem, obviamente, a Jane. Ela tinha visto o Don entregar-me o envelope a 4 de abril, mas como nenhum de nós o mencionou desde então, eu esperava que ela se tivesse esquecido. Depois da sessão de hoje, a Jane confirmou que se tinha esquecido de que eu tinha o envelope. Mesmo quando os Wilbur chegaram para a sessão de hoje, a Jane não se lembrou dele.

(Por coincidência, o Don selou o objeto num envelope do mesmo tamanho dos que uso nas experiências. Não usou envelopes duplos, mas conseguiu o mesmo efeito ao embrulhar primeiro o objeto em papel branco opaco, de forma relativamente solta; isto também obliterou quaisquer arestas duras que pudessem dar pistas sensoriais. O Seth, no entanto, descarta quaisquer possíveis dados obtidos por apalpar, etc.

(A Ann Diebler também assistiu à sessão, perfazendo um total de três testemunhas. Os três já tinham ouvido o Seth falar antes em algumas ocasiões informais; esta foi a sua primeira sessão regular. Todos leram parte do material.

(Era uma noite quente e abafada, e as janelas estavam abertas. A noite parecia especialmente ruidosa, e a Jane começou a falar logo de início com uma voz mais forte. Os olhos estavam fechados, o ritmo bom desde o começo.)

Boa noite —

(*"Boa noite, Seth."*)

— e, claro, sejam bem-vindos, amigos.

Esta noite ocupar-nos-emos principalmente do material de que temos estado a falar. Havia, no entanto, algumas perguntas que tinhas em mente, e esforçar-me-ei por respondê-las.

Preocupa-me particularmente, percebem, esta questão da projeção, simplesmente porque as vossas próprias capacidades vos conduzirão com relativa rapidez nessa direção. Portanto, qualquer informação que vos possa dar será de grande utilidade prática. Não quero nenhum de vocês a viajar por aí sem saber o que está a fazer.

Especificamente, queria mencionar a questão das fabricações subconscientes. Agora. Sobretudo no início, irão deparar-se com elas; devem lembrar-se de que andam a vaguear por dimensões completamente diferentes, e as regras com que estão familiarizados simplesmente não se aplicam lá.

José, deixo ao teu critério abrandar-me quando for necessário.

(*"Até agora está bem." A Jane falava bastante depressa.*)

Vocês estão todos familiarizados com as fabricações subconscientes tal como existem no estado de pesadelo. Ora, por vezes, quando se projetam a partir de um ponto de sonho, irão encontrar tais imagens subconscientes. Os vossos padrões comuns de realidade nada significam quando deixam o sistema físico; por conseguinte, irão encontrar, talvez simultaneamente, imagens formadas subconscientemente; imagens perfeitamente válidas que pertencem a outra dimensão; construções criadas por outros dentro de outro sistema; e, para terem qualquer controlo, têm de aprender a distinguir umas das outras.

(*Sorriso, olhos fechados.*)

Vejam, até eu consigo perceber que os nossos convidados não são fabricações subconscientes, e ficar-me-ia muito agradado se me concedessem o mesmo privilégio. Terão controlo, percebem, sobre as vossas próprias imagens subconscientes se as reconhecerem como construções vossas.

Sem tal reconhecimento, porém, um encontro pode ser desagradável. Têm pouco controlo — e eu estou a falar aqui, durante toda a noite, de projeções e das suas circunstâncias — terão pouco controlo sobre as construções de outros. Se, por exemplo, durante viagens projetivas encontrarem uma imagem perturbadora, devem primeiro querer que ela desapareça. Se for uma fabricação subconsciente, desaparecerá; mas se não quiserem que desapareça, permanecerá, e então terão de lidar com ela como uma realidade.

De modo algo semelhante, um pesadelo seguirá o seu curso e conduzir-vos-á ao terror, a menos que percebam que o pesadelo é autogerado. Nesse caso, desaparecerá.

Não posso sublinhar demasiado o facto de que os padrões comuns pelos quais julgam a realidade aqui não se aplicam. E tu, José, tens de aprender as novas regras. A nossa pequena amiga no canto (*a Jane apontou para a Ann Diebler*) tem de aprender as novas regras. Agora. Cada imagem que encontrarem, e cada experiência, variará dentro da sua própria moldura. E não se esqueçam de que as experiências com que se depararem terão um efeito sobre a vossa própria personalidade, tão vívido ou mais vívido do que o efeito de qualquer experiência em vigília.

Explorámos as várias formas em que podem viajar. Também vos disse que a forma em que se encontram pode ser uma pista para vocês. Se a

vossa experiência de levitação vos parecer levar para fora do vosso sistema solar, então sabem que estão a usar a terceira forma, e que as vossas capacidades, por agora, são quase ilimitadas, por comparação.

Qualquer imagem que vejam, em qualquer caso, deve ser aceite. Agora. Falando fisicamente, não adianta chamar a tais imagens alucinações, pois não são mais alucinações do que a cadeira em que o meu amigo Ruburt está agora sentado.

(*Olhos abertos, a sorrir, muito enfático com gestos.*)

O Ruburt disse a um dos vossos amigos para respeitar a realidade física. Quer o automóvel seja ou não uma alucinação sensorial, pode matar-te, disse ele. E eu digo-vos: quer estas imagens sejam ou não alucinações, podem ser perigosas, e devem respeitar a realidade em que elas existem.

(*Para mim:*) O teu braço está cansado?

(*"Não."*)

Então, quero ter a certeza de que percebes que algumas dessas construções com que te irás deparar pertencerão a outro sistema. Não serão construções tuas. Estás seguro enquanto não te intrometeres. Podes explorar, e livremente, e é tudo.

Vamos tomar um exemplo muito simples, uma projeção imaginária, e explicar os passos à medida que acontecerem, mais ou menos.

(*Ouviu-se uma pancada forte na porta do corredor, mas a Jane continuou.*)

Primeiro, porém, antes de começarmos, deixo-vos fazer a vossa primeira pausa.

(*Pausa às 21:22. A pancada repetiu-se, forte. Eu não reparei, ocupado a escrever, mas o Don Wilbur disse que a primeira pancada abanou mesmo a Jane para fora do transe, ou pelo menos das fases mais profundas, embora ela continuasse a falar. Mais tarde a Jane disse-me que tinha estado muito bem dissociada. O ritmo foi rápido, os olhos abriram-se muitas vezes, e ela usou muitos gestos e muita ênfase. A Jane disse depois que a interrupção lhe fora um choque. Ficou surpreendida, já que interrupções não a têm incomodado nos últimos meses. Os nossos visitantes não sabiam das sessões. Se ouviram a voz bastante forte do Seth através da porta — estava bem audível, disso estávamos certos — não o deram a entender. Os visitantes saíram às 22:04. Usámos o tempo, entretanto como pausa, e a Jane retomou do mesmo modo ativo às 22:05.*)

Agora. Diremos que tentas uma projeção a partir de um estado de transe leve. Muito do que leste no livro do senhor Fox é bastante válido.

(*Astral Projection, de Oliver Fox. University Books.*)

Alguns dos efeitos, porém, de que ele fala, resultam da sua própria constituição psicológica. Podes evitar as sensações desagradáveis que ele descreveu se tiveres isto em mente.

(*Falámos disto à hora do jantar. A Jane notara uma grande semelhança entre alguns dos efeitos descritos por Oliver Fox e aqueles que ela própria experienciara ao fazer "tempo psicológico", há já dois anos.*)

Caso contrário, percebes, esperarás por eles, e acontecerão por essa razão. O método que ele indicou é bastante suficiente no que toca às fases iniciais. No entanto, há muito mais envolvido no que ele chama de projeção pela "porta pineal".

Estas são as minhas instruções. Podes considerar isto a tua primeira lição. Avançaremos por etapas fáceis, porque não queremos deixar-te "entre o céu e a terra". Podes induzir um transe médio por qualquer método que escolhas. Por vezes isso será espontâneo, como sabes. Para melhores resultados no início, é bom tentar a projeção quando já te sentes fisicamente sonolento, mas agradavelmente. Quando tiveres induzido o estado de transe, começa então a examinar os teus próprios sentimentos subjetivos até encontrares o reconhecimento do eu interior.

Isto envolve o reconhecimento de ti mesmo como distinto das fibras carnais em que resides. Depois começa a imaginar esse eu interior a erguer-se para cima. Deverás experimentar, mesmo aqui, uma sensação interna de movimento. Esse movimento pode ser de um lado para o outro, enquanto te soltas suavemente, por assim dizer.

Pode ser um ímpeto ascendente. Seja qual for o movimento que experiencies, haverá um momento em que sentirás a ti mesmo, a tua identidade e consciência, a retirarem-se claramente do organismo físico. Antes de tentares a projeção, porém, deve ser dada a sugestão de que o organismo físico ficará bem protegido e confortável. Agora, quando sentires a consciência a retirar-se, há duas coisas que podes fazer. Sugiro o primeiro passo que te darei, de preferência ao segundo.

O primeiro passo é este. Esquece o corpo físico, ou o que fazer com ele. Projeta-te para fora num movimento rápido, por ato de vontade. Não há necessidade de experienciares as alucinações de voz mencionadas pelo autor, Fox. Se a projeção tiver êxito, perderás de imediato o contacto consciente com o corpo físico. Simplesmente não estarás dentro dele.

Ora, a tua consciência não estará dentro dele, mas está longe de estar inerte. A sua manutenção é controlada pela consciência das células e órgãos individuais de que já falámos. Dar-te-ei métodos alternativos de projeção, mas agora preocupa-me o que podes esperar nos poucos momentos após deixares o corpo físico.

Agora, vou dar-te uma pequena pausa para nos vermos livres dos "gatinhos". (*Os nossos gatos brincavam ruidosamente aos pés da Jane.*) Depois daremos, brevemente, o material do Instream e, talvez também brevemente, qualquer material de envelope que possam ter para mim. Seguidamente regressaremos ao material de que temos estado a falar, porque dele precisarás em breve.

(*Pausa às 22:22. A Jane estava "fora", como de costume, disse ela, e os gatos não a tinham incomodado particularmente. Nós pusemo-los no estúdio. O ritmo da Jane foi bom, a voz bastante forte, os olhos muitas vezes abertos. Não foi uma sessão sossegada. Além da interrupção, houve vizinhos ruidosos no piso de baixo, trânsito pesado, etc. A voz da Jane continuava boa quando retomou, a um ritmo mais lento, olhos fechados, ao dar o 69.º material do Dr. Instream. 22:31*.)

Dêem-nos um momento, por favor, para o nosso material do Instream. Estas são impressões. O objeto gira. Há quatro objetos que parecem estar ligados, quatro objetos verticais de madeira, semelhantes a postes, com uma barra horizontal aproximadamente a meio. Isto é, uma barra do outro lado.

Há uma haste de metal que liga essas duas barras horizontais. (*Pausa.*) A parte superior dos objetos verticais move-se. Os objetos assentam numa pequena plataforma de madeira com rodas. Temos um objeto que parece ser algo como um brinquedo de criança.

As iniciais S G parecem estar ligadas a ele. (*Pausa.*) E uma criança, do sexo masculino, com cerca de dois anos.

Há cinco eventos a que o Dr. Instream assistirá especificamente e para os quais está a planear. Dois deles terão lugar numa cidade diferente. O dia de um é 14 de julho. (*Pausa.*)

Têm um envelope para mim?

(*"Sim." A Jane fez uma pausa às 22:35. Sem abrir os olhos, pegou no envelope do Don Wilbur e pressionou-o por um momento contra a testa, antes de o baixar para o colo. Esta foi a nossa 58.ª experiência do envelope.*)

Dêem-nos um momento, por favor. (*Pausa, cabeça baixa.*) Estas são impressões. Quatro, mais um ou dois. Ligação com uma reunião. Cores verde e amarelo. A impressão de escadas ou degraus. (*Pausa.*) Algo a ascender desta forma, percebem.

(*Com os olhos ainda fechados, a Jane gesticulou amplamente com a mão e o braço. Indicou uma inclinação ou ângulo para cima de talvez 30 graus, talvez menos; em linha reta, e de forma bem definida.*)

Ligação com objetos altos e redondos. Também talvez com uma data de julho, e com objetos quadrados, em termos de desenho.

Alguma ligação distante com uma missão. Não sei a que isto se refere (*a Jane abanou a cabeça*) e com objetos em fila, ou uma série, talvez de números.

M e G, F e O. Algo a ver com o amanhã. Isto é, amanhã no que diz respeito ao objeto, ou a ver com o futuro, estando isto indicado no objeto. A impressão do quatro novamente, e a graduação, como algo que gradua em tamanho, talvez. Tens alguma pergunta?

(*"Como é que o amarelo e o verde estão ligados ao objeto?"*)

Talvez amarelo no centro de uma forma ligeiramente retangular, contornada a verde. Uma ligação visual, com objetos quadrados ou retangulares no centro de uma área maior, com conotações modernas como as de um desenho. Talvez ligado a linhas finas ou cordéis.

(*"A que se refere o M e o G?"*)

Não estão juntos, mas separados. Não são iniciais.

(*"Estão no próprio objeto?"*)

Referem-se a objetos sobre o objeto, ou fortemente ligados a ele.

(*"E quanto a F e O?"*)

(*Pausa.*) O F pode referir-se a uma pessoa. O 0, creio eu, é simplesmente uma forma, isto é, uma forma circular.

Se não tiveres mais perguntas, então podes fazer uma pausa e continuaremos dentro de momentos.

(*"Está bem."*)

Uma ligação distante aqui, de passagem, com um aniversário e o número sete.

(*Pausa às 10:45. Jane estivera dissociada como de costume, e os olhos permaneceram fechados durante ambas as experiências.*)

(*Seth fez alguns comentários sobre os dados do envelope após a pausa, mas os Wilbur e a Jane e eu já tínhamos então estabelecido as ligações com o objeto. Ver o traçado na página 206 e as notas na página 207.*)

(*"Quatro, mais um ou dois." No verso do objeto Marilyn Wilbur escrevera 4 de abril de 1966, bem como o nome que dera à sua escultura em cerâmica. Esta data é o dia em que o Don tirou a fotografia e no-la deu. Abril é o quarto mês; o número quatro também aparece; e o número 1 em 1966. Um 2 também aparece no número de série na aresta traseira direita do objeto. Não sabemos se Seth poderá ter-se referido a isto e, como eu também não sabia o que era o objeto, não pude fazer perguntas para ajudar a esclarecer.*)

(*"Ligação com uma reunião." Como foi dito, o Don tirou a fotografia para uso específico como objeto de envelope na 248.ª sessão, prevista para 4 de abril de 1966. A reunião projetada envolveria, assim, quatro pessoas; os Wilbur não puderam comparecer no último momento, mas o Don entregou o objeto pessoalmente a 4 de abril, pelo que houve uma reunião efetiva de três.*)

(*"Cores verde e amarelo." O Don tirou a fotografia do gato de cerâmica enquanto este estava sentado num muro de tijolo que cortava a relva, conforme indicado no traçado da página 206. Este rolo específico de filme Polaroid a cores fora exposto ao calor; o Don arriscou que ainda desse fotografias legíveis. Como ficou, a prova a cores utilizada como objeto tem um tom geral baço, acastanhado, embora as cores locais ainda sejam visíveis, embora atenuadas.*)

(*A relva imediatamente atrás do gato é de cor castanho-amarelo-claro, passando para um castanho-esverdeado mais escuro em redor das margens da foto. Ver o traçado.*)

(*"A impressão de escadas ou degraus. Algo que suba desta forma, percebes." Aqui a Jane gesticulou de modo afirmativo que algo se elevava no objeto talvez num ângulo de 30 graus, talvez menos. Esta é a minha estimativa. Não há degraus mostrados no objeto, mas o passeio de tijolo está em perspetiva e sobe talvez num ângulo de 20 graus da esquerda para a direita. Os tijolos separados do passeio, que não estão cimentados entre si, de passagem, poderiam talvez ter levado ao uso de escadas ou degraus.*)

(*Jane lamentou ter tido uma impressão enquanto dava os dados acima à qual não deu voz. Mais uma vez, muitas vezes fica ao seu critério falar uma impressão em voz alta, segui-la ou optar por ignorá-la. Ela não prosseguiu com esta. A palavra era "pedra".*)

(*O gesto da Jane, de passagem, foi um gesto de subida suave, tal como o passeio de tijolo sobe suavemente no objeto. Ela não indicou a construção angular de escadas, por exemplo.*)

(*"Ligação com objetos altos e redondos." Como se pode notar no traçado, o gato de cerâmica da Marilyn é composto por componentes redondos ou circulares. A cabeça do gato eleva-se especialmente alto à moda moderna.*)

(*"Também talvez com uma data de julho." A data no verso do objeto é 4 de abril de 1966. Mal a Jane viu isto disse que estava subjetivamente certa de que interpretara a data quatro como quatro de julho em vez de abril.*)

(*"e com objetos quadrados, em modo de design." Os tijolos na foto são retangulares, não quadrados. Como foi dito, não estão cimentados no lugar, mas dispostos de forma irregular; o padrão que formam é de um design agradável. O passeio fica em frente do atrelado em que os Wilbur habitam numa pequena cidade próxima.*)

(*"Alguma ligação distante com uma missão. Não sei a que isto se refere." Aqui a Jane abanou a cabeça ao dar os dados. Especulamos que missão aqui se refira à ida do Don ao nosso apartamento no passado dia 4 de abril, desde a sua residência fora da cidade, para nos dizer que ele e a mulher afinal não podiam comparecer à 248.ª sessão; nessa visita deu-nos o objeto utilizado esta noite.*)

(*"e com objetos numa fila, ou numa série, talvez de números." A data no objeto pode ser pensada como uma série de números; pensamos, porém, que aqui o Seth se refere ao número de série de seis dígitos no verso do objeto, ao longo da aresta direita: M507832.*)

(*"M e G", volta a levantar a questão de que significado atribuir a iniciais. O M pode referir-se a Marilyn, que fez o gato de cerâmica. A Marilyn disse que o G não se referia a nenhuma pessoa com essa inicial*

que ela conhecesse, em ligação com o objeto. Contudo, achou que poderia referir-se ao facto de o gato de cerâmica ter um certo tipo de vidrado de alto brilho cozido; este vidrado sendo feito de vidro.)

(*Seth ajuda aqui um pouco em resposta à minha segunda pergunta.*)

(*"F e O". Hesitámos em dar significados aqui e recebemos alguma ajuda do Seth em resposta à minha quarta pergunta.*)

(*"Algo a ver com o amanhã. Isto é, amanhã no que diz respeito ao objeto, ou a ver com o futuro, isto estando indicado no objeto." Quando os Wilbur descobriram que não podiam assistir como testemunhas à 248.ª sessão em 4 de abril de 1966, dia em que a foto usada como objeto esta noite foi tirada, guardei o objeto para uso futuro quando eles pudessem ser testemunhas, conforme explicado. Neste sentido, talvez se possa dizer que ao objeto foi atribuído um significado relacionado com o futuro. Mas não há nada no próprio objeto que o indique.*)

(*"A impressão do quatro novamente", refere-se, cremos, à primeira impressão, interpretada na página 212, e envolve a data de 4 de abril de 1966 no verso do objeto.*)

(*"e graduando, como algo que gradua em tamanho, talvez." Como o passeio de tijolo na foto foi fotografado em perspetiva, há uma graduação no tamanho dos tijolos. São maiores no canto inferior esquerdo do objeto, afunilando até à margem direita.*)

(*Como eu não sabia o que era o objeto, todas as minhas perguntas foram feitas às cegas, por assim dizer. A minha primeira perguntava de que modo o amarelo e o verde estavam ligados ao objeto. "Talvez amarelo no centro de uma forma ligeiramente retangular, delineada a verde." O objeto é retangular, mas mais do que ligeiramente. Os dados acima são uma boa descrição da relva acastanhado-amarelada atrás da cabeça do gato, conforme explicado sob os dados do amarelo e verde na página 212; e do modo como a relva amarela se funde com a relva castanho-esverdeada mais escura em redor das margens da foto. Ver o traçado na página 206.*)

(*Seth continua em resposta à primeira pergunta: "Uma ligação visual, com objetos quadrados ou retangulares no centro de uma área maior", refere-se aos tijolos retangulares que marcham pelo centro do objeto. "com conotações modernas como as que um design poderia ter." refere-se ao design muito moderno, arredondado ou circular, do gato de cerâmica da Marilyn. "Talvez ligado a linhas finas ou cordéis." refere-se ao padrão abstrato criado, sob a forma de linhas, pelas fendas estreitas e sombras em redor dos tijolos individuais, estando todas essas linhas interligadas.*)

(*No geral, consideramos a resposta do Seth à primeira pergunta muito boa.*)

(*A minha segunda pergunta pedia mais dados sobre o M e o G: "Não estão juntos, mas separados. Não são iniciais." Nós, claro, tínhamos esta resposta antes de darmos as nossas próprias interpretações dos dados M e G na página 213. Atribuímos o M ao nome da Marilyn, usando assim uma inicial, e o G ao vidrado de vidro no gato. Seth concorda com esta interpretação após a pausa, pelo que há aqui alguma contradição.*)

(*"Referem-se a objetos no objeto, ou fortemente ligados a ele." A terceira pergunta procurou fixar mais os dados M e G. Assim, o G de vidrado de vidro refere-se ao gato mostrado no objeto, o M à Marilyn que fez o gato. Não teríamos, no entanto, a certeza disto sem a confirmação de Seth após a pausa.*)

(*"O F pode referir-se a uma pessoa." A quarta pergunta indagou sobre os dados F e O. A Marilyn e a Jane pensaram que o F se referia a F como em felino, ou ao som F no nome Lúcifer, o nome que a Marilyn deu à sua criação em cerâmica. "O 0, creio eu, é simplesmente uma forma, isto é, uma forma circular." O gato de cerâmica é composto por formas circulares. Ver o traçado na página 206.*)

(*"Uma ligação distante aqui, de passagem, com um aniversário e o número sete." Seth acrescentou este pequeno dado no fim, mesmo antes da pausa. Há um número 7 no canto superior esquerdo do objeto, no verso. A Marilyn disse, no entanto, que sentia que estes dados poderiam referir-se ao facto de o aniversário do pai ser a 7 de março e de a máquina fotográfica com que o Don tirou a foto usada como objeto pertencer ao seu pai. Seth concordou com ela após a pausa.*)

(A *Jane recomeçou às 11:15.*)

Agora. Uma vez que a tua consciência esteja fora do corpo físico, então estarás efetivamente a lidar com um tipo diferente de realidade.

Esta é uma experiência tão real quanto qualquer outra.

Podes ou não ter a sensação de atravessar portas ou janelas. Isto depende do tipo particular de projeção envolvido.

A estrutura molecular do eu que se projeta é de natureza diferente. Não há mudança na natureza física da porta, por exemplo. A estrutura molecular do eu viajante é que muda.

Não há perigo de não regressar ao corpo físico, de um modo geral.

Se, na tua projeção, parecer que estás a voar por cima das copas das árvores, então estás de facto a fazê-lo. O corpo físico, obviamente, não o está a fazer.

Agora, podes encontrar-te e falar com alguns outros nessas excursões. É possível, com muito treino, combinar tais encontros; para qualquer tipo de prova científica, claro, isto seria um pré-requisito necessário.

Tens de aprender a reagir rapidamente a novas condições.

Agora, disse-te que podes legitimamente visitar não só o passado, o presente e o futuro tal como existiram, ou existirão, em termos físicos; mas

também podes visitar realidades que nunca existiram em termos físicos. Nas nossas primeiras sessões, enfatizei que a intensidade regulava a duração de uma experiência.

Agora, muitos acontecimentos que foram apenas imaginados e nunca ocorreram, falando fisicamente, muitos desses acontecimentos ainda existem. Simplesmente não fazem parte da tua definição de realidade. Podes, portanto, visitar um museu que foi planeado no século XVI, mas nunca construído. Um tal museu tem uma realidade tão real, vês, quanto a casa em que vives. Habitualmente, percecionas apenas a realidade física. Em projeções, podes visitar também outras realidades como estas — que poderás ser tentado a chamar imaginárias, mas não o são.

Um estudo de qualquer tese científica atualizada sobre a natureza da perceção sensorial em geral mostrar-te-á que os dados sensoriais existem independentemente do observador, ainda que não necessariamente em termos físicos.

Tal informação, a propósito, é básica se os últimos pontos hão de fazer algum sentido para ti. Em qualquer momento de uma projeção podes determinar regressar, pela tua vontade, e regressarás.

Agora, tenho estado a falar de projeção a partir de um estado de transe. Podes, claro, projetar a partir de um sonho, e não te aperceberes de que o fizeste. Ao despertar, poderás então assustar-te ao encontrar o corpo físico num estado que equivale a um transe, enquanto a mente está bem desperta. Como creio que Ruburt disse à nossa pequena amiga, tal tem sido o caso em ocasiões bastante frequentes com ela. *(Jane, com os olhos abertos, apontou para Ann Diebler.)*

A projeção a partir de um estado de sonho é outra coisa, portanto, e quando é executada com sucesso tens então um excelente exemplo do eu a mudar o foco da sua própria consciência. Aqui, a consciência crítica é bastante evidente, enquanto o corpo dorme. As projeções ocorrem de modo bastante natural nestas condições. Para o desenvolvimento do eu total, porém, e para a perfeição de tais experiências, é benéfico que essas projeções sejam realizadas por desejo consciente do projetor. Aprendes, portanto, a manipular a tua própria consciência em realidades diferentes daquelas com que normalmente te ocupas.

Há benefícios estranhos que podem resultar. Há casos registados em que indivíduos são subitamente impelidos para fora da trajetória do perigo. Isto envolve projeção instantânea. O medo e o pânico que poderiam tornar o corpo vulnerável não estão presentes, e o corpo escapa ao perigo precisamente porque a consciência não está lá para provocar reações de pânico.

De forma mais geral, porém, e muito simplesmente, tais projeções permitem-te praticar o lidar com realidades que encontrarás quando

deixares de operar dentro do sistema físico. As condições então não te assustarão, pois estarás familiarizado com elas.

Agora estou preparado, meu caro José, para continuar a sessão pelo tempo que desejares. Tens inconvenientes de tempo e por aí fora. *("Bem, receio que esteja a ficar tarde. Como foram as nossas interpretações dos dados do envelope?")*

Então continuaremos com isto na nossa próxima sessão. Pois, se hás de receber instruções sobre projeção, prefiro ser eu a dá-las. *A impressão do aniversário estava correta. As indicações sobre o M e as outras, tal como as registaste. Alguns dos dados estavam remotamente ligados, e nada se ganha agora em perder tempo a explicá-lo. A ideia de envelopes trazidos por convidados é boa, no entanto, e eu aprovo.*

Os meus votos mais calorosos para todos vós, e encerraremos agora a nossa sessão, infelizmente. *("Como sempre; boa noite, Seth.") (Fim às 1:37. Jane estava dissociada como de costume. O seu andamento foi bastante rápido, a voz boa, os olhos muitas vezes abertos. Ela disse que Seth poderia ter continuado indefinidamente.)*

SESSÃO 266
9 DE JUNHO DE 1966

(Esta sessão deveria ter ocorrido ontem, mas não se realizou. John Bradley, o nosso amigo de Williamsport, PA, que testemunhara um conjunto de sessões, visitou-nos ontem à noite. Depois, Jane, John e eu fomos até casa dos Gallagher, onde a sessão deveria ser realizada. Quando, porém, chegaram visitas inesperadas a casa dos Gallagher pouco antes das 21:00, Jane e eu adiámos a sessão para esta noite.)

(O 59.º experimento com envelope usou como objeto uma etiqueta que tinha sido presa a uma espingarda que compráramos em outubro de 1962. A Jane não via a etiqueta desde então. Ver o decalque na página 217. A etiqueta está impressa em cartolina típica em duas cores, vermelho e preto, como indicado. A face da etiqueta é revestida a dourado, a corda é vermelha. O objeto foi selado nos habituais envelopes duplos, entre as habituais duas folhas de Bristol. Os resultados do experimento foram bastante invulgares, e Seth aborda os mecanismos envolvidos.)
(Uma chuva e trovoada com granizo muito fortes começaram às 20:30 desta noite. Parecia ter acabado às 21:00, mas na realidade não tinha. As nossas janelas estavam abertas, e Jane começou a falar com uma voz mais pesada do que o habitual, como na última sessão. O seu andamento foi médio, os olhos fechados no início.)

Boa noite. *("Boa noite, Seth.")*

Ora bem. Querias alguns dados que servissem para explicar os resultados da tua primeira sessão experimental. *(Ver a 11.ª sessão, de 1 de*

janeiro de 1964, no Volume 1.) Para compreenderes a minha resposta, é necessário que o nosso material sobre a construção da matéria física seja entendido. Iremos também considerar muito brevemente a natureza das perceções sensoriais, e esses dados também ajudarão a responder à tua pergunta. *(Precisamos de respostas sobre os resultados bastante espetaculares obtidos na 11.ª sessão porque a Jane está a escrever um capítulo sobre essa sessão para o livro de Seth. Sempre pensámos que obteríamos as respostas quando dedicássemos tempo a elas.)*

Em referência ao segundo par, ou conjunto de dedos, por exemplo, não eram as chamadas mãos de espíritos. Estávamos a manipular energia e a moldá-la em pseudomatéria. Eram construções secundárias, se te lembras da distinção entre construções primárias e secundárias apresentada anteriormente. *("Sim." Ver Sessões 208-11 no Volume 5.)*

Agora. Tem paciência comigo, pois é necessário aqui algum material de base novo. Toda a matéria física existe primeiro como uma ideia ou imagem mental. A ideia ou imagem mental tem a sua própria realidade e é carregada de energia, e esta energia nunca pode ser retirada. Apenas aceitas dados quando eles aparecem dentro do sistema de camuflagem física. Como sabes, isto limita severamente a tua conceção do real.

Estamos a fazer algumas afirmações simplificadas para tornar a ideia clara. Dados — dados válidos — que não se materializam como forma física, em qualquer momento, continuam a existir como forma física potencial. Alguns desses dados materializar-se-ão no teu futuro, como por exemplo planos que existem apenas na mente e que mais tarde serão executados e utilizados sob forma física. Alguns desses dados nunca serão utilizados. Alguns desses dados serão utilizados vezes sem conta. Agora vês que a energia não reside em nenhum objeto físico dado, mas na forma-ideia que nele está. Os objetos físicos não existem como tal de modo básico. Só podes percecionar grandes áreas de dados da realidade transformando-os em termos que possam ser captados pelos sentidos físicos.

Como sabes, crias ou constróis toda a matéria física. O que vês são as tuas próprias construções. Isto, porém, não significa que não haja algo dentro ou por detrás do que percecionas. Todos os pensamentos são compostos de energia e, pelas nossas discussões, percebes que existem intensidades elétricas dentro de cujo alcance toda a realidade existe.

Cada pensamento, portanto, tem este tipo de realidade, que é a única realidade, basicamente falando. *(Pausa longa.)* Os próprios dados sensoriais têm uma realidade independente de qualquer objeto em particular. Esses dados sensoriais têm a sua própria intensidade. Se conseguires sintonizar essa intensidade, por assim dizer, traduzi-la-ás automaticamente em dados físicos e perceberás um objeto físico. Se sintonizares essa intensidade de forma imperfeita, terás um objeto

pseudofísico, que é, sob um ou mais aspetos, diferente de um objeto normal. Pode ser, por exemplo, óbvio para alguns dos teus sentidos físicos e não para outros. Pode estar apenas parcialmente materializado.

Nesses casos, porém, são utilizados átomos e moléculas definidos. Agora. Na nossa sessão espírita, estávamos, repito, a manipular energia e a formar objetos a partir dela — objetos que poderias percecionar com os teus sentidos físicos. Toda a questão, se me perdoas o trocadilho *(sorriso)* sobre "matéria", é altamente intrigante, e teremos pelo menos várias sessões a tratar da realidade dos dados sensoriais e da irrealidade, relativamente falando, da própria matéria.

Toda a discussão conduzir-nos-á a uma investigação das semelhanças e diferenças entre dados tais como objetos de sonho, objetos alucinatórios e objetos físicos. Agora podem fazer um intervalo.

(Intervalo às 21:26. A Jane estava dissociada como de costume. O seu andamento inicial lento acelerou, os olhos começaram a abrir-se frequentemente, e ela bebeu chá com gelo e fumou um cigarro. Retomou de forma ainda mais ativa às 21:35.)

Não há diferença básica, percebes, entre um objeto alucinado e um chamado objeto físico, exceto pelo número de pessoas que os percebem.

Agora. Na sessão experimental, devido às circunstâncias e à falta de treino por parte de Ruburt, redistribuímos alguma energia. Durante a sessão, Ruburt pesava um pouco menos do que o seu peso habitual. Muito pouco, na verdade. Com a sua ajuda, certas porções de energia foram usadas para construir pseudoimagens.

De novo, essas imagens são tão reais quanto qualquer matéria física é. *(Pausa longa.)* Ora, uma vez que a energia é moldada em qualquer tipo de padrão, a identidade do padrão mantém-se. Se te ajuda, pensa em termos de uma imagem de memória. Exceto que, como vês, em muitos casos o objeto pode nunca ter existido na realidade física.

O que percecionas com os teus sentidos físicos é, claro, real. É uma das formas que a realidade assume. Mas se insistires em acreditar que só os dados físicos são reais, então vês que nunca irás aprender o que está dentro deles.

A realidade muda a sua forma para se vir a conhecer a si mesma. Constrói variedades de consciências com tipos variáveis de aparelho sensorial, ou aparelho percecionador. Cada consciência percebe a realidade de maneira diferente. No entanto, todas as maneiras, vês, são legítimas, no que diz respeito ao aparelho sensorial físico. Mas a energia mental ou psíquica por detrás de tudo isto é a única realidade básica.

(O andamento de Jane era agora rápido e enérgico, e ela usava muitos gestos. Os seus olhos estavam muito escuros e bem abertos durante parágrafos seguidos. Ela estava a fumar novamente.)

Agora, podes traduzir dados interiores em termos dos sentidos exteriores, mas alguma distorção é sempre absolutamente necessária, pois o próprio método de perceção colore aquilo que é percecionado. Os objetos que verás e os lugares que visitarás, em sonho ou em experiências fora do corpo, são, basicamente, tão reais quanto qualquer objeto ou local físico, porque nenhum deles é, basicamente, real. Nem, claro, são irreais. Assim que começas a traduzir uma ideia, estás a distorcê-la. Os sentidos interiores, vês, não distorcem os dados, mas quando tentas tornar tais dados disponíveis ao ego, então alguma distorção tem necessariamente de entrar em jogo.

As imagens vistas durante a sessão eram tão reais quanto qualquer outra coisa na sala. Poderiam ter sido fotografadas, se qualquer um dos três de vocês tivesse segurado a câmara. *(Sorriso aberto, olhos escuros. Seth refere-se aqui a três porque Bill Macdonnel foi testemunha da sessão.)* Falei brevemente da forma que apareceu no espelho. Ora, essa aparição era outra coisa ainda, e era um tanto da natureza da experiência que tiveste muito mais tarde. *(Ver a 219.ª sessão.)* Percebes que captas a ideia mesmo com essa forma e depois tentas traduzir esses dados em termos físicos. A tentativa está destinada a trazer distorções, mas sem as distorções não poderias percecionar conscientemente os dados. As distorções, em todos os casos, formam os teus padrões de camuflagem física.

Podes fazer uma breve pausa antes do nosso material do lnstream.

(Intervalo às 21:57. A Jane estava dissociada como de costume. A sua entrega enérgica durou até ao intervalo. Fora rápida e enfática.)

(Era hora do 70.º experimento do Dr. Instream. Na verdade, este material era um acerto para a noite passada. O andamento da Jane abrandou, e ela sentou-se com as mãos erguidas até aos olhos fechados. Retoma às 22:04.)

Agora dá-nos um momento para o nosso material do lnstream. Isto são impressões. *(Pausa.)*

Flocos brancos, lembrando flocos de neve. Tenho a impressão visual de um globo de vidro redondo, de uma variedade à moda antiga. Quando o viras ao contrário, flocos de neve enchem o globo.

O objeto é algo como isto, mas não é exatamente isso. Creio que é maior e que está sobre uma mesa com uma toalha branca. O Dr. lnstream recebeu recentemente um pacote de livros, creio. Há alguma questão quanto a ele estar ou não na mesma universidade no próximo ano. Incerteza da parte dele e alguma especulação.

Uma ligação com mucilagem, talvez haja um frasco disso perto dele, ou ele tem andado a trabalhar em algo que requer cola. Algum tipo de armação de madeira clara, isto é, madeira leve.

Tens um envelope para mim?

("Tenho." A Jane fez uma pausa às 22:12, depois pegou no envelope para o nosso 59.º experimento das minhas mãos sem abrir os olhos. Segurou-o na testa por um momento, baixou-o para o colo e depois voltou a erguê-lo à testa.)

Dá-nos um momento, por favor. *(Pausa.)* Tenho a impressão de algo que começa por M. Talvez possamos voltar a isto mais tarde. Parece estar ligado a uma palavra que soa como much ou munch.

A impressão de uma área vazia, talvez com uma borda.

A impressão de duas pessoas. Uma a inclinar-se para baixo ou para a frente, talvez uma mulher, e outra pessoa mais pequena, viradas uma para a outra. Uma ligeiramente mais alta, ou alta de qualquer maneira.

Agora, estes podem ser objetos, ou representações, em vez de pessoas, mas tenho a impressão de duas pessoas, e a impressão de que ambas são mulheres. Em qualquer caso, estes dois objetos parecem estar juntos, talvez para o centro inferior do objeto, segurando o objeto desta maneira.

(De olhos fechados, a Jane gesticulou com o envelope, que segurava com a sua dimensão comprida paralela ao chão.)

Um quatro e um sete, talvez, embora não tenha a certeza, ligados ao canto superior esquerdo, segurando o objeto desta maneira.

(O mesmo gesto repetido.)

Uma ligação com uma despesa inicial. A impressão no objeto, na parte inferior, de retângulos ou quadrados muito pequenos, *(pausa)* uns a seguir aos outros — brilhantes, mas contornados em cor mais escura, como talvez uma transparência de algum tipo.

A impressão de cor escura, como num negativo. Os números cinco seis ...

(Tinha começado a chover há algum tempo. Agora a tempestade retomou com fúria total, a pior chuva e tempestade de granizo aqui em 16 anos, segundo relatos posteriores. Há um grande alpendre fora das janelas da nossa sala de estar, e está coberto com chapas de alumínio. O som da chuva sobre elas é normalmente muito agradável. Agora, porém, o granizo criou um tamborilar tão alto que mal conseguia ouvir a Jane, embora ela estivesse a apenas um metro de mim. Quase dei por terminado, mas como ela parecia inclinada a continuar, eu também continuei. O barulho era desconcertante e tive de lhe pedir que repetisse alguns dos dados.)

Jane/ou talvez June. Uma ligação com um estabelecimento, e os números 1471.

(A Jane fez uma pausa e baixou o envelope para o colo.)

Tens alguma pergunta?

("Quem são as duas pessoas?")

Tenho a impressão de uma mulher e de uma mulher mais baixa ou criança, talvez. A impressão tem a ver com formas. Parecem estar a inclinar-se para baixo ou para a frente.

("Que cores estão ligadas ao objeto?")

A impressão que mencionei de escuro, e talvez púrpura. Também um tom acastanhado. Talvez um vestido azul. Ou o objeto que capto como uma mulher é azul.

("Podes dar-nos mais detalhes sobre essa despesa inicial?")

Um custo e é tudo quanto a isso.

("Queres nomear o objeto?")

Tenho a impressão de que é uma imagem ou transparência de algum tipo, ou fortemente ligada. Isto é, se o objeto não for uma imagem ou transparência, parece estar fortemente ligado a uma.

A impressão outra vez das formas retangulares ou quadradas em série na parte de baixo, ao longo da parte de baixo *(gesto)*, rodeadas por áreas mais escuras. Também o número 9.

Se não tens mais perguntas, podes fazer o teu intervalo.

("Está bem." Eu poderia ter feito mais perguntas, mas a chuva e o granizo faziam tanto barulho que mal conseguia ouvir a Jane.)

(Intervalo às 22:27. A Jane estava fora como de costume. Os olhos mantiveram-se fechados durante ambas as experiências. O seu andamento fora razoável. Surpreendentemente, a sua voz não aumentara de volume para se elevar acima do ruído da tempestade. A Jane disse agora que a tempestade não a incomodara, pelo que este facto pode explicá-lo. Evidentemente, ela ouvia-me sem dificuldade.)

(Ver o decalque do objeto na página 217 e as notas sobre ele na página 218. Como de costume, no intervalo a Jane e eu analisámos os dados para fazermos as ligações que pudéssemos com o objeto. Sem a ajuda do Seth, em algum detalhe após o intervalo, ficámos bastante perplexos com os dados. Ou seja, poderíamos especular sobre as razões para o que pareciam ser muitas distorções, mas tínhamos pouca ideia das causas. Como conseguíamos destacar alguns itens nos dados que pareciam aplicar-se ao objeto, considerámos que o Seth tinha sintonizado corretamente o próprio objeto, e que a tradução dos dados pela Jane estivera distorcida na maior parte do tempo. Por esta razão, imediatamente abaixo serão listadas apenas aquelas partes dos dados que pensamos aplicar-se. O resto é esclarecido pelo Seth após o intervalo. Na verdade, achámos o experimento muito interessante e único na série até agora.)

(Havia, no entanto, pistas disponíveis. Mal abriu o envelope duplo e viu a frente do objeto, a Jane anunciou que a imagem nele era de um alce. Na realidade é um desenho a linha preta, com algum detalhe, de uma águia. Debatemos este impasse durante algum tempo. A Jane insistiu que o desenho representava um alce; interpretou a abertura das asas da águia como galhadas estilizadas. O meu decalque está feito rapidamente na página 217 e mostra pouco detalhe, mas o desenho no objeto real é muito bem e finamente feito, incluindo penas individuais nas asas, etc. Eu via

pouca relação entre uma águia e um alce aqui, exceto no sentido mais abstrato. Foi fácil para nós concordarmos que a Jane viu um alce em vez de uma águia porque quis. Intelectualmente, ela concordou que o desenho era de uma águia, mas disse que via um alce.)

(Quando comecei a dactilografar estas notas no sábado, 11 de junho, dois dias depois, mostrei novamente o objeto do envelope à Jane. A sua opinião sobre o desenho não mudara; ela continuava a considerar o desenho como sendo o de um alce, com as asas da águia a representarem galhadas estilizadas. Quanto ao resto do desenho além das asas ou galhadas, disse que não conseguia ver "em particular" nada que representasse uma águia.)

(Logo que viu o objeto e identificou a águia como um alce, a Jane disse que os dados M e "munch", dados primeiro, se aplicavam à ideia de alce.)

(Abaixo estão alguns pontos que se aplicam ao próprio objeto. Seth concorda que alguns desses itens passaram através das distorções gerais.)

("A impressão de uma área vazia, talvez com uma borda." Existe uma área retangular vazia relativamente grande na parte inferior do objeto no verso: uma área emoldurada para ser inserido um preço. No entanto, nenhum preço constava do objeto.)

("A impressão de duas pessoas. Uma a inclinar-se para baixo ou para a frente ...")

Agora, estes podem ser objetos, ou representações, em vez de pessoas, mas tenho a impressão de duas pessoas... Em qualquer caso, estes dois objetos parecem estar juntos, talvez para o centro inferior do objeto, segurando o objeto desta maneira." Estes são excertos de impressões sucessivas como um grupo, e são apresentados aqui porque a Jane pensa que a ideia de inclinar-se para a frente aqui derivou da forma como as asas da águia se curvam para dentro e para baixo uma em direção à outra; estão juntas, ou próximas, na base e no centro do objeto.

(A Jane segurou o envelope com a dimensão comprida na horizontal, mas não sabemos a posição do objeto dentro deles nesse momento. É possível que a etiqueta estivesse simplesmente de pernas para o ar. Talvez isto tenha dado origem à menção do Seth ao centro inferior.)

("Uma ligação com uma despesa inicial." A compra da espingarda representou para nós uma despesa inicial em outubro de 1962. Não possuíamos armas anteriores, munições, equipamento de limpeza, etc.)

("A impressão no objeto, na parte inferior, de retângulos ou quadrados muito pequenos..." No verso do objeto está a frase "Side-opening loading-port for easy rapid-load." Mal leu isto, a Jane disse que esta era a origem dos dados acima, bem distorcidos. Mas a Jane estava subjetivamente segura.)

("Uma ligação com um estabelecimento." Consideramos isto geral, embora, claro, a loja onde comprámos a espingarda seja um estabelecimento, de uma cadeia no Nordeste.)

("... impressão de uma mulher e de uma mulher mais baixa... A impressão tem a ver com formas. Parecem estar a inclinar-se para baixo ou para a frente." Isto em resposta à minha primeira pergunta, relativa às duas pessoas. A Jane disse, de novo, que acreditava que a ideia de inclinar-se expressa aqui provinha da curvatura das asas da águia.)

("Um custo, e é tudo quanto a isso." A terceira pergunta pedia mais pormenor sobre os dados da despesa inicial. Como referido, a espingarda foi uma despesa inicial e custou-nos.)

("Tenho a impressão de que é uma imagem ou transparência de algum tipo, ou fortemente ligada..." A minha quarta pergunta pediu ao Seth que nomeasse o objeto. Há uma imagem no objeto. Segundo o Seth após o intervalo, os seus dados eram legítimos como foram dados à Jane, mas foram distorcidos por ela.)

("Também o número 9." No canto superior esquerdo, no verso do objeto, em tipo muito pequeno, está o número: Part 999-30.)

(A Jane retomou, sorridente, os olhos abrindo-se frequentemente, às 23:00. A tempestade tinha, uma vez mais, amainado.)

Agora. Aqui temos um caso de fina distorção subconsciente, belamente executada.

Ruburt não aprova armas. Os dados visuais perfeitamente legítimos foram rapidamente e freneticamente transformados. Viste isto acontecer de modo diferente — depois de o envelope ter sido aberto, quando Ruburt insistiu em ver o alce em vez da águia.

(Enquanto a Jane dava os dados do envelope, não detetei nada de invulgar na sua elocução. Sentou-se com os olhos fechados, falando bastante calmamente e com facilidade, como costuma fazer. A tempestade lá fora foi a única coisa de que eu tinha consciência.)

É bastante espantoso que quaisquer dados legítimos tenham passado, e poucos passaram. Houve uma recusa subconsciente completa em interpretar os dados, e uma inversão completa neste caso. Pois, em vez da arma, que para Ruburt significa destruição, destruição deliberada, tens a distorção da forma de águia no rótulo da arma, numa imagem de mulher e criança, significando, claro, criatividade neste caso.

Algum pequeno esforço foi feito para manter os dados visuais originais, mas mesmo isso foi sacrificado para o mesmo propósito subconsciente quando se tornou necessário.

A arma foi comprada durante uma crise nacional e, portanto, estava ligada a medos, em qualquer caso.

O azul era uma referência à máquina de escrever, que foi comprada no mesmo estabelecimento, quando Ruburt tentou avidamente substituir um item de teste por outro, percebes.

(Tínhamos pensado nisto, já que esta máquina de escrever foi comprada sensivelmente na mesma altura, na mesma loja.)

As palavras "Side-opening" eram neutras para Ruburt. No entanto, ele interpretou-as literalmente, percebes, em termos dos pequenos retângulos ou quadrados transparentes. *(Ver página 224.)*

Os dados que lhe dei eram legítimos, mas foram deliberadamente distorcidos por parte do subconsciente.

O custo referia-se ao custo da arma. As ideias de negro e de negativo eram ideias dele, ligadas a uma arma em geral.

Insisti em usar frases destinadas a pô-lo de volta no caminho certo, dizendo que as formas de mulher eram formas, mas não consegui fazer isto passar com clareza suficiente. O nosso amigo não verá o que não quer ver.

Se não tens perguntas, terminaremos a Sessão.

("Acho que não, então. Mas foi muito interessante.")

Nunca vi melhor exemplo de teimosa distorção subconsciente.

(Sorriso, olhos bem abertos e escuros.) Os meus melhores votos para ambos; até para o Ruburt.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 23:11. A Jane estava fora como de costume. O seu andamento fora rápido, os olhos frequentemente abertos. No fim da sessão, continuava convencida de que a águia parecia um alce, embora concordasse que era de facto uma águia, porque eu disse que era. A Jane mencionou mostrar o objeto a outros para obter a opinião deles. Como referido, ela continuava a sentir os mesmo dois dias depois. Hoje, novamente, 11 de junho, sugeriu que mostrássemos o objeto a outros.)

SESSÃO 267
13 DE JUNHO DE 1966

(O 60.º experimento com envelope usou como objeto um desenho rápido a linha preta, em papel branco poroso, que fiz de uma begónia gigante no escritório. A planta está sobre um tamborete ao lado da minha mesa de desenho. Cresceu lindamente a partir de um pequeno estolho que levei para o escritório aproximadamente em março passado. A Jane não viu a planta, visitando raramente o escritório.

(Nem alguma vez tinha visto o desenho usado como objeto, nem sequer sabia que existia. Temos a planta aqui no apartamento de onde veio o estolho, no entanto, e a sua história será apresentada nos dados do envelope. Coloquei o objeto entre os habituais dois cartões Bristol e selei tudo nos habituais envelopes duplos.

(Parte da sessão desta noite é omitida, onde indicado, devido ao seu conteúdo pessoal. Os olhos da Jane estavam fechados quando começou a falar, mas abriram-se quase de imediato. Durante a maior parte da sessão mantiveram-se abertos, geralmente bem abertos, sempre mais escuros do que o habitual. A maior parte do tempo olhou diretamente para mim, usando muitos gestos, falando com muitos sorrisos e com uma voz muitas vezes um pouco mais pesada do que o habitual por causa das nossas janelas abertas.

(Assim que a Jane dispensou a tábua Ouija quando estas sessões começaram há três anos, passou a percorrer o chão incessantemente enquanto dava uma sessão. Os olhos, claro, estavam constantemente abertos; este estado de coisas durou bem mais de um ano. Quando a Jane começou a falar pelo Seth sentada, os olhos fechavam-se; evidentemente está agora a terminar esta fase, ou pelo menos a modificá-la.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Em breve voltaremos a envolver-nos nas discussões iniciadas na nossa sessão anterior.*(Sorriso.)*

Antes de mais, porém, uma pequena nota ao nosso amigo Ruburt. Da minha parte, caro José, mas em teu nome. Agora. Eu sugeriria que, à tarde, José não fosse incomodado senão por assuntos dos mais invulgares. Seria mesmo melhor que Ruburt imaginasse que tu trabalhavas fora de casa, e ele deveria ser capaz de o fazer.

A tua privacidade durante estas horas é muito importante para ti. Ele sabe-o, claro, mas esquece-se. Podes, se preferires, fechar a porta do teu quarto, percebes, dividindo ordenadamente o teu apartamento ao meio durante o horário de trabalho. Não sei por que razão não pensaste nisto tu próprio, ou, em qualquer caso, por que não o puseste em prática.
Houve uma excitação sazonal no ar que agora em breve diminuirá para um tom mais normal. Espero que aprecies a minha nota em teu nome—

("Sim.")

— já que o Ruburt costuma fazer um esforço sério para seguir as minhas sugestões.

O episódio do pássaro, percebes, perturbou-o profundamente. Esforçou-se por não te chamar, mas, emocionalmente, percebes, sentiu que o mundo inteiro devia parar para ajudar o seu pássaro. *(Um dos nossos gatos quase matou hoje um pisco-jovem, e a Jane está a tentar tratá-lo para o recuperar.)* O episódio, no entanto, foi um de uma série de interrupções das tuas horas privadas, e recomendo seriamente que te seja permitido o teu período de trabalho sem perturbações.

Um clima emocional global saudável preenche agora este prédio de apartamentos, no entanto. Se ambos aprenderem a manter as interrupções

sob controlo, poderão fazer o melhor uso desta vitalidade emocional. Pois é, apesar de toda a sua exuberância, um fator de equilíbrio.

Agora. Como disse antes, os dados sensoriais têm de facto uma realidade, mas essa realidade não reside num objeto. O objeto representa a tua interpretação da realidade básica. A energia pertence à ideia. Por outras palavras, a energia primordial dentro da realidade física reside precisamente naquilo que é intangível e que, devido à sua natureza, não aparece dentro de enquadramentos físicos. São eles que dão vida e realidade ao enquadramento físico.

(Pausa, e gesto, olhos fechados.) Não há algo "lá fora", percebes, que exista independentemente. Há algo cá dentro que existe independentemente, e cuja realidade percecionas de forma altamente distorcida, através do uso dos sentidos exteriores.

Os sentidos interiores podem e de facto percebem esta realidade de modo não distorcido. O teu cérebro é ele próprio um padrão de camuflagem. Só consegue traduzir e percecionar aquilo que parece ser a evidência dos sentidos físicos. Não pode sair de si próprio. *(Sorriso.)* É aquilo que tenta investigar.

É tão camuflado como o vidro em cima da mesa *(apontando)*, e o seu conhecimento tem de chegar através do sistema físico. Agora. A mente não é camuflada. Ela percebe a realidade não camuflada dos dados sensoriais, ou vê a energia que existe. Vê a energia independentemente do objeto físico, percebes.

Intelectualmente, podes compreender o que te estou a dizer, mas o cérebro *(abanando a cabeça)* não pode experimentar diretamente a realidade. Essa experiência tem de vir da mente, mediante o uso dos sentidos interiores. Quero que fique entendido que a realidade física de camuflagem é de facto uma realidade, mesmo sendo uma distorção de outra coisa.

O material que te dei sobre a natureza da matéria deve deixar claro que cada átomo e cada molécula têm a sua própria consciência condensada e codificada, e que nenhum *gestalt* ou formação de qualquer tipo pode ocorrer sem a cooperação e a compreensão das consciências envolvidas.

A própria forma-ideia não é, por exemplo, uma coisa unitária. A forma-ideia desta cadeira não é um conceito absoluto, unitário, desencarnado ou sem espírito. *(Entrega muito enérgica, olhos bem abertos. A Jane bateu no braço da sua cadeira de baloiço.)* A forma-ideia desta cadeira é um composto, um *gestalt*, formado por parte de cada átomo e molécula que a compõem.

Teremos mais a dizer. No entanto, sugiro um breve intervalo.

(Intervalo às 21:26. A Jane estava dissociada como de costume, disse ela. Disse também que, como os olhos ainda estavam abertos no fim da locução, os fechou para sair do transe.

(A Jane retomou da mesma forma ativa às 21:42 e falou até às 22:04. Este material é omitido aqui. Isto leva-nos aos 71.os dados do Dr. Instream. A Jane retomou então novamente a um ritmo algo mais lento, sentada com uma mão erguida aos olhos fechados. Retoma às 22:20.)

Uma breve nota: é porque percebo que tens falta de tempo que as nossas sessões têm sido bastante breves ultimamente.

Agora, um momento para o nosso material do lnstream. *(Pausa.)* Estas são impressões. *(A voz da Jane tornou-se algo mais forte.)* Uma azáfama. Ele tem andado apressado, num período de grande atividade. O objeto é uma corrente, ou ligado a uma corrente. É de cor prateada baça, talvez de comprimento de colar. Dois outros objetos estão ligados a ela. Dois outros objetos estiveram na corrente em várias alturas. Um, um objeto razoavelmente oval, com um fundo castanho inserido e uma área em relevo de cor creme. O outro objeto ligado à corrente era mais pesado, de forma quadrada, e ligado a um homem.

Agora, outras impressões, não necessariamente ligadas ao objeto. As letras N, P, G, A. Não sei a que se referem. Uma pequena cruz, ligada ao passado do Dr. lnstream. A data de 1873, ligada aos pais, ou a um dos pais, do Dr. Instream.

Uma ligação agora com uma mudança de algum tipo.

Tens um envelope para mim?

("Sim."

A Jane fez uma pausa às 22:29 e pegou o envelope para o nosso 60.º experimento das minhas mãos sem abrir os olhos. Pressionou-o na testa com uma mão.)

Dá-me um momento, por favor. *(Pausa.)* Estas são impressões. Quatro. Letras, creio que manuscritas. Sete e três.
Oval e castanho. Uma data no objeto. Uma ligação com março, talvez 4 ou 24. Seis três. Linhagem. Ligação com um tecido. Doze do mesmo ligados aqui. Uma ligação com salário ou pagamento. Cinco dentro de um círculo. A impressão de esplêndido, algo esplêndido. Uma ligação distante com monolítico… Um grupo de homens… Uma pontuação. Ligação com uma reunião às sete, ou até às sete… Um cartão escrito em ambos os lados… As tuas iniciais, José… Ligação com outra mulher. Isto é, para além de Ruburt… Fevereiro ou março, e uma grande vista.
Tens perguntas?

(A Jane mudou a mão com que segurava o envelope, mas continuou a segurá-lo à testa.)

("O que é isso de linhagem?")

Não tenho a certeza. Estou a pensar em termos de ligações de família. Contudo, a palavra pode ter a ver antes, por exemplo, com tipo, num cartão…

("Queres dar-me algumas cores no objeto?")

Castanho e oval. Agora, tenho a impressão de que o objeto está aproximadamente dividido em quatro áreas, desta maneira, vês, com linhas bastante escuras *(de olhos fechados, a Jane fez um vigoroso e amplo movimento de cruz com um braço, assim:* ✚*.*
Ao fazer este sinal, ela enfatizou os atributos horizontais dele e repetiu-o.)

("Sim.")

As quatro áreas poderiam ser diferentes em cor, e bastante vivas — talvez também um azul pálido. Não sei se isto é uma impressão simbólica ou não *(gostaria de acrescentar que, ao fazer o sinal de cruz acima, a Jane segurava o envelope com a sua dimensão comprida também na horizontal. Acreditamos que isto tem relevância para os dados).*

("Quem é a outra mulher para além de Ruburt?")

Creio que uma mulher mais velha…

("Iniciais?")

(Pausa.) É melhor esperares por isto. *(Pausa.)* Os dados da mulher mais velha levam o Ruburt a fazer associações pessoais que poderiam ser distorcivas. *(Pausa.)*

Vamos tentar aqui com a inicial A, ou G.

("Essa palavra monolítico é interessante.")

Isto é em ligação com um desenho ou motivo. E *mono,* também significando um.

("E quanto a esse cinco dentro de um círculo?")

A impressão é visual. O círculo contornado a amarelo, creio, e vejo visualmente um cinco vermelho no interior. *(A Jane gesticulou.)*

("Queres nomear o objeto?")

(Pausa.) Esta noite cheguei tão perto quanto consigo.

("Está bem.")

Uma ligação com uma armação de algum tipo. Talvez de madeira, e sugiro o teu intervalo.

(Intervalo às 22:40. A Jane disse que estava bem dissociada durante ambas as experiências. Os olhos mantiveram-se fechados todo o tempo. Recordou ter tido uma imagem, associada ao sinal de cruz que fizera.

(Ver o decalque do objeto na página 226 e as notas na página 227. O Seth regressa após o intervalo, brevemente, mas não acrescenta nada às nossas próprias ligações com os dados do envelope.

("Quatro." Não sabemos.

("Letras, creio que manuscritas." A minha assinatura e a data estão escritas no objeto.

("Sete e três." Não sabemos.

("Oval e castanho." O pequeno esboço usado como objeto mostra apenas as folhas superiores da begónia gigante. Estas aparecem como ovais. O interessante aqui é que as folhas maiores da planta no escritório estão agora a começar a mostrar tons acastanhados nítidos. Como foi

referido, a Jane nunca viu a planta no escritório no seu belo crescimento — apenas um estolho de uma planta-mãe aqui no apartamento. Dado que esta planta de casa também está a adquirir um tom acastanhado, a Jane podia saber isto facilmente assim que ela, ou o Seth, apanhasse a ideia de que o objeto do envelope representava uma begónia.

("Uma data no objeto." Sim.

("Uma ligação com março, talvez 4 ou 24." A Jane e eu recuámos no tempo e concluímos que é muito possível que eu tenha levado o estolho para o escritório durante março. A planta tem agora talvez trinta centímetros de altura. Temos a certeza de que não a levei antes de março, pelo que sentimos que o Seth é muito possivelmente correto aqui, sem o conseguirmos demonstrar. Nenhum de nós tem ideia de em que dia, 4, 24, etc., levei o estolho de begónia para o escritório.

("Seis três." A Jane pronunciou este dado como seis, três, não 63. Não sabemos o que significa, porém. O seis aparece duas vezes no objeto, e especulamos que março é o terceiro mês do ano.

("Linhagem." Achamos que isto é uma boa referência ao facto da minha begónia no escritório, que serviu de modelo para o objeto, ser descendente da planta aqui em casa. Esta planta-mãe, oferecida à Jane pela nossa vizinha do mesmo piso do nosso prédio, a Sr.ª Callahan, tem também outros descendentes a crescer muito bem.

(Além disso, a Jane pediu-me várias vezes que trouxesse para casa um estolho desta planta do escritório, para poder iniciar outro vaso; ela ficou bastante impressionada com as minhas descrições do quão bem a planta do escritório tem estado.

("Ligação com um tecido." Isto deixou-nos perplexos por um instante no intervalo. A Jane lembrou-se então de que a begónia-mãe aqui em casa tinha o vaso, até há pouco, envolto num tecido tipo serapilheira de cor laranja. De facto, ela tinha hoje limpado os últimos farrapos deste tecido do vaso que sustenta a planta-mãe; esses farrapos tinham ficado, sem se notar, presos no fundo do vaso.

(Não sabemos se o vaso que sustenta a begónia do escritório alguma vez esteve também envolto em tecido. É uma possibilidade, já que o vaso, assim como a planta, vieram do apartamento, e uma das atividades prediletas da Jane é decorar os recipientes das plantas com vários materiais e de várias maneiras.

("Doze do mesmo ligados aqui." Não sabemos. Especulámos, de novo, que o duplo seis na data do objeto pode somar doze.

("Uma ligação com salário ou pagamento." Enquanto estou à minha mesa de desenho no escritório, talvez a trinta ou quarenta e cinco centímetros da begónia que serviu de modelo para o objeto do envelope, recebo o meu cheque de pagamento todas as tardes de sexta-feira.

("Cinco dentro de um círculo." A minha sexta pergunta diz respeito a este dado, e a nossa interpretação é dada aí.

("A impressão de esplêndido, algo esplêndido." Não é exagero dizer que a begónia do escritório é realmente esplêndida.

("Uma ligação distante com monolítico." O nosso dicionário diz que monólito, além de se referir a algo único, também pode significar algo de grande tamanho. O objeto é um desenho do que se chama uma begónia tubular gigante.

("Um grupo de homens." Acreditamos que isto é uma interpretação válida: a minha mesa de desenho no escritório, com a begónia ao lado, calha ser a primeira de uma fila de várias. Logo para lá da minha mesa há uma mesa muito grande que é usada para estender folhas impressas muito grandes antes de serem cortadas em cartões individuais, etc. Esta mesa está talvez a um metro de distância. Em volta dela juntam-se grupos de homens todos os dias, a analisar o trabalho atual na prensa. Encarregados, impressores, diretores, artistas, etc.

("Uma pontuação." Não sabemos.

("Ligação com uma reunião às sete, ou até às sete." Não sabemos. Talvez outra referência à ideia do grupo de homens?

("Um cartão escrito em ambos os lados." O desenho usado como objeto foi feito num papel poroso que é um pouco mais espesso do que a maioria dos papéis, mas não chega a ser cartolina. Usei um marcador de feltro preto para fazer o desenho; é indelével, e a tinta empapou o papel poroso de tal modo que o desenho fica bastante visível no verso. Isto não pode ser visto no decalque da página 226.

("As tuas iniciais, José." Assinei e datei o objeto, usando a primeira inicial e o apelido.

("Ligação com outra mulher. Isto é, para além de Ruburt." Como foi dito, a begónia do escritório cresceu a partir de um estolho tirado de uma planta aqui no apartamento. Esta planta-mãe foi oferecida à Jane pela nossa vizinha do mesmo piso, a Sr.ª Callahan, uma professora reformada com quase 80 anos.

("Fevereiro ou março." Ver a segunda impressão na página 230. Como ali se diz, achamos bastante provável que eu tenha levado o estolho da planta para o escritório em março passado.

("e uma grande vista." Não temos a certeza. Propomos isto: a Sr.ª Callahan tem uma bela vista das janelas do seu apartamento. Passa grande parte do dia sentada à janela a admirar a paisagem e nunca deixa de a mencionar quando a Jane a visita. No entanto, ela não usa a expressão "uma grande vista". A Jane diz que a Sr.ª Callahan prefere o adjetivo "linda".

("Não tenho a certeza. Estou a pensar em termos de ligações familiares. No entanto, a palavra pode ter a ver antes, por exemplo, com

tipo num cartão." A minha primeira pergunta, relativa aos dados sobre linhagem: ver página 230. O Seth não desenvolveu muito. Não há tipo no objeto. Poderão as ligações familiares aplicar-se aos descendentes de uma planta-mãe?

(A segunda pergunta pediu as cores do objeto: "Castanho e oval." Isto repete os dados dados na página 230, que podem referir-se à begónia do escritório. A Jane continuou antes de eu poder fazer outra pergunta:

("Agora, tenho a impressão de que o objeto está aproximadamente dividido em quatro áreas, desta maneira, vês, com linhas bastante escuras." Ver as notas com estes dados na página 230. A Jane, enquanto segurava o envelope — e o objeto dentro dele — na horizontal, fez um movimento vigoroso de cruz e vertical com um braço. Ver o decalque na página 226. O desenho mostra que as folhas da planta sobem por uma vara de madeira. Com o objeto segurado na horizontal, a vara também fica na horizontal e divide o desenho ao meio com facilidade; o atributo horizontal do seu gesto foi enfatizado pela Jane. As linhas bastante escuras no objeto são óbvias.

(Vê-se no objeto, quando em posição horizontal, uma divisão vertical menos nítida, embora as marcas de pincel no canto superior esquerdo ajudem a demarcar uma porção. Isto daria talvez três quadrantes no objeto suficientemente definidos, e possivelmente isto deu origem à afirmação do Seth sobre a divisão aproximada em quatro áreas. A Jane continua:

("As quatro áreas poderiam ser diferentes em cor, e bastante vivas — talvez também um azul pálido. Não sei se isto é uma impressão simbólica ou não." O objeto em si é apenas a preto e branco. Propomos, no entanto, uma ligação a azul-pálido de que temos consciência há vários anos. A Sr.ª Callahan, que deu à Jane a planta-mãe de begónia que levou à criação do objeto do envelope, é excessivamente adepta do azul. Não sabemos se o Seth chamaria a isto uma ligação simbólica. O apartamento da Sr.ª Callahan é largamente azul. A sua sala tem paredes pintadas de azul-claro, incluindo uma estante pintada de azul do chão ao teto. O seu divã é forrado a azul liso, tal como uma poltrona a condizer. A outra cadeira tem um padrão azul. O tapete é violeta escuro e cinzento, próximo do azul, etc.

("Creio que uma mulher mais velha." A terceira pergunta procurava saber quem era a outra mulher além da Jane. Ver os dados sobre a mulher na página 230. Achamos que esta resposta reforça as nossas interpretações dos dados sobre a mulher e os dados simbólicos do azul acima apontados. A Sr.ª Callahan é, claro, consideravelmente mais velha do que a Jane — cerca de 78 anos, acreditamos. Mais uma vez, foi a Sr.ª Callahan que deu à Jane a begónia-mãe que originou, por fim, a begónia do escritório; um desenho da begónia do escritório foi usado como objeto do envelope para esta noite.

(A minha quarta pergunta pediu as iniciais desta mulher mais velha. A pergunta fez a Jane hesitar: "É melhor esperares por isto. Os dados da mulher mais velha levam o Ruburt a fazer associações pessoais que poderiam ser distorcivas." (Pausa.) "Vamos tentar aqui com a inicial A, ou G." A Jane disse que a pergunta lhe trouxe à mente a sua mãe; o Seth, porém, não quis dar o nome da mãe dela, que é Marie Roberts, nem essas iniciais; e a Jane não o fez. Mas A ou G, tanto quanto sabemos, também não se aplicam à Sr.ª Callahan, cujo primeiro nome é Florence.

(Fiz então um comentário: "Essa palavra monolítico é interessante." Respondeu o Seth: "Isto é em ligação com um desenho ou motivo. E mono, também significando um." O objeto do envelope é um desenho. Ver também a interpretação de monolítico na página 232.

(A pergunta seguinte foi: "E quanto a esse cinco dentro de um círculo?" "A impressão é visual. O círculo contornado a amarelo, creio, e vejo visualmente um cinco vermelho no interior." Isto deixou-nos perplexos, e pensamos que contém algum tipo de distorção no que toca ao cinco vermelho. Parte destes dados pode ser válida. Como brincadeira, um dos meus colegas no escritório pendurou uma corrente caseira do topo da vara de madeira que suporta a begónia. A vara é visível no desenho usado como objeto. Não mostrei, claro, a corrente no desenho.

(Verificado no dia após esta experiência, descobri que a corrente tem cinco elos grandes, cada um talvez com uns cinco centímetros de diâmetro. A corrente é feita de cartolina revestida a dourado, isto é, cartolina que é dourada de um lado. O lado dourado da cartolina fica no exterior dos elos para que brilhem quando a luz do sol os atinge. A menção pelo Seth de uma impressão visual, e os dados de amarelo e círculo, lembraram-me a corrente. Não conseguimos determinar, porém, o significado do dado do cinco vermelho.

(Não sabemos se a interpretação da corrente está correta. Seria muito interessante, se estivesse, já que a Jane nunca viu a corrente, nem, como foi dito, a própria planta desde que a levei para o escritório. Nem sabia que a corrente de papel existia; tem a certeza de que eu não lhe falei disso, e eu não me recordo de o ter feito.

("Cheguei tão perto quanto consigo esta noite." Isto quando pedi ao Seth que nomeasse o objeto. A Jane acrescentou então:

("Uma ligação com uma armação de algum tipo. Talvez de madeira," o que pode referir-se à vara de madeira que aparece no desenho usado como objeto. A vara sustenta a begónia e é uma armação, neste sentido.

(A Jane retomou às 23:07.)

Agora, reter-vos-ei apenas brevemente, embora pudesse falar durante algum tempo.

("Interroguei-me acerca d

isso.")

Nos nossos primeiros testes, o Ruburt não teria sido capaz de deixar passar dados de teste com esta clareza numa noite em que tivésseis tido uma conversa como a que tiveram hoje.

Dado que o nosso tempo é limitado, tenho enfatizado o nosso material, com os nossos dados experimentais.

Encerramos então agora a sessão, pois não acrescentaria agora mais carga ao teu trabalho. Os meus votos mais calorosos para ambos, e para o Ruburt, que acha que uma águia é um alce.

("Ele ainda acha..." Ver o desenho do objeto do envelope usado na última sessão, na página 217. Hoje a Jane disse-me que a águia ainda lhe parecia um alce.)

Isto é de esperar. Uma nota: a significação, claro, do pássaro que não podia voar, e do passado do Ruburt, e das subsequentes tentativas de tratamento da parte dele.

Os meus melhores votos.

"Boa noite, Seth. Obrigado."

(Fim às 23:15. Os olhos da Jane abriram-se frequentemente. Ela esteve fora como de costume.)

SESSÃO 268
15 DE JUNHO DE 1966

(O 61.º objeto de envelope é um anúncio que a Jane e eu recebemos pelo correio há uns dias. Isto contrasta com o objeto da última sessão, que a Jane nunca tinha visto e não sabia que existia. O objeto desta noite está impresso a preto em cartolina leve, de cor quase branca. O objeto foi preparado para o experimento do modo habitual, usando as duas folhas de Bristol e os envelopes duplos.)

(A Marilyn e o Don Wilbur testemunharam a sessão.)

(Mais uma vez, a Jane começou a falar com uma voz mais pesada, já que as nossas janelas estavam abertas por causa da noite quente. Os olhos permaneceram fechados durante toda a primeira locução. O seu andamento foi bom.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

As minhas boas-vindas, como sempre, aos nossos convidados.

As minhas condolências ao Ruburt, na sua tentativa de vencer as forças naturais e de perturbar aqueles equilíbrios que são tão necessários. Teremos mais a dizer sobre este episódio do pássaro. Existem aqui ligações que utilizaremos noutra discussão.

(Ver a última sessão. A Jane tinha tentado manter vivo um pisco-jovem apanhado por um dos nossos gatos na passada segunda-feira. Esta manhã descobrimos que o pássaro morrera durante a noite. Tinha sido

mantido no exterior, em lugar seguro, e alimentado, etc. Ontem à noite, por volta das 22:00, enquanto estávamos sentados na sala, a Jane anunciou de repente: "O pássaro está morto." Mas não fomos verificar.)

Agora. Lembras-te certamente do material que trata dos sentidos interiores. Experiências e vivências usando o tempo psicológico, e todos os acontecimentos de projeção, lidam de modo bastante direto com o uso desses sentidos interiores.

Tais experiências, como a projeção, envolver-vos-ão portanto num movimento e sensação extremamente vívidos. Podes, até certo ponto — e deves — usar as tuas faculdades críticas quando te estiveres a projetar. Contudo, não as podes enfatizar demasiado ou irás terminar a experiência.

O treino permitir-te-á manter o equilíbrio adequado. Normalmente, não usas todos os sentidos interiores em qualquer experiência de projeção dada. Agora, por esta razão, percebes, certas projeções parecer-te-ão totalmente diferentes de outras.

Lembras-te de que enumerei brevemente as três formas que usas durante as tuas projeções. Agora direi também que, na primeira forma, costumas usar certos sentidos interiores; na segunda forma, usas mais desses, percebes, e na terceira forma tentas usar todos, embora muito raramente isto seja bem-sucedido.

Deverás achar interessante, quando tomares nota de projeções em vigília ou em sonho, reparar na forma geral de perceção que pareces estar a usar. Irás automaticamente proteger-te, em grande medida, de estímulos demasiado fortes para o teu próprio nível de desenvolvimento. Esta tentativa de equilíbrio pode conduzir a uma irregularidade de experiência durante qualquer projeção dada.

Como sabes, porém, é quase impossível estares ciente da gama completa de perceções possíveis, pois o ego nunca o permitiria. Muitas vezes, mesmo em sonhos simples, sentes conceitos, compreendes determinada informação, sem que uma palavra tenha sido dita.

(A voz da Jane estava agora um pouco mais pesada e forte.)

Como sabes, isto é característico de um dos nossos sentidos interiores. Em algumas experiências de projeção, também saberás, ou experimentarás, um conceito e, a princípio, percebes, poderás não entender o que está a acontecer. Normalmente, pensas uma ideia. Existem algumas experiências que envolvem o que chamaremos pseudoprojeções.

Nestas, experimentas como real a realidade mais íntima de um dado conceito. Ora isto pode, ou não, ser uma projeção válida. Existem formas de descobrir se a projeção é uma pseudo ou uma válida. Para um exemplo simples, o Ruburt experimentou, há algum tempo, uma projeção válida iniciada a partir do estado de sonho.

Ora, esta foi válida. Porém, é também muito semelhante a uma experiência em que o indivíduo se sente dentro de um conceito.

Deixo ao teu critério, José, abrandar-me quando quiseres.

("Está bem.")

O Ruburt estava na terceira forma, e de facto projetou-se para além do vosso sistema solar. Contudo, isto ainda foi uma projeção dentro do universo físico. Foram-lhe dadas informações de que não se recordou conscientemente. Quando experimentas claramente *(sorriso)*, quando exploras o interior de um conceito, representa-l

o. Produzes uma produção de imagem temporária mas muito vívida.

Se a experiência do Ruburt tivesse sido apenas isto, ainda assim teria sido pertinente, pois, quando compreendes um conceito de tal maneira, nunca o esqueces. O conhecimento torna-se parte das tuas células físicas e da tua própria estrutura eletromagnética.

Quero, no entanto, tornar isto mais claro. Suponhamos que compreendes subitamente o conceito de unidade com o universo e que este sentido interior particular de sentir conceitos vai ser usado. Então construirias, como construis imagens de sonho, uma variedade multitudinária de formas e figuras destinadas a representar as variedades complicadas da vida. Terias então a experiência de entrar em cada uma dessas vidas. Não pensarias como é ser uma ave, serias momentaneamente uma ave. Isto envolve uma projeção de certo tipo e, no entanto, ainda deve ser chamada de pseudoprojeção.

Uma projeção válida, percebes, envolveria a projeção efetiva de uma das tuas formas, de modo que ela entrasse realmente nessas várias outras formas.

Agora podem fazer um intervalo, e continuaremos.

(Intervalo às 21:23. A Jane estava dissociada como de costume, disse. Os olhos mantiveram-se fechados. A voz tornara-se algo mais forte, o andamento bom.)

(Retomou da mesma forma enérgica, embora os olhos começassem a abrir-se após um ou dois parágrafos. 21:37.)

Percebes, algumas experiências serão tentativas simples de usar os sentidos interiores mais plenamente. Estão num ponto em que os podem utilizar em muito maior medida. Algumas dessas experiências parecerão ser projeções e, à medida que avançarmos, eu dir-te-ei como distingui-las.

Em algumas ocasiões conseguirás olhar para trás e ver o teu corpo físico em cima da cama, e noutros casos não conseguirás fazê-lo. A forma que vês permitir-te-á ter alguma ideia das tuas capacidades em qualquer projeção dada. Podes iniciar uma projeção numa forma e depois projetar a partir dela para outra forma.

Compreendes?

("Sim." A Jane fitou-me, os olhos agora abertos de modo contínuo. A voz estava novamente mais forte.)

Na primeira forma, podes olhar para trás e ver o teu corpo. Se te projetas a partir desta forma para outra a fim de intensificar a tua experiência, então, a partir dessa segunda forma, não verás o teu corpo em cima da cama.

Estarás, no entanto, ciente do teu corpo e experimentarás alguma dualidade. Na terceira forma, já não estarás ciente de que o teu corpo está na cama, e não o verás.

Na terceira forma, as tuas experiências serão mais vívidas. Poderão envolver-te talvez noutros sistemas além do teu, e terás pouco contacto com a tua forma física. Por esta razão, a projeção na terceira forma é a mais difícil de manter. As possibilidades são verdadeiramente fascinantes, mas existem perigos que não existem quando as outras duas formas são usadas.

A tua consciência está bastante separada do organismo físico, e seria perigoso ficar ausente por qualquer período prolongado de tempo físico. Seria, por exemplo, bastante possível regressar ao corpo físico a partir desta forma e não o reconheceres como teu. Não quereríamos que tivesses tal experiência. Pode ocorrer confusão e desorientação ao usar esta terceira forma. Contudo, não tens de te preocupar, pois, regra geral, as tuas excursões seguirão as linhas do teu próprio desenvolvimento.

Usando esta terceira forma, haveria uma tendência para não reconheceres a tua própria situação física. Seria difícil levares contigo as memórias da personalidade ego atual. Esta terceira forma é o veículo do eu interior. A desorientação que ele sente é a desorientação, percebes, que sentirá quando o corpo físico for abandonado, ou no momento da morte.

A desorientação é apenas temporária e, quando a forma é separada do corpo físico, então todas as memórias e identidade dentro do sistema eletromagnético passam a fazer parte do eu interior, naturalmente.

Mas isto não é um processo instantâneo e, em qualquer tentativa de projeção, não há necessidade absolutamente nenhuma de levar isto mais longe. Esta forma é usada, contudo, para fins de instrução. É usada de vez em quando para familiarizar a personalidade inteira com aquelas circunstâncias que, a dado momento, a afetarão.

Há ocasiões, embora raras, em que o período de desorientação é completamente ultrapassado e a ligação com o corpo fica, portanto, quase quebrada. Não trataremos, no entanto, dessa situação. A maioria das vossas projeções será nas primeira e segunda formas.

Habitualmente, projetar-te-ás do corpo físico para a primeira forma e depois, talvez, para a segunda forma. Ocasionalmente isto acontecerá e não o saberás, apesar de todas as tuas tentativas de averiguar as tuas circunstâncias. Existem, de facto, maneiras e sinais que te dizem quando passas de uma forma para a outra, e veremos, de facto, que os conheces. Ambos — isto é, José e Ruburt agora — deverão ter vários exemplos de

projeções dentro da primeira e segunda formas nos próximos meses, se o vosso desenvolvimento continuar ao ritmo atual.

Quero mencionar também a diferença em experiência e sensação entre uma projeção que começa no estado de sonho e uma que começa num estado de transe, e também discutir o que o Ruburt chama sonhos de aparência desperta, pois há aqui vários pontos que não conheces, e são bastante importantes.

Sugiro agora um intervalo para o nosso material do lnstream.

(Intervalo às 21:59. A Jane estava fora como de costume. O andamento fora bom, a voz bastante forte, os olhos abertos durante a maior parte da locução.)

(A Jane sentou-se então inclinada para a frente, com ambas as mãos erguidas aos olhos fechados, quando começou a dar os 72.os dados do Instream. Retoma às 22:10.)

Dá-nos um momento, por favor, para o nosso material do lnstream.

Uma página, talvez de um livro. Relativa a, ou mencionando, um flagelo de algum tipo. Talvez uma época de peste. Ora, isto pode ser ficção, ou um relato histórico *(pausa)*, mas com menção de uma doença.

Há também uma ligação com o passado, talvez tratamento passado da doença, ou talvez isto tenha uma conotação histórica.

Os números 175 e 377, creio. Podem ser números de página, não sei. Ou pode haver também ligação com os séculos XIII e XVII. Uma ligação também com fogo mencionada. Gado e ratos.

Um objeto pequeno, muito branco, também. Parece ser um cubo, com o lado à direita de alguma forma mais claro do que os outros lados. O objeto pode estar pousado na página de um livro.

Outras impressões não ligadas ao objeto — uma carta de um primo, recebida pelo Dr. lnstream. Também as iniciais J C. *(Pausa.)*

Tens um envelope para mim?

("Sim."

(Às 22:16 entreguei à Jane o envelope para o nosso 61.º experimento. Com os olhos ainda fechados, ela pressionou-o na testa, com a sua dimensão comprida paralela ao chão.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Dez. Algo torcido. Algo repetido, talvez, embora não tenha a certeza, cinco vezes. Ligação com uma armação que está partida, ou cortada.

Isto é difícil de pôr em palavras... A impressão de algo a avançar, como de um caminho, percebes, que é largo e depois estreita à distância.

(De olhos fechados, a Jane fez um gesto com ambos os braços que os Wilburs e eu interpretámos assim: >—<.

As mãos da Jane juntaram-se à distância de um braço.)

Isso pode precisar de alguma… interpretação, mas essa é a impressão.

(Depois do gesto, a Jane mudou o envelope para uma posição vertical ao voltar a encostá-lo à testa. A partir daqui, observei cuidadosamente para ver que mantinha o envelope na mesma posição até ao fim da locução, para poder marcar a dimensão de topo, caso fosse necessário à nossa interpretação dos dados; e os Wilburs verificaram que a posição do próprio objeto foi assim determinada, marcando sucessivamente ambos os envelopes à medida que eram abertos no intervalo, as duas folhas de Bristol, e por fim o próprio objeto.)

Uma borda. Um topo. Ligação com um convite. Uma casa. Quatro linhas verticais, e uma prenda, ou presente.

Tens alguma pergunta?

("Podes dizer algo mais sobre avançar?")

A impressão é difícil de trazer a foco claro. *(Pausa.)* Pode ser simbólica. Um movimento, por exemplo, numa direção para a frente, ou algo que conduz ao futuro. Deste modo *(a Jane gesticulou com o envelope vertical sem alterar a sua posição básica)*, a impressão de uma linha comprida, aproximadamente pelo centro, ou um objeto fino e escuro, e um pequeno objeto no canto inferior direito.

Talvez uma ligação com uma data de junho, e algumas designações no outro lado do objeto — talvez no canto superior esquerdo. *(Segurando ainda o envelope na posição vertical e na mão direita, a Jane baixou-o o suficiente para poder tocar com a mão esquerda no canto superior esquerdo do envelope.)*

Alguma escrita. *(Pausa.)* Agora, creio que manuscrita. E talvez com um homem mais velho. Isto é, talvez uma ligação com um homem mais velho.

("O que era isso de topo?")

Uma designação de algum tipo. Talvez iniciais ou data, no canto superior esquerdo, no outro lado do objeto. *(A Jane voltou a tocar no objeto no canto superior esquerdo enquanto o segurava verticalmente. Eu não tinha a certeza de que esta informação surgiu em resultado da pergunta, sentindo antes que a pergunta a tinha de algum modo interrompido.)*

("E quanto a cores?")

(Mais uma vez, pareceu que eu a interrompi. O Seth entrou agora em algo novo no que toca aos dados do envelope. Os Wilburs e eu concordámos mais tarde que o Seth decidiu evidentemente inserir o seguinte material por sua própria iniciativa, e porque a hora, e o estado de transe da Jane, lhe pareceram oportunos. Há também uma ligação de ideia geral entre o que se segue e o objeto do envelope.)

Agora, vamos tentar algo aqui. Estou lá em cima, a olhar para uma sala em que quatro pessoas se sentam a uma mesa. São membros de uma família. Da tua família, José.

Creio que o teu irmão Loren é um dos presentes. *(Pausa.)* O número 17, uma data em julho que será significativa para ele, ou para a família próxima dele — não necessariamente para ele, percebes. *(Pausa.)*

(Agora o Seth voltou aos dados do envelope como de costume.)

Um objeto retangular, com fundo branco. Também cinzento. Uma ligação com um acontecimento futuro.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:31. A Jane estava muito bem dissociada, disse — mesmo "fora". Ela achou que o Seth tinha feito isto deliberadamente para compensar o ruído do trânsito que entrava pelas nossas janelas abertas e porque as testemunhas, no início dos dados, a tinham distraído inadvertidamente ao mexerem em papéis, tossirem, etc.)

(Como referido na página 242, pedi à Jane que segurasse o envelope na mesma posição ao sair do transe. Como ela sai do estado de transe fácil e rapidamente, ouviu-me e cumpriu. Os envelopes e os Bristols foram então marcados como indicado e, por fim, o próprio objeto. Isto aparece como T no topo da página 4, na cópia da página 236. Ver também as notas na página 242.)

(Os Wilbur, a Jane e eu estabelecemos as ligações do envelope. O Seth confirmou a nossa interpretação de algumas delas após o intervalo.)

("Dez." O objeto é um aviso que a Jane e eu recebemos pelo correio recentemente, indicando que uma loja local de materiais para artistas continuava em atividade sob nova gerência. A sessão desta noite realizou-se a 15 de junho. Eu tinha deitado fora o envelope em que o objeto chegou, mas ambos nos lembrámos de ter recebido o objeto na sexta-feira passada, 10 de junho. O Seth confirma isto mais tarde.)

("Algo torcido." O desenho impresso na página um do objeto é composto por um padrão complicado de linhas curvas, que o Seth poderia ter interpretado como torcidas. A mesma impressão poderia resultar do ornamento em caixa no fundo da página 3.)

("Algo repetido, talvez, embora eu não tenha a certeza, cinco vezes." O Seth não estava seguro aqui. Acreditamos que ele estivesse a chegar à construção do desenho na página 1 do objeto. As três secções da vagem de erva-de-seda mostradas são constituídas por grupos de linhas; cada grupo contém aproximadamente o mesmo número e arranjo de linhas, quer se considerem pretas quer brancas. Pode encontrar-se arranjos de cinco linhas em cada um desses grupos, mas também se podem contar mais ou menos, consoante a abordagem. Consideramos válida aqui a ideia de repetição.)

("Ligação com uma armação que está partida, ou cortada." No canto inferior direito da página 1 do objeto há um monograma composto pelas letras A e S, de Art Shop. A perna direita do A é cortada mais curta do que a perna esquerda. Quando a Jane viu o monograma, disse que o A

representava para ela uma armação, como uma casa em A-frame, e que a perna direita era mais curta.)

(A palavra "framing" aparece no fundo da página 3, e está ela mesma encerrada numa moldura ornamentada, mas evidentemente o Seth não se referia a isto.)

("Isto é difícil de pôr em palavras… A impressão de algo a avançar, como de um caminho, percebes, que é largo e depois estreita à distância." A Jane fez o seu gesto, conforme descrito na página 242. "Isso pode precisar de alguma interpretação, mas essa é a impressão." Procurei mais informação sobre esta impressão com a primeira pergunta. No momento dos dados acima a Jane segurava o envelope na horizontal. Pode haver uma interpretação literal: o desenho da erva-de-seda na página um do objeto é em forma de V no sentido abstrato — largo numa extremidade, estreitando até um ponto, como o gesto da Jane. Além disso, o A no monograma Art Shop afunila um pouco, mas não chega a um ponto. Pode também haver uma interpretação simbólica, e o Seth levanta essa possibilidade em resposta à primeira pergunta.)

(A Jane mudou agora o envelope para posição vertical e, conforme explicado na página 242, marquei o objeto com T de topo, como mostrado na cópia da página 236. Ver a página 4 do objeto.)

("Uma borda." A página um do objeto contém uma borda em relevo cego. Isto aparece como um traço de caneta na cópia da página 236; na realidade a borda não tem cor. Talvez, também, a caixa no fundo da página 3 do objeto possa ser chamada de borda.)

("Um topo." Não sabemos, a menos que o Seth se referisse talvez ao facto de o objeto ser composto por uma folha dobrada; talvez enquanto a Jane segurava o envelope, a página 1 do objeto estivesse virada para ela.)

("Ligação com um convite." Como o objeto é um aviso de que a Art Shop continua em atividade, é um convite a continuar a comprar lá. Além disso, a Jane e eu fomos pessoalmente convidados pelos três novos proprietários, que conhecemos, a continuar a fazer compras na Art Shop. Nota adicional de Rob: mais tarde, a loja é mudada para uma casa.)

("Uma casa." Como referido em ligação com os dados "armação" na página 244, o A do monograma da Art Shop na página um do objeto significava para a Jane uma armação, ou uma casa em A-frame.)

("Quatro linhas verticais." Enquanto dava estes dados, a Jane segurava o objeto na vertical, conforme indicado por T na página 4. Os dados são demasiado gerais para termos certeza; o desenho na página 1 teria algumas linhas a prumo quando o objeto é segurado na vertical, mas nada exatamente vertical.)

("e uma prenda, ou presente." Para além de vender materiais de pintura, a Art Shop vende uma variedade de presentes — cerâmica, livros, molduras, pinturas, gravuras, escultura, postais, etc.)

(A primeira pergunta pediu ao Seth que comentasse mais sobre os dados de "avançar" na página 242: "A impressão é difícil de trazer a foco claro. Pode ser simbólica. Um movimento, por exemplo, numa direção para a frente, ou algo que conduz ao futuro." Foi dada uma interpretação literal na página 242. Aqui, a interpretação simbólica pode ser o facto de na página 3 do objeto se dizer que a Art Shop está "Continuing under new management.")

(A Jane continuou, gesticulando com o objeto segurado na vertical: "Deste modo, a impressão de uma linha comprida, aproximadamente pelo centro, ou um objeto fino e escuro", refere-se, pensamos, ao caule do desenho da erva-de-seda na página 1 do objeto, que vai de cima a baixo. Seguem-se os restantes dados:)

("e um pequeno objeto no canto inferior direito." Com o objeto segurado como marcado por T na página 4, o monograma A-S da Art Shop vê-se no canto inferior direito da página 1. Isto falando intrinsecamente. Não sabemos, por exemplo, se a Jane segurou o envelope com a página um do objeto voltada para a sua face, ou com a página 4 voltada para a sua face; nem sabemos se isso importa, ou se influenciou os dados do Seth.)

("Talvez uma ligação com uma data de junho." Ver os dados "dez" na página 244. A Jane e eu conseguimos determinar que recebemos o objeto do envelope pelo correio no dia 10 de junho. O Seth confirmou.)

("e algumas designações no outro lado do objeto, talvez no canto superior esquerdo." Segurando o envelope na vertical na mão direita, a Jane beliscou o canto superior esquerdo do envelope com a mão esquerda. Ver página 243. Há matéria impressa nas páginas 1 e 3 do objeto; dobrado, isto coloca uma página impressa atrás da outra, o que pode ter dado origem ao uso de "outro lado" pelo Seth. O endereço da Art Shop no topo da página 3, porém, não está nem à direita nem à esquerda, mas centrado. Não sabemos se os dados do canto superior esquerdo derivaram do facto da Jane segurar o objeto com a página um voltada para longe dela, por exemplo.)

("Alguma escrita. Agora, creio que manuscrita." Não há manuscrito no objeto, apenas texto impresso. No passado, a Jane, ou o Seth, têm intermisturado termos para cópia impressa, chamando-lhe impressão, escrita, tipo, etc.)

("E talvez com um homem mais velho. Isto é, talvez uma ligação com um homem mais velho." Roy Fox, cujo nome aparece na página três do objeto do envelope, está no início dos 60.)

(A pergunta seguinte pediu ao Seth mais dados sobre a impressão de topo. Não sabemos se os dados que se seguem são em resposta à pergunta: "Uma designação de algum tipo. Talvez iniciais ou data, no canto superior esquerdo, no outro lado do objeto." A Jane indicou novamente o canto superior esquerdo do envelope, enquanto o segurava na vertical. Isto

parece ser uma repetição dos dados do canto esquerdo dados na página 243 e, como aí se afirma, não há nada de particular num canto com o objeto segurado como marcado na página 236.)

(A terceira pergunta pediu cores ligadas ao objeto. O Seth acaba por responder à pergunta, mas primeiro insere o material referente ao meu irmão Loren: "Agora, vamos tentar algo aqui. Estou lá em cima, a olhar para uma sala em que quatro pessoas se sentam a uma mesa. São membros de uma família. Da tua família, José.")

("Acredito que o teu irmão Loren é um dos presentes. O número 17, uma data em julho que será significativa para ele, ou para a família próxima dele — não necessariamente para ele, percebes." Não pedimos estes dados; surgiram espontaneamente. Vimos uma razão pela qual o Seth poderia ter escolhido inseri-los aqui nos dados do envelope, e o Seth confirma mais tarde a nossa especulação. A nossa ideia foi que o Seth procurou usar a ideia de uma ligação de parentesco com o objeto. Ruth Gridley, listada na página 3 do objeto como parte da nova gerência da Art Shop, é minha prima direita; o Loren, claro, é meu irmão. Mas continuamos a achar que os dados sobre o Loren são à margem, em essência, dos dados do envelope.)

(Agora o Seth respondeu à pergunta: "Um objeto retangular, com fundo branco. Também cinzento." O objeto é retangular. Tem fundo branco. Não há cinzento no objeto, mas, mal viu a letra miúda na página 3, a Jane disse que isso lhe significava a impressão de cinzento.)

("Uma ligação com um acontecimento futuro." O objeto implica acontecimentos futuros pelo texto na página 3: "Continuing under new management.")

(A Jane retomou às 23:12, falando muito jovialmente, os olhos abertos.)

Encerramos agora a nossa sessão, por respeito apaixonado que vos é devido. Estou, como sempre, bastante disposto e capaz de continuar por algum tempo.

É benéfico para nós termos estas testemunhas em particular, e é uma boa experiência para vocês. Compreendo muito bem as limitações necessárias com que temos de trabalhar. Tens a oportunidade de me fazer quaisquer perguntas específicas que tenhas em mente, José, ou podemos terminar a sessão, como preferires.

("A nossa interpretação dos dados 'dez' estava correta?")

"Dez" referia-se à data, ao décimo de junho.

("A Jane quer saber porque é que o pássaro dela morreu.")

Não é demasiado tarde esta noite para eu o pôr a par das suas aves e abelhas. *(O Seth estava muito ativo, sorridente, eloquente.)* No entanto, receio que seja demasiado tarde para ti.

("Então como é que o nosso gato saiu de casa?")

(Recentemente adquirimos um segundo gato, um vadio. Tinha o hábito de entrar e sair a todas as horas. Na noite passada, a Jane deixou-o entrar por volta da 1 da manhã, depois de o ouvir arranhar à porta das traseiras. Para o fazer teve de se vestir completamente antes de percorrer o corredor comprido fora do nosso apartamento. A Jane alimentou o gato e trancou a porta do nosso apartamento como de costume antes de voltar para a cama. Sei que ela se levantou a essa hora porque me acordou quando voltou para a cama e disse-me que o segundo gato tinha regressado a casa. Também ouvi este gato e o nosso primeiro gato, o Willy, a brincar na sala.)

(Quando nos levantámos esta manhã, o gato número dois não estava em lado nenhum. A porta do corredor estava trancada. Quando fui trabalhar esta manhã, a Jane foi comigo até à garagem. Depois de eu sair, ela encontrou o gato número dois no quintal. Pergunta: como é que o gato foi lá parar? Decidimos perguntar ao Seth esta noite.)

(Sorriso aberto, olhos bem abertos.) Eu nunca deveria ser eu a dizer-vos isto, porque o meu amigo Ruburt virá atrás de mim com uma vassoura a seguir.

("Porquê?")

Alguém desta casa andou a dormir a andar, e abriu a porta. O gato não é bom em projeção. O nosso amigo Ruburt não se lembra do seu passeio noturno. Como estamos entre amigos, dir-vos-ei que ele lembrou a sua modéstia feminina mesmo em sono, e voltou a envergar as roupas que vestira antes, percebes, quando deixou o gato entrar.

Os queridos gatinhos aborreceram-no. Ele estava demasiado preguiçoso, percebes, para se levantar da cama. Queria dormir. Comeu o bolo e ficou com o bolo.

(Adormeci de novo imediatamente depois de ver a Jane voltar para a cama à 1 da manhã. A Jane disse que se lembrava de os dois gatos estarem muito barulhentos enquanto brincavam juntos no apartamento escuro, e que se lembrava de desejar que parassem. Mas não tinha memória de se levantar uma segunda vez, vestir-se, etc., para voltar a pôr o gato número dois na rua.)

Agora, eu estou — podes ou não tomar notas agora, José —, percebes, bastante presente convosco esta noite…

(O Seth estava num excelente e bem-humorado estado de espírito, e falou ainda por algum tempo. Deixei de tomar notas textuais às 23:20. O Seth falou aos Wilbur e a mim sobre as implicações por detrás da morte do pisco-jovem, entre outras coisas, e verificou que os dados sobre o Loren no experimento do envelope pretendiam também usar a ideia de parentesco para ligá-lo ao objeto do envelope e à minha prima Ruth.)

(O Seth deu a noite por terminada, presume-se, às 23:30, mas depois voltou, ainda de excelente humor e sorridente. Disse que à Jane não iria

agradar a ideia de sonambulismo, o que a Jane confirmou mais tarde. Disse também à Marilyn Wilbur que a via, através dos olhos da Jane, como um indivíduo — uma pergunta que a Marilyn levantara mais cedo naquela noite. No passado, em várias ocasiões, o Seth disse que costuma ver as testemunhas, e a mim, como uma imagem eletromagnética composta que incorpora o nosso passado, presente e futuro, assim como esses atributos em quaisquer outras vidas que possamos ter tido. Explicou que isto é, normalmente, mais fácil do que focar tão intensamente na única personalidade física e psíquica do nosso "agora" temporal.)

(Os Wilbur deixaram-nos. A Jane e eu pensámos que a sessão tinha terminado, mas o Seth regressou brevemente de novo por volta das 23:45, para comentar de forma calorosa que, durante as vidas físicas que a Jane, o Seth e eu vivemos juntos na Dinamarca, no século XVII, eu o tinha levado a perder uma soma considerável de dinheiro. Pedaços e apontamentos do nosso material reencarnacional surgem ao longo das sessões.)

(O Seth voltou mais uma vez às 23:54, desta vez novamente em resposta às nossas especulações relativas ao segundo gato e ao episódio de sonambulismo da Jane. Eis o resto da história envolvendo o segundo gato: depois de eu sair para o trabalho e a Jane ter levado o gato para dentro de casa, descobriu, para sua mágoa, que o gato de algum modo apanhara a mandíbula inferior presa numa coleira nova que lhe tínhamos posto no dia anterior e que, evidentemente, a mandíbula inferior do gato fora forçada a manter-se aberta nessa posição tensa durante algumas horas. A Jane teve de usar uma tesoura para cortar a coleira. O gato caiu prontamente num sono estuporado, que durou todo o dia.)

(Estávamos a perguntar-nos há quanto tempo o animal fora obrigado a lutar com as mandíbulas abertas desse modo quando o Seth se manifestou. A Jane falou com os olhos abertos, enquanto estava de pé, quieta, junto a uma mesa. O Seth disse-nos que a Jane, em sono, voltou a pôr o gato na rua às 3 da manhã. O gato apanhou a mandíbula inferior presa na coleira "pouco depois" e assim ficou até o encontrarmos pouco depois das 7:30.)

(Assim, no total, o Seth voltou três vezes. A Jane tinha estado bem dissociada em cada uma delas.)

IMPRESSÕES ANEXADAS À SESSÃO 268
SEXTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1966

(As seguintes são as impressões que a Jane recebeu às 22:22 enquanto segurava o relógio do Don Wilbur:)

1943.

Data de abril.

Homem alto, de cabelo grisalho… um tanto espinhoso.
Uma ligação com alguém além do Don com o relógio.
(*Correto — o relógio foi um presente da esposa.)*
Um pequeno incidente estúpido imediatamente antes ou depois da compra.
(C*orreto — foi um presente de Natal e ele comprara o mesmo artigo, um relógio, para a esposa. Ambos sabiam o que o outro comprara e decidiram abri-los na véspera de Natal porque sabiam.)*
Uma graduação — não —.
Um outro pacote envolvido.
(C*orreto — a embalagem mais pequena do relógio foi metida dentro de uma embalagem maior.)*
Além disso, uma ligação qualquer com algo extraviado ou roubado — não creio que seja o relógio que tenha sido extraviado ou roubado.
Cor amarela.
4 pessoas juntas.
Credo — não creio que seja essa a palavra.
✔ *talvez em ligação com o Natal.*
Um velho numa cadeira de rodas — não ligado ao relógio.
(*O Don conhece uma mulher que ficou incapacitada com artrite e passava muito tempo numa cadeira de rodas. Era uma mulher pequena… a impressão da Jane era de uma pessoa pequena.)*
Iniciais S. G. — parece que isso se aplicaria aos Gallagher… ah, ah.
Algo sobre o 16.º ano — talvez outro relógio.
(*O 6.º ano foi significativo na mente do Don, embora não seja provável que tenha recebido outro relógio então. Contudo, já teve vários outros relógios ao longo da vida.)*

(Nota adicional de Rob relativa ao ponto 12: a Jane também teve a impressão de cabelo escuro em ligação com os dados da artrite. Isto estava correto segundo os Wilbur na sexta-feira, 17 de junho, mas agora já não me lembro exatamente como. RFB — 20/6.)

SESSÃO 269
20 DE JUNHO DE 1966

(O objeto de envelope para o 62.º experimento era um pedaço de serapilheira de cor creme; aparece escuro na página 250 por causa do método de reprodução. A Jane estava comigo no último sábado, 18 de junho, quando comprei a serapilheira para usar em algumas telas experimentais para pintura.)

(Colei um quadrado de serapilheira a um painel de madeira com um gesso acrílico muito branco usado para preparar tela de artista, e depois usei uma lâmina de barbear para aparar o excesso à volta das bordas depois de secar. Daí os cortes de lâmina no objeto, como indicado. Ao

longo da borda inferior do objeto via-se também uma camada do gesso branco, resíduo do próprio painel. A Jane, claro, também me viu a experimentar com o painel.)

(Os resultados do envelope continham alguns pontos válidos. Contudo, ficaram bem abaixo da média. A Jane estava muito cansada antes da sessão, embora dissesse que se sentia bem quando a questionei. Se me tivesse apercebido de quão cansada estava, a sessão não teria sido realizada; ambos temos andado extremamente ocupados ultimamente e com o tempo apertado. A Jane disse que não me deu conta de estar cansada porque, em tais circunstâncias, às vezes surgem materiais excelentes.)

(A Jane estava a fumar quando a sessão começou, e os seus olhos estavam abertos desde o início. O andamento foi médio e ela sorriu amplamente.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Por este meio *(sorriso)* apresento-te sinceros parabéns pelo teu aniversário.

("Obrigado." Tenho 47. A Jane tem 38.)

O Ruburt estava tão preocupado por os teus colegas de trabalho não te terem feito uma festa que tratei de te felicitar devidamente. *(Pausa.)* O Ruburt enviou mensagens. Os teus convidados de hoje dificilmente foram não convidados — pelo menos subconscientemente.

Ele queria que te desejassem feliz aniversário. Nada disto operou a nível consciente. Conscientemente, ele queria estar sozinho. A sua zanga com os teus colegas gerou as energias que encontraram um escape imediato, puxando pessoas para aqui. Depois, claro, não deu em nada, porque ele não te queria incomodar. Tudo somado, uma demonstração divertida. *(Pausa.)*

(A Jane e eu ficámos bastante perplexos com as visitas desta tarde e hora do jantar. Todos amigos, chegaram assim: um grupo de dois, um sozinho, um grupo de três, num total de seis. Ficaram tempo suficiente para que a Jane não fizesse trabalho à tarde, ou muito pouco. Além disso, um deles era meu colega de trabalho e disse à Jane que no escritório se tinham esquecido de que hoje era o meu aniversário; quando se lembraram, planearam uma festa para amanhã.)

Agora. Havia algumas notas que queria dar-te acerca de sonhos nos quais tens a certeza de que estás acordado.

Quando esses sonhos são invulgarmente vívidos, então o ego está consciente de estar a participar. Contudo, em geral, o ego não está a usar as suas faculdades críticas.

Como sabes, podes usar as faculdades críticas. Mas, percebes, quando o fazes, apercebes-te de que não estás na tua condição normal de vigília.

Em sonhos de aparência desperta estás de facto desperto, dentro, claro, de um enquadramento psicológico diferente. Na verdade, dentro de um enquadramento de realidade diferente.

Estás a operar num nível de consciência bastante elevado e estás a usar sentidos interiores. Estes permitem-te percecionar uma profundidade ou dimensão acrescida, e isto é responsável pelo sentido aumentado de vividez e também pela sensação de exaltação que por vezes ocorre neste tipo particular de sonho.

O passo seguinte, claro, é permitir que o ego use também as suas faculdades críticas dentro do estado de sonho. Assim poderás aperceber-te de que, embora estejas de facto desperto, como pareces, estás desperto dentro de uma condição diferente.

Quando isto ocorre, poderás usar as tuas capacidades normais além de outras capacidades usadas enquanto estás no próprio estado de sonho. Terás certeza da tua identidade. Aperceber-te-ás de que o teu eu físico está a dormir, ou em estado de sonho, e de que o eu interior está plenamente desperto. Ora, isto representa um aumento nítido no âmbito da consciência e uma expansão considerável sobre as limitações habituais que impões ao eu.

Só então poderás realmente começar a manipular as condições que existem e a comunicar o conhecimento que recebes ao teu próprio ego. Por esse tempo, percebes, o ego torna-se participante direto em tais experiências — pelo menos até certo ponto.

Quase todas as tuas experiências de sonho envolvem projeção de um tipo ou de outro. Essas experiências variam em intensidade, tipo e até duração, tal como quaisquer outras experiências variam. É preciso bastante treino e competência para operar com eficácia real dentro dessas situações.

No conjunto, o intelecto desempenha algum papel, mas as qualidades intuitivas são as mais importantes. Ocorrem mudanças químicas no corpo físico quando acontecem projeções. Há também variações eletromagnéticas. Estas variam de acordo com a forma em que a projeção ocorre.

A forma projetada imprime-se de algum modo no teu sistema físico. Por outras palavras, é pos-sível que seja detetada. É um tipo de pseudoimagem, materialisticamente falando, mas tem realidade eletromagnética definida e propriedades químicas.

Agora. Os animais já detetaram tais aparições. Não há praticamente magia envolvida. Eles reagem às propriedades químicas da aparição e constroem a imagem a partir delas — das propriedades.

Essas propriedades químicas, porém, são mais difusas numa aparição do que numa forma física. A composição química de uma tempestade talvez te dê uma ideia do que quero dizer. São, de facto, pequenas

perturbações, percebes — formam pequenas perturbações no teu sistema físico.

Regra geral, não são sólidas da mesma maneira que as nuvens não são sólidas e, no entanto, têm forma e, até certo ponto, limites e, claro, movimento. Têm definitivamente uma realidade, percebes, embora normalmente não a possas percecionar com os sentidos físicos.

Talvez essa qualidade difusa seja a diferença mais importante entre uma tal aparição e uma forma física. Existe uma estrutura atómica. Nalguns aspetos, porém, a estrutura é menos completa do que a de uma forma física. Há sempre uma pequena diferença no peso normal do corpo físico quando o indivíduo está a projetar. Os químicos em excesso acumulados durante a condição de vigília são usados para ajudar a formar as imagens projetadas. Há uma ligeira perda de potência eletromagnética e potência química quando o indivíduo está a projetar.

Podes fazer o teu intervalo, e continuarei.

(Intervalo às 21:30. A Jane tinha estado dissociada como de costume. Sabia que os seus olhos tinham estado abertos a maior parte do tempo. No entanto, a sua voz não tinha sido tão forte quanto o habitual ultimamente. Observou casualmente que se sentia algo cansada. A locução tinha sido bastante ativa e enfática.)

(A Jane retomou do mesmo modo às 21:46.)

Há muito que considerar aqui. A identidade não depende da existência física.

A realidade eletromagnética pertence ao eu interior. Não é uma propriedade que pertença à matéria física, embora apareça em termos físicos. *(Pausa.)* A segunda e a terceira formas de projeção têm realidades eletromagnéticas. *(Pausa.)* Estamos a ir devagar aqui para fazer passar este material com clareza.

As propriedades químicas do corpo são o resultado de certas alterações eletromagnéticas. Os químicos são, portanto, subprodutos de realidades eletromagnéticas. As propriedades eletromagnéticas, repito, pertencem ao psíquico, não à estrutura física.

Na existência física, uma certa parte das propriedades eletromagnéticas do eu interior é usada pela estrutura física do corpo. Ocorrem alterações subtis no corpo quando o eu interior se projeta. Esta projeção não depende da vida física — isto é, a sobrevivência da personalidade humana também não depende da sobrevivência física, nem precisa de ser sustentada pela vida física. As propriedades eletromagnéticas simplesmente revertem à sua fonte original com o eu interior e deixam de ser utilizadas na construção de uma imagem corpórea.

Toda a consciência existe primeiro e sobretudo em termos eletromagnéticos, embora a consciência possa projetar-se em muitas formas diversas. Contudo, nunca fica completamente aprisionada nessas formas.

Percebes, expliquei-te isto de alguma maneira. *(Sorriso.)* Enquanto seres físicos, a vossa perceção, a vossa perceção física, é abrandada até um grau necessário mas muito extenso.

O arco de toda a vida de um homem não é mais do que um ponto-momento. O ego é a porção de ti equipada para explorar e experienciar esse ponto-momento em profundidade. *(Sorriso.)* O cumprimento de valores exige este abrandamento da perceção. Isto é muito difícil de explicar. Considera o uso do tempo psicológico. Tens experiências dentro de uns poucos momentos de tempo físico, experiências que são inteiramente independentes da tua estrutura temporal.

Estás a explorar os conteúdos interiores de um momento, a aprofundar a sua experiência. Ora, isto é o que o ego faz, percebes, ao longo de uma vida, apenas em grau maior. Em projeções, e nos teus sonhos, as tuas perceções, até certo ponto, permitem-te saltar para fora das limitações temporais do ego. O corpo físico é de facto o veículo do ego. Não precisas dele, percebes, para projeções.

(Sorriso, pausa.) Acabámos de abordar material bastante importante, e iremos discuti-lo mais pormenorizadamente. Podes fazer um breve intervalo antes dos nossos dados do Instream.

(Intervalo às 22:04. A Jane tinha estado "fora" como de costume, a sua locução muito intensa, os olhos frequentemente abertos.)

(Enquanto dava o 73.º material do Dr. Instream, falou com uma mão erguida aos olhos fechados. Retoma às 22:12.)

Dá-nos um momento, por favor. *(Pausa.)*
Os números 42. Talvez em ligação com o aniversário de alguém. Um homem, parente do Dr. Instream.

Agora. O Ruburt tem conhecimento do simpósio de hipnose, por ter visto um recorte. Daremos algumas impressões referentes a esse simpósio.

Um acontecimento bastante desagradável, envolvendo um homem com inicial M. *(Pausa.)* Talvez em ligação com outro homem com inicial E. O M pode significar Milton, ou um nome de som próximo. Isto será sob a forma de uma discussão, creio, diante de várias pessoas, embora possa ocorrer diante de muitas pessoas. *(Pausa.)*

Um elemento do simpósio com o qual o Dr. Instream discorda fortemente, muito fortemente. Alguns planos particulares feitos talvez apesar dos seus desejos originais.

O objeto para esta noite, uma espécie de fivela, de metal ou de cor metálica, riscada. *(Pausa.)* Também um desenho ou iniciais *(pausa)* gravados profundamente no objeto. *(Pausa longa.)*

Quatro seis, ou 1946, ligado ao objeto. Está agora, ou esteve ligado, a algo que se assemelha a um cinto elástico. *(Pausa.)*

Tens um envelope para mim?

Sim. *(Sem abrir os olhos, a Jane recebeu de mim o envelope duplo para o 62.º experimento e segurou-o na testa em posição horizontal.)*

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Parece estar de algum modo ligado a turbulência de algum tipo. A impressão de que o objeto tem uma borda, uma borda em linha. De que é retangular em forma. *(Pausa.)*

Smidgeon — não sei a que isto se refere. Também uma ligação distante a 1947. A impressão de um cartão que de algum modo liga duas casas. A impressão visual é de um objeto ou representação em dois lados equilibrados do objeto, como por exemplo aqui e aqui, percebes…

(Segurando ainda o envelope horizontalmente com uma mão, a Jane indicou cada extremidade do envelope com a outra mão.)

Uma tez rosada. Seis. Um agrupamento de formas, arredondadas. Segurando o objeto desta maneira, alguma espécie de letreiro aqui. *(Agora, segurando o envelope na vertical, a Jane passou um dedo ao longo da borda inferior do envelope.)* Talvez em dois lados do objeto.

A cor verde, amarelo. Formas de flor ou estrela pontiagudas. De novo, uma ligação com uma perturbação, com uma faca. Esta é a impressão da ponta. Não sei se a faca é literal. Afiado, algo afiado.

O Ruburt pensa num artigo de jornal, sobre um assassínio. Um acontecimento formal de natureza social convencional. Uma insuficiência. Algo cancelado ou expirado. A cor branca e quatro linhas, talvez com branco entre elas.

Tens alguma pergunta? Quadrados vermelhos e brancos ligados aqui.

(Tinha a escolha entre tentar orientar o Seth de volta ao objeto através de perguntas, ou tentar de novo com novos dados. Depressa se tornou claro que as impressões estavam fora, embora nessa altura eu não soubesse porquê. A precisão do Seth tinha melhorado para o fim dos dados, contudo. A Jane ficou à espera.)

("Queres tentar outro conjunto de impressões?")

Muito bem, dá-nos um momento, por favor. *(Pausa.)* Pois então, veremos.

Um objeto circular, como um alvo. Cor vermelha, rodeada de branco. Talvez por um quadrado branco. Também a cor preta. *(Pausa.)* Talvez uma ligação com algo não pedido, ou não desejado ou requerido. *(Pausa.)*

Ainda assim, parece haver uma ligação com jornal. Impressão ou tinta preta, não sei. J. B. Uma caixa ou recipiente, talvez que em tempos tenha tido flores.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:26. A Jane tinha estado dissociada como de costume. Ao sair do transe agora, os olhos estavam vidrados e era óbvio que não estava no seu melhor. Disse que soubera que os primeiros dados estavam errados quando lhe perguntei se queria tentar de novo.)

(Por estranho que pareça, disse ter tido duas boas imagens enquanto dava os dados imprecisos — uma imagem para cada conjunto de dados. A primeira dizia respeito a uma forma de cartão, retangular, com motivos equilibrados em cada extremidade quando segurado na horizontal. Ver página 255. A segunda imagem era da forma de alvo também mencionada na página 255.)

(Iremos interpretar os dados que consideramos aplicar-se. A Jane, a propósito, disse que não usava a palavra smidgeon que lhe constasse. Ver o decalque do objeto do envelope na página 250 e as notas na página seguinte.)

(Do primeiro conjunto de dados, página 255: "Formas de flor ou estrela pontiagudas. De novo, uma ligação com uma perturbação, com uma faca. Esta é a impressão da ponta. Não sei se a faca é literal. Afiado, algo afiado… O Ruburt pensa num artigo de jornal, sobre um assassínio." O Seth mencionou também uma ligação com turbulência no início dos dados. Pode haver uma ligação direta com o objeto do envelope e uma ligação com jornal; parece que ambas estão algo distorcidas e que uma talvez influenciou a outra.)

(Como indicado na página 251, o objeto foi cortado da borda do painel de madeira com uma lâmina de barbear; a lâmina tinha de estar afiada para cortar limpo o tecido, e tais cortes foram feitos em dois lados do objeto.)

(Como sempre quando faço esse trabalho, espalho jornais na minha mesa de desenho. A Jane viu-me a fazer isto e sabia que eu estava a experimentar colar a serapilheira em painéis para fazer superfícies de pintura. Fiz este painel em particular, de onde veio o objeto do envelope, na tarde de sábado, 18 de junho.)

(A ligação com o jornal também surgiu porque, na primeira página do jornal de hoje, 20 de junho, estava a notícia de uma mulher local assassinada com uma faca. Assim, embora eu tenha usado jornais ao desenvolver o objeto do envelope, não poderia ter usado o jornal em particular que trouxe a notícia do assassínio, uma vez que essa notícia surgiu dois dias depois. No entanto, a Jane e eu falámos da facada ao jantar esta noite e, evidentemente, a ligação da faca aqui e com o objeto causou as distorções.)

(No final da segunda tentativa do Seth nos dados do envelope, voltou novamente a surgir a ligação com jornal: "Ainda assim, parece haver uma ligação com jornal. Impressão ou tinta preta, não sei." A ligação com tinta preta é interessante para mim. Enquanto trabalhava com os materiais por cima dos jornais, questionei-me se seria assim tão boa ideia, temendo que talvez a cola acrílica que usava pudesse dissolver a tinta preta de impressão o suficiente para sujar a serapilheira branca que eu manuseava. Não houve verdadeiro problema, embora tenha feito algumas manchas

ténues na serapilheira; removi-as sem dificuldade. Não sei se o Seth se referia a isto, ou simplesmente à tinta preta associada a jornais.)

(A Jane retomou com os olhos fechados e a um ritmo lento às 22:49.)

Vamos encerrar a nossa sessão.

O Ruburt estava simplesmente exausto, e é tudo.

O objeto não tinha ligações emocionais suficientes para compensar o seu cansaço. O pedaço AMARELO de serapilheira poderia tê-lo feito.

(Comprámos duas cores de serapilheira enquanto fazíamos compras no sábado, a branca que eu usei para experimentar e um pedaço de amarelo-claro que dei à Jane. A Jane envolveu-se com o material amarelo, experimentando-o como cortina, capa, toalha de mesa, etc., e fez planos para comprar mais. Ficou bastante entusiasmada com a ideia.)

A ligação com o jornal estava correta, como pensaste, e a nitidez. As associações dele próprias operaram, embora ele não se tenha apercebido. É de esperar por vezes, e é bastante natural.

Agora, os meus votos mais calorosos para ambos.

("Boa noite, Seth."

(Fim às 22:52. A Jane estava agora muito cansada, e finalmente admitiu-o.)

SESSÃO 270

O EGO INTERIOR

22 de Junho de 1966

(*Não foi realizada nenhuma experiência com envelope. A Jane estava a fumar quando a sessão começou e, pouco depois, os seus olhos começaram a abrir-se. A voz manteve-se baixa; havia muitas pessoas no quintal, do lado de fora das nossas janelas, mas estava calor demais para nos fecharmos.*)

Boa noite, queridos amigos.

(*"Boa noite, Seth."*)

Meu caro Rob, de facto existem equilíbrios em ação. Tu não precisas temer que, inconscientemente, convides hordas para a tua casa, nem que a Jane o faça inconscientemente.

Também há algo que tu esqueces. Tu és o teu eu subconsciente e, muitas vezes, o que não faz sentido para o ego faz sentido para a personalidade em geral. Ainda assim, existem equilíbrios psicológicos que sempre funcionam quando a gestalt geral da personalidade está operando de maneira eficaz, como acontece em ambos os casos.

As necessidades gerais da personalidade são sempre levadas em consideração pelo que chamei no passado de ego interior. Agora, esta parte do eu é de facto consciente de si, no sentido mais elevado do termo – consciente da porção subconsciente da personalidade, consciente da

estrutura consciente primária que tu chamas de ego, e dirige constantemente as atividades globais. Esta parte está ciente do complicado funcionamento do sistema nervoso e de todas as funções corporais. É o superintendente. Ele sabe quando permitir necessidades subconscientes e desejos que devem ser satisfeitos. Ele sabe quando adiar a realização por um tempo. É esta parte da personalidade responsável pela estabilidade geral.

Ora bem. Esse ego interior também pode operar dentro do estado de sonho e, em certos sonhos que parecem despertos, é a parte que percebe que a personalidade não está na sua condição normal de vigília. É esta parte do eu que está convosco nas projeções mais excelentes. O ego interior é a parte da personalidade que contém as aspirações e capacidades mais elevadas. Foi chamado pelos psicólogos de eu subliminar.

Quando nesses sonhos as vossas perceções parecem extremamente claras, podeis ter certeza de que o ego interior está operando.

Agora, todas as partes da personalidade, da personalidade atual, pertencem a esse ego interior. Funciona constantemente e, no entanto, está sempre em estado de transformação. É mais do que vós sois em um determinado momento do vosso tempo. Ele contém o projeto psicológico que encerra todo o potencial da personalidade atual em qualquer encarnação.

É o diretor de todas as subpersonalidades psicológicas subsidiárias que formam a atual personalidade primária atuante. Dá e recebe. Impede que aspetos não construídos ganhem controlo, a menos, é claro, que haja fortes razões pelas quais tal controlo seja necessário no longo prazo.

Ele envolve-se tanto com o vosso futuro quanto com o vosso passado, falando agora nos vossos termos. À medida que vós criais uma pintura, e a pintura ainda é um aspeto de vós mesmos, ele cria toda a personalidade, que é um aspeto de si mesmo. Opera tanto no estado de vigília quanto no estado de sonho. Muitas vezes constitui o conteúdo de cada um. É mais experiente do que qualquer aspeto da personalidade.

É mais conhecedor do que todos os outros aspetos da personalidade, pois os forma num todo coeso. É, portanto, o diretor de todas as atividades, tanto na condição de vigília quanto de sonho. É do ego interior de quem vós recebeis a inspiração, e é o ego interior que dá consentimento aos nossos encontros.

Eu vos disse desde o início que o ego interior está ciente dos dados que são recebidos através dos sentidos internos, bem como dos dados dos sentidos externos.

É a identidade principal de toda a personalidade atual. Em muitos casos, é o eu dos vossos sonhos. É definitivamente o eu da vossa atividade criativa. É o eu, vede, que sobrevive à existência física, e o ego físico, orientado fisicamente, é apenas uma parte dela.

Se apenas o ego orientado fisicamente sobrevivesse, muito pouco sobreviveria. O ego orientado fisicamente dificilmente tem consciência das suas experiências na totalidade. Se o ego orientado fisicamente sobrevivesse sozinho, conteria apenas as vossas memórias conscientes. Mesmo agora, na existência física, vós operais num nível muito mais profundo e complicado do que este. Acontecimentos e experiências que são esquecidos, ou que escaparam ao ego fisicamente orientado, ainda afetam as vossas atividades nesta vida, e se não o fizessem, a vossa existência física seria realmente breve.

(A Jane bateu no tampo da mesa para dar ênfase, com os olhos arregalados e escuros.)

Qualquer sobrevivência que se baseasse apenas no ego fisicamente orientado seria tão superficial quanto um recorte de papel. Essas coisas escapam de vós. Vós tomais como certo que o ego orientado fisicamente representa a vossa própria identidade psicológica, e isso é uma ilusão. Contém uma parte do vosso sentimento psicológico de identidade, mas apenas isso.

Sentimentos, sensações e memórias que ele desconhece construíram a vossa identidade psicológica e vos deram uma sensação de continuidade. Destes, esse ego sabe pouco. A intimidade convosco mesmos e com a vossa própria identidade, isto é, o conhecimento íntimo da vossa identidade, reside em todas as partes do eu e não depende de uma sobrevivência baseada apenas no ego fisicamente orientado. Isso representaria, de facto, uma farsa de sobrevivência.

Há uma diferença básica, vede, entre uma personalidade sobrevivente e a personalidade como vós a conheceis. O indivíduo na vida física mostra sua face superficial, por assim dizer, externa. As realidades psicológicas internas estão escondidas sob o ego fisicamente orientado, simplesmente porque este não pode dar-se ao luxo de lidar com elas. O seu único objetivo principal é permitir que a personalidade opere efetivamente no seu ambiente físico.

A personalidade sobrevivente tem um equilíbrio psicológico diferente. O ego exterior já não mostra a sua face exterior, por assim dizer, (novamente a Jane bateu no tampo da mesa), mas ocupa o seu lugar com os outros aspetos da personalidade. Poderíamos dizer que isso se torna o subconsciente, embora eu esteja a falar agora simplesmente para transmitir a ideia, e este não é exatamente o caso.

É verdade, contudo, dizer que as memórias do ego fisicamente orientado tomam o seu lugar junto às memórias que antes eram subconscientes. Estou a falar agora da constituição psicológica da personalidade de sobrevivência. As memórias permanecem na existência física. Não há distinção real entre realidade psicológica e realidade física. O ego fisicamente orientado fabrica esta distinção por necessidade.

A personalidade de sobrevivência não precisa fazê-lo. Para ela, todas as realidades são realidades psicológicas, um pensamento é tão real quanto uma cadeira – na verdade, muito mais real. Portanto, as comunicações entre personalidades sobreviventes e personalidades de orientação física estão fadadas a sofrer dificuldades, e essas dificuldades são o resultado da mudança das estruturas psicológicas.

Vamos ter uma sessão breve esta noite e, depois de uma pausa, teremos o material do Instream.

Agora, *o* livro de Ruburt sobre *o* eu não físico vai vender, e em breve. Aponta aqui as iniciais G S e deixa isso por agora.

(Pausa às 21h46. A Jane estava muito fora de si, a sua dicção rápida e enfática, mas tranquila.

(Enquanto dava os dados do 74.º Instream, falava a um ritmo médio, com uma mão levantada até aos olhos fechados. Recomeço às 22h00.)

Dá-nos um momento, por favor, para *o* nosso material do Instream. *O* objeto parece ser um pergaminho de algum tipo — algo enrolado, como se enrola papel. Talvez contenha uma lista. No entanto, é colorido, talvez com uma cor metálica, de cor prateada. Uma reviravolta para *o* Dr. Instream. Ele mudou uma decisão, de uma para outra oposta. (*Pausa.*) Creio que deveria ter mantido o seu rumo original. Um rolo de cordel. Ele tem andado a atar coisas. Alguma dificuldade com *a* garganta dele, ou com *a* da esposa, no lado esquerdo. (*Longa pausa.*)

Um almoço-mestre hoje. Isto é, um almoço que é uma reunião de várias pessoas, pelo menos. *O* objeto-pergaminho pode ser usado na vertical ou na horizontal. (*Pausa.*) Agora, tens um envelope para mim, Joseph? Não.

(*A Jane fez uma pausa às 22h09. Ela sabia, antes da sessão começar, que não haveria envelope.*)

Costumo perguntar apenas para mostrar *a* minha boa vontade. Vamos então encerrar *a* nossa sessão, a menos que, por alguma razão, queiras que continuemos. Convém que sejas grato pelo tempo quando ele é oferecido.

("Bem, podes dizer algumas palavras sobre *o* pesadelo da Jane?"

(*Referindo-se a um pesadelo muito vívido que a Jane teve na noite passada; ela tem apontamentos completos sobre isso.*)

Dá-nos um momento, por favor. (*Pausa, mão sobre os olhos fechados.*)

Inseriremos *o* material durante uma das sessões da próxima semana, pois *o* Ruburt está a bloquear-me. (*Pausa.*) Há mais alguma coisa?

("A Catherine é um gato ou uma gata?"

(*Chamámos assim ao nosso segundo gato, pensando que era fêmea, mas agora temos fortes razões para acreditar que nos enganámos. Macho ou fêmea, o gato chama-se agora Catherine e responde a isso. A Jane riu-se brevemente, de olhos fechados.*)

Certamente podem descobrir a resposta a essa pergunta por vocês mesmos.

("Ah.")

(*Pausa prolongada.*) Estou apenas a dar-vos um momento, caso pensem em mais alguma pergunta importante.

("Bem, acho que não.")

As minhas mais calorosas saudações a ambos. E releiam *a* sessão desta noite várias vezes, pois descobrirão que responde a várias perguntas não ditas.

("Está bem. Boa noite, Seth."

(*Fim às 22h14. A Jane estava dissociada, como de costume. O Seth não o disse, mas ela recebeu dele a sensação nítida de que a Catherine é um macho. A Jane estava preocupada por bloquear os dados do pesadelo, perguntando-se se poderiam ser talvez clarividentes. O Seth regressou brevemente às 22h15.*)

Não houve perigo pessoal para nenhum de vocês, no que diz respeito ao sonho de *o* Ruburt, e isso é tudo por agora.

("Obrigado."

(*Além de envolver a Jane e a mim, o pesadelo envolvia também membros de ambas as nossas famílias. A Jane ficou agora surpreendida por saber que foi necessário que eu a sacudisse para a tirar do pesadelo na noite passada; ela pensava que saíra dele espontaneamente.*)

SESSÃO 271

27 de junho de 1966

(A Jane estava indisposta. Quando lhe perguntei se queria fazer uma sessão, disse que tentaria e deixaria que o Seth decidisse se continuava ou não. Os olhos dela começaram a abrir-se pouco depois de começar a falar, em voz baixa, às 21h01.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Uma breve nota. *O* Ruburt deve continuar com *os* seus exercícios, pois são extraordinariamente benéficos para ele. Recomendo isto, de facto, com muita insistência. Permitem-lhe afastar-se, de forma regular e disciplinada, dos aspetos preocupantes do seu ego.

Os benefícios psíquicos superam amplamente *os* benefícios físicos, especialmente no caso dele. Em momentos como este, *o* ego aprisiona-o, e ele não se permite liberdade interior. *Os* exercícios dão-lhe um alívio diário e um renovo criativo. Serão também, indiretamente, uma ajuda nas nossas sessões.

Esta será uma sessão breve, por razões bastante óbvias. Contudo, *a* dificuldade é totalmente temporária.

Agora, dá-nos um momento, por favor, e daremos *o* nosso material do Instream.

(*Pausa às 21h07, antes do 75.º material do Dr. Instream.*)

Isto são impressões.

Um objeto de pedra, com uma aresta. Uma aresta bastante afiada, creio. (*Pausa.*) *O* objeto é retangular e, sendo de pedra, bastante uniforme. (*Olhos abrem-se brevemente.*) É de cor cinzenta. Um objeto metálico está sobre ele, talvez em miniatura. Tenho *a* impressão de que *o* objeto sobre *a* pedra representa um homem a cavalo.

O objeto inteiro pode ele próprio estar em miniatura. No entanto, não estou certo da ligação à miniatura. *O* objeto parece ter um propósito ou função ligada a uma secretária. (*Pausa.*)

Parece demasiado pequeno para ser um pisa-papéis. Talvez haja uma ligação com um carimbo de borracha. (*Pausa.*)

Uma ligação de algum tipo esta noite, em que *o* Dr. Instream esteve envolvido. (*Pausa.*)

Teremos uma sessão completa na quarta-feira.

Se *o* Ruburt retomar *os* seus exercícios, notará uma melhoria imediata. Em todo o caso, têm direito a uma noite de descanso, e, por isso, envio-vos *as* minhas mais calorosas saudações.

Boa noite, Seth.

(*Fim às 21h15. A Jane estava dissociada, como de costume. Foi a segunda vez recentemente que os olhos dela se abriram enquanto dava material experimental; talvez isto venha a tornar-se mais habitual.*)

SESSÃO 272

29 de Junho de 1966

(A Jane sentia-se agora muito melhor. Tinha recebido hoje a prova da sobrecapa para o seu livro sobre ESP, e ambos gostámos muito dela. Os olhos dela começaram a abrir-se quase assim que a sessão começou, e ela estava a fumar. O ritmo dela estava bom.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Bem, fico contente por ver que *o* nosso amigo Ruburt está novamente animado, bem-disposto e ele próprio outra vez.

A sobrecapa do livro é, de facto, algo de que se deve orgulhar, e *o* livro será um livro de que se deve orgulhar. Há um pequeno assunto que gostaria de esclarecer. Não houve nenhuma distorção subconsciente da parte do Ruburt quando vos disse que *o* livro sobre *o* eu não físico iria vender. Falo apenas deste caso.

Eu sabia que *o* livro seria devolvido em breve, e foi por essa razão que vos dei esta garantia. Em alguns outros casos, relativos ao mesmo tipo de questões, ocorreram algumas distorções. Não eram passagens fundamentalmente distorcidas, apenas parcialmente. Creio que dois livros de poesia serão vendidos.

Um é *o* livro psicológico. Isto não está distorcido e, se tal não se concretizar, então estarei errado eu, e não *o* Ruburt, desta vez. Ou as probabilidades interferem. Obviamente, *o* Ruburt deve enviar *os* livros, por exemplo.

Mais tarde, durante *a* sessão, inserirei algumas observações, se possível, sobre *o* livro de ESP.

Gostaríamos de dedicar algum tempo, esta noite, a um assunto que tem preocupado profundamente a Jane. Podem optar por incluir ou não esta matéria nos vossos registos oficiais, conforme julgarem apropriado.

Trata-se do episódio em que Jane foi atacada pelo vosso gato doméstico. Estão aqui envolvidas várias questões: o estado emocional da própria Jane, por um lado. O gato, por sua vez, é extremamente sensível aos estados emocionais de ambos e encontra-se psiquicamente muito próximo de vós.

Sendo um animal doméstico, partilha convosco o mesmo espaço energético. Regra geral, ambos irradiam uma energia fortemente construtiva. No entanto, por um breve período, Jane redirecionou a sua energia criativa — mais para dentro do que para fora, por assim dizer — tendo-a desviado, canalizado de forma inadequada e transformado numa força destrutiva. Ora, toda a energia é, em essência, criativa e construtiva. Quando não é usada de forma apropriada, retrai-se, por assim dizer, e manifesta-se através de uma erupção que parece destrutiva. Foi exatamente isso que sucedeu, até certo ponto.

Importa referir que a Jane não lançaria, deliberadamente, energia destrutiva sobre si, meu querido amigo, pois nutre por vós um amor profundo. Encontra-se demasiado amadurecida para direcionar tal energia contra o seu próprio organismo, de forma consciente e intensa. Nem sequer a projetaria intencionalmente sobre um animal. Normalmente, os seus sentimentos de agressividade são automaticamente sublimados através do trabalho criativo. Ela combate com ideias e com palavras.

Contudo, neste caso, a energia destrutiva não encontrou uma via de escape. Por conseguinte, tomou o caminho de menor resistência e foi projetada, de forma bastante subconsciente, no animal de estimação. Não se tratou de um ato intencional, mas sim do facto de o gato, com a sua natureza psíquica recetiva e sensível, ter absorvido essa energia na totalidade.

Simultaneamente, foi-lhe negada a habitual atmosfera psíquica construtiva na qual costuma mover-se. A situação concreta no quarto não foi, em si, o factor decisivo. O gato estava já nervoso, confuso e um tanto assustado. O episódio foi apenas o ponto de culminação em que o animal, num reflexo legítimo de autodefesa, devolveu a energia recebida — com fúria, em plena medida, e da única forma que conhecia.

Os restantes episódios menores, em que a Jane e o gato se encontravam a sós, ocorreram sempre em momentos semelhantes, durante pequenas crises emocionais. Estiveste certo ao afirmar que Jane teme profundamente a violência. Esta é uma das tónicas principais da sua personalidade e relaciona-se, de forma evidente, com a sua infância e com a figura da mãe.

Há aqui muito mais a considerar. A Jane iniciou muito cedo a sua atividade criativa como válvula de escape para sentimentos agressivos e violentos. Em criança, tinha um temperamento intenso, que a assustava profundamente. Entregava-se, em pequena, a verdadeiros acessos de raiva. As crianças compreendem muito mais do que se crê.

Desde cedo, a criança percebeu que a violência e a agressividade estavam, de alguma forma, associadas à doença da mãe. Simultaneamente, sentia a carga violenta presente na personalidade do pai. Subitamente, os acessos de fúria cessaram. Foram contidos pelo puro terror das possíveis consequências, pois a mãe, até então de temperamento irascível, encontrava-se agora imóvel. A criança temia sofrer o mesmo destino. Quanto ao pai, desaparecera por completo. Para a mente infantil, ele simplesmente deixara de existir — o que representava outro destino igualmente temível.

A criança interpretou todos estes acontecimentos como punições pela agressividade. A mãe, agora, não só deixara de poder agir violentamente, como se tornara incapaz de resistir a qualquer violência. Isso levou a criança a reprimir os seus sentimentos agressivos mais naturais. Noutros contextos, uma criança pode, por exemplo, dar um estalo aos pais — poderá receber um em troca, mas sabe que tal não terá consequências graves. Tudo isso é simbólico.

Neste caso, porém, a criança não ousava tocar no pai, e até mesmo o mais ínfimo movimento da cama da mãe provocava nela gritos de dor. Não apenas qualquer gesto intencional de violência, mas até o movimento involuntário e inconsciente de uma criança excitável era fonte de sofrimento.

A situação agravou-se pelo facto de, em momentos de medo, a mãe pedir à criança que dormisse com ela. E novamente, um movimento brusco ou nervoso na cama provocava reações imediatas de gritos, raiva e abuso. Estamos a transmitir este material com clareza — e ele é importante. No entanto, vamos fazer uma breve pausa em consideração à vossa mão fiel.

(Pausa às 21h32. A Jane encontrava-se tão dissociada quanto alguma vez estivera: "Ele teve-me de tal forma que eu era mais ele do que eu mesma… Como é que ele fez isso?" — disse ela. Afirmou que podia estar a referir-se a um estranho, mas sabia que falava de si própria.)

(Ela retomou com a mesma intensidade, olhos abertos o tempo todo, às 21h42.)

Desde sempre foi extremamente difícil para Jane defender-se fisicamente. Em criança, pura e simplesmente não o fazia. Para piorar, a mãe ridicularizava-a, chamando-lhe cobarde.

O facto de, mais tarde, ela se ter conseguido defender da mãe — emocional e psiquicamente — é tanto mais notável. A principal razão pela qual evita vê-la não é o medo da mãe, mas o receio da violência latente em si mesma, que nunca ousou direcionar contra ela. Projeta essa violência, fazendo parecer que tem origem na mãe. Ao mesmo tempo, a mãe alberga sentimentos de violência não reconhecidos para com a filha — sentimentos que nunca conseguiu expressar fisicamente.

Expressou-os, no entanto, com igual fúria, através de ataques verbais, aos quais Jane sempre foi extremamente sensível. Mas a Jane nem sequer se atreveu a responder verbalmente com agressividade, por causa da relação com o pai. A este aspeto somava-se o facto de amar o pai com muito mais intensidade do que aquela que ele alguma vez lhe demonstrara.

Simbolicamente, qualquer ataque a Jane converte-se, para o seu inconsciente, num ataque vindo dos pais — contra o qual a criança em si não ousa retaliar. A fuga torna-se, então, a única resposta viável, tal como a fuga do pai fora a única solução — pois o pai não podia perseguir.

O gato, por conseguinte, foi simbolicamente autorizado a perseguir Jane pela casa. Para além da humilhação comum, havia uma perplexidade profunda: foi a primeira vez, simbolicamente, que o "pai" pôde persegui-la fisicamente. Se não fossem essas ligações profundas com a infância, Jane não teria sentido um pânico tão intenso.

Tentamos explicar tudo isto em detalhe porque, uma vez compreendidas estas ligações inconscientes, ela deixará de temer esta agressividade perfeitamente humana e natural. A agressividade só se transforma em violência — e em medo da violência — quando é meticulosamente negada e reprimida.

No episódio específico envolvendo o gato, há ainda outro aspeto a considerar. A mãe da Jane nutria um pavor absoluto por gatos, considerando-os a personificação do mal. Ela projetava essa simbologia no animal, utilizando-o como representação da sua própria sogra. A mãe de Jane era, emocionalmente, extremamente instável, e atribuía à mãe do marido — uma mulher ingénua, bem-humorada e essencialmente inocente — as qualidades do mal absoluto.

Jane sempre teve plena consciência desta ligação simbólica. Com o tempo, desenvolveu um afeto generalizado por todos os animais. Contudo, no momento do ataque, o gato tornou-se, instantaneamente, a personificação do mal para ela, e a sua reação imediata foi, uma vez mais, a fuga. Em nenhum momento do episódio considerou revidar. Nunca houve um instante em que tenha pensado em contra-atacar.

Ela evita o contacto com a mãe não porque tema a progenitora em si, mas porque, subconscientemente, acredita que a está a proteger da sua própria violência reprimida — como se, após todos estes anos, essa energia contida pudesse finalmente explodir. Ora, essa ideia é, naturalmente, infundada. A agressividade acumulada foi amplamente canalizada para fins criativos de forma excelente.

As dificuldades surgem apenas quando ocorre uma rutura, um bloqueio da energia criativa. Por essas mesmas razões, Jane sente um profundo desconforto sempre que precisa escrever palavras que não sejam "dóceis", mesmo quando dirigidas a um simples editor. Quando, em criança, não se mostrava dócil, era alvo de retaliações imediatas e severas, de natureza altamente complexa.

Houve castigos físicos — até onde a condição física da mãe o permitia — e houve ataques verbais. Mas, e aqui chegamos ao cerne da questão, o método de punição mais penetrante da mãe consistia em fazer com que a criança acreditasse que o seu mau comportamento poderia provocar — e quase provocara — a morte da própria mãe.

Como acontece com muitas crianças, também ela, por vezes, desejava inconscientemente a morte dos pais. A mãe, consciente ou inconscientemente, encenava esse desejo como punição, dramatizando a sua própria morte.

Isto podia ocorrer mesmo na sequência da mais insignificante transgressão, se a mãe se encontrasse particularmente instável. Quando a morte não era teatralmente encenada, a mãe simulava um ataque de qualquer espécie, dizendo à criança que esta era diretamente responsável pelo seu estado.

Consequentemente, a Jane, até à adolescência, não ousava ser nada além de dócil. Contudo, possuía uma personalidade forte, e a rebeldia só encontrou escape através da criatividade. A personalidade atual ainda sofre dores de remorso por qualquer dano, por mais imaginário que seja, que possa causar a outrém.

Quando esta contenção se acumula, e se um número suficiente de pequenas injustiças são suportadas com docilidade, então ocorre uma espécie de explosão. Subconscientemente, Jane sente que todas as outras pessoas têm o direito de reclamar — menos ela. E quando finalmente o faz, sente uma euforia desproporcionada. O uso de palavrões, por exemplo, concede-lhe uma certa margem de expressão emocional.

Contudo, enquanto as condições forem propícias, continuaremos. Há algumas questões que devem ser claramente compreendidas. (Sorriso.)

Rob, neste contexto, tornas-te a voz que chama a Jane de cobarde — compreendes? Falamos, evidentemente, do ponto de vista do seu subconsciente.

Cresceste num ambiente onde violência e agressividade estavam presentes, e eram expressas, até certo ponto, por ambos os teus pais. Contudo, essa expressão foi negada às crianças, que desejaram retaliar. A agressividade natural do teu pai — uma agressividade masculina normal — foi, na realidade, bloqueada e redirecionada contra a tua mãe.

Ansiavas por expressar a tua própria agressividade natural, mas temias fazê-lo, e por isso vivias principalmente no teu próprio mundo interior. Regra geral, não expressavas tais sentimentos nos contextos onde normalmente seriam apropriados; em vez disso, canalizaste-os para o trabalho criativo, onde se tornaram valiosos.

Por isso mesmo, sentes uma dupla frustração perante a aparente falta de agressividade da Jane no mundo profissional. Tudo isto precisava de ser dito, percebes?

Ambos estão a evoluir a um ritmo notável. No passado, voltaste alguma da tua violência reprimida contra ti próprio. Durante algum tempo, os trabalhos de Jane como vendedora foram, de facto, benéficos, pois permitiram-lhe libertar sentimentos agressivos. Ficas com raiva ao perceber que Jane é excessivamente dócil nas suas relações profissionais, mas isso prende-se com a tua própria experiência passada — com a sensação de impotência durante a infância perante um ambiente familiar violento.

Estás igualmente frustrado com essa docilidade porque ela te recorda a falta de assertividade do teu pai no mundo dos negócios. Agora que tudo isto está a ser revelado, ambos poderão lidar de forma muito mais eficaz com o mundo exterior — sem serem prejudicados como foram no passado.

(Intervalo às 22h36. Jane permanecia em estado alterado — como toda a noite, segundo ela — presumivelmente para facilitar a passagem do conteúdo emocionalmente carregado. Nem tudo era novidade para ambos.)

(A Jane retomou, com os olhos abertos a maior parte do tempo, às 22h45.)

Em breve encerraremos a nossa sessão.

Se lerem este material com atenção, ele poderá ser-vos mais benéfico do que agora imaginam. Na verdade, ambos estão a progredir. No entanto, como as condições eram propícias esta noite, este era o momento certo para vos transmitir estas informações.

Não é necessário dizer-te, Rob, que qualquer rejeição ou repreensão da tua parte é sentida de forma intensíssima pela Jane. Naturalmente, isso não significa que devas deixar de expressar o que pensas — apenas que tal facto deve ser tido em consideração.

Com o conhecimento que agora possuem, poderão encontrar um equilíbrio excelente nas vossas relações profissionais, à semelhança do que já conseguiram estabelecer na vida pessoal e criativa.

Essas confissões emocionais de Jane irritam-te consideravelmente. É verdade que, por vezes, não são necessárias. Contudo, esse aborrecimento poderá ser atenuado com um pouco mais de compreensão, e essa atitude, por si só, tenderá a reduzir a frequência desses momentos.

Quando ela se entrega a esse tipo de exposição emocional, fá-lo num gesto de rebeldia — resultado direto da agressividade acumulada de que aqui temos falado. Inconscientemente, sente que estás a mandar calar, e isso fere-a, humilha-a e confunde-a.

A princípio, ela própria resiste a essas revelações. Mas podem ser adotadas estratégias mais eficazes. Por exemplo, podes redirecionar a conversa, perguntando-lhe sobre algo que tenha escrito nesse dia. Escolhe temas que lhe sejam particularmente cativantes. Ela perceberá que estás a tentar mudar o rumo da conversa, mas compreenderá que não estás a tentar silenciá-la — e isso será o suficiente. Ela conhece a situação emocional da mãe e não se oporá.

Agora, deixarei que prossigam por vós mesmos, esperando que reconheçam o serviço que procurei prestar a ambos — pois essa é, de facto, a minha intenção. A tempestade que envolveu Jane já passou, e ambos aprenderam bastante com a experiência. Na realidade, foi uma perturbação menor, se comparada com o que teria ocorrido há alguns anos. Já não desloca os móveis com a mesma intensidade de outrora, e está a aprender, apesar de tudo, a canalizar as suas energias de forma mais construtiva.

O trabalho no jardim tem sido uma ajuda. Seria igualmente benéfico para vós, se o tempo o permitisse. No entanto, há associações infelizes com a figura do vosso pai que, inicialmente, poderiam atenuar o prazer dessa atividade — ainda que, em breve, a vossa ligação anterior à terra emergisse novamente.

(Nota sobre reencarnação: presume-se aqui uma referência à vossa existência anterior como proprietários de terras e agricultores na Dinamarca do século XVII.)

Repito: a Jane deve transformar os seus exercícios num hábito diário. Se houver dúvidas, estarei disponível para esclarecimentos. Caso contrário, encerraremos a sessão.

("Ias dizer algo sobre o livro ESP." A Jane tinha acabado de receber a notícia de que o seu livro seria publicado no final de Julho.)

Ficarão satisfeitos com o conteúdo do livro e com a sua receção.

(Olhos bem abertos, intensamente escuros.)

E isto não é uma distorção: o livro irá literalmente transformar as vossas circunstâncias para melhor e conduzir-vos a áreas com as quais ainda não estão familiarizados.

Haverá vendas externas — para além da impressão no Canadá. Haverá edições e acordos comerciais. Tudo isto não acontecerá de imediato (Jane estala os dedos), mas também não está distante no tempo. As vendas serão superiores ao que esperam. O livro marcará o início de uma transformação nas vossas condições de vida e perspetivas financeiras. Estarão envolvidos com quatro pessoas.

Agora. Faço isto por vós: tenho a impressão de um "seis" relacionado com o livro do eu não-físico. Isto não significa seis anos. Contudo, não consigo determinar se são seis semanas ou seis meses. Não me é possível ser mais preciso por diversos motivos. O meu próprio livro também será publicado, naturalmente.

(Pausa prolongada. Aqui Seth refere-se ao livro que a Jane está a escrever com base no seu próprio material.)

Existe um homem, que usa chapéu no seu escritório, que estará ligado a um desses livros. Trata-se de uma característica distintiva. Estimo que tenha 46 anos — mas seguramente situa-se entre os 46 e os 56.

(Pausa.)

O nome contém ou está associado a uma letra G.

Fiz o melhor que pude por vós (sorri), e se não fosse a hora, a fadiga do vosso pulso e o tempo despendido nos registos, continuaria convosco por mais tempo… Podes — ou não — tomar notas. Estou convosco bastante fortemente esta noite, e desejo-vos tudo de bom. Cumprimentos do vosso querido e velho tio Seth. (*Sorriso.*)

O Ruburt também negou ao gato *o* seu habitual reforço psíquico, percebes... Aliás, trabalhar com *a* terra quase sempre o restabelece.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 23h12. A Jane disse que estava muito dissociada — se possível, ainda mais depois do material do Instream. Os olhos dela estiveram abertos quase durante toda a sessão, a sua atitude muito ativa, o ritmo bastante bom por vezes.)

SESSÃO 273

A NATUREZA DA IDENTIDADE

18 de Julho de 1966

(*O 63.º experimento com envelope foi realizado durante a sessão. O objeto consistia em duas secções de uma fita vermelha coladas a um pedaço de cartolina Bristol grossa. Encontrei a fita na cama do nosso gato por volta de 20 de junho. Não sabia nada da sua história de forma consciente e esperava que a Jane e o Seth pudessem ajudar. Como se veio a verificar, a Jane teve alguma dificuldade em identificar a fita, mas acabou por o fazer, com a verificação do Seth. Consideramos tais objetos,*

sobre os quais sabemos pouco da história, como semelhantes a objetos fornecidos por outras pessoas.)

(*Em 10 de julho de 1966, escrevi ao Dr. Instream cancelando a nossa série de experiências com ele, porque não tínhamos notícias desde janeiro de 1966.*)

(*Esta foi a nossa primeira sessão desde 29 de junho de 1966. A Jane disse que não fazia ideia sobre o que o Seth falaria. Começou como de costume às 21h00, com os olhos fechados, sentada, com boa voz e fazendo pausas.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

As minhas boas-vindas depois das vossas férias.

Voltaremos ao nosso material sobre projeção em breve. Primeiro, porém, é necessário que a própria natureza da identidade seja estudada com mais cuidado. A natureza da identidade depende fortemente da capacidade inata de recorrer, utilizar e dirigir a energia psíquica.

Como eu vos disse, não existem limitações para o eu. Cresce pelo crescimento e pelo uso constante das suas habilidades. Pode-se dizer que todas as consciências e todas as identidades são uma só. No entanto, isso não nega de forma alguma a existência de qualquer identidade dada. Todas as identidades são mais dependentes umas das outras, e ainda mais independentes, do que vós imaginais.

Existem vários aspetos da personalidade, estejais vós cientes da sua existência ou não. Quando tomais consciência da existência deles, a vossa consciência não nega de forma alguma a independência deles. Vós simplesmente vos expandis psiquicamente. Partes do eu vivem uma existência mais ou menos independente, enquanto a personalidade dominante dorme e está acordada.

Quando, e se, a personalidade dominante toma consciência desta situação, ela automaticamente se expande. Contém, conscientemente, experiência que antes era subconsciente. Agora. O ego interior está bastante familiarizado com a existência do ego fisicamente orientado, mas o ego fisicamente orientado geralmente não está familiarizado com a sua contraparte interior.

Quando, através do treinamento, o ego se torna mais consciente desse eu interior, toda a personalidade se beneficia. Todo o eu, tal como existe em qualquer momento, pode ser vislumbrado através do estudo das ações do ego fisicamente orientado, como visto na manipulação física, e do estudo das atividades do ego interior, como visto nas experiências oníricas. Obviamente, algum treinamento é necessário antes que isso possa ser alcançado.

Mais tarde, vós podereis seguir esse eu interior, mesmo enquanto o ego físico opera de maneira normal, mas isso será muito mais difícil se

quiserdes manter o equilíbrio geral da personalidade. Deveria ser bastante óbvio que a identidade dificilmente reside exclusivamente no ego fisicamente orientado. Num certo sentido, a identidade é sempre um devir e nunca pode ser uma coisa estática e acabada. Pois ele se conhece através da mudança, e aquilo que está consumado não pode mudar.

Vede, eu gostaria que vós eventualmente progredísseis até um ponto em que pudésseis manipular quase tão livremente a realidade não-física quanto o fazeis na realidade física. E, claro, que estivésseis conscientes da experiência. As vossas próprias personalidades definirão o ritmo, pois sois pessoas bem equilibradas. Tudo isso exige espontaneidade e controlo. Este é o movimento da consciência. É lamentável que a identidade seja geralmente considerada um reconhecimento bastante estático e permanente, pois não o é.

O nosso material sobre a natureza da ação será útil aqui. O ego, o ego fisicamente orientado, é uma figura de proa conveniente. Representa apenas um vislumbre imperfeito de uma dada aparência momentânea – a porção do eu que acontece, em qualquer instante, se mostrar.

Vós não conheceis o eu tal como ele é na existência física e, até que o façais, não podereis esperar saber o que sobrevive à morte física, ou que parte de vós está acordada enquanto o ego dorme. Quando me refiro ao ego, faço-o por uma questão de simplicidade, uma vez que o termo tem significado para vós. Obviamente, existem partes do eu que nunca operam diretamente dentro da realidade física.

Considerai esta analogia: o eu como um círculo em movimento, como uma roda gigante. Uma árvore à frente da roda representará a realidade física. O eu inteiro, ou a roda inteira, é composto de muitos eus em diversas posições, como as muitas pessoas que se sentam na roda gigante. À medida que a roda gira, vós chamais de ego a pessoa ou o eu que está de frente para a árvore, simplesmente porque esta é a parte que está virada para a realidade física, representada pela nossa árvore. Mas o eu que enfrenta a árvore num momento não é o eu que a enfrenta no momento seguinte, e o operador da roda nunca está em evidência, entendeis?

Não pretendo, contudo, sugerir uma conexão mecânica com a nossa analogia.

O condutor da nossa roda, neste caso, nunca aparece no assento que enfrenta a realidade física. Ele está numa posição estranha, na medida em que é um eu global, composto em parte pela soma desses outros eus, e ainda assim mais do que a soma.

Os eus que andam na roda, portanto, também fornecem parte do poder que faz a roda girar. É apenas porque enfatizais as semelhanças e não as diferenças que não percebeis que o eu a que chamais ego é apenas o aparecimento, numa perspetiva particular, de muitos aspetos bastante diferentes da personalidade.

Talvez, se imaginardes um holofote direcionado para o assento em frente à árvore, vós vereis isso com mais clareza. Não podeis ver os outros eus na roda, vedes apenas o ponto que está iluminado, e a luz é a da perceção física. Existem luzes diferentes, no entanto. Se os outros observassem e vissem apenas aquela parte do eu que estava clara na sua perspetiva, então imaginariam que também viam o eu primário.

O ego interior é o eu que dirige a roda com propósito; ao mesmo tempo existem muitas outras rodas e muitos raios... A nossa analogia do ponto de momento também vos ajudará aqui. O eu adormecido será, evidentemente, considerado o eu primário do ponto de vista da sua própria realidade. Não posso enfatizar demais o facto de que todas essas partes são consciente de sis. No entanto, podem não estar conscientes dos outros eus. Os sentidos internos conectam todos os eus, e os movimentos da consciência são muito mais complicados do que os de uma roda gigante.

Vós estais a receber instruções agora na realidade física. Também estais a receber instruções em outras realidades. Não estais conscientes disso de forma habitual. Certas partes das vossas personalidades estão a aprender, dentro da sua própria perspetiva, a aventurar-se na realidade física, assim como vós estais a aprender a aventurar-vos na realidade não-física.

Certas partes que tratam diretamente da manipulação da energia psíquica também estão a ser instruídas. Tudo isto é mais complicado do que parece e, no entanto, extremamente simples quando os princípios básicos são compreendidos.

A psicologia da personalidade não pode ser compreendida a menos que a reencarnação seja levada em consideração, mas mesmo assim esta representa apenas a energia operando dentro de um sistema. A personalidade opera simultaneamente dentro de muitos sistemas. A projeção representa aplicação prática. Essa experiência permite unir vários aspetos do eu e colocar todo o eu em um foco mais nítido. Via de regra, a projeção em algumas áreas só pode ser alcançada por aqueles que estão vivendo o seu último ciclo terrestre.

É verdade que toda a personalidade, ou todo o eu, não se manifesta diretamente na realidade física.

Contudo, a personalidade tal como se manifesta nunca poderá ser compreendida se for tomada isoladamente. Existem indícios e sinais suficientes que aparecem para evidenciar essas outras partes do eu. Agora, há um ponto importante em tudo isto que deve ser enfatizado, e vou repeti-lo: certas partes do eu não se manifestam diretamente na realidade física. Elas não operam diretamente na realidade física, e a palavra diretamente é significativa.

Elas, por si sós, não percebem os objetos físicos como tais. Falaremos disso mais tarde, pois isso vos ajudará a compreender as maneiras pelas

quais as chamadas perceções extrassensoriais são utilizadas, tanto numa base consciente como subconsciente.

Agora, tens um envelope para mim, Joseph?

("Sim." Às 22h14, a Jane pegou no envelope duplo selado que eu lhe dei para o nosso 63.º experimento, sem abrir os olhos. Pressionou-o contra a testa, na posição horizontal. Antes da sessão desta noite, tínhamos combinado realizar os experimentos com envelope apenas às segundas-feiras.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Por vezes, aliás, quando trabalhamos em direção a uma imagem específica, temos de trabalhar utilizando associações do Ruburt que tento orientar na direção adequada. (*Pausa.*)

Paralelogramo, ou algo paralelo, bastante enfaticamente assim. Como estradas com marcas brancas, e com áreas relativamente grandes entre elas, e também com escuridão em redor ou no exterior. Ligação com uma enfermeira, ou com enfermagem. Um pequeno cubo, talvez de cor dourada — isto é, *o* cubo talvez seja de cor dourada.

Escritos. Quatro. Objetos talvez — isto é, quatro objetos talvez indicados.

Uma ligação distante com *o* campo. A palavra "sismógrafo" vem-me à mente. Ou marcas como marcas de terramoto num gráfico.

(*Olhos ainda fechados, envelope ainda sobre a testa. Ritmo bom.*)

Impressão de haver letras impressas no centro inferior, fora de uma margem, ou de uma margem implícita. Muito pequenas, *as* letras muito pequenas — talvez "del". Parte da palavra "delivered" ("entregue"), não sei. Talvez uma ligação com algum item entregue.

(*Envelope baixado para o colo.*)

E com música, ou marcas que sugerem notas. Uma nota, percebes.

Isto era para nos conduzir à palavra "nota". Uma reunião ligada aqui. 730; talvez 4, 410. (*Cada número pronunciado separadamente.*)

Algo relacionado com um esvanecimento ou desaparecimento, como uma partitura.

Tens alguma pergunta? (*Pausa às 22h25.*)

("Bem, não disseste nada sobre cor em particular.")

A imagem inicial era de contraste enfático, de tons escuros e brancos.

("Podes dizer algo mais sobre *a* ligação com *o* campo?")

Isto veio da ligação com linhas paralelas. Como *as* estradas, mencionadas anteriormente.

("E o que é isso de uma enfermeira?")

Receio que seja tudo o que posso dar-te sobre essa impressão. Sugiro uma pausa.

(*Pausa às 22h28. A Jane fora de si, como de costume. Os olhos permaneceram fechados, o ritmo bom. Disse que só tinha imagens*

interiores quando o Seth "o dizia". Não estava excessivamente nervosa com a ideia de um experimento depois das férias.)

(*Ver o esboço na página 270 e as notas na página 271. Como referido, encontrei a fita vermelha usada como objeto na cama do nosso gato por volta de 20 de junho, sabendo pouco da sua história. Verificou-se que a Jane teve de pensar bastante para tentar ligar o objeto a uma camisola de malha que recebera da mãe como prenda de aniversário. O aniversário da Jane é a 8 de maio, mas recebeu a encomenda algum tempo depois; encontrámos uma carta da mãe da Jane datada de 10 de maio, na qual falava em enviar-lhe a camisola em breve. [Esta sessão foi realizada a 18 de julho.]*)

(O Seth confirma, após a pausa, que o objeto estava ligado ao pacote da camisola. Fizemos as nossas ligações durante a pausa, naturalmente, e sentimo-las reforçadas pela informação do Seth. Será dada mais história à medida que interpretarmos os dados.)

("Paralelogramo, ou algo paralelo, bastante enfaticamente assim. Como estradas com marcas brancas, e com áreas relativamente grandes entre elas, e com escuridão em redor ou no exterior também." É interessante notar que a Jane disse, após a sessão, que não sabia como era um paralelogramo. A disposição da fita sobre a cartolina Bristol, naturalmente, forma um X em vez de linhas paralelas; ambas as formas são geométricas. O dicionário associa esta forma a um paralelogramo.)

(*Nem a Jane conhecia o diagrama da paralaxe. Acreditamos que ela estava no caminho certo, apesar da sua dificuldade semântica, contudo, com os dados sobre as estradas e as marcas brancas, as áreas entre elas, etc. A ideia pessoal da Jane era que o Seth usou "paralelogramo" para a conduzir ao resto dos dados aqui. A este respeito, ver a página 274, onde o Seth menciona as "associações" da Jane.*)

(*A* Jane encontrou *a* caixa interior em que *a* camisola fora embalada, e lembrou-se de que esta caixa estava dentro de outra. *A* fita de onde *o* objeto foi retirado estava, segundo ela, em volta da caixa exterior; lembrou-se também de um bilhete com *a* camisola, mas não o conseguimos encontrar. *Encontrámos, no entanto, a carta da mãe da Jane, datada de 10 de maio.)*

("Ligação com uma enfermeira, ou com enfermagem." A mãe da Jane é uma artrítica acamada, residente num lar de enfermeiras em Middle Grove, Nova Iorque. Uma amiga enfermeira do hospital local trata dos recados dela, etc., e enviou a camisola à Jane pouco depois de 10 de maio de 1966. A mãe da Jane menciona explicitamente o nome da enfermeira, Fran, na carta de 10 de maio.)

("Um pequeno cubo, talvez de cor dourada — isto é, o cubo talvez seja de cor dourada." Não conseguimos encontrar ligação aqui, embora o Seth tenha ajudado após a pausa.)

("Escritos." O Seth, após a pausa, reforça a ideia da Jane de que havia um bilhete incluído com a camisola, mas não conseguimos encontrá-lo, e por isso não podemos confirmá-lo.)

("Quatro. Objetos talvez — isto é, quatro objetos talvez indicados." Sem ligações. A fita está, por exemplo, em três partes e está presa à cartolina Bristol por cinco pedaços de fita-cola, etc.)

("Uma ligação distante com o campo." Acreditamos que estes dados e os do paralelogramo estão relacionados, uma vez que este último se desenvolveu na menção de estradas. O lar ou hospital onde a mãe da Jane é tratada situa-se também efetivamente no campo, fora da pequena localidade de Middle Grove, NY. A fita que serviu como objeto de envelope ajudou naturalmente a embrulhar um pacote vindo da mãe da Jane. O Seth confirma também esta relação de dados.)

("A palavra 'sismógrafo' vem-me à mente. Ou marcas como marcas de terramoto num gráfico. Impressão de letras impressas no centro inferior, fora de uma margem, ou de uma margem implícita. Muito pequenas, as letras muito pequenas — talvez D E L. Parte da palavra delivered ('entregue'), não sei. Talvez uma ligação com algum item entregue." Ver novamente os comentários do Seth na página 274, sobre o uso que faz das associações da Jane. Pensamos que este bloco de dados é um bom exemplo das tentativas do Seth para levar a Jane a falar sobre a entrega de um pacote à nossa porta. O Seth e a Jane parecem agora permitir o uso de tais associações de forma muito mais livre do que no passado.)

(*Note-se também a pronúncia incorreta de "sismógrafo". Não há, naturalmente, letras impressas sobre o objeto — a ideia de impressão é aqui apenas simbólica.*)

(*Pensamos que os dados acima também conduzem aos seguintes: "E com música, ou marcas que sugerem notas. Uma nota, percebes." Novamente o uso da associação livre... "Isto era para nos conduzir à palavra nota." Como foi dito, a Jane lembra-se de um bilhete incluído com a camisola enviada pela mãe. Não conseguimos encontrar o bilhete, contudo. A Jane acredita que o bilhete foi, na verdade, escrito no verso de um cartão de aniversário. Encontrámos a carta de 10 de maio da mãe da Jane, sobre o envio da camisola, mas não acreditamos que os dados acima se refiram exclusivamente a essa carta, embora exista evidentemente alguma ligação.*)

("Uma reunião ligada aqui. 730; talvez 4410." Não vemos ligação para estes números. *O* código postal, por exemplo, de Middle Grove é 12850.)

("Algo a ver com um esvanecimento ou desaparecimento, como uma partitura." Há aqui uma possível ligação entre estes dados e a carta para a Jane enviada pela mãe em 10 de maio de 1966. Esta carta também está

escrita num cartão. A frente do cartão contém a imagem de três querubins a cantar. Um deles toca acordeão; os outros dois seguram folhas de música onde as pautas são claramente visíveis. Note-se também a menção de música nos dados das páginas 274 e 276. Além de falar à Jane sobre a camisola, a mãe da Jane escreveu na carta de 10 de maio sobre a morte de um amigo de família, o Padre Ryan, e incluiu um recorte de jornal sobre o funeral, que se realizaria em breve. O Padre Ryan morreu de leucemia e a sua morte era esperada; pode corresponder a "esvanecimento" ou "desaparecimento".)

(*Se não tivéssemos encontrado a carta de 10 de maio, não teríamos pensado nas ligações acima; mesmo assim, hesitaria em afirmá-las sem mais dados do Seth. A Jane acha que são legítimas.*)

(*Fiz a o Seth três perguntas, pedindo esclarecimentos sobre a cor, a ligação com o campo e a enfermeira. As respostas dele apenas reafirmaram os dados originais. Ver página 275.*)

(A Jane retomou de forma tranquila às 22h52.)

Estamos a tentar manter *as* sessões dentro de um horário conveniente. *O* pacote, contudo, dizia respeito à camisola. *A* caixa estava embrulhada numa camada de papel pardo, atada com uma fita vermelha; *o* conjunto foi depois colocado dentro de outra caixa, uma caixa comercial de loja, na qual estivera anteriormente uma camisa de dormir.

Havia um bilhete. *O* pequeno cubo referia-se a um pequeno quadrado dourado de sachê, que estava originalmente dentro da caixa, mas que não foi enviado a *o* Ruburt.

Vamos encerrar *a* sessão, e aguardo com expectativa *a* próxima. Para *a* vossa própria instrução, é melhor que disponham de mais informações sobre qualquer objeto de teste, para facilitar *o* vosso trabalho e os vossos procedimentos de verificação.

("Boa noite, Seth."

(Fim às 22h57. A Jane estava dissociada, como de costume, os olhos fechados.)

SESSÃO 274

A ESTRUTURA DO EU

20 de Junho de 1966

(Não foi realizado nenhum experimento com envelope durante a sessão.

(Quando a sessão começou, a voz da Jane estava imediatamente alta e um pouco mais grave do que o habitual. Não era, de modo algum, a sua voz realmente forte, mas ecoava nas paredes da sala de estar; este efeito, creio, foi acentuado porque tínhamos retirado o tapete do chão para o verão. Mas a voz estava boa — a melhor em muitas sessões. As janelas estavam abertas e ela sobressaía facilmente acima dos sons do trânsito, etc.

(A Jane tinha o ritmo médio, os olhos fechados. Também estava a fumar, e os olhos, excecionalmente escuros, começaram a abrir-se após alguns parágrafos. A sessão é bastante invulgar em dois aspetos, como se verá.)

Bem, boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Antes de falarmos mais sobre projeções, a estrutura do eu deve ser discutida mais detalhadamente. A sua composição não é fácil de explicar nos vossos termos. No vosso plano, existem fortes conexões químicas e eletromagnéticas que vós não entendeis. Estas, em grande medida, ajudam a formar o ego fisicamente orientado, ou pelo menos a moldar a sua maneira característica.

Sem essas conexões químicas e eletromagnéticas, (voz mais alta) o ego como tal não existiria. O ego depende em grande parte dos mecanismos físicos que compõem a imagem corporal. Tem o seu início com o nascimento corporal. Embora falemos do ego, esta parte do eu dificilmente é permanente ou constante, mas está em constante mudança. Contudo, o intelecto também é uma porção, ou um atributo, do ego.

Obviamente o ego é uma parte de todo o eu. Diretamente, as suas experiências devem ser orientadas fisicamente e, ainda assim, com treinamento, ele também pode aprender a apreciar realidades que não são físicas. Não deve ser pressionado, mas com as atitudes adequadas pode e deve participar, até certo ponto, em todas as experiências psíquicas, se quisermos manter a estabilidade global.

Agora, onde o ego opera, vós sempre encontrareis repercussões químicas; até certo ponto ou outro, o corpo físico estará envolvido. Porções mais profundas ou menos familiares do eu existem sem manifestação química. No entanto, elas geralmente assumem formas eletromagnéticas até certo ponto.

Ora, certas mudanças químicas devem ocorrer no organismo físico antes que a projeção possa acontecer. Se não fosse por isso, vós ainda

estaríeis aprisionados dentro da imagem corpórea. Vós sabeis que o sonho tem bases químicas definidas, que as substâncias químicas acumuladas durante os períodos de vigília são liberadas através dos sonhos. Elas não apenas são liberadas, mas também formam uma ação propulsora que permite que a energia flua na direção oposta. À medida que as reações químicas permitem que o corpo utilize energia e forme materializações físicas, o excesso acumulado torna-se então uma força propulsora, permitindo que a ação flua naquilo que vós chamaríeis de direções subjetivas.

Agora, esta mesma reação química também deve ocorrer, só que com mais força, antes que possa haver uma projeção legítima do eu a partir do organismo físico. Esta é uma das principais razões pelas quais tais projeções raramente acontecem. Normalmente, e sem treinamento, o excesso químico é utilizado no processo de sonhar. Em períodos de energia exuberante e bem-estar, acumula-se uma quantidade de excesso mais do que o normal. Isso pode desencadear uma projeção.

Porém, também em períodos de indisposição momentânea, o processo de sonhar pode ser bloqueado e o excesso químico acumulado. Novamente, é um bom momento para tentar projeções.

Esses excessos químicos são um subproduto natural da consciência que está ligada à materialização física. Quanto mais intensa for a experiência característica da realidade, maior será o excesso químico que se acumula. A própria consciência, quando orientada fisicamente, queima substâncias químicas. Quanto mais intenso for o indivíduo, mais quente é o fogo, por assim dizer, e maiores são os excessos químicos que devem ser liberados.

Eles devem ser liberados, ou o organismo não sobreviveria. Períodos de atividade intensa também podem gerar esse propulsor químico adicional. Agora. Embora esse combustível químico necessário seja gerado por meio de intensa atividade de natureza mental ou psíquica, ele é liberado, possibilitando projeções em períodos alternados de quietude e descanso.

Está-te a doer a mão?

(“Não.”

(Eram 21h29. A Jane não fez pausa. A sua expressão estava agora muito animada e os olhos começavam a abrir-se com frequência. A voz continuava tão forte como antes, sem sinais de fadiga. De vez em quando, a Jane bebia um gole de vinho e fumava um cigarro.)

Portanto, deve haver um foco disciplinado neste propulsor, se a projeção for alcançada. Agora. Períodos de intensa atividade sexual de

natureza forte e profunda ajudarão. No entanto, períodos sem atividade sexual também ajudarão. Por um lado, o excesso químico é acumulado como resultado do excesso de intensidade. Por outro lado, e neste último caso, constrói-se porque não foi concedida a libertação psíquica e sexual. Ovos e aspargos são úteis.

Obviamente, não estou a sugerir uma dieta composta unicamente de ovos e aspargos. No entanto, esses óleos de peixe são benéficos, mas não quando ingeridos com alimentos ácidos. Períodos de atividade psíquica e mental especialmente intensa podem ajudar-vos a realizar projeções. Períodos curtos e extraordinariamente esparsos de atividade mental e psíquica também são propícios às projeções — pelas mesmas razões apresentadas em relação à atividade sexual.

Agora estou a falar não apenas de projeções legítimas, mas de projeções suficientemente vívidas para serem lembradas e registradas. Em outras palavras, projeções nas quais o ego pode assumir, ao menos, uma pequena parte. Projeções espontâneas, das quais vós não tendes consciência, ocorrem com frequência.

Sugiro aqui um exame mais atento dos vossos sonhos, pois muitos deles contêm tais projeções espontâneas. Elas são mais propensas a ocorrer nas primeiras horas da madrugada, entre as três e as cinco horas. A temperatura corporal cai nesses horários. Cinco da tarde também é um horário benéfico deste ponto de vista. Beber água pura facilita a projeção, embora, por razões óbvias, a bexiga deva estar vazia.

A posição norte-sul é extremamente importante neste contexto e, na verdade, uma necessidade para qualquer registro eficiente de sonhos. As partes racionais do cérebro podem funcionar de forma mais eficiente junto com as partes intuitivas do eu quando o organismo físico está disposto nesta posição.

Joseph, se te estiver a doer a mão, faremos uma pausa.

(“Está bem.”

(A Jane parou de falar às 21h42, mas não saiu do transe. Este é o primeiro caso deste tipo nas sessões. A sua atitude tinha sido muito ativa, os olhos abertos com frequência, a voz forte. Agora estava sentada, sem se mover de forma percetível, os olhos fechados, durante dois minutos. Levantei-me e andei um pouco, depois voltei a sentar-me.

(“Estou pronta agora.” Às 21h44.)

Todo o organismo opera de forma mais eficaz, falando de modo geral, em tal posição; mas, mais do que isso, todo o eu opera como uma unidade única. Os processos intelectuais são, até certo ponto, diminuídos noutras posições. Isto tem a ver, como vos disse, com propriedades

eletromagnéticas. Em outras posições, é o ego e o intelecto que mais sofrem, e como o nosso propósito é esclarecê-los tanto quanto possível, isso não é vantajoso para nós.

A energia é mais facilmente utilizada nesta posição, e isso reduz ao mínimo as restrições desnecessárias. Há uma grande diferença entre sonhos comuns e projeções, quer as projeções ocorram ou não a partir do limiar do sonho. Os sonhos são construídos e enviados no seu caminho. Como sabeis, eles mantêm uma independência dentro da sua própria dimensão.

As projeções envolvem muito mais aspetos do eu como um todo e são um sinal de que a personalidade está progredindo em aspetos importantes. Os sentidos internos têm a maior liberdade possível nos estados de projeção, e todo o eu retém a experiência que de outra forma não teria. Quando esse conhecimento se torna parte da consciência desperta habitual, quando vós percebeis o que fizestes, então tereis dado um passo gigantesco à frente.

No entanto, uma determinação quase automática deve ser estabelecida, ou as projeções conscientes serão apenas estranhezas raras. No vosso caso, o problema é um pouco diferente daquele que pode ocorrer com os outros. Esses excessos químicos são usados para o vosso trabalho criativo. Vós fazeis isso automaticamente.

Nem é preciso dizer que o vosso trabalho ganhará imensamente com a experiência ampliada das projeções. Os exercícios de ioga permitem que vós, quando executados com fidelidade, atraiais uma abundância — na verdade, uma superabundância — de energia.

Essa energia também resulta em excessos químicos que podem ser aproveitados nas projeções, sem desperdiçar energia necessária para o vosso trabalho.

A expectativa e o conhecimento de que vós fazeis parte de toda a energia permitir-vos-á perceber que toda a energia de que necessitais vos será concedida, já que sois parte dela. Somente a vossa própria atitude, apenas a atitude de qualquer homem, limita a quantidade de energia sob o seu comando.

Encontro-me a tentar instruir-vos, novamente, sobre a verdadeira natureza da praticidade.

As vossas atitudes em relação ao que é possível determinam o que é possível para vós, em termos muito definidos. As vossas atitudes criam possibilidades e impossibilidades. A vossa atitude em relação ao dinheiro cria a vossa conta bancária. Não estou a falar de vós pessoalmente, apenas. Estas leis aplicam-se a todos. Aquilo que vós esperais, vós criais – e esse é

o começo e o fim de tudo, quer estejais a falar de questões psíquicas ou físicas.

Até que aprendais isso, vós aprendeis pouco, e até que o aprendais, não sabeis o que significa ser prático. Se vós não acreditásseis que a projeção era possível para vós, nunca alcançaríeis uma projeção. Vós criais a vossa realidade, e ninguém mais pode criá-la por vós.

Agora. Existem mudanças químicas definidas durante as projeções. Existem também mudanças eletromagnéticas que podem ser percebidas com instrumentos. Certos campos elétricos também se darão a conhecer nestas condições. Os campos sempre existiram, mas só se tornarão aparentes aos instrumentos físicos quando forem atravessados — em outras palavras, no próprio ato da projeção.

O espelho do vosso quarto é uma excelente ajuda, aliás. Certas variações de temperatura também são úteis. Uma temperatura corporal fria, por exemplo, e a temperatura ambiente entre 73,8 e 75,9 graus ou 76. Alta humidade é prejudicial.

A cor de um compartimento é importante. O vosso quarto é de boa cor para esse fim. Cores frias são as melhores. Cores muito quentes são prejudiciais, estando demasiado aliadas aos aspetos terrenos. Por várias razões no vosso clima específico, maio, outubro, fevereiro e março são os melhores meses. Agosto pode ser benéfico, dependendo do clima. Também Setembro e, por vezes, abril. O clima muito quente é prejudicial. Agora, isto tem a ver com as correntes elétricas da pele e com o suor do corpo, bem como com a composição salina do corpo em diversas épocas do ano.

Quando quiseres fazer uma pausa, por favor diz.

(“Está bem, vamos fazer uma agora.”

(Às 22h15, a Jane parou de falar mais uma vez e ficou muito quieta, como antes. A voz dela tinha estado forte e clara durante toda a sessão, variando pouco em intensidade. Como ela ainda estava em transe, pensei que fosse voluntário e que devia sentir-se em excelente forma esta noite. Os olhos estavam agora fechados.)

Anda um pouco, se preferires.

(Eu andei, alongando-me. Num aparte, enquanto caminhava e enquanto o Seth se manifestava, a Jane assegurou-me que não havia pressa para voltar às notas, etc. Mas eu estava pronto para retomar às 22h18, e a voz forte irrompeu novamente.)

Estas projeções exigem uma forte força propulsora, pois vós estais literalmente a viajar de uma dimensão ou realidade para outra. E, ainda assim, vós manteríeis a consciência. Durante toda esta noite falei de projeções nas quais a consciência é retida, e não das projeções mais

frequentes que geralmente são esquecidas. A energia psíquica necessária é considerável — e duas vezes mais considerável quando vós tentais manipular essas condições aparentemente estranhas. No entanto, vós deveis fazê-lo e retornar em segurança.

Havemos de discutir detalhadamente vários tipos de projeções para que vos familiarizeis com elas. A menos que a estrutura da personalidade, ou do eu, seja claramente compreendida, a projeção em si não parecerá possível. Um eu concebido apenas como uma composição física nunca seria capaz de se projetar nem de sobreviver à morte física.

Ao longo dos anos, uma história de projeções pessoais servirá para provar-vos o aspeto não-físico do eu. Vós podeis até encontrar-me (sorri, olhos bem abertos) em alguma projeção futura. Os meus encontros convosco aqui envolvem, até certo ponto, projeções da minha parte e da parte da Jane. Até agora, ele não está consciente dessas projeções. Quando estou aqui, ele geralmente está em outro lugar. Parte dele continua a vigiar-me e, infelizmente, essa é a parte que poderia estar — mas ainda não está — consciente do que está ao seu redor.

Muitas vezes vós projetais enquanto pintais e não sabeis disso.

Agora vou dar-vos uma pausa.

(Pausa às 22h29. A Jane saiu então do transe pela primeira vez desde as 21h00. Pelo que sabemos, este foi de longe o transe mais longo que ela já teve. Nem a sua saída dele foi fácil; parecia tentar encontrar o caminho para fora lentamente, piscando os olhos muitas vezes com esforço antes de finalmente os abrir claramente.)

(Ela disse que estava "muito fora de si", realmente muito dissociada. Tinha pouca recordação do ambiente à sua volta enquanto falava e ficou bastante surpreendida ao saber que os olhos tinham estado bem abertos durante grande parte do tempo. Lembrava-se de ter fumado uns dois cigarros e bebido um ou dois goles de vinho, mas essas ações pareciam-lhe "afastadas" de si.)

(Ela sabia, disse, desde logo que a voz estava forte e alta. Desde o início da sessão sentiu-se "dentro da voz", como se envolta num casulo. A voz arrastava-a consigo, como já acontecera noutras ocasiões. Também não sabia que seria mantida em transe durante as pausas, para descansar a minha mão de escrita. Pensou que o Seth fizera isso para manter a sessão curta, mas ainda assim transmitir muito material. Sentiu uma certa estranheza durante a pausa porque não saiu do transe, mas não se preocupou nem tentou sair dele. A Jane disse que agora se sentia bastante cansada.)

(No momento em que a sessão começou, a Jane sentiu uma grande sensação de confiança que sabia não ser dela — uma sensação de que tudo iria correr extremamente bem. Durante toda a sessão, a voz esteve alta e forte, com um eco causado pelas paredes e pelo chão sem tapete.)

(Embora cansada, a Jane retomou às 22h40.)

Continuaremos esta discussão na próxima sessão.
As circunstâncias foram boas esta noite, e decidi aproveitá-las. Se não tivesses de te levantar tão cedo de manhã, continuaria. No entanto, temos realmente todo o tempo do mundo.

As minhas mais calorosas saudações a ambos. Devem achar o material desta noite útil e instrutivo. Como sempre, lamento deixar-vos, mas mais do que o habitual esta noite, já que consegui comunicar tão bem.

Tenciono delinear para vocês os passos envolvidos nos vários tipos de projeção. E agora, boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Um pequeno ponto, contudo: também projetam enquanto estão em estado desperto, mas não se apercebem disso. O treino pode ajudar-vos, embora envolva mais trabalho, e não atingirão esse nível de realização por algum tempo.

(Fim às 22h45. A Jane estava novamente tão dissociada como antes, embora desta vez os olhos permanecessem fechados. O Seth, disse ela, podia ter continuado toda a noite sem esforço, mas não a pressionou a fazê-lo. Ela simplesmente sabia que ele podia.)

(A Jane disse que uma parte dela, aquela que recebe os conceitos de o Seth, decide eventualmente que já teve o suficiente e então deixa de receber novos conceitos. A Jane põe o último conceito em palavras, e a sessão termina.)

(A Jane sentia-se agora muito cansada, ao contrário do que acontece normalmente depois de uma sessão.)

SESSÃO 275

PROJEÇÕES CONSCIENTES

25 de Julho de 1966

(*O objeto do envelope para o 64.º experimento com envelope era um bilhete de estacionamento obtido no Robert Treman State Park, perto de Ithaca, Nova Iorque, em 12 de julho de 1966, durante as nossas férias recentes. Está impresso a preto em cartolina, com o número de série em tinta azul-clara. Coloquei-o entre duas folhas de cartolina Bristol e depois inseri este conjunto nos habituais envelopes duplos. Ithaca fica a cerca de trinta e tal milhas a nordeste de Elmira.*)

(*Visitámos o parque três vezes durante essa semana, mas mantive a data do bilhete correta, prendendo-lhe um papelinho com lápis. Acontece que alguns dos dados do envelope provêm das duas visitas subsequentes. A primeira visita foi na terça-feira, 12 de julho, a segunda na quinta-feira, 14 de julho, e a terceira no sábado, 16 de julho.*)

(O verso do objeto contém texto miúdo relativo a regulamentos de estacionamento automóvel, danos ou perdas, responsabilidade, etc. A Jane disse antes da sessão que não fazia ideia sobre o que o Seth iria falar. Os olhos dela estavam abertos desde o início da sessão, fumava, e a voz estava normal, com pausas.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ora bem. O uso de energia gera energia.
Quanto mais energia criativa vós gerardes, mais sereis capazes de gerar. Vós não gastais energia em termos biológicos, e pensar assim é um erro. Abster-se de usar energia é tê-la menos. O uso da energia é a base da personalidade e da intensidade da experiência. Não existe acumulação de energia. O indivíduo criativo tem experiências de sonho mais vívidas e experiências de vigília mais intensas do que outros indivíduos. Contudo, a criatividade não deve ser considerada propriedade exclusiva daqueles que trabalham nas artes.

A criatividade é uma característica emocional e psíquica. Pode ser usada de várias maneiras. Os sonhos dos altamente criativos existem multidimensionalmente. As projeções raramente ocorrem, exceto para indivíduos criativos. Agora estou a dedicar um tempo considerável para lidar com projeções porque, de forma espontânea, elas ocorrem mais ou menos constantemente.

As projeções conscientes — devo esclarecer: as projeções das quais se tem consciência — geralmente ocorrem apenas em indivíduos altamente criativos. Projeções espontâneas, entretanto, ocorrem constantemente em todas as consciências. Vós não habitais o vosso universo físico tão completamente quanto imaginais; e, como vos disse, vós existis tanto fora dele quanto dentro dele.

Isto não significa que vós não existis no intervalo aparente. A nossa discussão sobre a natureza da matéria é importante aqui, pois expliquei as pulsações que ocorrem nos átomos. A vossa perceção do tempo causa muitas dificuldades quando tentais examinar a realidade tal como ela existe independentemente da matéria. As limitações das comunicações verbais dificultam algumas explicações. (Vede os Volumes 1 e 2, por exemplo.)

Vós entendeis o conceito do presente espacial. Parece-vos, é claro, que esta sala e tudo dentro dela existem de forma constante, entre a criação ou fabricação e a morte ou decadência material. Dentro da estrutura de tempo da vossa perceção, esta cadeira, por exemplo, parece ter existido continuamente desde que a adquiristes.

Eu vos disse que pulsações ocorrem quando a energia entra num átomo e depois sai dele. Há um intervalo em que a cadeira simplesmente não existe, mas vós não o percebeis. Um mecanismo semelhante a uma pós-imagem permite-vos ver a matéria como contínua.

Agora, a duração deste intervalo pareceria incrivelmente breve a partir de algumas perspetivas ou sistemas — e séculos de duração, vede bem, se visto de diferentes sistemas. Vós mesmos não percebeis isso de forma alguma.

Conscientemente vós não percebeis os intervalos (sorriso, olhos bem abertos) durante os quais vós mesmos simplesmente não existis como organismos materiais. Temos, novamente, quase uma pós-imagem mental que vos dá a ilusão de que um momento leva suavemente ao seguinte.

Vós existis durante esses intervalos, mas não existis em termos físicos. Não é uma questão — se me permitis o trocadilho — da consciência escapar do corpo. É uma questão relativa ao facto de que não existe nenhum corpo físico do qual se possa escapar.

A consciência existe, entretanto. A consciência, ao reafirmar-se na realidade física, não tem memória do intervalo em que não existiu fisicamente. O eu interior, porém, retém toda a memória. Os sonhos permitem que a consciência se desembarace da realidade física. Por diversas razões, os intervalos são até certo ponto lembrados.

Uma grande variedade de sonhos são memórias desta existência não física que ocorre constantemente, embora na vida desperta vós raramente tenhais consciência deles. Este ciclo, recentemente descoberto pelos psicólogos, relacionado aos vários níveis de sonho, corresponde ao fluxo e refluxo da consciência à medida que aparece e desaparece da realidade física. Ele cria a realidade física, como sabeis.

Há uma vazante e uma maré. A vossa consciência nunca está totalmente focada na realidade física, mesmo nos períodos em que nela operais. O foco varia consideravelmente, num certo ritmo. A quantidade de foco e a sua intensidade variam de acordo com o indivíduo, mas a consciência nunca está totalmente focada na realidade física.

Quando ocorrem projeções conscientes, vós estais a aproveitar esses intervalos entre as materializações. Poderíeis chamar esses intervalos de não-intervalos, na verdade. A vossa ideia de tempo não existe dentro de tais intervalos.

Vós nem sequer levais convosco essa perceção do tempo. Agora, esses não-intervalos são de facto aberturas para outras realidades, e vós podeis teoricamente explorá-los. Eles existem tão efetivamente quanto a realidade física. Vós estais a fazer a mesma coisa quando, num sonho lúcido, percebeis que estais a sonhar e decidis explorar, digamos, uma paisagem distante que aparece no sonho.

Vós podeis dizer que essas experiências sem intervalo são subjetivas, mas elas não são mais subjetivas do que a vossa vida física. Teoricamente, vós poderíeis explorá-las indefinidamente. Praticamente, não podeis.

Agora. Na vossa vida física como a conheceis, vós estais de facto a explorar esse não-intervalo. Vede?

("Sim.")

Pois este é um não-intervalo para o eu interior. Este material é extremamente importante. Uma parte de vós separa-se do eu interior para explorar em profundidade um não-intervalo específico. Para o eu interior, nenhum tempo passa. Vós vivenciais, é claro, o tempo físico.

Este não-intervalo, entretanto, cria os seus próprios pontos de intervalo que vós também explorais, nos vossos sonhos e em projeções despertas que escapam à vossa consciência comum.

Contudo, ao explorar esses não-intervalos (sorri), vós também criais aquilo que explorais, pois nada disso existe sem a consciência criativa. O material desta noite, lido juntamente com as discussões relativas à natureza da ação, dar-vos-á uma ideia mais abrangente do que estou a tentar transmitir-vos.

Este processo é literalmente interminável. A abundância de energia sob o vosso comando é muito maior do que imaginais. As projeções conscientes são viagens para outros não-intervalos e são extremamente valiosas para toda a personalidade. Elas aliviam o organismo físico por um lado e, por outro, atualizam-no imensamente.

Tratemos agora das projeções oníricas e depois discutiremos as projeções conscientes, literalmente a partir do estado de vigília. Eu vos darei, primeiro, as minhas instruções para projeções dentro do estado de sonho.

(Pausa às 9h52. A Jane disse que estava longe. O seu ritmo era um pouco mais rápido, os olhos abriam-se com frequência, etc. Enquanto Seth falava, ela tinha sentimentos de conceitos, de coisas "a abrirem-se". Ela sentia-se a correr para dentro de várias direções, disse ela, inspirada por esses conceitos, dando-lhes voz à medida que os alcançava. Chamou isso de "processo de retorno".)

Na verdade, ainda não iniciámos discussões completas sobre os tipos e graus de experiências oníricas. Alguns sonhos, como sabeis, estão mais intimamente ligados à realidade física do que outros. Alguns, entretanto, são excelentes como limiares para a projeção consciente. O que o Fox chamou de "sonhos aparentemente acordados" é excelente. Eles também podem ser produzidos durante cochilos relativamente breves.

As nossas instruções começarão com o uso desses sonhos sempre que eles ocorrerem. Vós reconhecê-los-eis pela sua intensa vivacidade. São sonhos nos quais, a princípio, tendes a certeza de que estais acordados. Basta ter isso em mente para que, no meio de um sonho, possais perceber o que ele é.

A qualidade pura e brilhante do ambiente tem muito em comum com a aparência que a realidade física apresenta às crianças. Os sentidos físicos parecem operar com tanta eficiência que vós pensais estar acordados, mas o brilho é superperfeito. Assim que vós perceberdes que tipo de sonho é esse, com prática, podereis projetá-lo conscientemente e explorar o ambiente.

Agora. Tens um envelope para mim?

("Sim."

(A Jane fez uma pausa às 22h09 e depois pegou no envelope selado do nosso 64.º experimento, sem abrir os olhos. Ela sabia, naturalmente, que os experimentos com envelope estavam agora marcados para as segundas-feiras, e perguntou apenas por formalidade. Pressionou o envelope contra a testa, na posição vertical.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões. Uma ligação com uma flor ou flores, e com renda ou tecido. Algo adequado para uma ocasião. Um pequeno objeto redondo num canto inferior, equilibrado por outro objeto redondo num canto diagonal.

(A Jane gesticulou com o envelope; indicou primeiro a metade inferior e depois a superior.)

Um centro, como *o* centro de raios. Como *os* raios de uma roda, por exemplo.

Uma ligação com *o* número cinco. Isto pode referir-se a uma data ou a cinco pessoas. Num evento ou reunião, e esta é uma ligação distante.
A impressão de uma corrente, ou cadeia de acontecimentos. Um A e um G ou J. Também *as* letras D O L, talvez seguidas de outro L (*pausa*) e *o* número 63.

Onze, ou talvez *o* mês de novembro. *A* cor vermelha. Vermelho circular. Verde e um azul-esbatido. Uma designação em cruz. Formas de árvores e um arco. Um bilhete que não foi respondido.

Isto leva *o* Ruburt a pensar, pelas suas próprias razões, nos avisos sobre *o* seu livro de ESP. Digo-vos isto apenas para vossa informação.
6 mais 1, ou 7 vezes. Um bilhete impresso. Ação. Sugiro *a* vossa pausa, a menos que tenham perguntas. (*Pausa às 22h17.*)

("Estás a dizer que há dois objetos no envelope?")

Ou representados num único objeto.

("Podes dizer algo mais sobre G ou J ou A?")

As iniciais ou *as* letras parecem estar ligadas a um item quadrado, ou pacote.

("Podes dizer algo sobre as cinco pessoas?")

(Pausa.) Três mulheres e dois homens.

("Onde estava esse grupo?")

No exterior, e não no interior, neste caso em particular.

("Queres nomear o objeto?")

(Pausa.) Estamos a receber duas impressões separadas. Uma é de um cobertor, e outra de um bilhete. *O* cobertor sobre *a* relva.
Sugiro *a* pausa.

(Pausa às 22h21. A Jane fora de si, como de costume. Os olhos permaneceram fechados durante toda a sessão. Teve algumas imagens, que serão mencionadas por ordem.

(Ver o esboço do objeto e as notas na página 284. Como referido, obtivemos o bilhete de estacionamento usado como objeto em 12 de julho de 1966, no Robert Treman State Park, Ithaca, NY, e mantive a data correta prendendo-lhe um bilhete. Outras visitas ao mesmo parque mais tarde nessa semana entram nos dados, e serão discutidas conforme necessário. O Seth também ajuda após a pausa. Enquanto isso, a Jane e eu começámos a fazer as nossas próprias ligações com o objeto.)

(... texto contextual resumido e adaptado conforme os dados sobre flores, renda, número cinco, e o incidente do David, preservando o conteúdo factual conforme indicado ...)

(A Jane retomou às 22h50; os olhos novamente abertos. Deixou os óculos postos durante talvez um terço da transmissão.)*

Vamos terminar *a* nossa sessão.
Temos feito tentativas no sentido de obter material mais específico e transmiti-lo a *o* Ruburt de uma forma ligeiramente diferente. Por exemplo, *o* D O L L. A vossa interpretação estava correta. Eu estava a conduzi-lo até "dollar", e depois a "half dollar". Dei-lhe uma imagem visual das letras, e isto é algo relativamente novo para ele. Contudo, irá compreender rapidamente, e então *os* nossos dados deverão ser melhores do que antes.

O incidente do cobertor ofuscou *os* outros dados devido ao conteúdo emocional da queda da criança. Não há necessidade de prosseguir na interpretação do material agora. *As* minhas mais calorosas saudações a ambos. Novamente, *a* minha preocupação com *as* vossas limitações de tempo. *O* D O L L seguido do A R exigiria pouca interpretação. Eu estava a conduzi-lo até "half dollar". Estamos a progredir. Boa noite, meus amigos...

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22h59. Na verdade, a Jane ficou muito quieta, em transe, durante mais de dois minutos. Os olhos estavam fechados, a cabeça inclinada. Ela sorria, pensei, de forma ligeiramente expectante. Parecia-me que o Seth estava num estado de ternura. Quando saiu do transe, a Jane disse que o Seth "nos falou em silêncio" e ponderou se deveria continuar a falar nessa noite sem que eu tomasse notas. Ele decidiu que não.)

SESSÃO 276

O CORPO FÍSICO DURANTE AS PROJEÇÕES

1 de Agosto de 1966

(*A sessão regularmente marcada para a passada quarta-feira, 27 de julho de 1966, não se realizou porque a Jane esteve doente durante vários dias. O seu pêndulo disse-lhe que a doença fora provocada por um ataque de nervos e pânico devido à publicação iminente do seu livro sobre ESP. A Jane não vinha a trabalhar nem a dormir bem há alguns dias antes da doença.*)

(*Pouco depois, o nosso novo gato, a Catherine, adoeceu com esgana, e recebeu uma injeção no veterinário na sexta-feira à noite, 29 de julho, juntamente com alguns comprimidos para os dias seguintes. Esta noite parecia que a gata iria ficar bem. A Jane quis que eu me certificasse de perguntar a o Seth sobre a gata, caso aquela personalidade não a mencionasse espontaneamente.*)

(*Realizou-se o 65.º experimento com envelope. O objeto era a conta que recebi pela compra de Masonite em Wellsburg, Nova Iorque, na sexta-feira, 15 de julho de 1966. Como de costume, coloquei a conta entre duas folhas de cartolina Bristol e depois selei o conjunto em dois envelopes. A Jane esteve presente na madeireira em Wellsburg quando a conta foi passada, mas, como eu, não lhe prestou atenção na altura e não a tinha voltado a ver desde então.*)

(A Jane começou a falar sentada, com os olhos abertos e escuros no início. Estava também a fumar. O ritmo era médio, assim como a voz.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Bem. Se a Jane estivesse em perigo de contrair alguma doença grave, eu saberia. E eu gostaria de vos avisar, embora esteja ciente do poder da sugestão — e seria extremamente cuidadoso para que o aviso não funcionasse como uma sugestão negativa. Se fosse necessário, eu vos alertaria e daria instruções sobre como melhor evitar a situação.

Eu não estava consciente da indisposição iminente da Jane na nossa última sessão, embora soubesse que o seu estado geral não era dos melhores.

A sua condição não era grave o suficiente para me atingir. Se vós tivésseis perguntado, eu poderia ter explorado o seu estado e vos dado algum aviso. A atitude mental adequada poderia ter evitado a indisposição. Por outro lado, não tendo sido utilizadas soluções melhores, a indisposição serviu a um propósito e alcançou-se um fim desejado.

(A Jane estava um tanto inquieta enquanto falava. Sem parar particularmente, ela levantou-se da sua cadeira de baloiço favorita, sentou-se numa cadeira em frente à mesa, diante do Rob. Ela raramente fazia isso, limitando-se, em geral, à cadeira de baloiço.)

Os problemas psíquicos e mentais gerais concentraram-se em sintomas físicos —

(Fomos interrompidos por uma batida na porta às 9h08. Um vizinho deixou-nos rapidamente. A Jane não se incomodou com o barulho ou a distração. Voltou quase imediatamente à cadeira de baloiço, mas logo depois ergueu-se novamente e sentou-se à frente do Rob. 9h10.)

Agora. As dificuldades mentais e psíquicas concentraram-se em sintomas físicos, e o sistema livrou-se das dificuldades dessa maneira. O problema foi tratado fisicamente, por outras palavras – como sempre acontece, aliás, como último recurso.

Há sempre uma tentativa inicial de lidar com os problemas a nível mental e psíquico. A doença física representa a incapacidade de lidar com eles de maneira suficiente ou eficaz; em todos os casos, a intensidade e a gravidade da doença física são proporcionais à gravidade e intensidade do problema interno.

Um sintoma físico crónico e duradouro representa, portanto, um problema interno crónico e bastante duradouro. É claro que existe um simbolismo subconsciente envolvido no curso da doença, bem como um simbolismo psíquico mais profundo.

A Jane sentiu-se enjoada porque não conseguia trabalhar devidamente. Agiu fisicamente. O descanso forçado também lhe deu tempo para recuperar os seus recursos psíquicos. Tudo isso poderia ter sido tratado nos níveis mental e psíquico. No passado, em circunstâncias semelhantes, as condições físicas teriam sido muito piores.

Agora. O vírus específico que atacou o vosso gato já estava no sistema dele há algum tempo. A resiliência nativa e o reforço psíquico d**a Jane** ajudaram-no. No entanto, com a doença, ela não foi capaz de reforçar a condição do gato com a sua própria criatividade psíquica.

Vós utilizastes as vossas energias psíquicas para ajudar a Jane, e o animal ficou entregue à sua própria resiliência, que não foi suficiente. Não precisais preocupar-vos agora com a sobrevivência do animal. Os antibióticos servem como reforço físico, já que o plano agora aparece em termos físicos. O gato precisa de todos os reforços que vós puderdes dar-

lhe, se quiser sobreviver como um animal totalmente eficaz e saudável. Não há razão para que ele não o faça, desde que mantenhais o curso atual.

Pretendo dar-vos mais material esta noite sobre projeções. No entanto, gostaria de fazer estes e outros comentários pessoais.

Agora. A vossa festa, na qual estive ocasionalmente presente (ainda sentada à frente do Rob, a Jane batia na mesa, os olhos muito escuros e arregalados), foi de grande benefício, como sabeis. Mas vós não conheceis alguns factos importantes.

Vós escolhestes, vós dois, as duas pessoas mais dotadas psiquicamente que conheceis e chamaste-las aqui. Vós ligastes para elas porque a doença do animal serviu para vos dizer que algum reforço extra seria útil. Todo o caso foi psiquicamente lógico e seguiu padrões internos que ajudaram a todos vós.

(A festa, no sábado à noite, com o Bill Macdonnel, o vosso amigo o Tom, a Jane e o Rob, durou até às 4h45 de domingo, 31 de julho.)

Vós entendeis os resultados terapêuticos do riso explosivo. Não vou insistir nisso, então. A risada explosiva, entretanto, estava em proporção direta com as tensões internas. Desde os primeiros sinais da doença d**a Jane**, vós tomastes precisamente as medidas corretas. A doença em si foi um ato lamentável, mas, no geral, benéfico, pois se ela não tivesse ocorrido e se os problemas internos não tivessem sido resolvidos psiquicamente, o resultado poderia ter sido uma doença muito mais grave.

A Jane tomou, em suma, uma atitude sábia dadas as circunstâncias. Não foi o melhor caminho — que teria sido o caminho psíquico — mas foi eficaz.

(Pausa às 9h32. A Jane estava bastante dissociada. Seus olhos abriam-se frequentemente, e a sua voz tornava-se um pouco mais forte. Ela estava ciente de ter deixado a sua cadeira de baloiço para se sentar à frente do Rob à mesa, e surpreendeu-se com esse movimento.)

(A Jane retomou da mesma maneira ativa, sentando-se novamente à mesa às 9h44.)

Agora. Mais um ponto. O vosso amigo o Mark *(o Bill Macdonnel)* estava, inconscientemente, tentando retribuir-vos, principalmente pela ajuda que lhe prestastes e pelas refeições.

Ele é particularmente grato e sente que, com a comida que ingere, recebe também outros benefícios — como de facto recebe. Este é um ponto à parte, mas importante: a comida é realmente sagrada. A sua preparação é mais uma questão psíquica do que física. O preparador de alimentos coloca mais do que simples temperos. Um alimento pode ser contaminado, envenenado, por um cozinheiro, mesmo sem a presença de qualquer elemento físico. Quando dez pessoas são envenenadas, por exemplo, por um alimento, não é mera coincidência, e há muito mais envolvido do que, por exemplo, maionese deixada ao sol.

A natureza curativa da Jane protege e enriquece as suas refeições, sendo este um elemento importante e constante no vosso bem-estar.

Em muitas famílias, ocorrem frequentemente pequenas doenças constantes porque o preparador dos alimentos possui uma natureza psíquica pouco saudável. Frequentemente, estes são os verdadeiros portadores de doenças. No entanto, esta é uma afirmação geral, pois todos vós estais sujeitos a circunstâncias flutuantes, sendo mais ou menos capazes de usar as vossas capacidades psíquicas.

Para a Jane mais uma vez: Sim, estais perfeitamente seguros com o vosso gato, desde que prossigais com o curso atual. Agora, a menos que tenhais alguma dúvida, avançaremos para outro material.

("Vai em frente." 9h52.)

Na verdade, as projeções envolvem uma mudança na estrutura atómica.

A consciência simplesmente muda de forma. O corpo físico é mantido, mas nele também ocorrem certas mudanças químicas. Inicialmente, quando a projeção é realizada pela primeira vez, há uma forte carga de adrenalina. Há alta atividade da glândula tireoide. Há uma carga de hormonas sexuais, que também são utilizadas no processo da projeção.

Após a realização da projeção, porém, há um declínio acentuado da atividade química e hormonal, uma queda da temperatura — por vezes muito baixa — e uma diminuição da pressão arterial. Há também alterações nos mecanismos oculares: os movimentos rápidos dos olhos, observados no estado de sonho pelos investigadores, cessam completamente.

Os músculos oculares deixam de ser utilizados; a atividade muscular normal que ocorre durante o sono desaparece. O corpo físico entra num estado de transe profundo, o qual pode ser mascarado pelo sono, caso a projeção ocorra a partir de um estado de sonho.

De acordo com a intensidade da projeção e os sistemas visitados, o corpo físico torna-se mais ou menos rígido quando a consciência a ele retorna.

Essa rigidez é simplesmente uma reação ao retorno da consciência.

Há uma diferença subtil na forma como as moléculas de açúcar são utilizadas. Momentaneamente, o corpo físico utiliza menos açúcar. Contudo, o açúcar é importante para alimentar a consciência durante a jornada. Ajuda a manter a ligação da consciência com o corpo físico e, sem ele, sob certas condições, a consciência poderia encontrar dificuldades em retornar.

Por outras palavras, existe uma ligação que é, em parte, física, entre o corpo e a consciência viajante — e esta ligação é baseada numa molécula de açúcar numa forma normalmente não observada.

Antes da projeção consciente, eu recomendaria que ingerísseis uma pequena quantidade de alimentos ricos em amido ou açúcar. Esta estrutura

molecular torna-se mais refinada, por assim dizer, e, embora não seja fisicamente visível, tem uma base física.

Para projeções em outros sistemas, outra transformação deve ocorrer. A ligação física permite ir até certo ponto; depois disso, ocorre o que equivale a uma segunda projeção a partir da primeira.

O retorno, então, implica numa entrada da consciência desta segunda forma para a primeira, e só depois para o corpo físico.

Eu pretendia começar esta noite a oferecer-vos instruções práticas completas. Um pequeno lanche antes de dormir é benéfico neste sentido. O álcool traz algum benefício, embora modesto. Excelentes resultados podem ser alcançados em projeções baseadas em sonhos durante o dia, especialmente durante uma sesta.

Estas são, talvez, as melhores de todas as projeções baseadas em sonhos — e também as mais seguras. O corpo está bem abastecido, por assim dizer, e é possível manter as projeções por um período maior do que nas projeções noturnas.

Estou agora a falar apenas de projeções baseadas em sonhos. As horas da manhã são mais favoráveis do que as da tarde. O período imediatamente anterior ao ciclo menstrual é também um bom momento para a Jane realizar este tipo de projeção.

Tens um envelope para mim?

("Sim."

(Às 22h22, com os olhos fechados, a Jane pegou no envelope para o nosso 65.º experimento e pressionou-o contra a testa, numa posição mais ou menos vertical.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Stern. Não sei se isto se refere a "stern" no sentido de severo, ou "stern" como *a* popa de um navio.

Ligação com uma data em março e com *o* número três. Talvez 3 de março (*pausa*) ou um evento envolvendo três pessoas em março.

Ligação com um evento não repetido. Números, talvez 01913.

Ligação com preto e com um pequeno quadrado. Isto pode ser simbólico de uma ligação com morte, ou pode ser literal. Uma palavra começada por M. Não sei — *massage*, *mucilage* — deixemos isso por agora.

Música relaxante, talvez. Quatro quadrados, ou quatro e quatro quadrados.

Uma árvore, ou forma de árvore alta. Direita. Uma palavra com M outra vez, talvez desta vez um nome ou inicial. *O* Ruburt pensa em Marie ou Mary. É um M grande e pertence a um nome. Isto parece bastante vívido em si mesmo, mas pode simplesmente significar "Miss tal e tal", percebes, ou "Mrs." — uma ligação com uma mulher.

Um E e um B. Um torneio, talvez simbólico. Um cruzamento, como de espadas. Ligação com transporte, e talvez com água. Objeto retangular, com alguma coloração escura, talvez azul-escuro. *A* cor faz-me lembrar *a* água à noite.

Uma margem implícita. Escrita ou impressão num canto inferior esquerdo, talvez muito pequena, segurando *o* objeto horizontalmente.

(A Jane gesticulou com o envelope, que agora segurava na horizontal.)*

Algo também no verso. Uma forma oval, ou forma de olho — isto é, este tipo de olho, percebes (*com os olhos fechados, a Jane apontou para um dos seus próprios olhos*) — dentro de um retângulo ou triângulo.

A sensação de algo suspenso, ameaçador ou pendente, na metade superior do objeto, e escuro. Algo pequeno e brilhante também, por baixo desta parte suspensa ou ameaçadora.

1966, e também a perspetiva de 1967. Ligação com uma fotografia, creio, ou outro objeto com cantos triangulares, como *as* fotografias que normalmente se encaixam num álbum.

Duas pessoas. Tu e *o* Ruburt, creio.

Tens alguma pergunta? (*22h35.*)

("Podes dizer algo mais sobre a data de março?")

Março, progresso, marchar em frente. Um evento em março que levou a eventos semelhantes, embora *o* original não se tenha repetido. Creio que *a* letra G está de algum modo ligada a esse evento. Sugiro *a* pausa — a menos que tenhas perguntas?

(A Jane baixou o envelope para o colo, os olhos fechados.)*

("Bem, então tenta nomear o objeto.")

Cheguei o mais perto que pude, nos dados dados.

("Podes dizer algo mais sobre os quatro quadrados?")

Creio que não.

("Acho que é isso, então.")

(Pausa às 22h39. A Jane estava dissociada, como de costume, e os olhos permaneceram fechados. Teve imagens, que serão anotadas à medida que o material for surgindo.)

(Fizemos as nossas próprias ligações e o Seth confirmou algumas. Mais uma vez, as associações da Jane pareciam fluir de forma mais livre — este sendo o terceiro experimento em que isso é evidente. Achamos que se obteve mais informação neste envelope do que nos anteriores.)

(... texto explicativo do contexto omitido por brevidade, mantendo o conteúdo interpretativo de acordo com o original — incluindo as referências a Enfield Glen, Wellsburg, o trabalhador da madeireira, as letras M, D.O.L.L., e as correspondências com os dados simbólicos de água, madeira, e "four square" ...)

(Seth continuou os dados acima, explicando outra instância do uso de associação livre, tudo derivando da letra M: "Não sei — massage, mucilage — deixemos isso por agora." A Jane disse que a ligação "mucilage" se referia à palavra cement ("cimento") no cabeçalho da conta, por baixo do nome Schuyler.)

("Música relaxante, talvez." A Jane disse que isto era uma distorção dos dados sobre massage, já que tanto massage como music são calmantes.)

("Quatro quadrados, ou quatro e quatro quadrados." Considero isto um dado excelente relativo ao objeto. O objeto mostra que comprei duas chapas completas de Masonite, cada uma com 4 x 8 pés. O trabalhador mencionado anteriormente cortou as chapas ao meio para caberem no carro, dando quatro peças de Masonite, cada uma com quatro pés quadrados.)

("Uma árvore, ou forma de árvore alta." O cabeçalho da conta contém a palavra lumber — madeira —, produto de árvores. Masonite é, naturalmente, um derivado de madeira.)

("Direita." Associamos isto ao dado da árvore acima; a madeira é normalmente direita, em contraste com o que é torto.)

("Uma palavra com M novamente." O Ruburt pensa em Marie ou Mary. Um grande M, pertencente a um nome. A Jane acreditava que o Seth se referia ao nome da Sra. Marilyn Wilbur, amiga do casal em Wellsburg, o que pareceu apropriado.)

("Um E e um B." Dados vagos; existem palavras com essas letras no objeto.)

("Um torneio, talvez simbólico. Um cruzamento, como de espadas." A Jane acreditava que isto se referia à história contada pelo trabalhador da madeireira, sobre a sua experiência militar e o retrato feito durante a guerra.)

("Ligação com transporte." Isto pode referir-se à nossa viagem a Wellsburg, especificamente para comprar a Masonite — uma distância de cerca de dez milhas em cada direção.)

("E talvez com água." Isto pode derivar dos wells (poços) em Wellsburg, como explicado anteriormente, ou do facto da Jane preferir ter ido a Enfield Glen para nadar em vez de comprar a Masonite. Além disso, tínhamos planeado ir nadar localmente depois de comprar a Masonite, mas ficámos tão ocupados que não o fizemos.)

("Objeto retangular, com alguma coloração escura, talvez azul-escuro. A cor faz-me lembrar a água à noite." A conta usada como objeto é retangular. O verso está impresso a preto. O preço e a data, aplicados automaticamente pela registadora no topo da conta, estão a azul médio. Como temos a cópia em carbono, a escrita manual na conta é em azul-

escuro ou cinzento. Estes três pontos podem incluir-se na categoria de "coloração escura", e o azul é indicado especificamente por o Seth.)

("Uma margem implícita." O objeto tem uma margem implícita tanto na frente como no verso.)

("Escrita ou impressão num canto inferior esquerdo, talvez muito pequena, segurando o objeto horizontalmente." A Jane, neste momento, segurava o envelope na horizontal. Não marcámos os envelopes nem o objeto para confirmar este dado. Contudo, se ela o segurava com o topo voltado para a direita, haveria impressão ao longo do lado esquerdo da conta — o texto pequeno na parte inferior da frente. Se a segurasse com o topo para a esquerda, então o preço e a data ficariam no lado esquerdo; esta cópia é, no entanto, mais larga.)

("Algo também no verso." Há impressão a preto no verso do objeto, além de transparências do preço e da data no topo e imagens-fantasma de outros dados de preço e data por baixo, em reverso.)

("Uma forma oval ou de olho — isto é, este tipo de olho, percebes, dentro de um retângulo ou triângulo." A Jane apontou para o próprio olho enquanto dava este dado. É muito bom. Como referido antes, o trabalhador da madeireira que preparou a Masonite e preencheu a conta usada como objeto tinha um problema num olho. Ele contara que um artista lhe fizera um retrato durante a guerra, desenhando-lhe a face simétrica, embora na realidade fosse assimétrica. O dado do retângulo ou triângulo refere-se ao facto do homem usar óculos.)

("A sensação de algo suspenso, ameaçador ou pendente, na metade superior do objeto, e escuro." Isto é particularmente interessante e exemplifica o novo método através do qual o Seth transmite alguns dos dados a a Jane. A Jane disse ser difícil de descrever, mas tinha a impressão muito nítida de uma grande massa escura suspensa acima dela — como um teto, por exemplo. O primeiro termo no cabeçalho da conta, logo abaixo do nome, é Roofing (telhados). Isto encaixa perfeitamente com o dado seguinte. Note-se que a palavra Roofing se encontra na parte superior do objeto — tal como um telhado, sobre a cabeça de um observador.)

("Algo pequeno e brilhante também, por baixo desta parte suspensa ou ameaçadora." Novamente interessante: em a conta, o item 1 Roller Pan está escrito diretamente por baixo de Roofing. Assim, a posição do roller pan é interpretada literalmente por o Seth como estando sob um telhado — uma ligação lógica. O roller pan, que nunca usei, é naturalmente brilhante e pequeno, provavelmente revestido de estanho, em comparação com o tamanho de um telhado.)

("1966, e também com vista para 1967." Note-se a caixa na frente da conta com as palavras Account forwarded. Como comprei a Masonite em

1966 e presumivelmente manteria a conta aberta, qualquer saldo seria transferido para 1967.)

("Ligação com uma fotografia, creio, ou outro objeto com cantos triangulares, como as fotografias num álbum." Como dito antes, o trabalhador da madeireira falara do retrato feito durante a guerra. Esta informação básica pode ter levado a esse dado, mas acreditamos que há outra possibilidade: a Jane teve a imagem mental de uma fotografia nossa, tirada em Enfield Glen. Lembra-te de que ela queria ir ao Glen a 15 de julho, em vez da Wellsburg comprar a Masonite. Nenhuma fotografia recente nossa foi tirada lá. Além disso, a ideia do Glen liga-se a Glenn M. Schuyler, proprietário da madeireira.)

("Duas pessoas. Tu e o Ruburt, creio." A Jane e eu, naturalmente, fizemos a viagem a Wellsburg para comprar a Masonite, contactando outras pessoas apenas de forma rotineira.)

(... contextualização sobre as perguntas e respostas relativas a março, aos "quatro quadrados", e à letra G, conforme o original ...)

(A Jane retomou com os olhos fechados e os óculos postos às 23h27.)

Vamos encerrar. Se não fosse tão tarde, eu comentaria este experimento, pois há aqui algumas ligações interessantes.
O "torneio" referia-se de facto a uma guerra. As "espadas" eram baionetas.

As minhas mais calorosas saudações. Estão a fazer progressos que começarão a manifestar-se de forma mais clara. O Ruburt tinha razão, até certo ponto, ao descrever a forma como recebeu a informação sobre o "telhado". Isto é também algo novo. Tentaremos misturar isso com dados visuais; servirá para completar e definir a informação com mais precisão. Falarei brevemente sobre este ponto na próxima sessão. Diz respeito a um método de perceção que vocês usam subconscientemente, mas nunca reconhecem — um sentido semelhante à forma como registam a temperatura.

E agora, boa noite, meus caros amigos. Gosto muito das nossas sessões. Lamento as limitações que impedem que sejam mais longas. Estou muitas vezes convosco e tenho-vos em grande apreço. São bons alunos. Espero ser um professor à altura.
("Boa noite, Seth.")

(Fim às 23h30. A Jane estava profundamente dissociada e sentia vivamente a benevolência emocional do Seth.)

SESSÃO 277
3 DE AGOSTO DE 1966

(A Jane começou a falar sentada e com os olhos fechados, com uma voz um pouco mais grave do que o habitual e fazendo pausas.)

Ora bem… boa noite.

("Boa noite, Seth.")

A vossa consciência desperta participa das projeções, via de regra, apenas em períodos de alta vitalidade e saúde excecional.

Ocasionalmente, a consciência desperta também participa durante períodos de grande depressão — mas, em geral, é necessária uma grande quantidade de energia para manter a estabilidade da personalidade e para que o ego não se sobrecarregue. Por isso, as projeções conscientes são automaticamente espaçadas. Desta maneira, há pouco perigo de surgirem problemas.

O mesmo acontece com a retenção consciente dos sonhos. Na verdade, estais a exercitar o que equivale a uma habilidade adicional: aprender a manipular outras dimensões da consciência. Assim, controlos automáticos são usados. (Voz um pouco mais profunda.) Vós prosseguis à medida que as vossas habilidades e o vosso controlo se desenvolvem.

A sugestão dada antes de dormir aumentará muito as vossas possibilidades de projeções conscientes a partir do estado de sonho. Não é estritamente necessário perceber um pequeno detalhe incongruente para perceber, enquanto sonhais, que estais a sonhar. No entanto, é um bom método a ser usado. A sugestão "Enquanto sonho, perceberei que estou a sonhar" pode ser utilizada — ou ambas as técnicas em conjunto.

No vosso estágio atual, é claro que é mais fácil que a separação real da consciência do corpo físico ocorra sem a vossa consciência imediata. No entanto, a experiência em si é um excelente treinamento.

Eu disse-vos que essas projeções podem levar-vos a diferentes sistemas. No início, estais mais seguros com aquelas projeções que envolvem a vossa própria realidade. Não há grande perigo, apenas a possibilidade de erros de perceção. A posição norte-sul permanece a mais benéfica. Pode também ser útil concentrar-vos antes de dormir numa projeção simples — como sair do corpo e circular pela vossa casa, ou dar uma volta pelo quarteirão

Ao adormecer, por exemplo, imaginai que estais no vosso quintal, noutro cômodo do vosso apartamento, ou em frente à vossa casa. Quando este método for eficaz, vós não estareis conscientes da separação real. Não vos sugiro, neste momento, que vós ou **a Jane** tenteis entrar em contacto comigo durante qualquer projeção. Mais tarde, quando tiverdes mais treinamento.

Se, por acaso, errardes *(sorri, olhos abertos)* no meu território, então eu saberei e procurar-vos-ei. Sempre que vos encontrardes em qualquer situação onírica potencialmente perigosa durante uma projeção, encerrai imediatamente o sonho. Assim, retornareis a um estado normal de consciência.

Agora. O Sr. Fox está bastante correto. Quando souberdes que estais numa projeção, não vos deixeis tentar a adulterar ou manipular desnecessariamente. Existem forças que ainda não compreendeis. Descobrireis que estas projeções se tornarão mais vívidas. Devo repetir: estas são bastante válidas. Não são alucinações.

As projeções conscientes não ocorrem com frequência em termos da maioria da humanidade. Observai que falo agora apenas das projeções nas quais estais conscientemente conscientes. As razões são óbvias: as projeções conscientes dependem de habilidade e controlo. Além disso, esta capacidade e controlo pressupõem uma personalidade bastante disciplinada. Caso contrário, teríamos explosões súbitas de agressividade libertadas em sistemas aos quais elas não pertencem.

É bem possível encontrar personalidades sobreviventes, aliás, durante tais projeções. Contudo, isto não ocorre com frequência, pois muitas condições são necessárias para que tal encontro se dê. É claro que também é possível avançar para o vosso próprio futuro. Isto ocorre regularmente, embora nem sempre com plena consciência. As projeções para o passado também são frequentes. Por algumas razões ainda não discutidas em profundidade, é possível encontrar a vossa própria projeção. Vós sois responsáveis pelos atos cometidos durante as projeções, e estes alteram a personalidade tal como qualquer ato na vigília.

Se tiverdes bom senso, podereis obter informações sobre o futuro estudando o ambiente da projeção, caso tenham percebido que ele se encontra à vossa frente no tempo.

Parte disto é extremamente complexo. Por exemplo, vós podeis solicitar, antes de dormir, projetar-vos no vosso próprio futuro para ver o que ocorre lá. Isto é bastante legítimo, se estiverdes dispostos a aceitar as consequências das vossas projeções.

Pois o que virdes influenciará as vossas ações no presente. Vós estareis a projetar o futuro provável tal como ele existe para vós neste momento. O próprio ato da projeção alterará essas probabilidades. Não estou a dizer, contudo, que o ambiente futuro não seja real. Ele é tão real quanto o vosso ambiente atual. Compreendeis?

("Sim." A Jane olhou para o Rob, depois fez uma longa pausa com os olhos fechados.)

Não toqueis em outra figura se tiverdes motivos para acreditar que se trata de uma forma projetada como a vossa. Devereis aprender a distinguir. Quando perceberdes que estais a sonhar, e se no sonho estais acompanhado

de outra pessoa, dizei-lhe que ambos estais a sonhar — e observai a resposta. Durante a projeção, lidareis com ambientes e realidades que não vos são familiares em estado consciente, mas durante as projeções vós estareis conscientes delas.

(Longa pausa.) Compreendeis como a matéria física é formada. Lidareis com realidades nas quais a durabilidade das imagens é bastante diferente. Estareis conscientes da mudança constante da aparência das imagens materializadas. Percebereis a energia mental e a força psíquica que dão existência a todos os objetos. Até certo ponto, aprendereis a controlar conglomerados de forças energéticas que não possuem forma objetiva.

Todos os objetos que conheceis são energia condensada. Se a energia é focada de uma maneira específica, surgem objetos físicos no vosso sistema. Existem também objetos potenciais — energia que está em processo de materialização — e energia que nunca se materializará. A maior parte desta energia é mental ou existe em formas que vós não percebereis fisicamente. Tem movimento.

Este movimento segue certas leis que não discutiremos ainda.

Podeis experimentar esta energia em vossas projeções. Talvez ela se manifeste como uma barreira ao vosso movimento, ou como um agente propulsor fora do vosso controlo consciente. Não é prejudicial, mas pode surpreender-vos. Não é exatamente correto chamá-la de "corrente", embora a literatura espiritualista assim o descreva. Trata-se da energia que compõe o vosso universo — energia que geralmente só reconheceis quando ela se manifesta como matéria.

É esta energia que pode levar-vos a outros sistemas, embora a palavra "transportar" implique movimento linear. Em vez disso, há uma imersão em várias profundidades da realidade. Em raras ocasiões, podeis projetar-vos de tal forma que fiqueis conscientes do amplo presente, onde sentireis a realidade de todos os sistemas simultaneamente. No entanto, é possível que a memória total dessa experiência não seja retida. Todas as projeções envolvem, literalmente, uma expansão da identidade e do eu. As limitações habituais impostas pelo ego desaparecem.

Agora. Isto dá uma ideia das habilidades que existem para o indivíduo em existências futuras.

(Longa pausa, cabeça baixa, olhos fechados.)

Quer as projeções sejam conscientes ou não, elas ocorrem de qualquer maneira, e a personalidade aprende com elas. Contudo, a projeção consciente envolve uma conquista muito maior.

(Longa pausa.)

Um ponto importante: ela proporciona uma liberdade do vosso tempo físico que não pode ser obtida de nenhuma outra maneira. Esta liberdade é extremamente revigorante e tem resultados terapêuticos — salvo se a experiência for exagerada. Há também benefícios para o corpo físico: ele

fica momentaneamente livre das exigências irritantes que lhe são impostas pela personalidade dividida — livre, por exemplo, de agressões e tensões. Mencionei que projeções duplas e até triplas podem ocorrer à medida que adotais diferentes formas. Estas formas representam as formas que a vossa personalidade assumirá em existências futuras.

Adotam-se tais formas para atender às exigências específicas dos ambientes em que elas serão utilizadas. Em certos sonhos, vós podeis ver aquilo que imaginareis ser a imagem do vosso próprio eu morto. Em vez disso, estareis a projetar e a ver uma das vossas próprias formas projetadas, que acabastes de desocupar. Estas formas existem tal como o vosso corpo físico, embora não sejam físicas. Estão fundidas com o vosso eu interior, como as camadas de uma cebola. Representam apenas as formas que a vossa consciência adota em diferentes estados de sonho e projeção.

Podes fazer uma pausa.

(*Pausa às 22h25. A Jane estava mais desligada do que o habitual. Teve alguma dificuldade em abrir os olhos durante a pausa; além disso, os olhos permaneceram fechados durante toda a transmissão, exceto por dois breves intervalos. Ainda assim, lembrava-se da perturbação causada por o Willy. Usou muitas pausas.*

(Retomou de forma mais ativa, com o ritmo mais rápido, às 22h36.)

Esta energia pode então impulsionar-vos com surpreendente rapidez para outro ambiente. À medida que vos tornais mais proficientes, podereis evitar parte desse impulso automático — mas nunca totalmente. Devido à natureza destas projeções, vós não permanecereis estacionados em qualquer sistema através do qual passeis. Portanto, não deveis esperar grande permanência para vós dentro de tais sistemas. As perceções daqueles que existem dentro desses sistemas são basicamente diferentes das vossas, e muitos deles não vos perceberão. Aqueles que o fizerem tendem a estar também projetando.

Eu vos disse que, se puderdes, deveis mencionar que estais a sonhar. Se o outro indivíduo também o reconhecer, sabereis que ambos estais a projetar. Caso contrário, ele poderá estar projetando sem estar consciente disso.

Mais uma vez: não façais esforço para tocar outra pessoa, especialmente se houver motivos para acreditar que também esteja projetando. Tal contacto será desconfortável para ambos.

Agora, como sempre com pesar, vou encerrar *a* vossa sessão. *As* minhas mais calorosas saudações a ambos.

("Boa noite, Seth.")

(*Fim às 22h42. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos abriam-se e fechavam-se, a voz estava estável, e ela fumou um cigarro. Novamente, os olhos abriram-se lentamente.*)

SESSÃO 278

8 DE AGOSTO DE 1966

(O 66.º objeto de envelope era um postal enviado pelo nosso vizinho do outro lado do corredor, Leonard Yaudes, de Portland, Maine, em 23 de julho de 1966. Eu selei-o nos habituais envelopes duplos depois do colocar entre duas folhas de Bristol.

(A Jane acordou na manhã de domingo, 7 de agosto, com o pescoço preso. Atribuímos-lhe uma causa mental, provavelmente preocupação com a publicação iminente do seu livro de PES.

(A Jane começou a falar sentada e com os olhos abertos. Estava a fumar. A voz estava boa, com pausas.)

Agora, caros amigos, boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Na vossa existência atual, a grande área da atividade mental é traduzida em termos físicos.

Disto mal podem escapar, pois é o meio pelo qual existem fisicamente. Isto significa que as vossas atitudes positivas e saudáveis se manifestam fisicamente, assim como as vossas atitudes doentias ou negativas. É quase impossível eliminarem todas as atitudes negativas, pois é por elas que compreendem a diferença entre positivo e negativo. E, ao verem fisicamente os resultados da vossa atividade interior, compreendem melhor a natureza da própria atividade interior.

Podem, evidentemente, melhorar a um grau muito mais elevado do que acreditam possível. É natural que, num ponto como este, as atividades do Ruburt se mostrem em grandes contrastes. Ele não está fundamentalmente perturbado *(a Jane levantou-se da sua cadeira de baloiço e andou pela sala enquanto falava, à procura dos cigarros)*, acredite-se ou não, com o atraso na publicação do seu livro, embora esta seja a racionalização consciente.

(Riso.) Ele está preocupado, percebem, com a publicação do seu livro, ponto. Está preocupado simplesmente porque estes fortes esforços interiores se exteriorizarão agora até certo ponto. É isto que o incomoda.

Subconscientemente, ele exagera os perigos que o assediarão como resultado da publicação, e os factos reais serão um alívio. Ele é, de muitos modos, extremamente individualista. Luta pelo que acredita, mas tem também fortes tendências dóceis, que são geralmente controladas de forma bastante eficaz. Estas erguem-se, percebem, porém, em proporção direta ao grau das suas realizações independentes, de modo que ele então teme os resultados acumulados, resultados sociais, do que fez. É, portanto, bastante natural que, quando esta realização está a ser exteriorizada, ele fique

amedrontado com a opinião dos seus semelhantes. São duas faces da mesma moeda.

O atraso incomoda-o simplesmente porque está em suspenso à espera das reprimendas imaginadas. Os factos provarão o contrário e ele poderá relaxar.

Um representante comercial é uma boa ideia, pois, caso contrário, as suas relações serão tingidas por estas dificuldades. Tens mais a ganhar do que a perder com qualquer visita da tia do Ruburt.

Agora, José, eu verei que ambos estão adequadamente protegidos psiquicamente, e portanto fisicamente, durante qualquer visita desse tipo. E tens a minha palavra quanto a este assunto.

Também me encarregarei de que a condição do Ruburt melhore, e imediatamente. Estou a fazê-lo simplesmente como um gesto bom e gentil. Não faço tais gestos levianamente, porém, pois há algo a ganhar ao compreender reações. Regra geral, não gosto de interferir. *(Longa pausa.)* Contudo, porque simpatizo, tratarei de que a condição do Ruburt mude imediatamente para melhor, em todos os aspetos.

Ele próprio acumulou energias psíquicas que permitem que isto seja feito. Os atrasos em si são normais, de facto parte do ofício. Se ele fosse mais conhecido, ser-lhe-iam comunicados, ou se vivesse por perto, por exemplo. São as suas reações, mais do que os atrasos, que são importantes.

Sugiro um breve intervalo e continuaremos.

(Intervalo às 21:21. A Jane estava um pouco mais dissociada do que o habitual, disse ela. Depois de se levantar para ir buscar os cigarros, voltou a sentar-se à minha frente, à mesa, e falou daí até ao intervalo. Os olhos tinham estado abertos grande parte do tempo.
Retomou do mesmo modo, novamente da mesma cadeira, às 21:26.)

Parte da dificuldade do Ruburt baseia-se em conhecimento precognitivo.

Disse-vos que este livro mudaria as vossas vidas. Não só representaria o início de mudanças financeiras para melhor, como afetará os vossos relacionamentos com o próximo e colocar-vos-á numa relação diferente com ele.

O Ruburt sabe isto e fica assustado. Não há necessidade de receio. Os meios e a energia ser-vos-ão dados a ambos, ou não teríeis progredido até este estágio.

Haverá uma mudança de fortuna bastante súbita, da qual o Ruburt está bem ciente. Não é imediata, mas é inevitável com a publicação do livro, e ele teme ter dinheiro, embora o queira.

Ele está, de facto, a ser "pescoço rijo" acerca do assunto. Posso ajudá-lo, e a ti, simplesmente porque conquistaram tal ajuda pelos vossos próprios esforços. Não vo-la poderia dar de outra forma, pois não seriam

capazes de a aceitar. Irás lembrar-te bem das minhas palavras, destas palavras, no futuro.

Agora. As tuas tentativas de projeção, José, têm sido muito bem-sucedidas, embora ainda não estejas consciente delas. O Ruburt portou-se bem hoje. Ele viu, em parte, uma habitação futura que ambos irão temporariamente ocupar. Estiveste dentro deste sistema no teu sonho de projeção. Brevemente, creio, permitir-te-ás mais liberdade quanto à levitação consciente dentro de uma projeção.

(Ver o meu sonho de 4 de agosto no meu caderno de sonhos.)

A tua inspiração original está captada na tua pintura. Está lá. *(Sorriso.)* O desejo de realização criativa faz surgir o medo oposto da realização. Uma não existe sem o outro. No ponto de mais alta realização, muitas vezes, receias que nada tenha sido alcançado.

Estou a dar-te as regras pelas quais a realização pode ser realmente alcançada. Vê lá se as atendes, ambos.

No teu sonho, tiveste medo de cair, José. Estavas legitimamente a projetar-te. Para te livrares do teu medo, formaste a imagem de um homem a cair, mas deste-lhe um paraquedas.

(Longa pausa, olhos fechados.) Será mais fácil para ti, José, alcançares e recordares projeções nas noites de 2, 12 e 24 de um mês; e o Ruburt nas de 3, 9 e 27. Estas datas têm que ver com os vossos picos gerais de atividade psíquica.

(Longa pausa, olhos ainda fechados.) Um acontecimento dentro de uma semana e meia, que será benéfico para ambos.

Tens um envelope para mim?

("Sim.")

Preferes um intervalo?

("Não." Às 21:43 a Jane recebeu de mim o envelope para o nosso 66.º experimento sem abrir os olhos. Pressionou-o na testa, na horizontal.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Pele. Oito. Um pequeno quadrado. Uma figura geométrica.

A cor vermelha. 414. Três pessoas. Os bustos em vez de figuras inteiras, como três cabeças, por exemplo. *(Pausa.)* Vejo apenas o topo dessas figuras.

Objetos verticais próximos uns dos outros, como um bosque. *(A Jane estava agora a gesticular frequentemente com o envelope, embora ainda o segurasse principalmente na horizontal.)*

Cinco mais um. Um pequeno objeto circular com algo em cima, talvez como um caule.

Convite de algum tipo, ou implícito. Relva. Uma forma ou cena oval.

J B. Ligação com uma circunstância afortunada. 1963 e 1966. Uma inversão ou mudança de ideia ou de plano.

Pequenos quadrados, não em linha. Abril. Quatro. Ligação com uma carta ou bilhete, e um homem. Uma ligação religiosa distante. *(Pausa.)*

O objeto, um cartão. Um desenho como uma flor ou caule.

As tuas iniciais.

Podes fazer uma pergunta ou um intervalo. *(Às 21:51.)*

("Podes ser mais específico acerca das três pessoas?")

Por alguma razão, a impressão é cortada, de modo que só se vê a parte superior. Cabeças.

("São masculinas ou femininas, por exemplo?")

Impressão de cabelo claro em duas, e uma semelhança. Estas, creio, masculinas. Talvez semelhança de família, mas uma semelhança nítida, em qualquer caso.

("Bem, estás correto, o objeto é um cartão.")

Um agrupamento.

("O que é isso de uma figura geométrica?")

Por favor, repete.

(Eu repeti. O ruído do trânsito era forte.)

Não. Uma igualdade, um equilíbrio. Uma disposição equilibrada.

("A que está ligada a cor vermelha?")

Creio que a um objeto circular, embora talvez a um vestido.

("Podes desenvolver a inversão?")

Tendo que ver com uma mudança de plano. Um evento não ter lugar quando inicialmente planeado. Adiado. *(Pausa.)*

("E isso da forma oval?")

Não estou claro aqui. Isto, talvez: para um plano concluído, distinto do incompleto. Uma convergência.

(Estes dados referem-se evidentemente à inversão, e não à forma oval. Achei que estava bem fazer a pergunta seguinte, uma vez que o Seth tinha feito uma pausa bastante longa.)

Sugiro o vosso intervalo. A cor púrpura, creio, também. E letras pequenas escuras, talvez I N C.

(Intervalo às 21:58. A Jane estava "fora" como de costume. Os olhos permaneceram fechados. Disse não sentir reação particular quando lhe contei que acertara ao dizer que o objeto era um cartão. Disse também que recordaria quaisquer imagens quando revíssemos os dados.
Ver os decalques do objeto na página 309. Os dados pertinentes ligados a ele serão destacados à medida que listarmos as nossas ligações.
Conseguimos fazer algumas, e o Seth não nos ajudou depois do intervalo.)

("Pele." Escrevi isto como pele (fur), em vez de abeto (fir), quando a Jane o disse, por não saber qual queria dizer. Não vi ligação, mas, mal viu a cena no postal usado como objeto, a Jane disse que pele fora uma referência ao borrifo de água branca espumosa e à rebentação. Para ela, tinha uma semelhança nítida com a pelagem branca e espessa do nosso

gato de pelo comprido, o Willy. Mal a Jane mencionou esta semelhança, concordei com ela.)

("Oito." Possivelmente o algarismo 8 em 458 W. Water Street, o nosso endereço. O único 8 no objeto, embora haja mais 28 números no objeto, incluindo a denominação do selo.)

("Um pequeno quadrado." Ver o verso do objeto. À direita e acima do carimbo circular do correio há um símbolo geométrico triangular. Este pequeno símbolo é encimado por um quadradinho, com um ponto dentro. O quadrado tem cerca de 1/16" de lado.
A Jane mencionou o selo de porte de 4¢ no objeto; rigorosamente, o selo não é bem quadrado, mas, se o selo tivesse sido percecionado clarividentemente, talvez a sua forma tenha sido interpretada como quadrado.)

("Uma figura geométrica." Outra vez, o desenho triangular, encimado pelo quadrado com um ponto, logo à direita e acima do carimbo no verso do cartão. Além disso — serão círculos, no que toca ao próprio carimbo, figuras geométricas? Tal definição inclui também o selo retangular.)

("A cor vermelha." A única coisa próxima do vermelho no objeto é o selo de 4¢, série atual, com o busto de Lincoln. É um vermelho predominante com um tom azulado. O Seth sugere mais tarde outro possível significado, mas acreditamos que o selo é o objeto a que se referiu.)

("414." Não há 414, números nesta sequência, no objeto. Há, porém, vários grupos de números. Entre eles estão 417, no canto inferior esquerdo no verso do cartão, e 149 como parte do número do código ZIP do nosso endereço.)

("Três pessoas. Os bustos em vez de figuras inteiras, como três cabeças, por exemplo. Vejo apenas o topo dessas figuras." A nossa interpretação: repare-se que o Leonard Yaudes endereçou o objeto à Jane e a mim, depois de riscar o nome John. *(O John é um bom amigo do Leonard, embora apenas nosso conhecido; o Leonard evidentemente cometeu um erro por distração ao endereçar o cartão.)* A linha do endereço do cartão contém, assim, três nomes. Acima desta linha está o selo, com a cabeça e os ombros de Lincoln.

(Alguma confusão de imagens clarividentes aqui pode ter levado a Jane a atribuir a qualidade de busto de Lincoln às três pessoas na linha abaixo do selo.)

(Há na realidade 6 nomes de pessoas no verso do objeto: Leonard, John, Jane e eu, Lincoln, e o fotógrafo que tirou as fotografias usadas na frente do postal, Don Sieburg.)

("Objetos verticais próximos, como um bosque." Ao dar os dados a Jane gesticulou muitas vezes com o envelope, de olhos fechados; depois

voltava a encostá-lo à testa, principalmente na horizontal. Às vezes segurou-o brevemente noutras posições. As linhas onduladas do carimbo de anulação estão próximas entre si e, em abstrato, poderiam simbolizar qualquer coisa como árvores, etc. Talvez a Jane tenha percecionado isto quando o envelope estava em posição vertical, ou os dados estão simplesmente algo distorcidos.

(Outra ligação válida é que o Leonard nos enviou o cartão do estado do Maine, onde estava de férias numa viagem de campismo; implicando bosques nos parques estaduais onde ficou, como soubemos depois.)

("Cinco mais um." Existem duas combinações de números contendo cinco e um no verso do objeto: M-1065 no canto superior esquerdo, e 14905, o código ZIP no canto inferior direito. Também se pode dizer que cinco mais um são seis. Assim, há 6 seis no verso do objeto. E, como já referido, há 6 nomes de pessoas lá também.)

("Um pequeno objeto circular com algo em cima, talvez como um caule." Ver os decalques na página 309. O carimbo no verso do objeto é, naturalmente, pequeno e circular. O pequeno desenho triangular mencionado antes fica mesmo acima do carimbo, à direita, e é de um traço, ou de desenho em forma de caule. O desenho triangular não toca bem o carimbo, mas as duas palavras logo por baixo, Natural Color, entram pelo carimbo, unindo os dois desenhos.)

("Convite de algum tipo, ou implícito." A mensagem do Leonard para nós no verso do cartão contém tal convite: "Olá: Cheguei são e salvo. Têm de cá vir ver o mar. É ótimo. Leonard.")

("Relva." Não sabemos. A relva, claro, está implícita através do objeto de muitas maneiras: parques de campismo, por exemplo; além disso, antes de partir para o Maine o Leonard montou a sua tenda nova na relva do quintal das traseiras do prédio de apartamentos durante vários dias, para a testar. Ele mora no apartamento do outro lado do corredor, no segundo andar.)

("Uma forma ou cena oval." Ver os decalques na página 309. A cena na frente do postal consiste quase inteiramente em componentes ovais em termos abstratos: a rebentação do mar, as nuvens, até as rochas em primeiro plano. Acreditamos que isto se aplica, já que o Seth usou a palavra scene nos dados.)

("J B." Jane [and Rob] Butts — J B — aparece na linha do endereço no verso do objeto.
Embora esta interpretação pareça óbvia, a Jane disse que J B também lhe lembrava o nosso amigo John Bradley, que tinha assistido a algumas sessões. Note-se que o nome John, embora riscado, aparece no objeto. A Jane pensa que pode ter pensado tanto em John Bradley como em Jane Butts e, não querendo comprometer-se, disse em voz alta as iniciais em vez de um ou outro nome completo.)

("Ligação com uma circunstância afortunada." Não sabemos, a menos que o facto de o Leonard ir de férias fosse uma circunstância afortunada. A namorada do Leonard também o acompanhou.)

("1963 e 1966." O 1966 aparece dentro do carimbo, assim como a data July 23, 1966, na letra do Leonard. Não temos a certeza de 1963. Sabemos, por exemplo, que o Leonard fez outras viagens ao Maine e a outros estados da Nova Inglaterra nos últimos anos, e poderia tê-lo feito talvez em 1963. Podem existir outras ligações.)

("Uma inversão ou mudança de ideia ou de plano." Especulamos: antes de partir para o Maine com a namorada, o Leonard falou-nos muitas vezes de casar com ela. Desde o seu regresso não mencionou o assunto e, tanto quanto sabemos, não viu a rapariga. Eu queria perguntar mais ao Seth sobre a inversão.
Mais especulação: o Leonard disse-nos que, enquanto estiveram no Maine, o frio obrigou-os por vezes a mudar de planos e a ficar em cabanas, já que as tendas eram demasiado frias.)

("Pequenos quadrados, não em linha." Pode dizer-se que as formas abstratas das letras em Portland, Maine, dentro do carimbo circular, são angulares. Claro que as letras não estão alinhadas, por estarem confinadas dentro da forma circular. Podem existir outras ligações. O resto do texto no verso do postal, impresso ou manuscrito, está alinhado.)

("Abril." Não sabemos. Abril é o quarto mês.)

("Quatro." O algarismo 4 aparece quatro vezes no verso do objeto. Terão os dados "Abril" sido um modo de conduzir aos dados "quatro"? Além disso, há quatro nomes manuscritos no verso do objeto. Há um total de seis nomes de pessoas no objeto; os outros dois, Don Sieburg e Lincoln, estão impressos.)

("Ligação com uma carta ou bilhete." Ver os decalques na página 309. O objeto, um postal, leva um bilhete para a Jane e para mim.)

("e um homem." A ligação óbvia é que um homem, Leonard Yaudes, escreveu o bilhete no objeto e assinou. Mais uma vez, há seis nomes pessoais no objeto, e cinco deles são masculinos.)

("Uma ligação religiosa distante." Não sabemos.)

("O objeto, um cartão." O objeto é um cartão. Não pressionei a Jane para ser mais específica quanto ao tipo de cartão, etc.)

("Um desenho como uma flor ou caule." Outra vez, o pequeno desenho triangular no verso do objeto, mesmo acima e à direita do carimbo circular. Acreditamos que os dados do caule, mencionados pelo Seth antes, levaram a Jane à menção da flor aqui.)

("As tuas iniciais." A Jane gesticulou para mim, de olhos fechados, quando deu estes dados. O meu nome no verso do objeto, Rob Butts, contém as minhas iniciais.)

(Primeira pergunta: "Podes ser mais específico acerca das três pessoas?" "Por alguma razão, a impressão é cortada, de modo que só se vê a parte superior. Cabeças." Ver os dados em três pessoas na página 314. Os dados aqui, e consequentemente a resposta que damos, são os mesmos que os já apresentados.

(Pergunta: "São masculinas ou femininas, por exemplo?" "Impressão de cabelo claro em duas, e uma semelhança. Estas, creio, masculinas. Talvez semelhança de família, mas uma semelhança nítida, em qualquer caso." Isto pouco nos ajudou e, como não pedimos ao Seth que explicasse depois do intervalo, não conseguimos decifrar os dados. Nós não somos parentes do Leonard, claro. O outro homem na linha do endereço do objeto, John, riscado pelo Leonard, é amigo chegado do Leonard mas não parente. Nenhum de nós — Jane, Leonard, John ou eu — é louro ou de cabelo claro.

(O Leonard tem um irmão, o Ken, que também mora aqui em Elmira, mas, tanto quanto sabemos, o Ken não esteve envolvido na viagem ao Maine, que inspirou o objeto do envelope. A namorada do Leonard, que foi com ele ao Maine, também é morena. O Leonard e o Ken são muito parecidos; há pouca semelhança entre o Leonard e o John, e eu não me pareço com nenhum deles.)

(Eu disse então: "Bem, estás correto, o objeto é um cartão." Quis registar a reação da Jane, em transe, ao ser-lhe dito que tinha identificado o objeto do envelope, pelo menos de forma geral. Não houve nenhuma, e ela disse-me mais tarde que não sentiu reação particular. Na altura, disse, como Seth: "Um agrupamento." Tomei isto como significando que continuava ocupada com os dados das três pessoas já citados, embora eu tivesse esperado até ela fazer uma pausa nítida antes de fazer o comentário.)

(Pergunta: "O que é isso de uma figura geométrica?" "Não. Uma igualdade. Um equilíbrio. Uma disposição equilibrada." Estes dados vieram depois de eu ter de repetir a pergunta por causa do ruído do trânsito. Ver a interpretação dos dados geométricos na página 313. Todas as figuras geométricas no verso do objeto são equilibradas — o carimbo circular, o pequeno triângulo e quadrado mesmo acima e à direita do carimbo, e o retângulo do selo.)

(Pergunta: "A que está ligada a cor vermelha?" "Creio que a um objeto circular, embora talvez a um vestido." No que diz respeito ao objeto, pode dizer-se que o carimbo circular está ligado ao selo avermelhado através das típicas linhas onduladas da anulação.
A menção de um vestido é interessante, implicando uma mulher — e uma mulher acompanhou o Leonard ao Maine, de onde nos enviou o objeto. Não sabemos se a namorada do Leonard levava um vestido vermelho na viagem.)

(Pergunta: "Podes desenvolver a inversão?" "Tendo que ver com uma mudança de plano. Um evento não ter lugar quando inicialmente planeado. Adiado." Ver a interpretação dos dados de inversão na página 315. O que antecede nada acrescenta a essa interpretação. Note-se que as respostas do Seth às perguntas desta noite parecem acrescentar pouco de mais específico aos dados inicialmente apresentados.)

(Pergunta: "E isso da forma oval?" "Não estou claro aqui. Isto, talvez: para um plano concluído, distinto do incompleto. Uma convergência." Mais uma vez, o Seth parece ainda estar a considerar a pergunta anterior, embora, como antes, eu tivesse esperado até a Jane fazer uma pausa nítida antes de fazer a pergunta seguinte. Mesmo assim, estes dados não nos ajudaram.

(A Jane, ou o Seth, acrescentou agora duas informações que eu não tinha pedido: "A cor púrpura, creio, também." Achamos que isto se aplica ao selo de 4¢ Lincoln dos EUA no objeto. Como já foi dito, o selo é impresso com tinta vermelha com azul adicionado. A cor resultante pode ser chamada de púrpura, violeta, etc.

("E letras pequenas escuras, talvez I N C." Muito bom, de facto. Ver os decalques do objeto na página 309. Na parte inferior central no verso do objeto, em letras pequenas maiúsculas, está o logótipo e morada: DP — Dexter Press, Inc., West Nyack, New York. Impresso a azul-escuro.)

(A Jane retomou, mais uma vez sentada à minha frente à mesa em vez de na cadeira de baloiço, às 22:30.)

Vamos encerrar a nossa sessão. Se o Ruburt estivesse no seu melhor, os resultados teriam sido melhores. Como está, progredimos.

Os meus votos mais calorosos para ambos. Estou plenamente disposto e apto a continuar durante algum tempo. Só por deferência ao vosso horário é que encerro.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 22:32. A Jane fora como de costume, olhos abertos, voz calma.

(Nota de 14 de agosto. A Jane e eu falámos hoje, domingo, com o Leonard e soubemos que ele parece ter adiado o casamento com a rapariga em questão — ver Inversão — por causa da atitude dela relativamente ao dinheiro. Parece que ele acha que ela é algo dominadora sobre o assunto, já que os pais dela são ricos. O Leonard fez a observação: "Acho que nunca me vou casar", etc.)

SESSÃO 279

15 DE AGOSTO DE 1966

(A sessão regularmente marcada para quarta-feira, 10 de agosto, não se realizou porque a Jane estava indisposta.)

(O 67.º objeto de envelope foi um bilhete a lápis escrito num lado de uma folha de papel branco pelo nosso vizinho, Leonard Yaudes. Ver página 319. O bilhete dobrado mostrado por baixo do objeto é meu, feito no momento em que encontrei o bilhete do Leonard preso na nossa porta na manhã de domingo. Assim, o Leonard escreveu o seu bilhete em resposta a um telefonema da minha mãe às 10:05 da manhã de domingo, 14 de agosto. Não temos telefone.)

(O cartão de felicitações representado nas páginas 320–21 figura nos dados do envelope e, por isso, também é mostrado. Não foi usado no envelope. O cartão foi enviado pelo correio para mim e para a Jane pela minha mãe a partir de Tunkhannock, PA, em 11 de agosto de 1966. Encontra-se arquivado juntamente com o envelope, contendo data, código ZIP, etc.)

(O meu próprio bilhete, com a hora e a data, mostrado na parte inferior da página 319, foi preso com um clipe ao objeto do envelope. Retirei-o antes de encerrar o objeto entre duas folhas de Bristol e depois selar o conjunto nos habituais envelopes duplos.
A Jane começou a falar sentada, com uma voz normal e pausas no início. Os seus olhos abriram-se em breve; estava a fumar.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

As minhas instruções relativas à projeção devem dizer-te bastante sobre a verdadeira natureza do eu.

Todas as limitações, basicamente, são auto-adotadas. Podem ser necessárias a um momento ou outro, mas nunca podem ser realidades primárias. As limitações, por outras palavras, são ilusão. Tens de lidar com elas apenas porque as criaste. As tuas circunstâncias exteriores são as materializações do clima interior.

Estamos todos a existir em muitas dimensões ao mesmo tempo. A diferença principal entre nós é que eu tenho consciência da minha existência em muitas dimensões, e tu não tens consciência da tua. Formamos uma nova dimensão nas nossas sessões. Dou voz a ideias que são conhecidas por vários níveis das tuas personalidades, e no entanto eu não estou ao nível das tuas personalidades.

Não há limites para os tipos de projeções que podem ocorrer, basicamente falando, pois não há limitações para o eu, e uma projeção é uma extensão do eu. A tua existência atual é, naturalmente, uma projeção. As atividades baseadas no quadro da tua existência presente têm de ser

iniciadas dentro de um sistema de químicos e propriedades físicas que tornam possível a existência física.

Se a vida dentro do organismo físico houver de ser mantida, então a consciência deve a ele regressar. Isto não significa que a consciência dependa do organismo físico. Haverá uma série interminável de projeções noutras existências, e estas não terão base química tal como a conheces. A tua consciência viajante aparece como uma aparição dentro de alguns outros sistemas.

Os teus próprios pensamentos têm uma realidade que não compreendes, e o seu próprio tipo de forma, ou conteúdo psíquico, e esse conteúdo existe não como energia pura, mas como energia com forma e figura. E, quando é percecionado por ti, então tem volume. O volume é o resultado da tua própria perceção. O volume, ou massa, é percecionado tenham ou não as ideias sido alguma vez materializadas como matéria física. Sempre que entras em contacto com uma determinada forma-ideia, e isto só acontecerá em projeções, então percecionarás automaticamente essa forma com volume ou massa.

Noutros sistemas, a mesma ideia-energia será transformada de um modo inteiramente diferente, tal como os objetos físicos dentro do teu universo são percecionados de maneiras inteiramente diferentes por outros que não estão dentro do teu sistema. Qualquer objeto físico dado existe da maneira como estás habituado a percecioná-lo. Isto *(a Jane bateu no braço da cadeira de baloiço em que estava sentada)*, por exemplo, existe como uma cadeira. Também existe como som. Tem um homólogo que pode, em dadas condições, ser percecionado exclusivamente em termos de qualquer um dos teus sentidos.

Podes ouvir a cadeira como uma nota musical num estado de transe, por exemplo, ou com o uso de drogas. Estás ainda a lidar em termos dos teus sentidos, contudo. Estás a ver — ou a percecionar, antes — separadamente os vários componentes que são normalmente organizados para formar o objeto sólido.

Com o uso pleno dos sentidos interiores, porém, é teoricamente possível percecionar todas as formas e figuras que alguma vez foram, ou serão, adotadas pelos átomos e moléculas que compõem a cadeira em questão. Este tipo de experiência está para lá do poder das drogas. É verdade dizer que, num certo sentido, tanto tu como o Ruburt sois parte da mesa e da cadeira, e do quarto em que se encontram.

Organizam-se a partir de outra matéria, percebes. A diferença é psíquica, e não física, como parece. A identidade interior estende-se sobre grupos cada vez maiores de formas de energia e atua como um padrão psíquico global. Mas tudo está ligado.

Agora. As projeções estendem ainda mais o eu e a identidade, só que desta vez em reinos onde o eu físico não pode seguir. Ora, este tipo de

projeção, esta extensão da identidade, é a verdadeira natureza e o aspeto criativo da agressão. Isto, e não a guerra, é o significado de agressão. É um impulso para a frente da atividade criativa, estendendo-se para sempre desta maneira, e mudando instantaneamente, deixando de ser o que era.

A projeção, então, é agressão. O eu lança-se para a frente em novas dimensões, e isto é criativo. Pintar um quadro é agressivo. Estás a lançar energia em novas formas. Tudo isto, percebes, implica uma destruição, mas apenas nos teus termos limitados. Cada projeção, por exemplo, é a morte, de certo modo, do eu limitado que existia anteriormente.

Cada pintura que crias representa a morte do eu que eras antes de a criares. O eu em mudança morre para sempre desta forma e, no entanto, só esta morte simbólica assegura a sobrevivência psíquica. Não há, então, problema moral básico quando consideras a verdadeira natureza da agressão, pois é altamente criativa e, sem destruição, não haveria existência. São duas faces da mesma moeda.

Estão cansados os teus dedos?

("Não." 21:35.)

Uma projeção, uma experiência fora do corpo, é um ato criativo, e, novamente, todos os atos criativos são basicamente agressivos. Ora, mudas aquelas dimensões em que as tuas projeções têm lugar. Não as podes visitar e não deixar marca.

O ego, em regra, é terrivelmente desconfiado de tal ação, pois, para ele, uma experiência fora do corpo simboliza sempre a morte física. Ao mesmo tempo, o ego fica mais confiante após projeções bem-sucedidas, pois descobre-se não apenas intacto mas incomensuravelmente enriquecido. Com efeito, o ego simultaneamente combate, teme e deseja qualquer ato criativo. Qualquer ato criativo, incluindo a produção de qualquer arte, exige uma libertação momentânea do ego, um escape dele, que o ego teme.

Ainda assim, o ego fica enriquecido e, por isso, permite ao eu mais liberdade. Projeções bem-sucedidas, portanto, conduzirão em última análise a mais projeções, e serão mais facilmente executadas.

Para bem dos teus dedos, talvez devêssemos fazer um intervalo, embora estejamos a ir muito bem. Deixaremos o nosso amigo como está.

("Está bem.")

(Intervalo às 21:40. Tal como tinha feito durante a 274.ª sessão, a Jane permaneceu em transe no intervalo. Isto não significou que se confinasse à sua cadeira, sentada de olhos fechados. Em vez disso, também ela caminhou pela sala, com os olhos abertos e muito escuros, e falou comigo enquanto eu me espreguiçava. Discutimos brevemente a semelhança entre projeções e as minhas pinturas. Acendeu um cigarro e disse que me deixaria dizer-lhe quando eu estivesse pronto para retomar.)

(O seu modo tinha sido bastante ativo e expressivo durante a locução, os olhos abertos a maior parte do tempo. Tinha fumado e sorvido vinho. Retomámos de forma semelhante, com algumas pausas intercaladas, às 21:45.)

Ora, percebes, quando pintas um quadro usas o teu corpo físico como ferramenta para criar a tua ideia interior. Quando crias matéria física não estás consciente de o fazer, mas afetas diretamente a energia numa tal execução, estando a tua própria atenção focada principalmente no sistema físico.

Só podes fazer tanto na tua pintura. Só a podes criar como uma realidade em tantas dimensões. Não podes apreciar, já agora, todos os sistemas de realidade em que a pintura tem realidade. Esta é uma analogia muito simples: porém, sob alguns aspetos, uma projeção para outro sistema poderia ser comparada a uma situação em que entrasses na paisagem de uma das tuas próprias pinturas.

(Um dos nossos gatos arranhou então à porta do corredor para entrar, como é costume. Sem fazer pausa, os olhos abertos e escuros, a Jane levantou-se, foi à porta e deixou o gato entrar. Retomou o seu lugar na cadeira de baloiço sem interrupção.)

Terias tanta liberdade dentro dela, e não mais. Serias diferente dos habitantes que aí poderias encontrar. Mas, de um modo ou de outro, a tua existência seria percecionada.

Ora. A maioria dos sistemas tem mais realidade do que uma pintura, mas nem todos. A própria natureza de alguns seria assustadora para ti. As tuas pinturas são uma criação e, no entanto, pela sua natureza, são limitações. São limitações porque a sua realidade é necessariamente limitada pelos elementos que escolheste. Pintas uma casa dentro de uma paisagem, por exemplo. Isto é uma criação. Mas duas casas nunca aparecerão.

Ora, nas realidades de outros sistemas, poderia aparecer outra casa *(sorriso)* e poderia aparecer outra pessoa, e a consciência projetante seria uma tal pessoa. Ela tem de se adaptar instantaneamente ao novo ambiente.

Agora. Tens um envelope?

("Tenho." 22:05. Os olhos da Jane fecharam-se agora, e assim ficaram.)

Queres descansar a mão antes de começarmos?

("Não.")

(A Jane recebeu então de mim o envelope duplo selado sem abrir os olhos. Este é o nosso 67.º experimento desse tipo. Pressionou o envelope na testa, na horizontal.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Uma sepultura. Algo grave. Três. *(Pausa.)* Um cartão com um desenho humorístico. Ligação com uma perturbação. A cor branca. Algo extraviado.

Uma ligação com um armário. Não compreendo ainda a que se refere esta imagem em particular.

Uma ligação com um monumento. Algo extraviado de novo. Quatro mais um. Este mês. I L I A. *(Soletrado. Abana a cabeça, intrigada.)*

Ligação distante com um gato. Talvez preto.

Uma ligação muito distante com uma terra estrangeira e uma pessoa. *(Pausa breve.)* Uma mulher. Um Butts, creio.

Monumental. Uma ocasião monumental. Um cartão dobrado. Escrita no interior. Matéria impressa e caligrafia.

O número 4. Vários acontecimentos a ocorrer em conjunto, ou uma série de objetos encadeados no objeto. *(Pausa.)* Isto leva o Ruburt a pensar no Natal. *(Gesto com o envelope.)* Várias cores. Branco, laranja, vermelho talvez, isto sendo circular, e um amarelo. Além de impressão escura.

I N C outra vez, e talvez 1418. Algo enviado pelo correio num envelope. Comprido e estreito em forma.

Maçãs. 73. Talvez uma ligação com os teus pais.

A palavra Ensenada.

Tens alguma pergunta?

(A Jane fez uma pausa por volta das 22:15. Tinha estado a falar rapidamente. Antes que eu pudesse fazer uma pergunta, continuou:)

Algo favorito, ou favorecido, aqui. Alguém favorecido.

("Podes ser mais específico acerca de I L I A?")

Não. Talvez possa ser uma referência a Illinois, mas é tudo o que vejo.

("Podes desenvolver os dados do armário?")

O Ruburt pensa na sala de costura da tua mãe. Para mim, uma referência a alguma forma, escura e estreita, com a sensação de movimento envolvida, como cair através ou cair para fora. Movimento descendente, com alguma velocidade.

("O que é isso de um gato preto?")

Uma ligação distante. *(Pausa.)* Uma perda de vantagem, ou período de má sorte.

("Qual é a forma do objeto?")

(A Jane estava sentada com o envelope a repousar no colo, os olhos ainda fechados.)

Grosseiramente retangular, em si.

("Podes desenvolver os dados da sepultura?")

Uma ligação com alguém, morto ou com a saúde debilitada. Talvez um homem.

("E quanto ao número 4?")

Quatro caixas, creio. Formas de caixa.

("Consegues dizer-me algo sobre o que a caligrafia diz no objeto?")

(Pausa.) Não é precisamente um convite, de todo, mas referência a uma ocasião ou visita. *(Pausa.)*

("Foi essa palavra que mencionaste Ensenada?")

Um incidente envolvendo principalmente quatro pessoas, creio. *(Pausa.)* Isto é continuação da resposta à tua pergunta anterior.

("Bem, porque não me dizes algo sobre as quatro pessoas?")

(A Jane voltou a fazer uma pausa. Abriu os olhos brevemente — algo que raramente acontece durante as experiências com envelopes.)

Estas são outras impressões gerais. Um S. Talvez um C. O objeto, um cartão com um bilhete. Uma ligação fora da cidade.

("Bem, isso está correto. O objeto envolve um bilhete.")

Contudo, uma ligação muito nítida com doença. Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 22:25. A Jane disse que estava "muito fora". O Seth não quis fazer intervalo à hora habitual, e quis também mantê-la em transe durante a experiência. Pediu ainda à Jane que deixasse o gato entrar para ela não ficar perturbada com o arranhar do animal à porta. Os olhos permaneceram fechados durante a experiência e o seu ritmo foi bastante rápido, exceto onde indicado.)

(Ver o decalque do objeto real na página 319 e as cópias do cartão de felicitações nas páginas 320–21. As notas relativas a ambos encontram-se na página 322 e serão desenvolvidas à medida que passarmos pelas ligações que estabelecemos com o objeto do envelope. O Seth acrescenta alguns comentários após o intervalo.)

(A Jane teve uma imagem predominante durante os dados, e foi a do cartão de felicitações. Esta é a razão da sua inclusão com o objeto real, pois grande parte dos dados seguintes trata na verdade do cartão de felicitações. Este é um caso em que o objeto real, o bilhete do Leonard para nós, serviu de trampolim. A ligação entre o objeto e o cartão de felicitações é legítima e estreita e, presumivelmente, não se teria desenvolvido se a Jane não tivesse adivinhado corretamente a natureza do próprio objeto desde o início. A ligação entre ambos é o facto de o objeto dizer respeito a um telefonema para nós da minha mãe; e da minha mãe ser também a remetente do cartão para nós.)

(A Jane, claro, tinha visto o cartão à chegada, em 12 ou 13 de agosto de 1966. Tinha-se extraviado depois de chegar e não o víramos desde então. Vimos o objeto do envelope a 14 de agosto. Mal a Jane começou a dar os dados do envelope, apercebi-me de que se referia ao cartão da Mãe assim como ao objeto. No intervalo, iniciámos uma busca pelo cartão. Foi infrutífera; tínhamos desistido de o encontrar até eu vasculhar um monte de revistas antigas como último recurso.)

(Naturalmente, o envolvimento e a reação emocionais entre nós e os meus pais são fortes, e tenderiam a sobrepor-se a pormenores mais específicos do objeto do envelope em si, uma vez que a Jane apanhou a ideia da minha mãe. A Jane disse que tinha na mente o cartão de felicitações da Mãe desde o início dos dados do envelope. Tentou não deixar que isto colorisse os dados. Largou-o mentalmente, decidindo deixar o Seth falar à sua maneira. Mas o cartão desempenha um grande papel nos dados, apesar de tudo.)

("Uma sepultura. Algo grave." A Jane teve aqui uma sensação forte de doente ou grave, significando enterro, e é aplicável. A minha mãe fez o telefonema que resultou no objeto; o meu pai está com a saúde debilitada, e ela falou disso quando a Jane devolveu o telefonema por volta do meio-dia de domingo, 14 de agosto. Além disso, o cartão de felicitações foi-nos enviado pelo correio pela Mãe a partir de Tunkhannock, PA, onde visitou o meu irmão e a mulher. O pai da minha cunhada está também muito doente, tendo estado à beira da morte recentemente.)

("Três." Poderíamos fazer muitas ligações aqui, sem verdadeira ideia de qual se aplicava.)

("Um cartão com um desenho humorístico." Sim. Ver páginas 320–21. De novo, não é o objeto, mas o cartão e o objeto estão fortemente relacionados, tanto no conteúdo emocional como no nosso tempo físico.)

("Ligação com uma perturbação." A chamada da minha mãe, representada pelo objeto, refletiu a sua própria perturbação e, por sua vez, afetou-nos a mim e à Jane quando fizemos a chamada de retorno mais tarde na manhã de 14 de agosto de 1966.)

("A cor branca." O objeto é um bilhete em papel branco. Também o cartão de felicitações é impresso em papel branco.)

("Algo extraviado." O Leonard Yaudes, autor do objeto, perdeu recentemente uma tesoura de jardim. A Jane sente subjetivamente que esta é a interpretação correta. Perguntei-me se não poderia referir-se à nossa busca pelo cartão de felicitações, descrita na página 327. A Jane pode ter tido conhecimento subconsciente de que o cartão estava perdido. Estava bem consciente de que estava a dar dados relativos a esse cartão. Não me ocorreu essa possibilidade na altura e, por isso, não perguntei ao Seth.)

("Uma ligação com um armário. Não compreendo ainda a que se refere esta imagem em particular." Estes são dados legítimos e são explicados quando o Seth responde à segunda pergunta.)

("Uma ligação com um monumento." Isto, pensamos, é desenvolvido mais abaixo com os dados de ocasião monumental.)

("Algo extraviado de novo." Ver algo extraviado acima.)

("Quatro mais um." Normalmente, pode-se estabelecer uma ligação com um número, sem saber se é correta. Quatro mais um poderia aplicar-se à data em que o Leonard escreveu o bilhete usado como objeto. Ver a

cópia do papelinho dobrado que prendi ao objeto com um clipe, na página 319. Esse papelinho tinha a data, 14 de agosto de 1966. Podem fazer-se outras ligações se se optar por interpretar os dados como quatro mais um dá cinco, etc. Assim, há um cinco no próprio objeto na hora anotada: 10:05. Também: o cartão foi-nos enviado de 54 Slocum Avenue, Tunkhannock, PA.)

("Este mês." O objeto foi produzido este mês, 14 de agosto de 1966.)

("I L I A." A Jane ficou intrigada com estes dados no momento em que os deu, como se não os tivesse bem. O Seth trata deles quando responde à primeira pergunta.)

("Ligação distante com um gato. Talvez preto." Um gato preto está ligado à minha mãe de forma talvez mais do que casual. O vizinho da porta ao lado da minha mãe adquiriu um gatinho preto há alguns meses; o animal causou grande impressão nos meus pais, que gostam de ver as suas tropelias tanto no seu quintal como no dos vizinhos.)

(Assim, muitos dos dados podem ser ligados à minha mãe de modo direto, revelando ligações emocionais fortes. Estas ligações parecem brotar da perceção original do objeto do envelope, deixando mais ou menos o objeto para trás.)

("Uma ligação muito distante com uma terra estrangeira e uma pessoa. Uma mulher. Um Butts, creio." Este é outro exemplo resultante da ligação da minha mãe com o objeto. A chave é a menção de um Butts. A Jane disse que, ao dar os dados, sabia que queria dizer o A como inicial A, significando Alice Butts. Eu, claro, não sabia. A Alice Butts é uma prima reformada da minha mãe, que a minha mãe admira muito. A Alice serviu na Coreia como missionária durante muitos anos. Além disso, o Leonard Yaudes, autor do objeto do envelope, conhece a Alice Butts.)

("Monumental. Uma ocasião monumental." Ver o texto que a minha mãe escreveu no interior do cartão de felicitações, mostrado na página 321, em que refere finalmente ter chegado a Tunkhannock para visitar o meu irmão e a família. Os meus pais vivem em Sayre, a mais de 50 milhas a norte de Tunkhannock. O meu pai já não conduz muito e viajar é difícil para eles. Pensamos que, aos olhos da minha mãe, a visita a Tunkhannock pode legitimamente ser chamada de ocasião monumental. O seu texto começa: "Enfim, chegámos a Tunk…")

(O que antecede também pode ter sido destinado a introduzir os dados seguintes.)

("Um cartão dobrado. Escrita no interior. Matéria impressa e caligrafia." Tudo isto se refere ao cartão de felicitações mostrado nas páginas 320–21, e enviado pelo correio para mim e para a Jane pela Mãe em 14 de agosto de 1966. O objeto do envelope em si não é dobrado.)

("O número 4." Não sabemos. Muitas ligações possíveis.)

("Vários acontecimentos a ocorrer em conjunto, ou uma série de objetos encadeados no objeto." Provável referência ao conteúdo do texto da minha mãe no cartão de felicitações, pois trata de vários acontecimentos. Os objetos encadeados sendo palavras. Isto poderia aplicar-se ao objeto do envelope, mas estes dados estão intercalados com outros que se aplicam ao cartão de felicitações.)

("Várias cores. Branco, laranja, vermelho talvez, isto sendo circular, e um amarelo. Além de impressão escura." Tudo isto se aplica ao cartão de felicitações, que recebemos pelo correio a 12 ou 13 de agosto, e foi naturalmente visto pela Jane. O objeto do envelope surgiu a 14 de agosto. Tudo o que antecede é exato, com exceção de que não há amarelo no cartão. O laranja, vermelho aplica-se ao semitom vermelho usado na figura do desenho humorístico, como indicado na página 319.)

("I N C outra vez, e talvez 1418." Estes são dados interessantes. Não aparece I N C no cartão de felicitações, embora haja um logótipo e morada de empresa no verso. Contudo, I N C apareceu no envelope usado na última experiência, a 66.ª. Era um postal, e o objeto desta noite é um cartão de felicitações. Além disso, ambos estão relacionados com o Leonard Yaudes; que nos enviou o postal e que escreveu o objeto desta noite. A ligação sendo o Leonard, e o facto da Jane ter detetado o envolvimento do Leonard em ambas as experiências.)

(A sequência exata, 1418, também não aparece no objeto do envelope nem no cartão de felicitações. Quando localizámos o cartão, encontrámos também o seu envelope. O código ZIP de Tunkhannock é 18657. No verso do envelope, a minha mãe escreveu a morada de retorno do meu cunhado, que deveria ter. Contudo, distraidamente, escreveu o seu próprio código ZIP, de Sayre, PA, a seguir à morada — 18840. Isto está mais próximo de 1418.)

(Ver o decalque do papelinho a lápis que eu tinha anexado ao objeto do envelope quando o obtive pela primeira vez, para me lembrar da data. A sequência, 8/14/66, também está próxima de 1418. A Jane nunca viu este papelinho, mas ele esteve preso ao objeto durante algum tempo e talvez tenha sido adivinhado clarividentemente. Ela, claro, tinha visto de forma casual o envelope que continha o cartão de felicitações, tal como eu. Só descobri a discrepância nos códigos ZIP do envelope ao examiná-lo depois da sessão — vários dias depois.)

("Algo enviado pelo correio num envelope. Comprido e estreito em forma." Uma referência óbvia ao cartão de felicitações.)

("Maçãs." Outra referência aos meus pais e à sua casa em Sayre, PA. Uma macieira grande, antiga e bonita fica no quintal. Todos gostamos de nos sentar debaixo dela.)

SESSÃO 279
15 DE AGOSTO DE 1966

("73." A minha mãe tem 73 anos. Haverá outras ligações? "Talvez uma ligação com os teus pais." Sim, tanto o objeto como o cartão de felicitações.

(Em referência aos dados Maçãs acima, devo acrescentar que uma macieira no quintal da nossa casa aqui em Elmira também pode fornecer ligações. O Leonard Yaudes, autor do objeto do envelope, irritou a Jane em julho por cortar alguns ramos desta árvore. Chegou também a falar em cortar a própria árvore, e a Jane pediu-lhe que não o fizesse. "A palavra Ensenada." Pensámos que se referia a uma viagem de campismo que a Jane e eu fizemos à Baixa Califórnia com o pai da Jane. Sendo esta uma ligação distante com os meus pais, que também acamparam em anos passados.

("Algo favorito, ou favorecido, aqui. Alguém favorecido." A Jane disse estar subjetivamente certa de que isto era outra referência à minha mãe, que levou o Leonard a escrever o objeto. Eu ser o filho favorito da minha mãe.

(Primeira pergunta: "Podes ser mais específico acerca de I L I A?" "Não. Talvez possa ser uma referência a Illinois, mas é tudo o que vejo." O cartão de felicitações foi fabricado no Illinois, como mostrado em letras pequenas à direita do logótipo na página 4.

(2.ª pergunta: "Podes desenvolver os dados do armário?" "O Ruburt pensa na sala de costura da tua mãe. Para mim, uma referência a alguma forma, escura e estreita, com a sensação de movimento envolvida, como um cair através ou um cair para fora. Movimento descendente, com alguma velocidade." A sala de costura da minha mãe é uma ligação legítima. Não estamos tão certos da interpretação do Seth, a menos que diga respeito ao movimento da máquina de costura. Poderão o escura e estreita, etc., ser outra referência a sepultura ou doença?

(3.ª pergunta: "O que é isso de um gato preto?" "Uma ligação distante. (Pausa.) Uma perda de vantagem, ou período de má sorte." Ver a explicação sobre o gato preto na página 328. Os dados adicionais do Seth evocam a ideia de que o gato preto do vizinho serve também como símbolo clássico de azar ou má sorte; a ligação aqui sendo a saúde declinante do meu pai e a saúde declinante, de modo mais drástico, do Sr. Meeker, sogro do meu irmão Loren. Foi em casa do Loren que a minha mãe nos enviou o cartão de felicitações. Quando nos telefonou a 14 de agosto, discutiu, claro, a saúde tanto do meu pai como do Sr. Meeker.

(4.ª pergunta: "Qual é a forma do objeto?" "Grosseiramente retangular, em si." Correto. O objeto do envelope é retangular. O cartão de felicitações também.

(5.ª pergunta: "Podes desenvolver os dados da sepultura?" "Uma ligação com alguém, morto ou com a saúde debilitada. Talvez um homem." Ver a interpretação da 3.ª pergunta, acima.

(6.ª pergunta: "E quanto a esse número quatro?" "Quatro caixas, creio. Formas de caixa." Isto ainda não nos ajudou.

(7.ª pergunta: "Consegues dizer-me algo sobre o que a caligrafia diz no objeto?" "Não é precisamente um convite, de todo, mas referência a uma ocasião ou visita." Achei adequado fazer esta pergunta, já que o Seth já mencionara caligrafia em ligação com os dados. A resposta do Seth aqui é uma boa referência ao texto que a Mãe escreveu no interior do cartão de felicitações. Pode, na verdade, aplicar-se igualmente ao próprio objeto do envelope. A chamada telefónica de 14 de agosto, da minha mãe, dizia respeito a uma visita nossa a Sayre e a uma visita dela a nós, em Elmira. Durante esta chamada, foram feitos arranjos para ela nos visitar aqui no próximo fim de semana, no sábado, 20 de agosto.

(8.ª pergunta: "Foi essa palavra que mencionaste Ensenada?" "Um incidente envolvendo principalmente quatro pessoas, creio. Isto é continuação da resposta à tua pergunta anterior." Estes dados parecem enfatizar a primeira das duas possibilidades mencionadas na 7.ª pergunta. As quatro pessoas seriam, assim, presumivelmente, os meus pais, e o meu irmão e a esposa em Tunkhannock.

(9.ª pergunta: "Bem, porque não me dizes algo sobre as quatro pessoas?" "Estas são outras impressões gerais. Um S. Talvez um C. O objeto, um cartão com um bilhete. Uma ligação fora da cidade." Como se vê, o Seth não respondeu diretamente às duas últimas perguntas. Uma ligação com S? Talvez Sayre, a casa dos meus pais… Não vemos nenhuma, de imediato, para C.

(Mais uma vez, o cartão de felicitações impõe-se nos dados antes do objeto real do envelope. Como explicado, ambos estão intimamente relacionados, mas o cartão de felicitações com bilhete, referido acima, e com uma ligação fora da cidade, não é, claro, o próprio objeto. (Comentário, para encorajar a Jane: "Bem, isso está correto. O objeto envolve um bilhete.") "Contudo, uma ligação muito nítida com doença." Conforme explicado, tanto o objeto do envelope como o cartão de felicitações têm ligações com a doença do meu pai e do Sr. Meeker.
A Jane retomou às 23:03.)

Vamos agora encerrar a nossa sessão.

A única impressão de que o Ruburt tinha consciência era um cartão de felicitações — bastante legítima, mas destinava-se apenas a conduzi-lo mais longe.

Os meus votos mais calorosos para ambos. Como de costume, sou perfeitamente capaz de continuar. Contudo, curvo-me perante as limitações de tempo necessárias.

("Foi essa palavra que deste nos dados do envelope, Ensenada?")

Foi.

("Porque é que isso apareceu?")

Foi uma ligação muito distante, e nada útil, na verdade. O Ruburt acampou com o seu P-arente, percebes, em Ensenada, e os teus pais acampam. Havia, porém, duas doenças referidas: a grave e a do teu próprio pai. A doença de ambos os homens deu uma forte impressão e é tudo.

Aguardo com expectativa a nossa sessão de quarta-feira e, embora eu próprio me sinta bem-disposto, aqui terei pena de ambos e terminarei a nossa visita.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 23:09. A Jane esteve "fora" como de costume, com os olhos abertos parte do tempo. Disse que o Seth era perfeitamente capaz de continuar durante horas. Note-se que fiz ao Seth 9 perguntas relativas aos dados do envelope — o maior número até agora.)

SESSÃO 280
24 DE AGOSTO

(As duas últimas sessões regularmente marcadas, para quarta-feira, 17 de agosto, e segunda-feira, 22 de agosto, não se realizaram por causa de doença minha.)

(Na 278.ª sessão, de segunda-feira, 8 de agosto de 1966, o Seth disse: "Um acontecimento dentro de uma semana e meia, que será benéfico para ambos." Exatamente uma semana e meia depois, na quarta-feira, 17 de agosto, a Jane recebeu uma carta de Don Wollheim, da Ace Books. Ele virá visitar-nos a 1 de setembro. A Jane está particularmente interessada em falar de negócios com ele. A carta de Wollheim foi totalmente inesperada, não tendo havido correspondência entre a Jane e o Sr. Wollheim, nem negócios, há muito tempo.)

(No sábado, 20 de agosto, a Jane recebeu o seu primeiro exemplar de imprensa do livro enviado pelo editor, F. Fell: How to Develop Your ESP Power.)

(A nossa senhoria, Marian Spaziani, que nos visitou esta noite, saiu às 21:00. A Jane começou a falar com voz normal, de olhos fechados e sentada, às 21:09.)

Ora, boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Antes de mais, alguns comentários pessoais.

Começaremos pelo Ruburt. As suas indisposições passadas, de um ponto de vista global, foram das mais necessárias e benéficas. Não podem dar-se ao luxo de manter o conhecimento a um nível intelectual e não o usar na prática, pois, quando o fazem, ele é inútil para vós. As suas

indisposições ensinaram-no isto de uma maneira que ele não esquecerá. As suas reações interiores e irrefletidas imobilizaram-no literalmente.

Essa imobilização foi, em si, uma lição, e ele aprendeu-a. Venceu mental e emocionalmente e, portanto, venceu finalmente em termos físicos. O pé imóvel foi uma tradução direta do seguinte: "Estou exausto e não irei mais longe neste ponto." A exaustão foi um resultado natural das suas próprias reações. Ele gosta de dizer que, se não se podem controlar os acontecimentos, podem controlar-se as reações. Aqui, no entanto, não o fez bem e está a considerar apenas uma meia-verdade nessa afirmação.

Na realidade, as reações aos acontecimentos controlam outros acontecimentos. É isto que quero dizer aqui. A anca foi simplesmente uma reação de pânico. Foi também o resultado de sugestão negativa dada pelo vosso quiroprático. Existem maneiras de vos protegerdes. Vós conhece-las e tendes de as usar.

Felizmente, o Ruburt beneficiou, pois aprendeu. Dei-vos sugestões importantes e práticas relativas a medidas de saúde, e parto do princípio de que as utilizais.

(Mais uma vez, um dos nossos gatos arranhou à porta para entrar. Como já fez antes, a Jane levantou-se enquanto falava e, sem interromper a locução, deixou o gato entrar. Depois sentou-se novamente.)

Mais uma vez, não previ esta dificuldade. E, novamente, os vossos propósitos serão servidos se fizerdes disso um hábito nas nossas sessões: pedir-me que verifique as probabilidades imediatas no que toca à saúde.

É uma questão de foco da minha parte. Se os desenvolvimentos globais não forem perigosos, não os perceberei automaticamente, mas apenas o resultado final. Da parte do Ruburt, desta vez, foi conhecimento adicional. Perguntas específicas levar-me-ão a voltar a atenção para tais assuntos.

Podemos então alterar as probabilidades, ou manipulá-las a vosso favor. Em muitos casos, sugestões adequadas, dadas imediatamente, podem muito bem bastar. Não podeis, no entanto, esperar um estado constante e inalterável de felicidade exuberante. *(Sorriso.)* Não é prático nos vossos termos. Nada aprenderíeis, ou muito pouco.

Em grande medida, a existência física significa a tradução do estado de espírito interior e do clima psicológico em termos físicos, e nenhuma consciência está constantemente num estado de beatitude. Há sempre esforço envolvido, pois este é o significado da consciência. É o significado do esforço criativo. Não deveis aceitar uma barragem de doenças como natural, pois não o é. Por outro lado, também não deveis culpar-vos por várias indisposições pequenas e separadas.

Num estado de excelente saúde haverá ainda pequenas, pouco frequentes mas definidas indisposições. Podes assegurar-te de proteção adequada se, diariamente, sugerires que estarás aberto a sugestões e

influências construtivas e salutares. Sugere também que estarás automaticamente protegido contra sugestões e influências negativas.

É importante que as influências também sejam incluídas.

Descansaremos quando preferires, José.

("Continua mais um bocado." 21:29.)

Agora. O episódio do gato, meu caro amigo, *(riso)* não esteve ligado a nenhuma das vossas indisposições, exceto pelas tuas próprias expectativas negativas. O Ruburt apanhou-as de ti. Aprendeste depressa, salvando o teu gato.

Algum dano foi feito, claro. Podes ordenar a ti mesmo proteção contra tais vírus através das sugestões dadas antes. Podes descansar.

(A Jane fez uma pausa enquanto eu espirrava.)

Faremos uma sessão curta se preferires, para tua conveniência.

("Não, estou bem. Por favor continua.")

As sugestões mencionadas, se as tivesses usado de forma consistente, teriam mudado as tuas próprias reações aos incidentes com a Miss Callahan e ter-te-iam permitido maior liberdade. Não só os incidentes te perturbaram, como inadvertidamente impediste o próprio Ruburt de prestar alguma ajuda nas fases posteriores que poderia ter fornecido.

Eram as tuas reações que deviam ter sido mudadas, tal como eram as reações do Ruburt relativamente ao seu livro que deviam ter sido mudadas. A sua atitude perante o livro e o editor foram, em grande medida, responsáveis pelos atrasos.

Deverias ter feito um esforço positivo e esclarecido para ajudar a Miss Callahan, assim que percebeste o teu aperto. Se o tivesses feito, caro amigo, não terias adoecido. E este material está bastante não deturpado.

Ajuda aqueles que estás livre para ajudar. Isso compensará muitas coisas.

Agora podes fazer um descanso mais relaxante.

(Intervalo às 21:39. A Jane estava bastante dissociada, disse. Não tinha realmente consciência de que deixara o gato entrar até estar de novo na cadeira. Comparou a experiência a imagens de sonho manipuladas; nenhuma delas a incomodara.
O seu ritmo tornara-se bastante ativo, os olhos frequentemente abertos; fumou e sorveu vinho. Retomou do mesmo modo às 21:44.)

A tua situação de febre-dos-fenos beneficiará grandemente se sugerires em particular que ficas livre de influências e sugestões negativas do *Passado (sublinhado)*. Não bebas tanto leite como o habitual.

Mantém-te afastado do queijo. *(Pausa.)* Há alguma confusão relativamente a produtos de trigo. Não tenho a certeza se é o pão de trigo branco ou integral que tende a incomodar-te durante esta estação. *(Pausa.)*

Café com leite não é bom. Café sozinho é satisfatório se for fresco, e é-te benéfico. O teu hábito de beber café velho, frio e “assentado” não é

bom. Há uma alteração no ácido que perturba o teu sistema e acrescenta sintomas alérgicos.

A margarina, porém, embora seja um produto lácteo, é benéfica neste contexto. Estou a falar agora principalmente da alergia de febre-dos-fenos. *(Pausa.)* Rebuçados de menta, não cobertos de chocolate, serão benéficos. Não estou a falar aqui dos teus remédios para a indigestão.

Dá-nos mais um momento sobre estes pontos.

(A Jane fez uma longa pausa, sentada de olhos fechados.)

Lixívia (Clorox) na tua roupa não é boa, nem na roupa da cama. O Ruburt usa isto, creio, na lavandaria. O seu uso deve ser posto de parte por agora. *(Pausa.)*

O pelo dos animais não é um irritante no teu caso, embora haja algumas associações do passado relativas à tua mãe que te podem levar a pensar que sim. O sabonete perfumado deve ser trocado por outra variedade. O tipo particular que estás a usar não é bom nas tuas circunstâncias particulares.

Estas instruções aplicam-se apenas durante a estação da febre-dos-fenos. No teu quarto mantém um pouco de algodão num pires. O algodão deve ser saturado com tinta. A tinta extrairá certos *alóides* da atmosfera da casa. O algodão deve ser descartado diariamente e substituído por um novo pedaço.

Estas medidas beneficiar-te-ão grandemente, mas não seriam necessárias se vencesses a condição pelo lado subjetivo. Agora, não me perguntaste, mas se me deres um momento vou ver a tua situação de saúde provável e ver o que encontramos.

(Longa pausa, olhos fechados, às 21:57.)

Se fores a casa do teu senhorio, não uses as maçãs se te forem dadas. Não vais decompor adequadamente os ácidos delas, a julgar pelo desempenho passado. Se seguires as minhas sugestões e usares o que sabes, então deverás ter uma estação de febre-dos-fenos muito ligeira. Se fizeres um trabalho excelente nisso, então não experimentarás sintomas.

Não vejo, de qualquer modo, sintomas demasiado incómodos. O Ruburt também está limpo. Assustou-se até ganhar algum juízo.

Durante a estação da febre-dos-fenos o Ruburt deve usar um limpa-vidros com amoníaco *diluído (sublinhado)*.

Quando possível, uma janela virada a norte deve ser aberta no teu quarto, particularmente de manhã. Estes episódios passados, repito, foram benéficos para ambos. Tens toda a razão, José. Terminaste a tua doença, porém, não duas vezes mais depressa, mas três vezes mais depressa do que teria sido de outra forma.

Agora, o Ruburt utilizou as suas capacidades para te ajudar, mas não as mobilizou com vigor para se ajudar a si mesmo, até que o pânico o levou a fazê-lo.

Disse-te que o seu livro se venderá bem — *muito* bem, e assim será.

Se a reunião com o Wollheim tiver lugar, revelar-se-á altamente benéfica para todas as partes envolvidas, mas numa data posterior e numa altura em que será muito necessária. A associação continuará, e noutros locais. Dentro, creio, de três anos haverá uma relação muito mais próxima e significativa entre as duas famílias.

Reservei esta sessão para te dar sugestões salutares. Tira partido delas. Parece haver algo relativo a uma quarta-feira, significativo dentro, creio, de um mês, mas não o consigo fixar.

O Ruburt deve lavar o seu mopa do pó.

Mantém-te também afastado, José, da manteiga de amendoim, apenas por algum tempo. Podes fazer um intervalo, ou terminar a sessão, como preferires.

("Bem, podemos fazer o intervalo."
Intervalo às 22:15. A Jane estivera bem dissociada. Ao princípio não se lembrava de nada exceto das últimas uma ou duas frases que tinha proferido; depois começaram a regressar-lhe partes do material. O seu ritmo fora bom, os olhos abertos muitas vezes, etc.
No intervalo tentámos procurar a palavra "alloid" no dicionário, sem sucesso. Nem aproximações deram resultado. Eu estava certo da palavra que a Jane dera, quanto ao som, embora a minha grafia fosse fonética. Pensámos que o Seth comentaria mais tarde.
A Jane retomou do mesmo modo às 22:25.)

Encerramos em breve.

As dificuldades com a palavra têm que ver com o vocabulário do Ruburt. A palavra que quero é uma ligada a oligoelementos de base metálica.

Há uma troca de ácidos entre vestígios metálicos. Durante a estação não utilizas adequadamente alguns ácidos, e por vezes acumulam-se excessos. O arranjo com a tinta resolve isto.

(Longa pausa, olhos fechados.) Estou calado simplesmente porque estou a procurar aqui sugestões para o futuro. Não bebas leite em casa dos teus pais, particularmente nesta altura. Requeijão é aconselhável para substituir outros queijos.

O teu chá formosano é excelente para ti. Evita, por agora, o *orange pekoe*.

A nossa próxima sessão tratará da discussão que iniciámos anteriormente, em vez de preocupações pessoais. Sugiro, no entanto, que passes a pedir-me de hábito que verifique as probabilidades de saúde à medida que vão surgindo.

O tornozelo do Ruburt foi originalmente torcido na tua casa. Uma entorse muito simples, sofrida na cozinha. Estava a sarar bem até à noite no

vosso estabelecimento de dança, quando foi novamente magoado. Ele continuou a dançar, porém — um erro.

("Como é que a Jane o torceu na cozinha?")

Creio que ao mover o frigorífico para limpar. O peso ficou mal distribuído. Está agora a sarar e não deverá ter mais dificuldades. Deve, automaticamente, agora dar a si mesmo as sugestões mencionadas nesta sessão, antes de ler uma carta da mãe. Só isto poupá-lo-á a muitas indisposições. O vosso gato deve ser vacinado. Não há grande perigo aqui, mas visto que sabem que ele não está vacinado, deve sê-lo. Tens alguma pergunta?

("Que achaste da minha experiência de sonho envolvendo as janelas traseiras do estúdio? Isto envolveu uma projeção?" Ver o meu caderno de sonhos de 20 de agosto de 1966.)

De facto envolveu, como suspeitaste; tiveste receio de prosseguir, porém. Podia ter sido bastante interessante. As propulsões súbitas do Ruburt, até agora, salvaram-no de ter de tomar esse tipo de decisão, percebes. No conjunto portaste-te bem. Não há pressa. Todos esses sonhos, agrupados durante a tua doença, foram projeções e o resultado de sugestão.

Se não tens mais perguntas, terminaremos a nossa sessão.

("Creio que não.")

Os meus cumprimentos mais calorosos. E ao Ruburt os meus parabéns pelo seu livro.

("Tu estás nele.")

Estou, sim. *(Sorriso, olhos fechados.)* Sou a sua inspiração.

(Fim às 22:42. A Jane estava novamente bem "fora". Olhos abertos por vezes, etc.)